THEATRO HEROINO,

ABCEDARIO HISTORICO, E CATALOGO

DAS

MULHERES

ILLUSTRES EM SCIENCIAS, E ARTES LIBERAES.

THEATRO HEROINO,

ABCEDARIO HISTORICO, E CATALOGO

DAS

MULHERES

ILLUSTRES EM ARMAS, LETRAS,
Acçoens heroicas, e Artes liberaes.

OFFERECIDO

A' SERENISSIMA PRINCEZA DO BRASIL

D. MARIANNA VICTORIA

POR

DAMIAÕ DE FROES PERIM.

TOMO II.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Regia Officina SYLVIANA, e da Academia Real.

M. DCC. XL.

Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

SENHORA.

ESTE *livro pelo assumpto naõ devia buscar protecçaõ, que naõ fosse de grandeza igual, heroicidade semelhante.*

lhante. Em V. Alteza se encontraõ gloriosamente unidas as qualidades de quantas Heroìnas comprehende a vastissima historia deste segundo tomo do Theatro Heroíno. Encontraõ-se nas Rainhas, e Princezas, a qualidade da nobreza, a excellencia das virtudes, o engenho, a discriçaõ, e o talento, com as mais prendas naturaes, e adquiridas, que ennobreceraõ a ascendencia, illustràraõ a patria. E he taõ natural buscar em V. Alteza a protecçaõ, depois que se vé honrado o primeiro livro pelo Augusto nome da Rainha, que Deos guarde; que seria crime de lesa Magestade neste segundo escreverlhe menos illustre nome, dar-lhe menos poderosa protecçaõ.

O assumpto estava persuadindo a Dedicatoria de justiça a V. Alteza, para naõ ser culpavel a eleiçaõ da vontade, o arrojo do entendimento; mas nòs os Portuguezes temos taõ certa a

pro-

protecçaõ dos Soberanos , que offerecemos os ſacrificios da lealdade como por natureza , e naõ por liſonja : e ſerâ eſta a razaõ , porque ſe vem attendidos, naõ ha exemplo de ſe verem eſcuſados. Mas quem naõ dirá , que he muito de juſtiça eſta Dedicatoria , reconhecendo tantas outras razoens de heroicidade em V. Alteza , que nas prendas naturaes de fermoſura , diſcriçaõ , genio , e engenho, deve à natureza huma eſpecial profuſaõ de liberalidades?

Poderiamos culpar o eſtudo ſem offenſa da Soberania , que naõ depende das Artes , e Sciencias para exaltar a grandeza do ſolio , ou adquirir mais luzimentos ao trono : mas V. Alteza naõ poderà já mais accuſar a comprehenſaõ , porque nas linguas Latina , Franceza , Italiana , e Portugueza bem moſtra , que faria todas naturaes como a Caſtelhana , pelo eſtudo com pouco trabalho , facil applicaçaõ. Na Ar-

te

te da Muſica ſe adianta o juizo no conceito, advertindo que aprenderia V. Alteza facilmente as mais Artes, a que ſe applicaſſe, pois que ſe mede a eſfera do talento pela agudeza da raciocinaçaõ, em que vemos, que as Sciencias poderiaõ ornar o compoſto de tantas perſeições, ſem a fadiga de ſupprimir os eſpaços do divertimento, ou negar-ſe aos exercicios das virtudes, porque ſe naõ vé em V. Alteza tempo vago, hora perdida.

Para fazer mais grato a V. Alteza o meu ſacrificio, me lembra nova razaõ, que dá mayor juſtiça a eſta Dedicatoria por parte da minha Congregaçaõ, que merecendo em Caſtella o patrocinio de V. Alteza, naõ deſmerece em Portugal continuar-lhe a meſma honra; porque naõ tem differença nos affectos da lealdade, nem ainda nos effeitos de Capellaens, e oradores. Como Belem ſe honra de ſervir

vir a V. Alteza algumas vezes de Escurial, e saõ Mosteiros do mesmo Patriarca; tambem de justiça pedimos a V. Alteza o patrocinio naõ só para o livro, mas igualmente para os Monges, que pedem continuamente a Deos em suas oraçoens, e sacrificios pela vida, e saude de V. Alteza.

Damiaõ de Froes Perim.

PROLOGO.

PORQUE deve (Amigo Leitor) levar Prologo eſta Segunda Parte do Theàtro Heroìno, para ſeguir os que nos precederaõ em tempo, e opiniaõ; ſatisfaço ao coſtume anticipando aos erros a deſculpa, aos reparos a repoſta.

Acabey rigoroſamente o Abcedario Heroìno, e ſe te parece, que naõ fica bem acabada a Obra pelas Heroìnas, que lhe faltaõ, por ſe acharem poſteriores á impreſſaõ; nem por iſſo me condemnes a diligencia por diminuta, porque algumas, de que tive noticia, viviaõ ſó na tradiçaõ, outras em particulares memorias.

Parece-me que ſaõ menos os curioſos, que os Zoilos, e ocioſos, que avaliaõ os livros mais pela grandeza do volume, que pelo artificio do engenho, fermoſura do eſtylo, pezo das razoens, feitio da materia, ou argumento do aſſumpto.

A Primeira Parte fez publicar o ſegredo, com que eſtavaõ ſepultadas algumas Heroìnas, que me participou a curioſidade por gratidaõ, ou intereſſe nas memorias. Se neſta Segunda Parte achares menos alguma, e a meſma falta, que naõ he defeito; participando-me os nomes, e as acçoens, que lhe daõ lugar neſte publico Theatro, creſcerá o Supplemento, ſem attender à mordacidade.

Vale.

LICENÇAS,

Do Santo Officio.

Censura do M. R. P. M. Frey Antonio de Santa Maria, da Sagrada Familia dos Agostinhos Descalços, Lente na Sagrada Theologia, Qualificador do Santo Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, e Relaçaõ Ecclesiastica Occidental.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR.

ESTE he o livro, que por todos os titulos se deve venerar por assombro. Elle naõ contém cousa alguma contra nossa Santa Fé, e bons costumes; porém o material, e o formal deste *Theatro Heroino*, he passmo, he huma admiraçaõ. No material admiramos em taõ relevantes prendas de hum sexo, que quando he forte, como diz Salamaõ, o que mais chega a saber, he pegar na roca, e fuso, a liberalidade da Divina Providencia. No fórmal suspende, confunde, embaraça todas as operaçoens do entendimento, vér este Abcedario hum Epilogo de noticias taõ raras, e exquisitas, taõ bem ornadas, e taõ bem dispostas. Muito fez quem as compoz, mas muito mais faz quem lhe dá o titulo, e as pertende immortalisar no prélo. Pôr nomes, dar titulos, he privilegio da primeira cabeça, ou do póder paternal:

Parab. Salam. c. 31.

Geneseos c. 21.

Luc. c. 1. nal : vio-ſe em Adaõ , eſcreve-o Saõ Lucas de Zacharias , e o eſtá dizendo eſta petiçaõ, que ſe faz a Voſſa Eminencia Reverendiſſima. Deveſe-lhe defirir, porque o que pede, he juſtiſſimo. Voſſa Eminencia mandará o que for ſervido. Lisboa Occidental, Convento da Boa hora dos Agoſtinhos Deſcalços, 5. de Agoſto de 1738.

Fr. Antonio de Santa Maria.

VIſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o livro, de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir , e dar licença, que corra, ſem a qual naõ correrá. Lisboa Occidental, 12. de Agoſto de 1738.

Fr. R. Lancaſtre. Silva. Cabedo. Soares. Abreu.

DO

DO ORDINARIO.

Censura do M. R. P. M. Frey Salvador Correa, Monge de São Jeronymo, Doutor pela Universidade de Coimbra, Ex-Reytor, e Lente de Theologia no seu Collegio da mesma Universidade, Qualificador do Santo Officio, Examinador Synodal do Arcebispado de Lisboa, e das tres Ordens Militares, e Consultor da Bulla da Santa Cruzada.

EXCELLENTISSIMO SENHOR.

VI a segunda parte do *Theatro Heroino*, que injustamente busca a dissimulação do nome, com que se nos offerece para sahir ao theatro do mundo, porque nem ainda occulto o seu Author nas sombras do Anagramma de Damião de Froes Perim, perderá a gloria, que merece, e fugirá à inveja dos que não imitão a sua applicação, nem pódem igualar o seu estylo. Já na primeira parte deste Theatro se rompeo o segredo, que ainda agora se procura inutilmente conservar incorrupto: porque sendo o estylo hum especial caracter, com que se sinalão os homens, e correndo já o mundo a beneficio da estampa algumas Obras deste mesmo Author sem este injusto disfarce; impossivel seria deixar de conhecer-se pela semelhança a nobilissima origem de huma, e outra producção. Mas por mais que o pensamento, com que nos occulta o seu nome, se cubra de huma reli-

giosa

gioſa modeſtia; como poderá deſpir-ſe da vaidade, que deve cauſar-lhe o conſiderar, que para inſtruir hum perfeito hiſtoriador, baſta vermolo neſte Theatro, ſem que ſe anticipe o reſpeito a eſta obra, ſobornado da veneraçaõ, que antes de lela, alcança o nome do ſeu Author.

A materia, que eſcolheo para occupar o tempo, que outros deixaõ correr inutilmente, ainda que tem ſido emprego de alguns Eſcritores, he ſempre nova, porque recuperando com merecida generoſidade a injuria, com que aquelles eſcureceraõ a memoria a muitas das que floreceraõ em ſeculos mais diſtantes, nos offerece nas que reſplandecem nos noſſos tempos hum fortiſſimo argumento contra aquelle abominavel erro, que faz commum a multidaõ dos ignorantes. Póde o ſexo dar de barato a offenſa pela gloria, que lhe reſulta deſte deſaggravo: e os que com juſta ambiçaõ procuraõ vér repetidas as Obras deſte admiravel Eſcritor, devem eſtimar a eſcolha de hum aſſumpto, que ſó na patria lhe dá argumento para multiplicados volumes, ainda querendo innovar a meſma materia; porque admiramos tantas virtudes nas Matronas, que hoje reſplandeſſem em todo Portugal, que juſtamente podemos eſperar do grande engenho, e vaſta erudiçaõ do Author deſte Theatro, ſe empenhe em moſtrar-nos, que excedem as Matronas, que illuſtraõ os noſſos tempos, a todas as que venerou a antiguidade, e celebràraõ as pennas de muitos Eſcritores.

Em

Em fim esta Obra he digna de attençaõ pela sua materia; porque ainda aquelles Philosophos, que introduziraõ no mundo a errada doutrina, de que o sexo mais delicado era incapaz de produzir acçoens heroicas, naõ só no exercicio das Armas, mas tambem das Letras (se he que póde accõmodar-se às Letras aquelle robusto epiteto) ao mesmo tempo, que lhe duvidavaõ o merecimento, naõ se resolviaõ a negar-lhe os cultos. Até no estylo nos quiz mostrar o Author a grande applicaçaõ, que tem aos Escritores da patria, porque escolhendo exemplares entre os Mestres da lingua Portugueza, imitou o melhor. Naõ encontrey em todo este livro cousa algũa, que naõ merecesse igual applauso. E sendo a estampa o escudo, que resiste á injuria do tempo, e o defensivo à fragilidade da memoria: para que o tempo naõ acabe a memoria, que merece esta Obra, faça-se publica por beneficio da estampa. Este he o meu parecer. Vossa Illustrissima mandará o que for servido. Belem 6. de Dezembro de 1738.

Fr. Salvador Correa.

VIsta a informaçaõ, póde-se imprimir o livro, de que se trata, e depois de impresso tornará para se conferir, e dar licença para que corra. Lisboa Occidental 22. de Dezembro de 1738.

Gouvea.

DO PAÇO.

Cenſura do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Conde da Ericeira Dom Luiz de Menezes, do Concelho de Sua Mageſtade, olim Coronel, e Brigadeiro de Infantaria, Vice-Rey, e Capitaõ Geral da India Oriental, Academico da Academia Real da Hiſtoria Portugueza, &c.

SENHOR.

POr ordem de Voſſa Mageſtade vi o livro intitulado *Theatro Heroìno das Mulheres illuſtres*, de que ſe diz ſer Author Damiaõ de Froes Perim, que já no anno de 1736. havia publicado a Primeira Parte deſta Obra, e agora ſerá a Segunda recebida com o meſmo applauſo; porque o trabalho do ſeu Author por grande, e por util, pelos exemplos, com que incita a todas as virtudes, he muito digno de que Voſſa Mageſtade queira dar a licença, que ſe pede para imprimir-ſe eſta Obra. Lisboa Occidental, 4. de Abril de 1736.

O Conde Dom Luiz de Menezes.

Que

QUe se possa imprimir, vistas as licenças, e depois de impresso tornará à Mesa. Lisboa Occidental, 8. de Abril de 1739.

Teixeira. Doutor Coelho. Costa.

DO SANTO OFFICIO.

VIsto estar conforme com o Original, pòde correr. Lisboa Occidental, 15. de Março de 1740.

Fr. R. Lancastre. Teixeira. Soares. Abreu.

DO ORDINARIO.

VIsto estar conforme com o Original, pòde correr. Lisboa Occidental, 16. de Março de 1740.

Gouvea.

DO PAÇO.

QUe possa correr, e taxaõ em mil e duzentos reis. Lisboa Occidental, 17. de Março de 1740.

Teixeira. Costa.

THEA-

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *L.*

I.

LEONOR MAGDALENA, Emperatriz.

AINDA que correm já vulgariſadas por penna mais elegante, e eſcritura mais creſcida as heroicas prendas, e naturaes qualidades da Emperatriz Leonor Magdalena Thereſa; ſempre ajudaremos os brados de ſua fama, levantando mais eſte padraõ à memoria de ſuas acçoens illuſtres, repetindo os traslados em beneficio dos merecimentos, veneraçaõ dos elogios. Em

Diisseldorf, Metropoli da Provincia de Bergen, nasceo a Emperatriz Leonor Magdalena Theresa, primogenita de Filippe Guilhelmo, Eleitor, e Principe Palatino do Rhin, e da Princeza Isabel Amalia, reproduzindo nella a natureza huma perfeita imagem de todas as virtudes de seus preclarissimos ascendentes, nobilissima idéa de seus augustos progenitores.

Teve dos primeiros annos por directores da vida da natureza, e da graça a seus augustos pays, de quem recebeo huma instrucçaõ diaria, escrita pela propria maõ do Principe Filippe Guilhelmo, para naõ perder, ou gastar o tempo inutilmente até a idade mais crescida, em que lhe foraõ dados os Mestres das linguas Latina, e Franceza. Acabada a liçaõ de seus estudos, todo o tempo, que lhe vagava dos exercicios das virtudes, traduzia da lingua Franceza na Alemãa os livros mais devotos, e discretos, com elegancia, e conhecida utilidade.

Tendo já triunfado varonilmente das rogativas de cinco grandes Principes da Europa, mostrou a grande obediencia, que teve a seus pays, no consentimento, que deu aos desposorios com Leopoldo, chamado o Grande, Emperador de Alemanha; e foraõ celebrados em a Metropoli da Cidade de Pascace pelo Bispo Conde de Poeting aos quatorze dias do mez de Dezembro de mil seiscentos setenta e cinco. Foy coroada Rainha de Ungria por acclamaçaõ, e

con-

conſentimento de todos os Eſtados no anno de mil ſeiſcentos oitenta e hum, eſtando a Corte Imperial na Cidade de Edemburgo nos confins da Auſtria. Neſta ceremonia ſe uſa ſempre daquella Real Coroa, que foy deſtinada pelo Ceo, e mandada pelo Papa Sylveſtre, ſegundo do nome, para coroarſe o primeiro Rey de Ungria, que recebera a Fé de Chriſto, chamado Eſtevaõ, primeiro do nome, que naſcendo herege, morreo Santo. Guarda-ſe como joya Sagrada no Caſtello de Presburgo, fazendo-ſe o lugar de ſeu depoſito, com huma eſquadra de Soldados, defendido, e reſpeitado.

Deixou-ſe conhecer o grande coraçaõ da Emperatriz, quando o innumeravel Exercito dos Turcos paſſou a cercar Vianna de Auſtria no anno de mil ſeiſcentos oitenta e tres. Decretado no Concelho de ſete de Julho ſegurar a Caſa Real pela viſinhança do inimigo, partiraõ os dous Ceſares pela parte do Danubio com toda a ſua comitiva a largas jornadas. Achava-ſe a Emperatriz pejada de muitos mezes, e paſſando com toda a Corte grandes incommodos, ſuſtos, e perturbaçoens, naõ ſe vio nos dous auguſtiſſimos Eſpoſos mais, que huma continuada ſerenidade em os animos, e ſemblantes, com que ambos conferiaõ os novos accidentes daquella retirada, como ſe tiveraõ certa em poderoſa defenſa, pacifica ſegurança.

Mayores provas de conſtancia moſtraraõ os

valerosos Emperadores contra a ingratidaõ dos sacrilegos Vassallos, que por todos aquelles caminhos os insultavaõ com vozes de injuria, e de vingança, como se fossem causa das hostilidades do inimigo. Em outras muitas occasioens se deraõ a conhecer os esforços, de que a natureza dotou o robusto coraçaõ da Emperatriz, sempre dominante nas adversidades, augusto nos affectos.

Com attençaõ a tantas prendas naturaes, e adquiridas, decretou em Augspurgo no anno de mil seiscentos e noventa, a Congregaçaõ dos Eleitores, e Principes do Sacro Romano Imperio, se coroasse a Emperatriz por mãy de toda a Alemanha, honra, que naõ tiveraõ muitas das illustres Emperatrizes dos seculos passados. E por maõ do Eleitor de Moguncia, se celebrou aquella ceremonia do formulario antigo.

Bem mostrava o Emperador a confiança, que fazia de seu esforço, e juizo fazendo-a precioso deposito de seus mayores segredos, e nas occurrencias dos negocios mais importantes lhe pedia conselho, seguindo sempre o parecer do seu voto. Era Leonor o Oraculo de Leopoldo, que resolvia as duvidas, e perplexidades na occurrencia de taõ graves negocios, como se praticaraõ naquelle governo. Ella a que vertia, e trasladava na lingua vulgar as cartas de cifra, que eraõ remetidas pelos Embaixadores daquelle Imperio nas Cortes da Europa, gastando noites

tes inteiras neſte laborioſo exercicio, impertinente trabalho. Governou aquelle Imperio com juizo, e equidade até a poſſe de Carlos VI. pela morte dos Emperadores Leopoldo, e Joſeph, hum eſpoſo, outro filho.

Deſcreveremos os dotes, com que a natureza prodigamente a enriqueceo, aproveitandonos das meſmas tintas, de que os ſeus Hiſtoriadores ſe valeraõ, porque naõ admitte novas cores tanta fermoſura. Animava-ſe eſte Real compoſto de huma viveza, que era toda eſpirito: O temperamento era o mais ſádio, e com humas forças ſuperiores ao ſexo; voz ſonora, intelligivel, e clara; genio alegre, inclinada a graças, e converſaçoens agradaveis, e diſcretas.

Na primeira idade goſtava de caçar a cavallo, dançar, e ler hiſtorias: Dominava hum animo varonil no coraçaõ de Leonor; porque nos perigos era intrepida, na compoſiçaõ de negocios difficeis ſagaz, e conſtante, e em tudo, o que emprendia ardente, e zeloſa. Deixava-ſe levar dos primeiros annos de hum natural violento, e deſordenado affecto de ira, que venceo com grande trabalho, e arte, até reduzir eſta paixaõ a huma ordenada fórma, que chegou a parecer neve o que era fogo, brandura o que era fereza.

Teve tanto de deſtemida, e valeroſa, que eſtando em Lexemburgo à meſa, cahio hum rayo na meſma ſalla bem perto do ſeu lugar; e poſ-

postrando com o susto quantos estavaõ presentes, só os dous Emperadores ficaraõ em pé, sem mudarem as cores, os semblantes, ou os lugares. Fez muito alheyo do sexo o temor, e medo a fantasmas nocturnas, ou a rumores casuaes, que ouvia de noite, passando a todas as horas pelos segredos mais interiores de Palacio, com vigilancia de pay de familias.

Só quatro vezes em toda a sua vida pagaraõ seus olhos o natural tributo das lagrimas à natureza. As primeiras tres vezes nas mortes dos tres Leopoldos, esposo, filho, e neto; e a ultima na despedida, partindo para este Reyno sua filha a Serenissima Rainha de Portugal D. Maria Anna de Austria. De todos os dotes naturaes, de que se póde lembrar o desejo humano para descrever huma excellente Princeza, se achava congregado uniformemente nesta Heroîna, que tendo agudeza de juizo, e engenho grande, a memoria foy taõ singular, que se lhe imprimia com tenacidade, o que huma vez lera, ou ouvira. Fallava como a natural, e materna, as linguas Franceza, e Italiana; e teve a prenda naõ vulgar de aprender ainda na mayor idade tudo quanto ignorava contra o parecer dos nescios, como se a discriçaõ naõ fora prenda, defeito a ignorancia.

Foy clementissima com os Vassallos, porém taõ inimiga dos Judeos, que ordenava a seus criados naõ lhe comprassem cousa alguma, como

mo a gente aſtuta, e enganadora. No eſtado de viuva gaſtava na Oraçaõ mental, e vocal a terceira parte do dia. Depois da ſua morte ſe lhe achou hum livrinho manuſcrito das illuſtraçoens, que teve do Ceo, e lhe foraõ reveladas por meyo da Oraçaõ. Da verdadeira intelligencia da doutrina Euangelica, e couſas Divinas, com hum grande numero de papeis ſemelhantes, e outros, em que notava as ſuas Confiſſoens, eſcritos na lingua Italiana, ſe pudera ordenar hum grande, e diſcreto volume. Sabia de cór muitos dos Pſalmos, e decorava os que naõ ſabia, pelo intereſſe eſpiritual de recitar ſempre o Officio Divino, receando perder a viſta, como quem experimentava alguma falta.

A comprehenſaõ foy grande, e aſſim advertia os erros, e tirava as duvidas aos que ſerviaõ os Altares, porque era muito douta nas ceremonias, ritos, e rubricas Eccleſiaſticas. Logo que tinha noticia de algum livro eſpiritual nas linguas Italiana, e Franceza, o mandava traduzir a todo o cuſto para que os frutos delle redundaſſem em utilidade de ſeus Vaſſallos; e pela propria maõ chegou a traduzir alguns na lingua Alemãa.

Só ſe explica bem a caridade deſta Heroîna com os proprios termos, que ſe achaõ eſcritos da ſua maõ, dizendo: „ A meu proximo nunca „ negarey, o que me pedir, fazendo toda a dili- „ gencia pelo favorecer, quanto alcançarem as

„ mi-

„ minhas forças. Rogo a Deos pay de meu Se-
„ nhor, me conceda graça de poder ſacrificar
„ quanto for meu em ſeu ſerviço. Na reparti-
„ çaõ de minhas eſmolas ſeguirey aquelle amor
„ infinito, que tanto nos amou, e as farey mais
„ vezes por maõ alheya, que pela minha, por-
„ que creyo, que aſſim ſerá mais conveniente
„ para gloria de Deos.

Naõ houve Hoſpital, Irmandade, Igreja, Convento, ou pobre, que naõ experimentaſſe effeitos da ſua liberalidade. Prediſſe o anno de ſua morte muito tempo antes, que ſe cumpriſſe o ultimo dia, dizendo: „ No anno ſeſſenta e cin-
„ co de minha idade verey a ultima vez o dia
„ de meu naſcimento. Faleceo de hum letargo, que lhe dera eſtando na Real Capella no mez de Janeiro de mil ſetecentos e vinte.

Depois do meyo dia lhe adminiſtrou o Cardeal Eſpinola a bençaõ Pontificia do artigo da morte. Neſte letargo durou até as quatro horas da tarde do dia ſeguinte, que recebeo o Senhor por Viatico. Expirou aos dezanove dias de Janeiro pelas cinco horas, hum quarto e meyo da tarde. Foy levado o Real cadaver da Igreja da Corte para a dos Capuchinhos na Praça Nova, e alli ſe depoſitou no jazigo Imperial em hum caixaõ de madeira cuberto de cobre, com eſte Epitafio taõ deſpido de elegancia, como de vaidades: *Leonor Magdalena Thereſa, miſeravel peccadora, morreo em 19 de Janeiro de 1720.*

LU-

II.

LUCRECIA, Romana.

NAõ acabaõ de encarecer os Authores Sagrados, e profanos, a merecida gloria, que adquirio com o ſacrificio da propria vida nas aras da mais illuſtre honra a famoſa Lucrecia, que floreceo pelos annos de Judith, tendo as redeas do Imperio Romano Tarquino Soberbo, entre os Reys, que teve, ſetimo, e ultimo. Deveo a eſta acçaõ, que aqui referiremos, a memoria de ſeu nome, ficando na poſteridade por exemplar às virgens, por modelo às caſadas.

Naõ era menos formoſa, que nobre, como filha de Lucrecio Tricipitini, Prefeito de Roma, que ſuccedeo no Conſulado a Junio Bruto, e mulher de Tarquino Collatino, ſobrinho do Rey Tarquino Soberbo. Tinha ſitiado o Rey Tarquino Ardea, Cidade nas viſinhanças de Roma, e ſe achava acompanhado da nobreza, e Principes do ſangue, que por ſobremeſa de hum banquete, com o nimio calor do vinho, trataraõ com porfia da honeſtidade das proprias mulheres. Defendendo cada hum a parte, que lhe tocava, ſe determinou o exame para aquella noite, que todas ſuppunhaõ auſentes os maridos, e ficaſſe avaliada pela mais honeſta, a que ſe

achasse no exercicio mais heroico, divertimento mais sesudo.

Partiraõ logo para Roma com igual desejo da vitoria, em que tanto interessava a honra; e achando as mulheres em jogos, e divertimentos, só Lucrecia, mulher de Tarquino Collatino, admiraraõ com inveja de todos entre as criadas fiando sem alinho, nem adorno; mas tanto mais formosa, que Sexto Tarquino, Principe herdeiro da Coroa Romana, que era primo de seu marido, se namorou, e perdeo pela sua formosura.

Ficaraõ aquelles Principes no Palacio de Collatino, e com a vista de Lucrecia bebeo Sexto Tarquino pelos olhos o veneno da formosura, inficionandolhe o coraçaõ até cahir no delirio, que chegou a cometer naõ muitos dias depois, voltando escondidamente do sitio para a Cidade de Roma, trazendo premeditada a mais iniqua acçaõ, tyranna aleivosia, abominavel adulterio, que referem as Historias, narraõ os monumentos, e tradiçoens.

Com fingidos pretextos entrou Sexto Tarquino em casa de Lucrecia, que o recebeo benignamente como primo de Collatino seu esposo, a quem hospedou cortez, e facil; que o parentesco naõ podia fazer suspeitosa a simulaçaõ, temeraria a confiança. Retirou-se Lucrecia ao seu quarto deixando o Principe acompanhado, e bem servido. Entregou-se ao sono, e bem

e bem deſcuidada, que tiveſſe perigo na ſua honra, ſe achou no mayor ſilencio da noite com Sexto Tarquino junto da cama com a eſpada na maõ, fallando atrevido, e reſoluto neſta ſubſtancia: „Que naõ teria vida mais, que o tempo, „em que naõ déſſe vozes, e conſentiſſe no ex- „ceſſo, em que era culpada a ſua formoſura: „Que eſtava na reſoluçaõ de vingar com a mor- „te o ſeu deſprezo, que faria mais infame na „companhia de algum criado, como teſtemunha „de os apanhar em adulterio: Que naõ lhe da- „va mais prazo, que para eſcolher huma poſte- „ridade com taõ vil infamia, ficando com evi- „dencias de adultera, ou permittirlhe liberdades „de vitorioſo, ou confianças de marido, em que „naõ perigava a ſua fama, porque no ſegredo „empenhava a palavra, e a peſſoa.

Lucrecia mais temeroſa da infamia, que da morte, conſentio, que Sexto Tarquino adulteraſſe a fé, que devia a ſeu eſpoſo com o ſacrificio involuntario de ſua caſtidade, naõ valendo as lagrimas para apagar aquelle incendio da laſcivia, que na reſiſtencia levantava mayor lavareda, ardia em mais porfiada chamma. E primeiro, que chegaſſe o dia, deixou Sexto Tarquino a Lucrecia chorando a ſua diſgraça com extremos de loucura; e premeditando huma heroica acçaõ em prova de ſua caſtidade, fez chamar ſeu marido, pays, e parentes, e na preſença de todos referio eſta lamentavel hiſtoria,

que finaliſou em tragedia, atraveſſando pelo coraçaõ hum agudiſſimo punhal, que levava eſcondido entre as roupas, abrindo mais huma boca para teſtemunhar a innocencia, ou pedir a todos huma cruel vingança.

Junio Bruto, que era ſeu avô, com mais acordo em tamanha diſgraça, acudindo, ainda que tarde para evitar o golpe, lhe tomou o ſangue deſentranhandolhe do peito o agudo punhal; e com elle na maõ jurou a grandes vozes pelo innocente ſangue de Lucrecia perſeguir a Tarquino, e ſua deſcendencia até a morte. Logo todos os parentes, amigos, e parciaes no ſentimento, e na vingança appellidando liberdade fizeraõ, que o povo ſeguindo a ſua voz tomaſſe armas contra o Rey, que facilmente depuzeraõ do throno, e lançaraõ fóra de Roma para ſempre, acabando em Tarquino Soberbo o nome, e dignidade Real.

Ficou taõ odioſo entre os Romanos o governo em Monarchia, que por muitos annos conheceraõ Conſules em lugar de Reys, e Soberanos, ſendo Junio Bruto o primeiro, que elegeraõ, dandolhe por Collega a Tarquino Collatino, que por ultimo beneficio de ſeu amor mandou gravar na ſepultura de Lucrecia o ſeguinte epitafio:

Collatinus Tarquinus dulciſſimæ conjugi, & incomparabili, pudicitiæ decori, mulierum gloriæ: Vixit annis xxii. menſibus iii. diebus vi. proh dolor, quæ fuit cariſſima!

LA-

III.

LALA ZIZENA.

PElos annos de Chriſto de mil quinhentos, ſendo ainda mancebo Marco Varraõ, como eſcreve Plinio, admirou Roma, que foy a patria de Lala Zizena, e viveo donzella toda a ſua vida, a excellencia, que tiveraõ as ſuas pinturas entre os Meſtres deſta arte liberal, em que foy ſingular mulher, celebrada Heroîna. Pintava com tanta naturalidade, e valentia, que foy emulaçaõ dos melhores pintores daquelle ſeculo.

Era taõ deſtra no pincel, como no ceſtro, de que uſavaõ os profeſſores da arte, que tem fórma de buril, com que retratava as imagens de mulher com mais eſpecialidade. Vendo-ſe a hum eſpelho, copiou a ſua imagem taõ naturalmente, que ficou vencida a natureza da arte.

Em fazer retratos ſingulariſou-ſe tanto, que naõ teve outro pincel, que lhe fizeſſe competencia, e valiaõ as ſuas pinturas mais ſobido preço, que as dos Meſtres mais inſignes, e famoſos de Roma, como eraõ Sopilo, e Dionyſio, que viveraõ naquella idade. Tambem pintava em marfim, e hum Napolitano, que retratou, foy tanto ao natural, que ſe vendeo eſta pintura a pezo de ouro. Em Roma ſe moſtraõ ainda hoje muitas pinturas deſta inſigne mulher,

com

com que se adornaõ os camerins, e salas de muitos Palacios em panos, cobres, e taboas de marfim, estimadas pela maõ, e pela antiguidade.

IV.

D. LEONOR, Rainha de Portugal.

HUma das mais illustres Heroînas, e famosas Princezas, que teve Portugal, foy a Rainha D. Leonor, irmãa delRey D. Manoel de saudosa memoria, e mulher de D. Joaõ o Segundo Rey de Portugal, Heroe a todas as luzes grande entre os mayores, que admirou a Europa, celebra a fama. Era filha dos Infantes D. Fernando Duque de Viseu, filho de D. Duarte Rey de Portugal, e D. Brites sua mãy, filha do Infante D. Joaõ, Mestre da Ordem de Santiago, e Condestavel do Reyno.

Foy a Cidade de Lisboa o berço, em que nasceo aos dous dias do mez de Mayo de mil quatrocentos cincoenta e oito; e casou na Villa de Setuval aos vinte e dous de Janeiro de mil quatrocentos e setenta. Teve as boas prendas de formosura, discriçaõ, e prudencia, bom conhecimento das linguas, e na liçaõ da Escritura Sagrada alcançou grande erudiçaõ, e sabedoria.

Quando ElRey D. Manoel passou a Castella para

para ſer jurado Rey das Heſpanhas, ficou governando eſte Reyno com juſtiça, e equidade. Deixou boas evidencias, de que tinha cabeça para a Coroa, e humas entranhas de piedade, porque neſte governo inſtituîo a Irmandade da Miſericordia. He tambem fundaçaõ deſta Rainha o Convento da Madre de Deos, e o da Annunciada no primeiro ſitio, que teve. Erigio o celebre Hoſpital das Caldas com as rendas, que tem, e por iſſo lhe chamaõ da Rainha. A Igreja Parochial da Villa da Merciana, e a Capella imperfeita da Batalha, tudo ſaõ obras da ſua magnificencia. Em Santa Maria de Obidos inſtituîo cinco Mercearias, e outras em Noſſa Senhora da Graça de Torres-Vedras.

Com eſtas acçoens heroicas, que ſaõ effeitos de huma vida Religioſa, faleceo em Lisboa aos dezaſete dias do mez de Novembro de mil quinhentos e vinte e cinco. Jaz ſepultada no Convento da Madre de Deos, junto da porta do Refeitorio em cova raſa, mais illuſtre mauſoleo, que o de Mauſolo. Naõ teve por exemplar mais, que hum ſó filho, que naõ chegou a ſer Rey, o Principe D. Affonſo, que naſceo em Liſboa aos dezoito de Mayo de mil quatrocentos ſetenta e cinco; caſou com a Princeza D. Iſabel, filha delRey D. Fernando o Catholico na Villa de Extremoz aos vinte e tres de Novembro de mil quatrocentos e noventa, e faleceo na Villa de Santarem ſem deixar filhos, aos treze de Julho

de

de mil quatrocentos noventa e hum, e jaz ſepultado no Convento da Batalha.

V.

LUIZA SIGÉA,

PAra Meſtre de D. Theodoſio Duque de Bragança paſſou da Cidade de Toledo para a de Lisboa o Francez Diogo Sigé, homem ſapientiſſimo nas linguas, e letras humanas, pelo Reynado de D. Joaõ o III. e querem os da ſua naçaõ, que elle foſſe quem introduzio na Corte de Liſboa o amor das ſciencias, porque naquelle tempo ſe fundou na Cidade de Coimbra a Athenas de Portugal. Eſte foy o illuſtre progenitor, e Meſtre de Luiza Sigé, ou Sigéa, taõ conhecida naquella idade pelo nome, como agora pelas ſuas letras em differentes obras, que nos deixou em proſa, e verſo.

Conheceolhe ſeu pay o engenho logo na primeira idade, e depois de a doutrinar em as linguas Hebrea, Grega, Syriaca, e Latina, lhe enſinou as Filoſofias com outras letras humanas, em que foy muito douta. A fama de ſeu juizo, engenho, e diſcriçaõ a introduzio na preſença, e ſerviço da Infanta D. Maria, filha delRey D. Manoel, que viveo em celibato, e era dada ao eſtudo das bellas letras, e ſe acompanhava de muitas donzellas prendadas, e doutas em ſciencias,

cias, e artes liberaes, ſendo o quarto de ſeu Palacio huma continuada paleſtra, eſpecioſa, e alegre Academia.

Deixou eſcrito, e corre impreſſo hum Poema Latino, que intitulou *Cintra* (que he o nome de huma Villa, donde tem Palacio, ou caſa de campo os Reys de Portugal) dedicado à Infanta D. Maria. Ordenou hum Dialogo de *Differentia vitæ ruſticæ, & urbanæ*; e ſe lhe attribuem diverſas obras, como Cartas, e Verſos. Corre tambem impreſſa huma Carta, que eſcreveo ao Pontifice Paulo III. em cinco linguas, que fallava com a meſma elegancia, com que as eſcrevia; que o Pontifice gratificou com a repoſta, e hum Breve cheyo de louvores, e graças.

Naõ querem os Francezes, que a obra, que ſe publicou com o titulo de *Arcana Amoris, & Veneris*, ſeja ſua, dizendo, que além de ſer moderna, ſe naõ faz crivel de huma Senhora taõ virtuoſa, e diſcreta, pelas impurezas, de que ſe acha ordenada aquella obra. He certo, que pelas ſuas boas qualidades ſe caſou em Portugal com Affonſo Cóvas de Burgos, e que em breves annos deixou huma ſaudoſa memoria, falecendo aos treze dias do mez de Outubro do anno de mil quinhentos e ſeſſenta.

VI.

LUCRECIA MARINELA.

EM Veneza, patria de grandes engenhos, floreceo no ſeculo decimo ſexto a illuſtre matrona Lucrecia Marinela, filha de Joaõ Marinelo, famoſo Medico daquella Republica, e grande Doutor entre os homens ſábios na ſciencia da Medicina eſpeculativa, e pratica. Teve por irmaõ a Curcio Marinelo, na meſma ſciencia filho de tal pay; porém Lucrecia naõ ſó os imitou, mas excedeo, adquirindo o nome de douta neſta, e outras muitas Faculdades, que lhe deraõ neſte publico Theatro merecido lugar entre as mais famoſas Heroínas, que celebra a fama, fazendo mais illuſtre a patria, conhecida a aſcendencia.

Era de tanta comprehenſaõ, juizo, e engenho, que na idade de vinte e ſete annos ſe começou a divulgar o nome de Lucrecia em differentes compoſiçoens de verſo, e proſa. Na Filoſofia, Rhetorica, e Medicina teve grande intelligencia; na Poeſia adquirio facilidade, polida locuçaõ, e elegante eſtylo. Com a muſica apprendeo alguns inſtrumentos, e ſe acompanhava com tanta deſtreza, que era igual enleyo dos ouvidos, e potencias tangendo, e cantando.

O grito de ſuas obras lhe deraõ merecido louvor

louvor, conſeguindo a preferencia do ſexo no livro, que intitulou: *Nobreza, e excellencia das mulheres, e defeitos dos homens*; impreſſo em Veneza no anno de mil e ſeiſcentos e hum, em quarto. Eſcreveo a Vida de Noſſa Senhora em proſa, e oitavas Rimas, a que deu o nome, e titulo: *Pomba Sagrada.* Correm igualmente vulgariſadas a Vida de S. Franciſco em verſo, a Arcadia feliz, e humas Rimas Sacras em louvor de diverſos Santos.

As prendas naturaes, e adquiridas coroou Lucrecia, como ſábia, e diſcreta Heroîna, com hum voto de perpetua caſtidade, vivendo por toda a vida em prefeito celibato, ſempre em religioſa obſervancia, louvaveis coſtumes, humildade, prudencia, e outras muitas virtudes, que fazem commuas, e quaſi naturaes as bellas letras.

VII.

LUIZA MARESCOTI.

NO Porto, Cidade da antiga Luſitania, que deu a Portugal o nome de Reyno da Provincia de Entre Douro, e Minho, patria de famoſos engenhos, naſceo Luiza Mareſcoti, de pays Italianos, com os dotes de formoſura, diſcriçaõ, e huma taõ feliz memoria, que em dez annos de idade fallava igualmente expedita as linguas Latina, Italiana, e Portugueza. O genio,

e engenho era taõ natural para as letras, que aprendeo com facil liçaõ, e applicaçaõ os livros das Eneidas do Poeta Virgilio, que repetia de cór com igual admiraçaõ, e gosto dos ouvintes, pelos annos, e pelo sexo.

Tambem sabia de memoria as Paixoens dos quatro Euangelistas, porque fazia taõ particular estudo, e gosto de ler historias, que dava especifica noticia da Ecclesiastica escrita pelo Cardeal Baronio, repetindo nomes, annos, successos, Capitulos, e folhas. Já contava dezoito annos de idade, quando se applicou aos estudos da Filosofia, e Mathematica, adquirindo até os vinte e quatro huma sabedoria naõ vulgar, e huma fama merecidamente heroica pelas grandes prendas, e virtudes, de que era dotada, estava enriquecida.

Namorou-se de tanta perfeiçaõ hum nobre Italiano, que seus pays preferiraõ a muitos pertendentes naturaes, e estrangeiros para lhe darem a Luiza por mulher; e passados alguns annos, se retiraraõ a Italia, assentaraõ casa na famosa Cidade de Bolonha, donde continuou seus estudos, fazendo taõ heroicos progressos nas sciencias, que lhe foy conferido pela Universidade o gráo de Doutora em Artes. Naõ lhe era embaraço na literatura a molestia dos filhos, nem o governo preciso da familia, porque naõ se achando menos na educaçaõ, ou na economia vencidas algumas difficuldades, se graduou em Theologia. Pas-

Paſſava já dos trinta annos de idade, que dera ao Mundo no laborioſo eſtudo das bellas letras; e querendo empregar o mais tempo deſta peregrinaçaõ em beneficio da ſua alma, entregando-a de todo ao Creador pela frequencia dos Sacramentos, e exercicio das virtudes, em que paſſou o reſto da vida, e padeceo a morte, deixou em mais illuſtre fama, eſpecioſa memoria, recommendada noticia.

VIII.

D. LEONOR DE NORONHA.

NO feliciſſimo governo delRey D. Manoel, primeiro de Portugal, e ſaudoſa memoria para os Vaſſallos, floreceo em letras, e virtudes a illuſtre matrona, e ſábia Heroîna D. Leonor de Noronha, que teve por aſcendentes a D. Fernando de Menezes, ſegundo Marquez de Villa-Real, e a D. Luiza Freire, filha de Joaõ Freire de Andrada, Senhor de Alcoutim. O engenho, e prendas naõ vulgares de D. Leonor de Noronha lhe mereceraõ pela excellencia de ſuas obras ſer contada em o numero dos Eſcritores Portuguezes no Catalogo de Manoel de Faria e Souſa.

Comprehendeo na ultima perfeiçaõ todas as regras da Latinidade, como ſe deixou admirar na elegante traducçaõ, que fez da lingua Latina na

lingua

lingua vulgar à obra das Eneidas de Marco Antonio Sabelico, illuſtradas de ſcientificas Annotaçoens, elegantes conceitos. Foy digniſſimo emprego da protecçaõ da Rainha D. Catharina, mulher delRey D. Joaõ o III. a quem ſe offereceo, e dedicou.

Das ſciencias naõ teve moderada luz, ou breve noticia, porque ſe achaõ enriquecidas as ſuas obras da varia liçaõ das letras Divinas, e humanas; e correm com applauſo univerſal pelas mãos dos doutos em diſtintas materias, varios tratados, differentes eſcritos. Ordenou ſobre os myſterios da Paixaõ, e Euchariſtia alguns diſcurſos por modo de Homilias, e por iſſo contada entre os Eſcritores Eccleſiaſticos.

Eſcreveo hum doutiſſimo tratado ſobre a Oraçaõ do Padre Noſſo, e foy tambem compoſiçaõ deſta Heroîna a obra do Santo Job, ordenada como hiſtoria, como he tambem ſeu o livro intitulado: *Principio de noſſa Redempçaõ.* Com os grandes eſtudos, e doutos eſcritos adquirio D. Leonor de Noronha juſtamente o nome de erudîta, e ſábia; e falecendo aos dezaſete dias do mez de Fevereiro de mil quinhentos ſeſſenta e tres, nos deixou em ſuas grandes virtudes hum evidente conceito de Bèata, ou Santa.

LU-

IX.

LUCRECIA HELENA CORNARA.

A Filha mais velha de Joaõ Cornarum, Procurador de S. Marcos da antiga, e illuſtre familia Cornarum da Republica de Veneza, por nome Lucrecia Helena Cornara, foy huma das matronas mais celebradas, que houve naquelle ſeculo em letras Divinas, e humanas. O grande conhecimento, que teve das linguas, Latina, Grega, Hebraica, Franceza, e Caſtelhana, lhe adquirio huma erudiçaõ rara, e famoſa. Eſtudou Lucrecia Filoſofia, e Theologia na Univerſidade de Padua, conſeguindo neſtas ſciencias com facil applicaçaõ elogios de ſábia, acclamaçoens de douta.

Intentava doutorarſe em Theologia, porém o Cardeal Barbarigo, Biſpo da Cidade, entendendo, que lhe era incompetente pelo ſexo o grao deſta Faculdade, ſó conſentio, que tomaſſe o grao de Doutora em Filoſofia, e ſe lhe conferio publicamente aos vinte e cinco dias do mez de Junho de mil ſeiſcentos ſetenta e oito, concorrendo de muitas partes de Italia muita gente a fazer mais numeroſo aquelle concurſo, luzido aquelle acto.

Aſſiſtio toda a nobreza da Cidade, e chegaraõ ao numero de cem as Senhoras de diſtinçaõ, e qualidade, com outras muito nobres Venezia-

nas,

nas, celebrando-ſe aquella ceremonia taõ extraordinaria pelo ſexo com univerſal applauſo, concorde louvor, igual alegria.

O Doutor Rainaldini, que foy o ſeu Prometor, lhe deu as veſtes Doutoraes; e porque era taõ numeroſa a multidaõ de gente, que havia concorrido para aquelle acto, ſe celebrou na Igreja Cathedral, ſendo recebida ao grao de hum modo a que chamaõ Nobiliſta, que he depois de ter explicado dous textos de Ariſtoteles na abertura do livro, e ſem diſputa. O amor das ſciencias lavrou no juizo de Lucrecia hum tal aborrecimento ao matrimonio, que para vagar mais livremente na laborioſa tarea de ſeus eſtudos, e negarſe de huma vez a quantos pertendentes lhe faziaõ força para caſamento, fez voto de perpetua virgindade nas mãos do Abbade de S. Jorge Oblate da Ordem de S. Bento.

Faleceo a Doutora Lucrecia Helena Cornara no mez de Julho de mil ſeiſcentos oitenta e quatro, ou nos fins de mil ſeiſcentos oitenta e cinco, aos trinta e oito annos de ſua idade. Jaz ſepultada na Igreja de Santo Antonio em hum levantado mauſoleo de pedra marmore, que ſeu pay lhe mandou erigir pela nobreza, e pelas virtudes. Os Poetas celebraraõ com muitas obras ſeu engenho, diſcriçaõ, e ſabedoria, como ſe vê no livro intitulado: *Pompa Funeral da Senhora Academica infecunda, pela morte da Illuſtriſſima Senhora Helena*, que ſe imprimio em Padua no anno

no de mil ſeiſcentos oitenta e oito. Deixou ordenadas muitas obras manuſcritas, que chegaraõ depois de ſua morte a lograr o beneficio da eſtampa.

X.

LEONOR LOPES DA FONSECA.

PAſſava de Lisboa para Mazagaõ, Praça de armas por Conquiſta dos Reys de Portugal na Coſta da Africa, Leonor Lopes da Fonſeca, filha de Antonio da Fonſeca e Bulhoens, e de Domingas Fernandes da Mota, naturaes da meſma Praça, e foy o tranſporte rendido por huma nao de Saletinos; e como era embarcaçaõ de contrato, naõ houve mais reſiſtencia, que a fuga, que naõ poderaõ conſeguir, nem mais ſangue, que o das lagrimas, com que todos choravaõ aquelle encontro, cada hum o ſeu cativeiro.

Chegaraõ os Mouros com a preza a Maquinez, apreſentaraõ os cativos ao Rey, que deu Leonor Lopes à Rainha por eſcrava. Foy logo tentada para que deixaſſe a Fé, e Religiaõ Catholica; mas entendendo a Rainha das acçoens mais que das palavras de Leonor, huma firmeza na ley, que profeſſava, a mandou meter em hum tanque de agua fria vinte e quatro horas. Sahindo Leonor deſte rigoroſo, tormento lhe ſol-

taraõ hum domeſtico leaõ, porém a valeroſa Heroîna naõ ſe deixando vencer do temor da féra, triunfou duas vezes, huma da Rainha, outra da propria natureza.

Eraõ paſſados tres dias depois que teve os primeiros combates, e prizaõ, quando a mandou vir à ſua preſença, e lhe fez algumas perguntas, a que dando varonís repoſtas, acabou dizendo: „A minha Ley he a verdadeira, e della me naõ „hey de apartar, ainda que a ſua confiſſaõ me „custe a vida. A Rainha barbara, e cruel, ſe enfureceo com tanta paixaõ, e colera, que ferindo-a com hum alfanje de páo toſtado, que corta como ferro, lhe lançou por terra o braço eſquerdo; e mandando-a curar no Hoſpital da Redempçaõ, logo com as primeiras forças, e melhoras a fez levar para ſeu poder até a morte do Rey Molet Semoim, paſſando ſeis annos, e oito mezes em hum continuado combate, mas ſempre na primeira conſtancia, que lhe mereceo eſta glorioſa memoria, perduravel eſcritura.

Por aviſo, que teve de ſeus pays, foy Leonor communicar à Rainha offereciaõ por ella o troco, e reſgate de tres Mouros. Ouvio a Rainha com deſagrado a ſua propoſta, dizendo: „E quereſte hir, deixando a Ley verdadeira? „Ley verdadeira he ſó a dos Chriſtãos, reſpondeo Leonor; mas a Rainha dandolhe no roſto com as coſtas da maõ eſquerda, foy tal a violencia,

cia, que o anel do dedo lhe lançou fóra a menina do olho.

Fugindo, e dando vozes com a dor, foy topar cegamente com o Rey, que lhe perguntou irado: Que tens, Chriſtãa? Leonor pondo-ſe de joelhos, e repreſentandolhe com laſtima, e efficacia de mulher afflicta, e choroſa os tromentos, que a Rainha lhe tinha feito, e mandado fazer o Rey, que ſe chamava Molet David, movido a compaixaõ lhe diſſe: „ Que dando di-„ nheiro, ou cativos, lhe dava licença para que „ foſſe para a ſua terra.

Bejoulhe a maõ Leonor, e o Rey entrando no quarto da Rainha ſua madraſta, a reprehendeo dizendo: „ Que naõ ſe atreveſſe mais vio-„ lentar aos Chriſtãos para deixarem a ſua Ley, „ porque elles naõ atormentavaõ, ou violentavaõ „ os ſeus Mouros cativos a trocar a Religiaõ, que „ em todos era voluntaria. Aqui teve principio naquelle governo a redempçaõ dos cativos, porque logo mandou lançar hum bando por toda a Cidade, que todo o cativo Chriſtaõ, que ſe quizeſſe reſgatar, podia requerer na preſença de Molet David, que foy o primeiro Rey de Maquinez, que voluntariamente concedeo reſgate.

Tal era o empenho da Rainha em perſuadir a Leonor deixaſſe a Ley de Chriſto, que ſempre ſe acompanhava della para lhe levar a eſpada, tentando-a a entrar na Meſquita todas as vezes,

que a viſitava para celebrar ſeus ritos, e com mais força depois que ſe vio reprehendida pelo Rey, que aceitando por Leonor o troco de tres Mouros, a mandou conduzir a Mazagaõ com guarda de quatrocentos homens de cavallo, pelo perigo de cahir nas mãos dos levantados, que ſeguiaõ as partes do irmaõ, com quem trazia guerra, diſputava a Coroa.

Partira Leonor Lopes de Lisboa para Mazagaõ antes de ſeu cativeiro apalavrada para caſamento com Ignacio Faleiro, Soldado naquelle preſidio, donde foy recebida pelos pays, e eſpoſo com extremoſos affectos de alegria, quanto foraõ exceſſivos os ſentimentos da ſua diſgraça, que ſe tornou felice com a liberdade, e deſpoſorios, que pouco depois ſe celebraraõ na meſma Igreja Parochial de Noſſa Senhora da Aſſumpçaõ, antigamente do Biſpado de Tanger, em que foy bautizada a cinco de Agoſto, havendo naſcido a vinte e oito de Julho de mil ſeiſcentos oitenta e quatro. Era viuva de Antonio Correa Vivaldo, filho de Gaſpar Correa, e de ſua mulher Maria Braz, todos naturaes de Mazagaõ, que recebeo por marido na meſma Igreja Parochial em 1706.

LU-

XI.

LUCRECIA GONZAGA.

FOy Lucrecia Gonzaga, filha de Pyrrho Gonzaga, ramo desta illustrissima ascendencia, huma das famosas Heroínas, que mais florecerаõ nas bellas letras no seculo decimo sexto. Pelas suas Cartas, que se imprimiraõ em Veneza no anno de mil e quinhentos, cincoenta e dous, se conhece o bom entendimento, discriçaõ, e sabedoria, que teve para as sciencias, genio, e engenho para as letras humanas.

De huma Carta escrita a Robortello, se alcança, que lhe deraõ a entender os famosos Commentarios deste grande Author, muitos dos lugares de Aristoteles, e do Poeta Eschyles, que até li achava escuros, a intelligencia difficultosos. Na Rhetorica se empregou o seu mayor estudo, e applicaçaõ, conseguindo comprehender as regras, e preceitos da arte. Aprendeo a Logica com Bandel, que tambem lhe explicou a Euripides.

Contava quatorze annos de idade, quando seus pays a casaraõ com Joaõ Paulo Manfrone matrimonio, que teve a posteridade de duas filhas, que pelos votos da Religiaõ se consagraraõ a Deos. Na sentença de morte, que deraõ a seu marido por certo crime capital, e na pri-

zaõ,

zaõ, em que foy commutada a ſentença a diligencias de ſua actividade, moſtrou, que ſabia cumprir com as obrigaçoens de mulher de tantas prendas; em defenderlhe a vida, e procurarlhe a liberdade póde ſervir de exemplar às caſadas; em reſiſtir a ſegundo matrimonio, de modelo às viuvas.

CATALOGO.

XII.

LUiza Marilac, Religioſa de Poyſi, occupou ſeu grande engenho em diverſas obras, que moſtraõ a diſcriçaõ, e erudiçaõ, que teve nas letras Divinas, e humanas. Hum anno antes da ſua morte, em mil ſeiſcentos e vinte e nove vio impreſſa huma traducçaõ dos Pſalmos Penitenciaes, que ordenara, dedicada a Joanna de Guady Prioreza do meſmo Convento.

XIII.

LUiza Magdalena de Jeſus, Condeſſa de Paredes, e depois Religioſa Carmelita Deſcalça no Convento de Malagon, eſcreveo hum livro, que anda impreſſo, e ſe intitula: *Anno Santo*, ou Meditaçoens para todos os dias do anno da Vida, Morte, e Paixaõ de Chriſto. Acha-ſe eſcrito o ſeu

ſeu nome em o Catalogo dos Eſcritores deſta Ordem na Chronica de Caſtella no fim do ſexto tomo.

XIV.

LAſtrenia Mantinea, foy taõ douta nas Filoſofias, que para os Authores encarecerem a ſabedoria, que teve, referem, que disfarçava a natureza de mulher em habitos de varaõ, ambicioſa de acompanhar ſempre o Filoſofo Plataõ ſeu Meſtre, pelo intereſſe de naõ perder as ſuas liçoens, aproveitarſe de ſua doutrina. He contada entre os Filoſofos Platonicos.

XV.

LUiza Anaſtaſia Serman, foy matrona de grande entendimento, e ſabedoria. Era Franceza de naçaõ, e natural de Grenoble, paiz do Delfinado, porém ſugeita a muitas enfermidades, e foy taõ applicada á Poeſia, que morreo acabando hum Epigramma Latino.

XVI.

LUcrecia Tornaboni, natural de Florença, mulher de Pedro de Medicis, e mãy de Lourenço de Medicis, ordenou em verſo Latino huma grande parte da Eſcritura Sagrada. Fallaõ deſta Heroîna com grandes elogios de diſcreta, e

douta

douta nas letras Divinas, e humanas, e a celebraõ por ſuas virtudes Franciſco Sardonati no livro das mulheres illuſtres, e Nicolao Vilote, na vida de ſeu filho Lourenço de Medicis.

XVII.

LEoncia, natural de Grecia, foy taõ dout Filoſofias, e letras humanas, que ſe atreveo nas a eſcrever com grande applauſo, e louvor ſeu contra o Filoſofo Theophraſto. Seguio a ſeita de Epicuro, eſcreveo muitas, elegantes, e doutiſſimas Epiſtolas.

XVIII.

LUcrecia Quintilli, natural de Italia, floreceo no decimo ſexto ſeculo. Foy celebre na arte da pintura, que aprendeo com hum diſcipulo de Bronzino, chamado Alexandre. Deixou algumas Hiſtorias de pintura, que tem bom nome entre os Pintores., fazem dellas grande eſtimaçaõ, guardaõ-ſe com mayor uſura.

XIX.

LAura Cereti, natural de Breſcia, da idad dezoito annos enſinou Filoſofia em publica de Academia com igual applauſo dos alumnos, e doutos no principio do ſeculo decimo ſexto.

Lucia

XX.

LUcia, ſoy huma donzella Italiana, que vivendo na companhia de duas irmãas celebradas pintoras, ſe fez neſta liberal arte igualmente illuſtre, e conhecida.

XXI.

LAura Terracina, que floreceo pelos annos de mil quinhentos e cincoenta, deu à luz huma bella compoſiçaõ em metro elegantiſſimo ſobre os Cantos de Luiz Arioſto, chea de muitos, e nobres conceitos.

XXII.

LAura Veronenſe, filha de Nicolao Brenzone, natural da Cidade de Verona, deixou eſcrito admiraveis obras em proſa, e verſo nas linguas Latina, e Grega, e na vulgar adquirio elegancia, e ſabedoria. Orando na preſença de Filippe Trono, filho de Nicolao Trono, Principe de Veneza, admirado de tanta virtude, e ſciencia, a caſou com hum de ſeus filhos. Da idade de dez annos poetiſou em verſo Safico, e eſcreveo muitas Oraçoens, e Epiſtolas.

XXIII..

LAura Baſſino, natural de Bolonha, foy examinada em muitas queſtoens de Filoſofia na Univerſidade aos doze do mez de Mayo de mil ſetecentos e trinta e dous na preſença do Cardeal Arcebiſpo daquella Cidade. Concorreo hum bom numero de Damas de qualidade, que a tinhaõ acompanhado para aquelle acto; e depois, que teve reſpondido com huma promptidaõ, e agudeza extraordinaria, foy declarada ſem contradiçaõ dos votos por benemerita do grào de Meſtre em Artes. Logo foy conduzida pelo Preſidente da Juſtiça ao Palacio, e na grande Sala de Hercules, que eſtava magnificamente adornada de boas tapeçarias, lhe conferiraõ o grào de Doctora em Filoſofia com as formalidades coſtumadas, aſſiſtindo o Cardeal Legado, Senadores, Meſtres, e Academicos do Collegio, muitos homens doutos Cidadãos, e Eſtrangeiros. Acabado o acto, foy comprimentada pelas peſſoas de diſtinçaõ, e o Preſidente convidou a todos com abundancia de ſelectos refreſcos.

Luiza

XXIV.

LUiza foy huma Senhora Franceza da antiquissima familia dos Montmorancis, e naõ bastarda, mas neta de hum Conego Parisiense. Foy primeiro amiga, que mulher de Pedro Abelardo, e depois Religiosa, e Prioreza do Convento Angentoliense junto de Pariz; e ultimamente Abbadessa do Convento Paralitense perto de Novigento para a parte do Rio Sena no anno de mil cento e trinta, até o anno de mil cento e cincoenta e quatro. Francisco Ambrosio publicou as suas obras, e de seu marido; e na prefacçaõ Apologetica de Abelardo a compara na fermosura, e temor de Deos com Susana, e Esther. Teve boa intelligencia das tres linguas Hebrea, Grega, e Latina; e no estudo da Filosofia, Theologia, e Mathematicas teve por mestre a seu marido, que só reconhecia nas linguas, e Sciencias por mais douto.

XXV.

LEonor Baroni, Dama Italiana, e filha da famosa Adriana Mantuana, floreceo no seculo decimo setimo. Foy muito discreta, e prompta na Poesia, e cantava com tal graça, e perfeiçaõ, que soube unir a mais agradavel, e sonora voz a huma sciencia consummada na sci-

encia do contraponto. Cantava com grande modeſtia, e acompanhava-ſe com igual deſtreza na theorba, e no rabecaõ, accreſcentando muitas vezes de repente novas coplas ao papel, que eſtava cantando. Se fazia paſſagem de hum tom para outro, deixava ſentir, e conhecer as diviſoens dos generos em harmonico, e chromatico com tanta graça, como deſtreza. Era para ouvir, e admirar os Tercios, que cantavaõ a mãy, e as filhas: Leonor com a theorba, a Irmaa com a arpa, e a mãy com a lyra. Ha hum volume de Elogios em verſos Latinos, Gregos, Francezes, e Caſtelhanos impreſſo em Roma com o titulo: *De Applauſi Poetici della Signora Leonora Baroni.*

XXVI.

DOna Luiza Maria de Faro, filha dos Condes de Attouguia, e mulher de ſeu primo o Conde de Penaguiaõ, Camareiro Môr de El-Rey D. Joaõ o IV. ſe applicou aos eſtudos das letras humanas, e com grande fervor na aſſiſtencia dos Templos. Vivendo mais de oitenta annos, foy ſempre conſultada pelas Rainhas, e ainda pelos Reys, e ſeus Miniſtros, pela nobreza, e peſſoas doutas em todo o ceremonial da Corte, e em muitos negocios importantes dava noticia com a memoria mais firme, e a verdade mais ſolida de tudo quanto lera, e ouvira, que

as

as ſuas deciſoens eraõ veneradas, e ſeguidas.

XXVII.

LUiza Labe, naſceo na Cidade de Leaõ, e florecia no reynado de Henrique II. Rey de França em mil quinhentos cincoenta e cinco; e neſte anno ſe imprimiraõ na meſma Cidade as ſuas obras. Eſcreveo hum Dialogo em proſa Franceza, intitulado: *Porfia da loucura, e da honra.* Com as ſuas Poeſias ſe imprimiraõ juntamente varios Elogios, que lhe fizeraõ muitos Poetas nas linguas Grega, Latina, Italiana, e Franceza.

XXVIII.

LEena Donzella Grega de animo fiel, e coraçaõ conſtante, e valeroſo, ſe fez illuſtre com huma acçaõ, que lhe deixou immortalizado o nome; mereceo, que os Gregos lhe tributaſſem adoraçoens como a Divindade. Conjuraraõ-ſe para matarem o tyranno Hiparco tres nobres Macedonios Arninto, Armenio, e Ariſtene por livrarem a patria de ſuas crueldades. Era Leena huma Donzella, que tratava por amante hum deſtes Heroes culpados na morte do tyranno; e querendo o ſucceſſor no throno caſtigar os culpados, a mandou prender julgando, que ſaberia da conjuraçaõ. Foy a Donzella atormentada cruelmente por muitos dias; mas

naõ

naõ fiando já da ſua conſtancia aquelle ſegredo, na preſença dos Juizes cortou a lingua com os dentes, as palmas para o triunfo daquella acçaõ illuſtre. Os Athenienſes lhe erigiraõ huma eſtatua, repreſentando huma Leoa ſem lingua.

XXIX.

DOna Lourença Zurita, de naçaõ Caſtelhana, e natural da Cidade de Toledo, foy mulher do Secretario Thomaz Gracia Dantiſco, douta, e verſada na Poeſia, e lingua Latina, em que compoz muitos verſos de elegante eſtylo, moſtrou agudo engenho. Eſcrevia com bella fórma de letra; era deſtra na Muſica, e inſtrumentos, principalmente na arpa. Teve por meitre das Sciencias o famoſo Alvaro Gomes de Caſtro e Serna.

XXX.

LAvinia, filha do Pintor Proſpero Fontano, natural de Bolonha, foy mulher de Giovangaolo Zappi, da Cidade de Imola, e vivia em Roma com fama de excellente Pintora, principalmente em obras de retratos, com ventagem a todos os Pintores daquella idade.

Luciana

XXXI.

LUciana del Caſtello, Caſtelhana de naçaõ, e mulher de Chriſtovaõ da Torre Maldonado, natural de Ubeda, foy taõ douta na Poeſia, como deſtra na Muſica.

XXXII.

LElia Sabina entre todas as matronas Romanas de ſeu tempo, foy no Direito Civil a mais douta, e teve Cadeira publica das linguas Grega, e Latina. Orou com tanta ſabedoria, e elegancia na preſença do Senado, que deu a vida a Lelio ſeu pay, que era reo de hum crime capital.

XXXIII.

LUciana, que teve a Republica de Veneza por patria, foy taõ excellente na Arte da Pintura, que excedeo a todos os meſtres, que floreceraõ naquelle ſeculo.

XXXIV.

DOna Leonor de Menezes, Condeſſa de Orem, e Attouguia ainda naõ contava dez annos de idade, e já fallava as linguas Latina, Fran-

Franceza, e Caſtelhana; aos quatorze debuxava, e eſcrevia com perfeiçaõ. Teve grande intelligencia da Filoſofia, Arithmetica, Muſica, e Poeſia. Eſcreveo huma Novella em proſa, e verſo com o titulo: *El deſdeñado mas firme*, impreſſa em Lisboa no anno de 1665.

XXXV.

LUiza Maria Roſa Portugueza, natural da Cidade do Porto, da Provincia de Entre-Douro, e Minho, he na Arte da Pintura de oleo taõ correcta, que vive do trabalho de ſuas mãos: tem diſcipulas com Academia publica no Campo das Hortas na meſma Cidade. Dentro, e fóra da Provincia ha muitas pinturas excellentes deſta Heroîna; e nos Clauſtros do Convento dos Capuchos do Valle da Piedade ſe admiraõ muitas obras, que daõ a conhecer o pincel, e a pintora.

XXXVI.

LOurença Strozzi, natural de Florença, foy Religioſa da Ordem de S. Domingos, e floreceo no ſeculo decimo quinto. Teve ſciencia de linguas, e deixou ordenado hum livro de Hymnos para todas as feſtas, que celebra a Igreja. O primeiro he huma Ode Saphica, que approvaraõ os mais doutos homens de Florença; e Jaque Mauluit Pariſienſe, a traduzio em

verſos

verſos Francezes, depois a ordenou em Muſica. A memoria deſta Heroîna foy taõ veneravel, que durou vinte annos depois da ſua morte, e Sebaſtiaõ Hormots lhe dedicou hum Epitaphio, feito em hum Acroſtico, que Coletet, e Maudicit Francezes, traduziraõ em verſo na propria lingua.

XXXVII.

LAmma, natural de Galacia, e viuva de Sinato, que foy morto por Signorix para ſe caſar com eſta fermoſiſſima Heroîna, lhe reſiſtio com taõ admiravel conſtancia, que vendoſe perſuadida dos meſmos parentes para admittir a Signorix por marido, fingio dar conſentimento ao matrimonio, premeditando huma acçaõ de heroicidade. Era-lhe taõ abominavel o perfido Signorix, que antes de hir para o Templo, em que ſe havia celebrar aquelle acto, mandou lançar veneno na copa nupcial; e logo, que Signorix bebeo, tomou a parte, que lhe ſobrava, goſtoſa de vingar a morte de ſeu marido Sinnato com a vida do tyranno, e à cuſta da propria vida, que neſta memoria lhe immortaliza a acçaõ, e o nome.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *M.*

I.

MAMEA, Emperatriz.

FOY Averſa Cidade da Syria, a que mais ſe illuſtrou por patria de Mamea Auguſta, mulher de Vario, mãy do Emperador Alexandre Severo ſegundo deſte nome, e irmãa de Symiamira, mãy de Heliogabolo Antonino Emperador Romano, que deixou o nome infamado com os vicios, o Imperio deſcahido com as acçoens. Naſceo Mamea na Cidade de Averſa, de que era tambem natural ſeu marido Vario; e ſendo pela

 no-

nobreza huma das Auguſtas mais illuſtre, ainda ſe fez pela ſabedoria na poſteridade mais famoſa, adquirindo nos eſtudos das bellas letras brazoens a patria, eſplendores a deſcendencia.

Era taõ frequente na liçaõ dos livros, que deſprezava as pompas, e ornatos do ſexo, e deixando por inuteis os exercicios domeſticos, e communs às mulheres, tratava os homens ſabios, mayormente Oradores, e Hiſtoriadores, dizendo por opiniaõ particular, que era a Hiſtoria meſtra das acçoens, parenta das virtudes. Com eſte amor aos ſabios creou Mamea a ſeu filho Alexiano, educando-o em todo o genero de letras, e artes liberaes; e foy hum dos mais erudítos, prudentes, e bemquiſtos Emperadores, que teve Roma. Logo da primeira idade lhe deu meſtres, de quem aprendera com facil applicaçaõ Mathematica, Geometria, Muſica, e Pintura. Foy bom Poeta, e eſcreveo muitas obras; debuxava, tangia muitos inſtrumentos, orgaõ, viola, e flauta, devendo ao cuidado, e doutrina da mãy as prendas, que o fizeraõ acclamar Ceſar, primeiro, que ſeu primo Heliogabolo o creaſſe companheiro no Imperio, Soberano em o governo.

Logo, que Alexiano ſe vio no throno (ou foſſe por induſtria de Mamea, ou por temor de Symiamira, vendo creſcer em vicios a ſeu filho Heliogabolo) mudou o nome em Alexandre Severo; e pelos conſelhos, e diſcriçaõ da

mãy,

māy, a quem foy ſempre obedientiſſimo, governou o Imperio pela morte do primo pouco mais de treze annos com acerto, dilatou com proſperidade. Naõ contava mais que dezaſeis annos, quando recebeo a inveſtidura do Imperio; e por acordo, diſpoſiçaõ, e conſelho de Mamea, eſcolheo para Conſelheiros os mais doutos homens, tendo a ſeu lado ſempre a Domicio Ulpiano, Sapientiſſimo Varaõ, excellente Juriſconſulto.

Naõ houve perſeguiçaõ na Igreja Catholica no felice reynado de Alexandre Severo, porque Mamea ſempre foy honeſta, e virtuoſa matrona; e teve com Origenes, que florecia naquella idade com grande fama de letrado, e ſanto, hum tratamento, e amiſade taõ familiar, que ſe tem por certo, que era Chriſtāa bautiſada; como ſe refere por ſem duvida, que Alexandre ſeu filho entre os idolos, que adornavaõ o ſeu Oratorio, adorava a Imagem de Chriſto, e de Abrahaõ. Ainda que os acertos deſte governo ſe attribuiraõ à ſabedoria, e diſcriçaõ de Mamea, tambem ſe lhe impoem a cauſa da ſua morte dizendo: Que ſe malquiſtara pelo conſelho da māy em ajuntar, e naõ diſpender com os Soldados as rendas do Imperio. Outros dizem, porque o perſuadira para deixar a guerra de Alemanha. Porém o mais veriſimel ſe ajuſta com a liberdade, que uſavaõ os Alemães com Heliogabolo, naõ podendo ſofrer a rectidaõ, e juſtiça

do

do Emperador, que foy morto, e ſua mãy nas tendas de campanha, junto da Cidade de Maguncia no anno de Chriſto de 237. governando a Cadeira de S. Pedro o Pontifice Ponciano, unico deſte nome, natural de Roma.

II.

MAXENCIA, Romana.

HE venerada por patrona da Cidade de Trento a illuſtre Maxencia, matrona Romana, que nas virtudes ſe reconhece por Santa, nas letras Divinas, e humanas celebrada por douta, e diſcreta. Floreceo no reynado dos Emperadores Joviniano, e Valentiniano, governando a Cadeira de S. Pedro em Roma o Pontifice Portuguez S. Damaſo, que teve por Meſtre das ſciencias, Director, e exemplar das virtudes.

Foy mulher de Maxencio, Patricio Romano, e Varaõ Conſular, que baſta para ſe conhecer a nobreza de ſeus aſcendentes, porque naõ houve neſte matrimonio mais diſparidade, que a differença na Religiaõ, porque Maxencio ſervia, e adorava aos Deoſes falſos, Maxencia ao Deos verdadeiro. Tiveraõ tres filhos varoens, que foraõ bautiſados da primeira idade Vigilio, Claudio, e Mayorano, que a Santa mãy educou em virtuoſos, e louvaveis coſtumes.

Lo-

Logo, que chegaraõ aos annos de diſcriçaõ, os mandou eſtudar as letras humanas para Athenas, que era a patria das ſciencias naquella idade, Seminario dos poderoſos Romanos, que deſejavaõ os filhos doutos, e diſcretos. Aproveitaraõ em breve tempo, e ſahiraõ illuſtrados em todas as ſciencias, que aprenderaõ com facil applicaçaõ pelo engenho por natureza fecundo, por excellencia relevante. Voltando para Roma ricos de ſabedoria humana, os applicou ao eſtudo das letras Divinas, com tanto goſto de Maxencia, que naõ ſe póde explicar melhor, que dizendo, e affirmando, que todos os dias diſputava com os filhos nas interpretaçoens da Eſcritura Sagrada; ou conferia com aſſombro de quantos a ouviaõ, as ſentenças dos Filoſofos Pythagoras, e Socrates, doutrinando-os ſempre, humas vezes nas letras, outras nas virtudes.

Era vulgarmente erudîta, e diſcreta, de juizo claro, engenho agudo, eſtylo elegante, genio docil, e ſobre as prendas naturaes, e adquiridas, de hum eſpirito taõ abraſado no amor de Deos, que a fazia deſprezar o Mundo, e aborrecer os vicios com tanto exceſſo, que chegou a deſquitarſe do marido, porque era gentio, e obſtaculo aos progreſſos das virtudes, exercicios da Religiaõ. Os filhos fazendo-ſe parciaes da virtude naõ deſmentiraõ da boa educaçaõ, que lhe dera a mãy, a quem ſeguiraõ no divorſio com as vidas, e com as fazendas.

Persuadidos pela santa matrona a deixar Roma, como a Babylonia, distribuiraõ com alegria pelos pobres grande parte de seus ricos patrimonios; e com a bençaõ do Santo Pontifice Damaso partiraõ a visitar os lugares, que os Santos Eremitas fizeraõ habitaveis nas regioens de Italia, como eraõ Vicencia, Romagna, e Lombardia. O fervor de espirito em Maxencia, naõ só a reduzio ao estado da pobreza voluntaria, mas a hum total esquecimento da fragilidade do sexo, pois quasi sem companhia, e a pé caminhou a distancia destas regioens, que estavaõ pelos desertos povoados de Monges doutissimos, e santissimos, ambiciosa de sua doutrina, e communicaçaõ. Era para ver a humildade profunda, com que Maxencia se lançava aos pés daquelles Santos Monges, pedindo a cada hum (que reverenciava como a Deos) directorio para a vida, documentos para a salvaçaõ.

Em Bergamo, Cidade da Lombardia, se deteve por algum tempo aquella santa comitiva, e fóra dos muros da Cidade em hum lugar ameno edificaraõ algumas cellas, em que viveraõ religiosamente, permanecendo ainda por tradiçaõ a memoria de hum Templo, que erigiraõ aquelles povos em honra de Saõ Vigilio, que deu nome ao monte, fama perduravel ao lugar. Foy este Santo o primeiro filho de Maxencia, que morreo Bispo de Trento, e celebra a Igreja no Martyrologio Romano o dia de sua festa

a 26.

a *26.* de Junho de anno incerto com o titulo de Santo, e coroa de Martyr.

Concorria a viſitallos, naõ ſó a gente do campo admirados da vida religioſa, que guardavaõ; mas creſcendo a fama de ſuas virtudes, muitas das peſſoas poderoſas da Cidade, attrahidos do bom nome, que já tinhaõ: porém fugindo à tentaçaõ da honra, que lhe davaõ, partiraõ para Trento, Cidade dos dominios de Veneza. Aqui aſſentaraõ novamente habitaçaõ; mas divulgada a ſantidade, e ſabedoria da mãy, e dos filhos, eraõ igualmente venerados de grandes, e pequenos com tanta diſtinçaõ, que falecendo o Biſpo daquella Cidade, elegeraõ a Vigilio, que naõ contava mais que vinte annos de idade, pelas virtudes, e pela graça de fazer milagres, com que Deos premiara na vida ſeu merecimento, illuſtrara na morte ſeu feliz tranſito.

Vendo Maxencia a Vigilio ſeu filho primogenito milagroſamente collocado no Throno da Igreja de Trento, lhe fiou o cuidado de ſeus irmãos para ſe dar a huma vida perfeitamente ſolitaria. Retirou-ſe ao Lugar, ou Aldea de Mayano, diſtante mil paſſos do Lago Tublino, e fez edificar huma pequena caſa, em que viveo, e morreo, deixando á poſteridade nas acçoens de huma vida illuſtre heroicos documentos ao ſexo; e merecendo pelas letras a fama de douta, adquirio pelas virtudes cultos de Santa.

No meſmo lugar da morte, que depois ſe

consagrou em Templo, se venera sepultado o cadaver, cujas Reliquias se trasladaraõ passados alguns annos para a Cidade de Trento, que a tomou por patrona, e lhe dá cultos de advogada.

III.

MATILDE,
Condessa.

A Condessa Matilde pelo sangue, pelas armas, e pelas virtudes illustrissima, floreceo no Imperio de Henrique III. e Pontificado de Gregorio VII. Teve por pays a Bonifacio, varaõ nobilissimo, e muito poderoso na Italia, Lucense de naçaõ, e da Princeza Dona Beatriz filha do Emperador Henrique I. deste nome. Foy Matilde senhora de grande engenho, e celebre valor, como se fez admirar em muitas batalhas, mostrando-se invictissima.

Pela morte dos pays, que naõ tiveraõ mais posteridade, que Matilde, ficou a mais rica, e mais poderosa senhora de Italia pelos dominios de Luca, Parma, Regio, Mutina, Ferrara, Mantua, e parte de Hetruria. Na melhor estaçaõ dos annos casou com Godefredo, irmaõ de Ricardo, e Roberto, por alcunha o Guiscardo, illustrissimos Duques de Apulia, Calabria, e Campania,

pania, que a ſeu nome accreſcentou a gloria, a ſeus eſtados o reſpeito.

Ainda que durou por muitos annos o vinculo deſte matrimonio, teve o deſar de infecundo, naõ havendo em toda a Chriſtandade Principes, que fizeſſem mais ſerviços à Igreja; que por iſſo os Pontifices Alexandre II. e Gregorio VII. conferiraõ a Matilde por ſeus Decretos o titulo de Condeſſa. Foy a primeira guerra, que teve, em defenſa da Cadeira de Saõ Pedro, contra o Duque Ricardo, e ſeu filho Guilhelme, que eraõ valeroſos Capitães, e occupavaõ em Apulia algumas terras do Patrimonio Pontificio.

Nem aos parentes, como era Ricardo, perdoava o ſeu zelo, e a ſua eſpada, obrigando-o por força de armas a reſtituir os bens da Igreja. Paſſou neſta occaſiaõ a Roma com ſeu exercito vitorioſo, e recebeo grandes honras de Gregorio VII. que depois celebrando o Concilio Lateranenſe, ſe intereſſou naõ ſó com a preſença, mas com a ſabedoria de Matilde, e aqui ſe excommungou a Roberto Guiſcardo, e alguns Romanos, que retinhaõ terras da Igreja na Marca de Ancona. O Ceſar reynante Henrique III. que muitas vezes com força militar invadio os Eſtados Eccleſiaſticos, uſurpando-lhe algumas terras venceo, e deſtruîo a Condeſſa Matilde em huma vigoroſa guerra, diſputada batalha, ſanguinolenta vitoria.

 Acha-

Achava-ſe a Condeſſa em Roma, quando Henrique III. temeroſo de algum caſtigo do Ceo, ſe foy reconciliar com a Igreja, e depondo as veſtes Reaes, deſcalço, e penitente para mover o Pontifice a miſericordia, impetrou abſolviçaõ das cenſuras. Como Gregorio VII. eſtava bem defendido pelas armas vitorioſas, e formidaveis da Condeſſa, negou ao Ceſar a entrada na Cidade; e ſendo no mais rigoroſo do Inverno, perſeverou tres dias inſtando pela abſolviçaõ com demonſtraçoens de Catholico, evidentes ſinaes de arrependido. Mas interpondo a Condeſſa ſeu poderoſo patrocinio em favor do Ceſar, logo foy conduzido à preſença do Pontifice pelo Conde Adelâo, Abbade Cluniacenſe; e deteſtando os erros, que o condemnavaõ de hereje, e excommungado, o abſolveo das cenſuras, reconciliou com a Igreja, jurando huma firme paz, prometendo huma cega obediencia.

Eſte, e outros muitos triunfos da Igreja ſe deveraõ à protecçaõ de Matilde, porque neſte Pontificado ſe vio perſeguida, naõ ſó pelos Principes Seculares, mas ainda Eccleſiaſticos. No governo de outros Pontifices naõ foy menos efficaz o ſeu patrocinio, porque era ardentiſſimo o zelo, que tinha da Religiaõ Catholica.

Foy evidente prova da piedade, e religiaõ da Condeſſa Matilde o divorcio, que fez com Azon Eſtienſe, que recebera por marido pela morte de Godefredo, que naõ deixara ſucceſſor

a ſeus

a ſeus eſtados, exemplar a ſuas qualidades, e virtudes. Era Godefredo parente de Azon em terceiro grào de conſanguinidade; e logo, que Matilde teve por certeza a noticia deſte impedimento dirimente, recorreo ao Pontifice, que determinou o divorcio: e como era de timorata conſciencia, ſem demora, ou replica executando o mandato Pontificio, viveo em continente viudez até a morte, ſervindo com Oraçoens, e boas obras a Deos, e à ſua Igreja.

Teve a Condeſſa huma comprehenſaõ grande, e hum engenho raro, que applicou na ſua infancia a muitas artes liberaes, que depois lhe ſerviraõ com mais experiencia da milicia para dar melhor fórma aos projectos militares. Emendou muitas corrupçoens no governo politico, fazendo leys, melhorando coſtumes, e decipando abuſos. Acompanhava-ſe de Varoens doutos, e ſantos; e lhe foy mais familiar o eruditiſſimo Biſpo Anſelmo Lucenſe, Abbade Cluniacenſe, e outros muitos, que a dirigiraõ pelo caminho das virtudes, de que teve bom conhecimento, louvavel exercicio.

Sobem os Hiſtoriadores ao numero de cem as Igrejas, e Conventos, que erigio, depois enriqueceo. No Campo Lucenſe edificou o Convento Friſonario, no Regenſe a Abbadia Canuſia, no Mutinenſe Nonamtula, no Ferrarienſe Pompoſa, e no Mantuano o de Saõ Bento com outros muitos, repartindo por todos muitas Reliquias,

liquias, preciosissimos vasos de ouro, e prata, vestimentas riquissimas, e taõ preciosas alfayas, àlem de avultadas rendas, que he necessaria tanta fé para referillas, como credulidade para naõ duvidallas.

Em Bondeno, Lugar de Mantua, faleceo a illustre Condessa Matilde pelos annos de Christo de 1113. sendo Paschoal II. Pontifice Romano, começando a contar sessenta e nove annos de idade, muitos de virtude, e heroicidade. Variamente se refere a causa da sua morte, dizendo, que faltara no incendio de Florença para fazer mais lamentavel a ruina, que padeceo a mayor parte desta Cidade. Affirma-se, e he mais verisimel, que foy em Bondeno pela occasiaõ, que referiremos aqui nesta substancia.

Havia Matilde passado a Bondeno para assistir a noite de Natal aos Officios Divinos no Mosteiro de Saõ Bento, tendo concorrido Poncio Abbade Cluniacense com muitos Monges a officiar, e fazer mais festiva aquella solemnidade. Cahio naquella noite immensa neve; e voltando a Condessa para o seu Palacio, sentio com tanto extremo os excessos da frialdade nos membros já debeis pelos annos, e pelos trabalhos, que chegou assaltada de huma ardente febre.

Pela festa da appariçaõ de Christo aos tres Reys Magos se achava na convalecença de poucos dias; e pezando mais na piedade da Condessa o preceito da Missa, que a falta das forças, pre-

prevaleceraõ os eſtimulos da devoçaõ, e recahio em nova enfermidade, de que nunca experimentou melhora, e ſe foy engravecendo até parar no ultimo fim, que eſperou com todos os Sacramentos, que recebeo pela maõ do Santo Biſpo Anſelmo director de ſeu eſpirito na vida, e na morte.

Foy univerſal o ſentimento dos Vaſſallos, que a reſpeitavaõ virtuoſa, depois choraraõ bemfeitora. As honras funeraes ſe celebraraõ com pompa real, e magnifica no Moſteiro de Saõ Bento do Campo de Mantua, aſſiſtindo todo o Clero ſecular, e Regular. Na meſma Igreja da parte da Epiſtola ſe admira hum levantado mauſoleo de finiſſimo alabaſtro, em que jaz ſepultada a famoſa Condeſſa Matilde, cujas acçoens militares foraõ aſſumpto das melhores pennas daquella idade; e ainda nos eſtá devendo a lembrança de ſua heroicidade em mais copioſa eſcritura mais recomendada memoria.

O Santo Biſpo Anſelmo pela devoçaõ às veneraveis cinzas de Matilde, ſe mandou ſepultar na meſma Igreja; ainda que paſſados alguns annos, foy trasladado o ſanto cadaver para a Cathedral de Mantua, onde ſe reſpeita pela dignidade, e pela virtude.

MI-

IV.

MINERVA, Virgem.

CEgos com as trevas do peccado original, tributaraõ os antigos adoraçoens a muitos homens, e mulheres, reconhecendo Divindade na ſabedoria, valor, fermoſura, e outras prendas naturaes, e adquiridas. Aqui tiveraõ origem, e principio a confuſaõ das Hiſtorias com mais antiguidade no Mundo, porque miſturando, e confundindo os ſeus Poetas verdades com mentiras, fizeraõ Deoſes, que veneravaõ com varios nomes para differença das acçoens, eſplendor das heroicidades.

He a razaõ, porque Minerva Virgem, muito diſcreta, e ſabia ſe conhece pelos nomes de Tritona, e Pallas, ſendo a meſma em muitas acçoens illuſtres, que os antigos honraraõ, erigindo-lhe Templos, e dedicando Eſtatuas como a Deoſa da ſabedoria. Querem que houveſſe o numero de cinco, e com eſta confuſaõ de nomes correm as acçoens igualmente, attribuindo-ſe todas a Minerva filha de Jupiter, que floreceo na Africa pelos annos do Patriarca Iſaac, junto do Lago Tritonico, que lhe deu o nome de Tritona. Havia-ſe creado Minerva na Ilha de Thracia,

cia, chamada Pallante de donde ſe lhe derivou o nome de Pallas: porém os Poetas querendo encarecer a pureza deſta Virgem, fingiraõ, que era filha de Pallante, a quem matara por querer macular tanta fermoſura, acçaõ, que lhe dera o nome, fingimento, que lhe celebrou a pureza.

Tiveraõ os Gregos a Minerva por Deoſa da ſabedoria, porque foy a primeira, que introduzio em Athenas as Artes, e as Sciencias. Por muitos ſeculos ſe deu a eſta Cidade o epiteto da douta Athenas, porque mais, que em outra alguma Cidade do Mundo, floreceraõ as letras, e dalli ſahiraõ tambem as leys para os outros Reynos. E como Athenas na lingua Grega val, e ſignifica o meſmo que Minerva, os Athenienſes querendo darlhe mais alta origem, ſe aproveitaraõ da etymologia do nome, dizendo nas ſuas fabulas, que o Oraculo de Apollo Delfico lhe mandara pôr aquelle nome para ſe fazerem dominantes entre as mais naçoens, acclamando Athenas por patria dos ſabios, porque Minerva Deoſa da ſabedoria fora natural de Grecia. O certo he, que o Rey Cecrope fundou Athenas, e foy o primeiro, que teve o titulo de Soberano neſta Cidade, começando a reynar pelos annos do Mundo de 2408.

Aos inventores, ou meſtres das Artes, e Sciencias, de que naõ tinhaõ noticia os povos, que doutrinavaõ, agradecidos a eſte beneficio lhe con-

feriaõ titulos, e davaõ honras de Divindade. Affim deraõ os Gregos a Minerva o titulo de Deofa da fabedoria por inventora, e meftra de algumas Artes, e Sciencias, em que os doutrinou. Minerva foy, como diz Santo Antonino de Florença, quem lhe enfinou a Architectura. Natal Comite, e outros dizem, que inventara a trombeta, e outros inftrumentos de confonancia, e a Arte da Mufica. Ariftoteles efcreveo, que eftando Minerva tangendo flauta junto de huma fonte, como vira nas aguas, que fe fazia muito feya quando foprava o inftrumento, o fizera em pedaços.

Tambem fe attribuîo ao grande engenho defta Heroína o invento, e ufo de todos os officios mecanicos, que eraõ proprios do fexo, como fiar, tecer, cozer, e bordar. Inventou os carros de quatro rodas, as armas brancas, e o modo de as veftirem os foldados para a guerra; ordenar os efquadroens, e mais partes da arte militar daquella idade.

Achou, como dizem alguns antigos, o ufo do ferro, o preftimo da oliveira, e o ufo da azeitona; e por eftes beneficios foy a primeira, a quem fe dedicaraõ Templos, e fizeraõ Eftatuas, fendo a mais famofa a que teve a Fydias por artifice. Era de vinte e feis covados de altura; e no efcudo, que tinha embraçado, fe via a guerra das Amazonas, a Gigantomachia, ou guerra dos Gigantes, e na peanha, ou bafe a guerra

dos

dos Centauros. E para que ſó com a meſma Eſtatua ſe acabaſſe a memoria do artifice, ſe a inveja intentaſſe eſcurecerlhe o nome, ou negarlhe a obra, ſe retratou no peito da Deoſa; que naõ merecia menos culto tamanho homem, dando aos troncos vida, às Eſtatuas alma.

V.

MARCELLA,
Romana.

COmo ſe a nobreza fora proprio, e natural fundamento da virtude, eſtabeleceo o Doutor Maximo da Igreja Saõ Jeronymo o ſeu Diſcipulado na illuſtre deſcendencia de muitos varoens, e ſenhoras Romanas, ſendo Marcella a primeira filha deſte Monacato, pela nobreza deſcendente de muitos Conſules, Proconſules, e Prefeitos de Roma, pela ſantidade exemplar de muitas virtudes nos eſtados de donzella, de caſada, de viuva, e de Mònja. Ainda que ſabemos, que naſceo illuſtre por ſeus pays, ſó achamos eſcrito o nome de ſua mãy, que dando-lhe eſpoſo de igual nobreza, a deixou aos ſete mezes viuva; porèm Albina intentou ſegundas bodas com Cereal varaõ Conſular, e tio do Emperador Graciano, que eſtava entrado em annos, e a pedira por mulher, dizendo, que mais a queria por filha herdeira.

Persuadia-lhe a mãy taõ illustre matrimonio, porém Marcella com desengano, discriçaõ, e agudeza lhe respondeo nesta substancia: „ Que „ o seu desejo era dedicarse a Deos, porque se „ o Mundo a enganasse com as riquezas, e de- „ licias, buscara marido, e naõ herança. Cereal, que soube a reposta, e entendeo, que o despresava por velho, mandou dizerlhe: „ Que os ve- „ lhos podiaõ viver muito, e os mancebos po- „ diaõ morrer logo. Porém a virtuosa matrona tocada do amor Divino, lhe cortou as esperanças, respondendo esta agudeza: „ Que era „ certo, que hum mancebo podia morrer logo; „ porém que mais certeza dava a morte cada „ dia, de que hum velho naõ podia viver muito.

Por este tempo chegou Saõ Jeronymo a Roma, chamado de Saõ Damaso para negocios importantes ao governo da Igreja, havendo quinze annos, que servia no Oriente, como Santo, e Doutor Maximo. A fama de suas virtudes, mais que o valimento de Secretario do Pontifice, o fazia buscado de toda a Cidade, desejando muitas virtuosas matronas communicallo pelo interesse de sua doutrina; e foy Marcella, a que ouvio Jeronymo primeiro, como a Oraculo da vida Monacal, e teve por pay, e mestre de seu espirito, dando ao Monacato Romano illustre principio, sagrado fundamento.

Vendo Jeronymo no coraçaõ de Marcella ateado aquelle incendio de amor Divino, que o Santo

Santo Biſpo Athanaſio introduzio em Roma entre as virgens, e viuvas, referindo as acçoens de Santo Antaõ Abbade, e de ſeus Monges; a diſciplina Regular dos Moſteiros de Pachumio, começou a inſtruilla nos tres votos de pobreza, obediencia, e caſtidade. Como havia de ſer exemplar, e cabeça das mais Heroínas Romanas, que eſperavaõ a ſua reſoluçaõ para a imitarem, e ſeguirem, foy lavrando no coraçaõ de Marcella o edificio do ſeu Monacato, que em taõ pouco tempo aproveitou tanto, que o meſmo Patriarca eſcrevendo a Principia a louva neſta ſubſtancia.

„ Por Marcella ſe vio confundida a cega Gen-
„ tilidade, admirando a viudez Chriſtãa na conſ-
„ ciencia, e mais no traje. As viuvas dos Gen-
„ tios coſtumavaõ pintar os roſtos, veſtir galas,
„ ornar de pedras precioſas, trazer pendentes da
„ garganta grandes collares, das orelhas riquiſſi-
„ mos, e pezados grãos de ouro do mar ver-
„ melho, vaporar fragrancias; e de tal ſorte cho-
„ ravaõ os maridos, que ſe alegravaõ muito de
„ terem perdido a ſugeiçaõ, achado a liberdade.
„ Buſcavaõ logo outros, que ſe lhe ſugeitaſſem,
„ elegendo os mais pobres, para que toleraſſem
„ com paciencia o nome de marido com a in-
„ juria do chichisbêo. Porém Marcella uſou ſó
„ de veſtidos, que podeſſem reparar o frio, de-
„ fender a honeſtidade. Repudiou o ouro até
„ dos aneis de ſeus dedos, depoſitando nas mãos
„ dos

„ dos pobres a riqueza, de que ſó queria fazer
„ perduravel theſouro no Ceo. Sempre ſe acom-
„ panhava de ſua mãy, e ſe ſervia de algumas
„ virgens, e viuvas de mais honeſtos coſtumes,
„ graves, e virtuoſas; advertindo, que os defei-
„ tos das creadas ſaõ argumento do trato das ſe-
„ nhoras.

„ O deſejo de alcançar verdadeira intelligen-
„ cia da Eſcritura Sagrada era inſaciavel, como
„ na lição frequente, e cantava com o Profeta:
„ Eſcondí a tua palavra no meu coração para
„ naõ peccar. Na Ley do Senhor meditarey de
„ dia, e de noite. Os jejuns eraõ moderados,
„ mas grande a abſtinencia de carne, e vinho,
„ que uſava algumas vezes menos por goſto, que
„ remedio para fortalecer o eſtomago debilitado
„ com a frequencia das enfermidades. Do reti-
„ ro de ſeu Palacio raras vezes ſahio a publico,
„ mas ſempre ſe eſcuſava entrar em caſas nobres,
„ por ſe negar a ver, o que tinha deſprezado.
„ Continúa o Santo a Epiſtola, dizendo: Que
„ paſſados alguns annos, primeiro ſe achara an-
„ ciãa, que ſe lembraſſe, que fora donzella, lou-
„ vando a ſentença de Plataõ, quando diſſe: Que
„ a Filoſofia era meditaçaõ da morte.

„ Aſſim paſſou as primeiras idades, viven-
„ do como quem havia de morrer, e veſtindo
„ como quem ſe havia de amortalhar, e jazer
„ na ſepultura. Finalmente, porque me leva-
„ raõ a Roma dependencias da Igreja com os
„ Santos

„ Santos Biſpos Paulino, e Epiphanio, e eu com
„ vergonha declinaſſe a viſta das mulheres no-
„ bres, venceo com induſtria a minha diſplicen-
„ cia, como diz o Apoſtolo, opportuna, e im-
„ portunamente.

Naõ ſó foy Santa, mas na Eſcritura Sagrada doutiſſima; e como era naquella idade o livro commum das ſenhoras Romanas, e Jeronymo o Oraculo da Theologia expoſitiva; a grande liçaõ, e agudo engenho de Marcella lhe fazia propor varias, e difficeis queſtoens, que o Santo Doutor ouvia, e reſolvia goſtoſo, admirando a fineza do diſcurſo, o elevado do juizo. Fazialhe mayor a ſede, e mais applicado o eſtudo, como heroica diverſaõ às ſuggeſtoens do inimigo das virtudes, evitando ocioſidades, e penſamentos, que podiaõ ſoçobrar o coraçaõ de huma ſenhora, que tinha deixado tanto de riquezas, e de vaidades. Quero expreſſallo com palavras do meſmo Santo na Epiſtola a Principia.

„ E porque tinha algum nome (falla de ſi)
„ no eſtudo das letras ſagradas, nunca eſteve co-
„ migo, que naõ perguntaſſe alguma intelligen-
„ cia, ou difficuldade, naõ ſe contentando logo,
„ porque movendo novas duvidas, contendia pa-
„ ra entender melhor as ſoluçoens. Que naõ
„ achey em Marcella de virtude? Que de ge-
„ nio, e engenho? Que de ſantidade, e de pu-
„ reza? Envergonho-me de referillo por exce-
„ der a fé, e credulidade. Eſte conceito deve
ſer

ſer a regra porque devemos medir a esféra, que occupava Santa Marcella na claſſe das virtudes, e das letras.

Para ſe dar mais livremente a eſtes exercicios, ſeparando-ſe de huma vez do commercio, e trato das gentes, ſe retirou com as virgens, e ſenhoras Romanas, que a ſeguiaõ no propoſito de deixar o Mundo, a huma quinta fóra dos muros de Roma, começando aquella vida Celeſtial (como diz a Igreja) que Jeronymo em Bellem enſinou, e eſtabeleceo em Roma. Pio Rubio Autor antigo, e grave, o refere neſtas breves clauſulas: „ Ainda que alguns annos antes ha- „ viaõ dado noticia em Roma do Monacato dos „ Padres Egypcios Athanaſio, e Pedro Biſpos de „ Alexandria; eſta reforma de vida nova, e naõ „ uſada carecia de meſtre para a enſinar, e pro- „ pagar. Depois, que eſtes Santos Biſpos vol- „ taraõ para as ſuas Igrejas até o preſente tem- „ po naõ foy obſervado de alguma peſſoa; po- „ rém entrando Jeronymo neſta Cidade, ſe le- „ vantou o edificio do Monacato com profun- „ das raizes pela doutrina de taõ grande Princi- „ pe, e pay; e Roma como outra Jeruſalem, „ reſplandeceo por todas as partes com as vir- „ tudes de ſeus Monges.

Que Analyſis ſe naõ convencerá, ou que eſcudo por mais impenetravel, que ſe conſidere, poderá reſiſtir à violencia, e força de huma antiguidade ſyncera, e deſapaixonada, que peza todo

todo o conceito, que ſe faz de ſeu Autor por douto, e verdadeiro. Porém ſenaõ baſtar para quem ſe defende, e offende a olhos fechados, e ſe guia por outro cego ſem eſperança de lhe amanhecer a luz da razaõ; a Luz da Igreja, que foy Maxima em illuminar cegueiras, o diz ſe o quizerem entender, na Epiſtola a Principia. „ A „ quinta no ſuburbio da Cidade de Roma vos „ ſervio de Moſteiro (falla com Marcella) e aſ- „ ſim viveſtes muito tempo de modo, que pe- „ la converſaõ de muitos nos alegramos de ver „ a Roma, qual outra Jeruſalem chea de Moſ- „ teiros de virgens, innumeravel multidaõ de „ Monges, tanto, que pela frequencia dos que „ ſervem a Deos, o que antes era ignominia, „ he já gloria.

O que negar eſtes primeiros principios, e que foy Saõ Jeronymo o Patriarca do Monacato Romano, como provaõ os eruditiſſimos Chroniſtas deſta ſagrada Religiaõ Fr. Hermenegildo de Saõ Paulo na ſua Origem, e Fr. Paulo de Saõ Nicoláo nos Siglos Geronymianos, bem póde ſer caſtigado pela ſentença de Ariſtoteles por confundir, e negar a verdade, turbando as aguas na fonte, o cryſtal na origem. Naõ faça duvida ao Leitor nomear o livro da origem deſta Religiaõ, dizendo com ſolta penna os ſeus contrarios, que fora queimado em Roma. Que foſſe prohibida a liçaõ deſte livro, conſeguiraõ os que cegavaõ com tanta luz; porém a tres de Ou-

tubro de 1675. se passou em Roma o Decreto para poder correr expurgado, como escreveo no livro, que se intitula: *Instrucçaõ Prévia* aos Leitores da instrucçaõ historica do P. M. Fr. Gregorio Argais Benedictino, e he o testemunho da permissaõ: *Correctio libri, cui titulus: Origen, y continuacion del instituto, y Religion Geronymiana, Autore Hermenegildo á Santo Paulo.*

Logo diz, o que se ha de riscar, e conclue o Censor dizendo: *Quibus deletis censeo librum prædictum permitti posse, &c.* A fé, e testemunho do Secretario da sagrada Congregaçaõ de Indice, diz assim: *Sacra Indicis Congregatio habita in Palatio Apostolico Quirinali sub die tertia Octobris 1675. censuit supra dictum librum P. Hermenegildi denuo imprimi posse, & permitti, dummodo prius ab Autore corrigatur, juxta supra scriptam correctionem. In quorum fidem. † Dat. in Pal. Apostolico Quirinali die 10. Januarii 1676. Fr. Thomas Camottus, Ordin. Prædicatorum Sacr. Cong. Secretarius.*

Foy esta a primeira vez, que por testemunho autentico, e segura autoridade, como a de Saõ Jeronymo, se ouvio o nome de Mosteiro em Roma. As virgens consagradas a Deos anteriores a este seculo viviaõ na companhia de seus pays, ou de outras donzellas em recolhimento, como edificou a Princeza Constancia, junto ao sepulcro de Santa Ignez; porém Marcella logo, que tomou o nome de Monja, e seguio o instituto, que Saõ Jeronymo estabeleceo em Bellem,

trocou

trocou a quinta em Mosteiro, vivendo em commum com as filhas de sua disciplina. Em breves annos se vio Roma povoada de Mosteiros, reconhecendo por Mestre, e Patriarca a Saõ Jeronymo, que assistia na Igreja de Santa Anastasia com Vincencio Monge Presbytero, seu irmaõ Pauliniano, e outros Monges, como escreve Pancirolo. Francisco Bivar com fortes argumentos prova, que foy Cardeal titular desta Igreja, donde se venera hum Caliz de Proçolana, com que celebrava o incruento Sacrificio da Missa, affirmando, que o lera assim muitas vezes em huma taboa, que estava pregada nas paredes do mesmo Templo. Naõ me detenho mais, porque na vida, que escrevemos deste Patriarca, determino provallo largamente, deixando a emulaçaõ confusa, a maledicencia castigada.

Só dizemos, o que basta a satisfazer a duvida dos escrupulosos deste Monacato, porque naõ achem menos o Mosteiro, donde o Santo Doutor lhe dera principio em Roma. Aqui passou alguns annos servindo de Secretario ao Pontifice Saõ Damaso, respondia às duvidas, e controversias dos Synodos; aqui o consultavaõ as filhas de sua disciplina, as santas matronas Paula, Melania, Marcella, Eustochio, Blezila, Fabiola, Leta, e Demetriade; e podiamos fazer o poblema, em qual destes empregos servia mais a Igreja, sendo Oraculo da sabedoria, ou da santidade? Sigaõ os seus Panegyristas qual-

quer das partes, que o engenho lhe deſcubrir mais heroica; que ſó me he licito dizer, que naõ houve Patriarca, que mais trabalhaſſe no ſerviço da Igreja com a maõ na penna, ou com a pedra na maõ.

Pelo conhecimento da lingua Hebrea, que lhe havia dado Saõ Jeronymo, começou Marcella a goſtar tanto das delicias eſpirituaes, que ſe eſcondiaõ na Eſcritura Sagrada, que eraõ de cada dia as queſtoens, que lhe propunha; talvez, permittindo Deos, que por eſte meyo deixaſſe Jeronymo enriquecidos os monumentos ſagrados da Igreja. Hum dia, que o Santo lhe explicava o Pſalmo noventa, diſſe, que no texto Hebreo ſe lia o nome Sadai pelo nome de Deos, e que era hum dos dez Soberanos, com que Deos ſe denominava na Eſcritura. Pediolhe Marcella a interpretaçaõ de todos, e nos deixou em huma breve Carta a perfeita intelligencia. Tambem nos deixou a dos nomes Alleluya, Amen, Maran, Atha, Ephod, e Diapſalma à inſtancia de Marcella; e como Deos lhe havia illuſtrado o entendimento, o conſultava menos curioſa, e mais intereſſada.

Por eſte tempo faleceo o Pontifice Damaſo, e logo começaraõ os Remobitas, que ſó de Monges conſervavaõ o nome, a perſeguir o verdadeiro Monacato. Haviaõ-ſe acabado as dependencias, que tiraraõ a Jeronymo de Bellem para Roma; e deixando encomendado a Marcella

ſa o inſtituto, que deixava propagado, voltou de Roma para Bellem, paſſando a viver na companhia de ſeus Monges, que ſobiraõ a numero taõ exceſſivo, que ſe povoaraõ os deſertos, e Cidades de Moſteiros.

Naõ foy acaſo negarſe Marcella a hir viver a Bellem, como lhe rogara Santa Paula, mas providencia, porque Deos a queria fazer inſtrumento contra Rufino Aquileyenſe para deſvanecer a hereſia, que enſinava, ſemeando naquella Cidade os dogmas do Periarchon de Origenes. Havia Rufino apoſtatado o Inſtituto Bethlemitico de Jeronymo; e ainda que muitos dos diſcipulos do Santo, que viviaõ em Roma, trabalhavaõ pela verdadeira doutrina; Marcella douta, e ſanta com reſoluçaõ heroica, ſe lhe oppoz declaradamente, conſeguindo pela peſſoa, e pela autoridade do talento, e do eſpirito, que o Papa Syricio condemnaſſe a Rufino por hereje, ficando Marcella vitorioſa, a Igreja triunfante.

Voltando Alarico Rey dos Godos as armas ſobre Roma, experimentaraõ ſeus moradores primeiro o eſtrago, que temeſſem o perigo, padecendo igualmente vidas, fazendas, e honras, ſem diſtinguir o barbaro furor dos infieis o profano do ſagrado. Alguns Monges, que ſobreviveraõ ao eſtrago, porque muitos padeceraõ o martyrio, ſe retiraraõ a Bellem. Marcella ainda que ficou roubada, e ferida pela crueldade dos ſoldados, que pediaõ com violencia, e

rigor

rigor barbaro as riquezas eſcondidas, ſe deixou ficar no ſeu Moſteiro, dando graças a Deos daquelle grande caſtigo, e trabalho, que foy origem da morte feliciſſima, que teve aos 31. de Janeiro de 412. como ſe eſcreve no Martyrologio Romano com eſta clauſula pelo mayor elogio de ſuas virtudes: Em Roma Santa Marcella viuva, cujos louvores eſcreveo Saõ Jeronymo.

VI.

MARPEZIA,

Rainha das Amazonas.

A Primeira Rainha, que houve entre as Amazonas, que floreceraõ na Aſia, foy Marpezia irmãa de Lampedo, que tambem reynou com alternativo Imperio, e igual poder na paz, e na guerra; ſendo taõ bellicoſas, e guerreiras, que os antigos lhe deraõ por pay a Marte, por patria a Scythia. Tiveraõ alguns Autores por fabuloſo o reynado deſtas mulheres; porém he veriſimel, que na Aſia, na Africa, e na America houve Amazonas, que deraõ nome ao famoſo Rio do Graõ Pará, que traz a origem do Perú; e neſta conquiſta, que foy primeiro dos Caſtelhanos, reynando Carlos V. ſe refere, que penetrando o continente hum Capitaõ, chamado Fran-

Francisco de Arelhano, encontrara hum valeroso esquadraõ de mulheres armadas de arcos, e settas, que lhe disputaraõ o descubrimento com morte de alguns soldados, que lhe fizeraõ mais encarecida a vitoria, menos glorioso o triunfo.

Este encontro de Francisco de Arelhano deu nome ao Rio do Graõ Pará de Rio das Amazonas; e pela origem, e verdade de nossas Historias menos encarecidas, e sempre diminutas, se faz crivel, o que se refere destas Heroínas. O que naõ se alcança he o principio, ou occasiaõ, que tiveraõ as Amazonas da Africa, e da America para se negarem aos exercicios do sexo; como consta, e referem graves Autores, a origem, com que se fizeraõ guerreiras as mulheres da Scythia nesta substancia.

Eraõ os Scythas por natureza, e arte bellicosos; e como se governavaõ dependentes de dous soberanos companheiros no Imperio, alguma occasiaõ, que se ignora totalmente, os fez competidores, discordia, que parou em huma guerra civil, e disputada com grande mortandade. Seguiaõ a parte vencida, e desbaratada Plinos, e Cholopiches, excellentes varoens, que se desterraraõ da patria com huma grande multidaõ de gente, que os seguio até Cappadocia, provincia da Asia menor, e povoaraõ os campos, e ribeira do Rio Tremodonte.

Fizeraõ-se pezados aos naturaes pelos roubos, de que viviaõ; e naõ podendo sofrer mais tempo

po as violencias dos Scythas, ſe conſpiraraõ com tanto ſegredo, e engano, que em breves dias foraõ quaſi todos mortos. Chegou à Scythia a voz daquelle eſtrago, que as mulheres lamentaraõ, e ſentiraõ com tanto extremo, que de commum acordo determinaraõ vingar a morte dos pays, maridos, e parentes, fazendo-ſe pelas armas formidaveis primeiro aos naturaes, depois aos eſtranhos.

Ouviraõ os Aſiaticos com deſprezo a vaga noticia do numeroſo exercito, que tinhaõ formado as mulheres da Scythia; porém experimentando o ſeu valor, depois conheceraõ, que naõ ſe deve deſprezar o inimigo pelo conceito, que ſe faz do esforço alheo, perdendo com as vidas as fazendas, os que ſobreviveraõ ao eſtrago, huns a patria, outros a liberdade. Povoaraõ os meſmos campos, e margens do Tremodonte; e como perderaõ o medo aos homens, a cubiça deſpertou mais o valor para mayores emprezas, entrando pelas terras do inimigo, que ſugeitaraõ pelas armas, fazendo glorioſas conquiſtas naõ ſó deſte Reyno, mas ainda de outras Cidades, e Provincias; occaſiaõ, que tiveraõ os Hiſtoriadores para ſe encontrarem differentes, parecerem fabuloſos.

Animadas com a vingança, e primeira conquiſta, elegeraõ entre ſi quem as governaſſe na paz, e na guerra com forçada obediencia; e querendo eſtabelecer Imperio, ſobiraõ ao throno

com

com as honras de ſoberana, e nome de Rainha a Marpezia, e a Lampedo irmãas no ſangue, no poder companheiras, no valor ſemelhantes. Mas conhecendo, que ſe naõ podiaõ conſervar ſem geraçaõ, e deſcendencia, reſolutas em viver livres, deraõ no arbitrio de ſe ajuntarem em certo tempo do anno com os homens dos povos mais viſinhos, até que ſe achavaõ pejadas, havendo pacteado, que parindo filhos varoens, os entregariaõ a ſeus pays para os mandar crear; e parecendo-lhe ainda grande ſugeiçaõ, e dependencia, logo da primeira idade os enfraqueciaõ com induſtria, fazendo-os inhabeis para as armas. Trocavaõ-lhe tambem os exercicios, enſinando-lhe a cozer, e fiar, com outras artes improprias ao ſexo; mas depois, que chegavaõ aos annos de poderem caſar, lhe ſerviaõ para a deſcendencia, como Antiana reſpondeo aos Scythas, que lhe offereciaõ amiſade, dizendo: Que para a geraçaõ lhe baſtavaõ os coxos, e aleijados.

As filhas eraõ creadas com tanto diſvelo, e cuidado para a guerra, que logo dos primeiros annos lhe cauteriſavaõ o peito eſquerdo para fortalecer o braço, e naõ lhe fazer eſtorvo ao uſo das armas. Eſte ſacrificio, que faziaõ a Bellona da primeira idade, lhe deu o nome de Amazonas, porque o A quer dizer ſem, e Mazona quer dizer mama; como ſignificando a falta, ou privaçaõ da teta, que lhe cauteriſavaõ para naõ creſcer, endurecendo aquella parte, que ſerve a

K flechar

flechar o arco, e deſpedir a ſetta.

Para crearem de poucos annos robuſtas forças, exercitavaõ as filhas na caça, enſinando-lhe logo a tratar, e caſtigar a fereza dos cavallos com outras artes varonís, e guerreiras. Aprendiaõ tambem a tocar flauta, que era o inſtrumento bellico, de que uſavaõ nas Campanhas. Os eſcudos, com que ſe armavaõ de guerra, tinhaõ a fórma de meya Lua, e ſe faziaõ taõ deſtras, robuſtas, e valeroſas, que ſenhorearaõ grandes Provincias, edificaraõ famoſas Cidades, contandoſe Epheſo pela mais celebre da Aſia.

De Marpezia, e Lampedo naõ ſe refere particular acçaõ, ainda que foraõ as primeiras Rainhas, que deraõ glorioſo principio a eſte imperio, eſtabelecendo leys, conquiſtando Cidades, e vencendo glorioſas batalhas. Floreceraõ eſtas Rainhas, governando Ragau em Italia: e ainda que ſe naõ encontra o fim, que teve Lampedo, ſe eſcreve de Marpezia, que vendeo cara a ſua morte em huma repentina invaſaõ de barbaros, acabando com infelice fortuna em glorioſa defenſa, fazendo ſaudoſa eſta memoria.

MA-

VII.

MARIA MAGDALENA GABRIELA.

MAria Magdalena Gabriela de Rochechovart Abbadeſſa de Fontevrolt, filha de Gabriel Rochechovart, Duque de Mortemar, e Par de França, foy huma das mais illuſtres Heroínas, com que ſe honra a Corte de Pariz, que lhe deu o naſcimento, pois nella ſe uniraõ felizmente com prodiga liberalidade todas as prendas, que a natureza coſtuma repartir pelo ſexo. O entendimento era fertiliſſimo, e agudo; a memoria tenaciſſima, com huma natural inclinaçaõ para todas as ſciencias, de que foy precioſiſſimo theſouro. As flores de ſeu engenho moſtrou na facil comprehenſaõ das linguas Latina, Grega, Italiana, e Eſpanhola, que lhe pareciaõ naturaes, ou familiares na pronuncia, e na intelligencia.

Nas Filoſofias antigas, e modernas, Theologia eſcolaſtica com as opinioens, que defendem as Eſcolas, alcançou em pouco tempo grandes noticias. Teve boa liçaõ da Eſcritura Sagrada, e para mayor intelligencia dos Myſterios, e ſegredos Divinos, revolveo os erarios, ou eſcritos dos Santos Padres, adquirindo huma grande erudiçaõ, e hum fiel conhecimento dos eſtylos, e methodo de todos com os aſſumptos, e mate-

rias, que tratavaõ nas ſuas obras.

No tempo, em que ſe recreava, era ſeu commum divertimento os Autores profanos, ſendo Plataõ entre todos quem lhe levava mais os olhos, e as horas pela eloquencia, e pelas ſombras, de que veſtia a verdade, empenhando-ſe o ſeu fecundo engenho com huma ſubtil delicadeza em a fazer mais clara, e mais formoſa com a luz das moralidades. De Homero tambem fazia goſto, e paſſatempo para diverſaõ de ſeus mayores eſtudos.

Todas eſtas qualidades naturaes, e adquiridas ſuſtentava huma grande virtude, qual era neceſſaria para o governo da Ordem, a que fora chamada por Deos. Em dezaſeis de Agoſto de 1670. a elegeraõ Abbadeſſa do Moſteiro de Fontevrolt da Ordem de Saõ Bernardo, donde recebera o habito de poucos annos. Aqui moſtrou os quilates de prudencia, que tocava o ſeu juizo, adminiſtrando eſta Abbadia, de que era Cabeça, e Geral, porque naõ ſó conſtava de mulheres, mas tambem de homens eſta grande Congregaçaõ, que lhe deveo toda a policia Regular, e Economica.

Naõ ſó mandou conduzir homens doutos para os doutrinar nas letras Divinas, e humanas, mas com ſeus eſcritos, e exhortaçoens os animava, e perſuadia ao eſtudo das ſciencias, e em breve tempo ſe viraõ florecer em Fontevrolt as bellas letras. Os eſcritos, que havia deixado, e com-

e composto para a Regular observancia de seus Monges, em que fallava pelos Oraculos das leys preciosos, e sentenciosos, alguns Prelados os receberaõ para governo das suas Congregaçoens.

As cartas circulares sobre a morte de seus Monges, e Mongas honravaõ a memoria de cada hum, e faziaõ admirar a fecundidade de seu engenho. Ordenou humas exhortaçoens domesticas, que eraõ huma bella idéa da verdadeira eloquencia para o pulpito. Os escritos, que escaparaõ ao fogo, a que sua grande humildade os condemnou, foraõ algumas obras da piedade moral, e critica; muitas doutas traducçoens; maximas para o governo da vida Regular, e algumas obras Academicas, que faziaõ huma avultada collecçaõ. Fechou o circulo de sua vida com huma preciosa morte aos 15. de Agosto de 1704. fazendo 59. annos de idade.

VIII.

MARIA DE JESUS.

MAria de Jesus veneravel por suas virtudes, e celebre por Chronista da Virgem MARIA, de que tomou o nome no bautismo com especial Providencia, nasceo a dous de Abril de 1602. em Agreda, Villa de Castella a velha, antiga, e nobre. Eraõ seus pays Francisco Coronel, e Catharina

de

de Arana igualmente nobres, na virtude ainda mais illuſtres.

Na creaçaõ de Maria tiveraõ ſeus pays affectuoſo, e particular cuidado pelo extraordinario jubilo, que ſentio Catharina em ſeu coraçaõ, quando paſſados os dias para convalecer das moleſtias do parto, ſahio de caſa a offerecer no Templo aquelle eſpecioſo fruto. Com eſpirito preſago do futuro, ſe perſuadio Catharina, que a maõ de Deos ſinalara aquelle parto entre os mais filhos, para que tiveſſe mais cuidado na ſua educaçaõ, como ſe effectuou pela virtuoſa matrona, que na ultima idade fazia goſto de narrar a hiſtoria deſte ſucceſſo, a certeza do ſeu vaticinio.

Anticipou Deos os favores aos annos de Maria, illuſtrando-lhe o entendimento primeiro, que a natureza ſe aperfeiçoaſſe com o uſo da razaõ. E ſendo Deos o primeiro objecto de ſeu conhecimento, igualmente lhe communicou forças à vontade, á memoria retentiva. Neſta viſaõ, em que Deos ſe conſtituîo Meſtre deſta prodigioſa mulher, lhe communicou todos aquelles dons, que lhe eraõ neceſſarios para a fabrica de huma vida eſpiritual, com a eminencia a que chegou, ſoberanía a que ſubio.

De ſeis annos começaraõ as enfermidades a mortificarlhe a carne, para que naõ tomaſſe forças, e fizeſſe guerra a ſeu eſpirito, que ſe alentava com a memoria da Paixaõ do Redemptor

em

em o continuado martyrio de grandes dores, e ardentes febres, que padeceo logo da puericia. Ainda que era consideravel o estrago, com que as molestias lhe prostravaõ a saude, os pays cuidadosos na educaçaõ, lhe ensinavaõ os principios da doutrina Euangelica, instruindo-a com frequencia nos Mandamentos da Ley de Deos, e preceitos da Igreja, sem faltar às occupaçoens do estado, que eraõ convenientes à idade, proprias ao sexo.

A prudente mãy, que a fazia applicar a estes exercicios, reparou com aguda reflexaõ, que parecendo Maria inutil para as operaçoens da vida politica, era só habil para as que eraõ naturaes da vida Christãa, e Religiosa. E concebeo em seu coraçaõ, que algum segredo superior se occultava na docilidade, e gosto, com que aprendia facilmente a arte de cultivar o espirito, parecendo rude, e sem engenho para outra qualquer arte.

Com este pensamento se desvelava mais na boa educaçaõ de Maria a virtuosa mãy; e começou a levalla na sua companhia a todas as funçóes, e actos de devoçaõ, e piedade, admittindo-a à frequencia dos Sacramentos, e a todo o exercicio espiritual; e ainda assim se retirava muitas vezes no mesmo dia a hum solitario aposento, que fizera deposito de algumas estampas, e imagens dos Santos com outros relicarios, formando seu Oratorio, donde se recolhia a fazer

oraçaõ.

oraçaõ. Com as luzes, que recebia ſeu eſpirito, ſe lhe augmentava o deſejo de adquirir mais virtudes, procurando com diligencia exercitar os ſeus actos, como Deos lhe inſpirava, ſeu amor lhe pedia.

Contaria oito annos de idade, quando em a noite de Natal, achando-ſe na preſença do Menino Deos naſcido, e contemplando, que havia por ſeu amor obrado a fineza da uniaõ hypoſtatica, querendo com affectos de agradecimento correſponder àquelle amor infinito, lhe occorreo, ou lhe inſpirou o meſmo Deos, ſeria de ſeu agrado lhe conſagraſſe ſua virginal pureza. Com o ſagrado eſtimulo deſta luz interior lhe fez voto de perpetua caſtidade, effeituando-ſe eſta heroica acçaõ; tomando por teſtemunhas da fé de ſeu deſpoſorio a Virgem MARIA, e ſeu caſtiſſimo Eſpoſo S. Joſeph, com outros muitos Santos, que a ſua devoçaõ elegera patronos, entaõ conſtituira fiſcaes.

Tanto ſe adiantou aos annos a virtude, que de doze pedio a ſeu Confeſſor, lhe enſinaſſe como ſerveria melhor a ſeu Eſpoſo. Era o Confeſſor varaõ eſpiritual, e conhecendo o fervoroſo affecto da menina, começou a inſtruilla no caminho da perfeiçaõ pelas regras da Theologia Myſtica, que deixaraõ os Santos, eſcreveraõ os Doutores. Já era vulgar a fama de ſuas virtudes, e naõ podendo encobrir mais os deſejos de deixar o Mundo, declarou a ſeus pays

a conſ-

a conſtante vocaçaõ de ſer Religioſa.

Os pays, que eraõ virtuoſos, aſſentiraõ uniformes na vocaçaõ do eſtado, que deſejava, moſtrando o goſto na promptidaõ, com que logo diligenciaraõ tomaſſe o habito de Carmelita Deſcalça no Convento de Santa Anna da Cidade de Tarrazona. Mas como Deos em o ſegredo inexcrutavel de ſua Providencia determinava ſervirſe de toda aquella familia, fallou ao coraçaõ de Catharina máy de Maria, communicando-lhe, que era de ſeu agrado lhe conſagraſſe a caſa da ſua habitaçaõ em Convento de Religioſas, donde tomaſſe o habito, e ſuas filhas; o marido, e ſeus filhos na Religiaõ do Serafico Patriarca Saõ Franciſco.

Teve grandes contradiçoens a obra, porque naõ era ſufficiente quantidade a riqueza de Franciſco Coronel para ſe acabar o edificio; e o Demonio aſtuto, e ſagaz, adminiſtrava eſtorvos, embaraçando diſpendio taõ heroico, liberalidade taõ qualificada. Como Deos era o Autor daquella obra, convieraõ ſem contradiçaõ os Prelados, Ordinario, e governo da Villa na fundaçaõ do Convento, que teve principio aos dezaſeis de Agoſto de mil ſeiſcentos e deſoito, e nos principios do mez de Dezembro do meſmo anno ſe lhe deu fim, naõ excedendo a aria das proprias caſas a fabrica humilde do edificio.

Diſpoz a Providencia com myſterioſa idéa, que tiveſſe complemento entre as feſtividades da

Assumpçaõ, e Conceiçaõ da Senhora, em cujo dia se celebrou a primeira Missa em a nova Igreja, porque Maria de Jesus havia de escrever a Historia da vida mortal da mesma Senhora, principiando do tempo, em que fora concebida, até a hora, em que subio ao Ceo triunfante, e gloriosa.

Este Mysterio da Providencia, occulto nesta admiravel fundaçaõ, revelou Deos a Maria de Jesus muito depois, determinando, que tivesse aquelle Convento naõ só a vocaçaõ de sua mãy, mas que o seu instituto fosse da Conceiçaõ da mesma Senhora, podendo ser da Ordem de Santa Clara, Religiosas calçadas, e naõ descalças, como a Veneravel Catharina, e suas filhas determinaraõ, heroicamente resolveraõ. Logo que chegaraõ do Convento de S. Luiz de Burgos da Ordem da Immaculada Conceiçaõ, tres fundadoras, se consagraraõ a Deos em o novo Convento de Agreda as tres victimas Catharina do Sacramento, Maria de Jesus, e Jeronyma da Trindade, entrando na Oitava da Epiphania, que foy aos treze de Janeiro de *1619.* a tomar o habito, e fazer Communidade.

Em o Noviciado recebeo Maria muitos favores do Ceo a custo de muitas tribulaçoens antecedentes; e caminhando à virtude com agigantados passos, foy a sua primeira attençaõ huma pontual assistencia nas horas do Coro, e actos da Communidade, sem faltar aos exercicios especiaes de Noviça. O tempo, que lhe vagava dos

pre-

preceitos da obediencia , consumia em obras de piedade, liçaõ dos livros espirituaes , oraçaõ mental, devoçoens particulares, ou rigores de penitencia.

Chegou o anno de 1620. e deferio-se a profissaõ para dous de Fevereiro, em que Maria Santissima offereceo no Templo a Deos Padre seu precioso Filho, como a Ley mandava. Neste dia se offereceraõ tambem a Deos no acto da sua profissaõ Catharina, e Maria; que Jeronyma ainda naõ tinha idade competente para o ultimo sacrificio dos tres votos solemnes. Assistio já professo o Veneravel Fr. Francisco do Santissimo Sacramento, que neste sobrenome trocou o appellido de Coronel o pay de Maria, e esposo de Catharina tambem do Sacramento, para que em tudo se unissem as vontades, correspondessem os affectos.

Empenhada Maria de Jesus do novo estado a toda a perfeiçaõ para os fins heroicos, a que era chamada logo de nascimento, começou Deos a lavrar este diamante com o sinzel das tribulaçoens, dando-lhe enfermidades prolixas, e permittindo, que o Demonio lhe fizesse continua, e visivel guerra, apparecendo-lhe com formas horriveis, e espantosas, atormentando-a, e maltratando-a no corpo para lhe impedir os exercicios da virtude, interesses da alma. No meyo destes combates lhe concedeo o Esposo extraordinarios favores, sendo admiravel a alternativa de

trabalhos, e Celeſtiaes conſolaçoens, recebendo de dia em dia ſeu abrazado eſpirito mais, e mais favores, com que ſe alentava, admiraveis doutrinas, com que mais ſe inſtruîa.

Naõ ſe póde reduzir a breves periodos a grandeza de eſpirito, a que ſubio eſta prodigioſa mulher a todos os ſeculos famoſa pelas viſoens, pelos raptos, pelas virtudes, pelos milagres, e pelos ſerviços, com que illuſtrou a Igreja Catholica, fez mais eſclarecida a Religiaõ Serafica. Elevado aſſim ao eſtado da perfeiçaõ o generoſo eſpirito de Maria, o Senhor a enriqueceo com os dotes de huma ſciencia infuſa, dando-lhe claro conhecimento de tudo quanto havia creado do Ceo Empyreo até o centro da terra.

Foy taõ grande a luz da ſabedoria na intelligencia da Sagrada Eſcritura, que quando rezava o Officio Divino entendia muitos Myſterios eſcondidos debaixo dos enigmas, figuras, e tropos da Rhetorica. Applicava qualquer texto da Eſcritura com tanta intelligencia, que os Prelados, os Confeſſores, e alguns homens doutos ſe admiravaõ, e fizeraõ experiencia deſta maravilha, examinaraõ as qualidades deſta graça.

Naõ teve dom de linguas, porém da Latina teve perfeita ſciencia, porque na traducçaõ dos textos da Eſcritura era com a meſma propriedade, e elegancia, que tinha na vulgar, e Caſtelhana. Uſava com nova admiraçaõ dos termos, que eraõ mais proprios da Theologia Eſcolaſtica, e Myſtica.

Foraõ

Foraõ admiraveis os effeitos desta sabedoria, como se viraõ no tratado, que escreveo debaixo da metafora da edificaçaõ do Templo de Salamaõ, que tinha por titulo: Leys da Esposa, apices de seu casto amor, e doutrina da Divina Sciencia. Deixou outro tratado incompleto, a que chamou Escala, em que refere os avisos, que o Senhor lhe dava para seguramente caminhar pela estrada das virtudes, e gráos por onde sobia à perfeiçaõ, com utilissimas doutrinas, singulares maximas.

Foy Maria de Jesus quem escreveo a Historia, ou descripçaõ da Mystica Cidade de Deos, MARIA Santissima, composiçaõ, que teve principio no anno de 1637. havendo dez, que o Senhor lhe encomendava esta grande obra, para que fora predestinada; dando-lhe huma taõ rara affluencia de Divina luz, intelligencia dos Mysterios, que havia de escrever, que em vinte dias ordenou a primeira parte, naõ cabendo em o tempo taõ dilatada escritura, grande, e utilissima obra. Estas prendas de seu juizo, e capacidade, com a fama de suas virtudes, e milagres, lhe adquiriraõ tanta veneraçaõ, que ElRey Filippe IV. de Castella a visitou, e correspondeo.

O Clero, nobreza, e povo na ultima enfermidade, que padeceo, bem mostrou a gratidaõ, que devia à sua beneficencia, fazendo a Deos publicas preces, e solemnes procissoens pela vida, e saude desta Heroína, que predizendo a

sua

ſua morte, ſe diſpoz a eſperalla com todos os Sacramentos, falecendo com grandes demonſtraçoens de bemaventurada aos 24. de Mayo de 1665. em dia do Eſpirito Santo, à hora da Terça, contando ſeſſenta e tres annos de idade, quarenta e ſeis de Religiaõ, e trinta e cinco de Prelada. Com a primeira noticia de ſua morte, correo ao Moſteiro numeroſiſſimo concurſo de gente, e expoz-ſe o ſanto Cadaver no Coro debaixo para deſafogo da devoçaõ dos Fieis, que na vida lhe davaõ o titulo de ſanta, na morte o culto de advogada.

IX.

MARIA PUTEOLANA.

PElos annos da era de Chriſto de 1340. em que vivia o famoſo Poeta Franciſco Petrarcha, floreceo a bellicoſa Maria Puteolana, natural de Puteoli, Cidade da Provincia de Campania, filha de honrados pays, que deixou ennobrecidos pelas acções, com que ſe fez recomendada na poſteridade, merece neſte publico Theatro particular memoria, adquirindo pelas armas illuſtre nome, eſclarecida fama. Da primeira idade começou logo a exercitar a milicia, como a illuſtre Camilla Rainha dos Volſcos; e ainda que eraõ alheos do ſexo os trabalhos, e

vigilias

vigilias de huma taõ laborioſa vida, ſe fez ainda mais admiravel naõ havendo perigo, que temeſſe, trabalho, que a debilitaſſe.

No comer guardou ſempre huma religioſa parcimonia, e no beber ſe abſteve dos ſacrificios de Bacco, ſem faltar nunca aos prefumes, e holocauſtos de Bellona. Era de poucas palavras, e menos converſaçoens com mulheres, moſtrando diſplicencia ao ſexo, porque já mais teve outros exercicios, que os varonís, e guerreiros; e fazendo ſó goſto, e divertimento do jogo das armas, adquirio na arte militar ſciencia, nas occaſiões de valor illuſtre memoria.

Paſſava na campanha muitas noites em huma continuada vigilia, e quando a natureza ſe opprimia do ſono, deſcançava ſobre a terra, ou ſobre o eſcudo, que lhe ſervia humas vezes de defenſa, outras de cama. Refere-ſe deſta Heroína o meſmo, que de Annibal, porque naõ tinha deſcanço, nem admittia novo cuidado antes de vencer, ou acabar a primeira empreza, a que dera principio, ſem primeiro lhe dar fim glorioſo, ou diſgraçado.

Naõ temeo perigo, ou ſoube disfarçar o temor nas occaſiões de peleija, porque ſempre a viraõ entrar com alegre ſemblante nos perigos, com deſtemido valor nas batalhas. Ainda que muito ſe deleitava com a viſta dos homens bem armados, e luzidos, a communicaçaõ, e trato familiar de ſoldado com ſoldados, naõ lhe diminuîo,

nuîo, nem manchou a pureza de donzella; que ſe conta pelo mayor triunfo deſta Heroína vencer a natureza na fragilidade, o ſexo na conſtancia.

Houve algum falſo rumor, que pertendia roubarlhe a palma de virgem, porém com a luz da verdade prevaleceo a fama de ſua virtude, ficando a emulaçaõ vencida, a falſidade manifeſta. Exercitou com grande honra alguns lugares ſubalternos na Infantaria, e Cavallaria; e foy de taõ robuſta natureza, que nas luctas ninguem a venceo em forças; nem conſta, que ſem juſta cauſa arriſcaſſe a vida mais, que na defenſa de algum amigo, ou da patria.

Admiravel foy a grandeza de animo deſta mulher, porque já mais ſe negou a buſcar o inimigo nas occaſiões, que ſe lhe offereciaõ, ou eſtando ſó, ou com poucos companheiros; ſendo a primeira ſempre em os ferir, e a ultima em os deixar vencidos, ou retirados. Accendia-ſe em colera, e fereza nos combates, porém foy nos trabalhos taõ ſofredora, que padecia com igual acordo, e paciencia a fome, e a cede, o calor, e o frio: adquirindo taõ glorioſa fama, que as gentes da meſma patria buſcavaõ occaſiões de a conhecer por milagre do ſexo, outros por fazerem experiencia de ſeu valor, e esforço; voltando todos admirados, parecendo-lhe todo o louvor pequeno brado, diminuto elogio.

Ouvio a fama de ſuas acções illuſtres o grande

de Ruberto Rey de Sicilia, e parecendo-lhe, que eraõ hyperboles as verdades, e virtudes desta Heroína, passou a Puteoli só pela ver, como refere Francisco Petrarcha, que foy testemunha de vista, caso a todos os seculos memoravel, aos que o lerem estranho, porém verdadeiro. O mesmo Petrarcha a vio armada na companhia de hum seu amigo cuidando, que era soldado; e subindo com outros a hum lugar alto da Cidade de Puteoli, a conheceo pelo valor, com que estava combatendo a muitos homens de robustas forças, deixando vencida a competencia, castigada a opposiçaõ.

Huma vez, que teve occasiaõ de fallar a Maria Puteolana estando na companhia de alguns seus amigos, lhe pedio quizesse lisonjear-lhe o gosto com alguma acçaõ de forças, que faziaõ recomendada a memoria de seu illustre nome, porque desejava ser hum dos instrumentos, que ajudassem o pregaõ de sua fama; e como era de animo generoso, a reposta, que deu, foy pegar logo de huma barra de ferro, e com leve impulso a lançou em distancia, que nenhum homem vencia, e o mesmo fez de huma pedra de grandeza extraordinaria. Com igual admiraçaõ o escreveo Petrarcha, confessando, que naõ crera tanta ventajem de forças em hum sexo, que a natureza dotara menos robusto, se o conhecimento naõ desmentisse no traje a ficçaõ, a verdade no engano.

Era Maria Puteolana de eſtatura grande, mas proporcionada, e fermoſa ſymmetria; nas prendas naturaes de valor, e forças adquirio naõ vulgar nome entre o numero dos que floreceraõ naquella idade. Veyo a morrer na guerra, e ultima campanha, que fez, de huma penetrante ferida pelas coſtas, defendendo a patria, que illuſtrou com as acções, que lhe dera vida mais perduravel; mas naõ lhe foy ingrata, devendo-lhe eſta abbreviada memoria, ſem deixar na ingratidaõ de hum amortecido ſilencio as noticias, de que tecemos taõ fiel eſcritura, ſuccinta relaçaõ.

X.

DONA MARIA, Infanta de Portugal.

PODemos contar por huma das felicidades do Senhor D. Manoel, XIV. Rey de Portugal, o naſcimento da Infanta Dona Maria aos 8. de Junho de 1521. na Cidade, e Palacio de Lisboa, que deu à fermoſura muitos aſſombros, à diſcriçaõ illuſtres partos. Teve por mãy a Rainha Dona Leonor, filha de Filippe I. de Caſtella, e terceira mulher delRey D. Manoel, matrimonio, que ſe celebrou na Villa do Crato em 24. de Novembro de 1518.

Era de ſeis mezes, e cinco dias a Infanta Dona

Dona Maria, quando a morte diſſimulada em hum letargo, a deixou ſem pay, o Reyno ſem Rey. Com eſte accidente correraõ outra fortuna os intereſſes da Monarquia, começando a experimentarſe contraria na reſoluçaõ, com que a Rainha queria levar a Infanta para Caſtella. Favorecia o Emperador Carlos V. ſeu irmaõ o empenho da Rainha: e ainda que encontrava os intereſſes da Coroa pela grande opulencia de bens, e ſenhorios, com que era dotada; teve conſeguida a licença pelas maximas, que ſe praticavaõ naquelle governo.

Divulgada pelo povo a reſoluçaõ de ſe entregar a Infanta a ſua mãy, houve naõ vulgar ſentimento, porque ſe diſcorria publicamente nas converſações com tanta liberdade, que pouco lhe faltou para motim, ſobrava para murmuraçaõ. Diſcorria o povo, monſtro de muitas cabeças, com tantos fundamentos ſolidos, e verdadeiros, que ſubindo as eſcadas de Palacio, chegaraõ à preſença do Soberano, ElRey D. Joaõ o III. merecendo attençaõ, que fizeraõ variar o conſelho, ſupprimir a maxima.

Tal foy o amor, que deveo aos naturaes, já pela fermoſura, e viveza, que moſtrava da primeira idade, como pelo Real ſangue, a que devia a natureza, o povo a gratidaõ, que ainda ſe eſtá fazendo mais recomendada pelo epitheto, que lhe conferio de ſaudoſa memoria. Pela morte do pay, e auſencia da mãy, ficou ſubſtituin-

do o cuidado na educaçaõ, e diſciplina da Infanta a Rainha Dona Catharina ſua tia, irmãa de Carlos V. que no governo deſte Reyno moſtrou bem, que lhe naõ faltavaõ as qualidades de juizo, prudencia, e valor para ſe naõ achar menos o Rey na paz, e na guerra.

Na eſcola deſtas virtudes creſceo a Infanta Dona Maria, fazendo ocioſa a diligencia das Ayas, obrando as acções de virtude, que via obrar na Rainha, e fazendo conhecer com as primeiras luzes da razaõ hum entendimento vivo, que manifeſtava as perfeições da alma nos dotes naturaes do corpo de genio, e engenho. Aprendeo as primeiras letras ſem os trabalhos, de que ſaõ cauſa os poucos annos, porque em breve tempo conſeguio facilmente ſaber ler, e eſcrever com agilidade, e perfeiçaõ.

Com as noticias da viveza, e capacidade da Infanta lhe eſcrevia a Rainha de França ſua mãy com grande frequencia, mandando-lhe, que aprendeſſe a lingua Latina, a que ſe deu com grande eſtudo, e chegou a comprehender todas as regras da Latinidade, em que eſcreveo algumas Cartas de elegante eſtylo, e outras obras, de que ſó ha tradiçaõ. No livro da ſua vida, que eſcreveo em Caſtelhano Frey Miguel Pacheco, ſe vé copiada huma Carta na lingua Latina, que eſcrevera á Rainha de França, em que ſe moſtra a propriedade, e eloquencia, com que fallava a Latina taõ bem, como a Portugueza. Na Grega

ga teve a meſma applicaçaõ, conſeguio igual facundia, eſcrevia, e fallava com a meſma elegancia.

Florecia naquella idade a famoſa Heroína Luiza Sigéa, que teve a fortuna de ter por diſcipula a Infanta Dona Maria em as primeiras letras. Depois nos eſtudos mayores de Filoſofia, e Eſcritura Sagrada teve por Meſtre a Fr. Joaõ Soares, Religioſo de Santo Agoſtinho, que por ſuas letras, e virtudes morreo Biſpo de Coimbra. He avaliada por menos veriſimel a opiniaõ de Garibay, que na Hiſtoria dos Reys de Portugal diz, que fora Meſtre da Infanta D. Juliaõ de Alva Caſtelhano, e natural de Madrigalejo, Eſmoler da Rainha Dona Catharina, e primeiro Biſpo de Portalegre.

Logo, que a Infanta contou dezaſeis annos de idade, teve ElRey ſeu irmaõ providencia de lhe pôr caſa propria ſeparada de Palacio para ſuſtentarſe de ſeu rico patrimonio, ou foſſe razaõ de conveniencia, ou de eſtado. Entraraõ a ſervilla os Fidalgos da primeira nobreza, e as Damas, que eraõ filhas dos mayores titulos do Reyno. Merecem particular memoria entre outras muitas criadas da Infanta por ſua erudiçaõ, e bellas letras, as duas irmãas Luiza, e Angela Sigéa Caſtelhanas por naſcimento, e por acções illuſtres.

Como quem ſabia, que o tempo he hum theſouro, que perdido naõ ſe recupera, e ſempre

ſe

ſe chora, o repartio a Infanta com particular providencia, começando a manhãa pelas devoçoens particulares. Depois ſe retirava à ſua Capella, e ouvia tres Miſſàs com devoçaõ, e edificaçaõ. Confeſſava-ſe os mais dos dias, e naõ era com frequencia a permiſſaõ de receber o Santiſſimo Sacramento, mas quando o ordenava Fr. Franciſco Foreiro da Ordem dos Prégadores, a quem obedecia como Director de ſeu eſpirito. Tinha horas de deſpachar pela muita pobreza, que concorria a ſeu Palacio; naõ havendo miſeria, que naõ remediaſſe, afflicçaõ, a que naõ acudiſſe.

Acabava a hora dos deſpachos, dando principio a ſeus eſtudos, que duravaõ atè a hora de jantar, que ſempre era com religioſa temperança entre a numeroſa quantidade de iguarias, que ſerviaõ à grandeza, e naõ à gula. Recreava-ſe grande eſpaço da tarde no exercicio dos inſtrumentos, que tocava Angela Sigéa, que era a mais períta entre outras criadas, e ſenhoras, que faziaõ coro, ou formavaõ Academia de conſonancias, parecendo Collegio, e naõ Palacio de virtudes, ſciencias, e artes liberaes; porque alli ſe achava quem revolvia os livros, quem tocava hum, ou muitos inſtrumentos, quem pintava, e bordava, com outros exercicios, que eraõ proprios da grandeza, e do ſexo.

O mais da tarde atè à noite ſe divertia nos lavores, e bordaduras, que faziaõ as ſuas damas

pa-

para ſerviço dos Altares, ornamento das Igrejas. Havia conferencia nos eſtudos das bellas letras; e com a noite ſe retirava ao ſeu Oratorio, gaſtando muitas horas na oraçaõ, e exame da conſciencia, fazendo-ſe taõ admirada eſta fórma de vida religioſa, que D. Sancho de Cordova, Embaixador de Carlos V. neſta Corte, lhe eſcreveo, dizendo: „ Que a Princeza ſua ſobrinha naõ admittia pratica de caſamento, porque ſeus fins eraõ mais ſantos, e honrados.

Vagava com muitos elogios por toda a Europa a fama das virtudes, e prendas da Infanta Dona Maria, que a fizeraõ pertendida de muitos Principes. Logo dos primeiros annos a Rainha Dona Leonor ſua mãy, caſando com Franciſco I. de França, fez grande força pela caſar com o Delfin; porém os intereſſes da Coroa de Portugal prevaleceraõ com affectadas politicas para deſvanecerem a negociaçaõ em prejuizo do Rey, e do Reyno. ElRey D. Fernando de Ungria a pedio para mulher de ſeu filho o Emperador Maximiliano, e Filippe de Caſtella I. do nome tambem a pedio, porém todos tiveraõ ſemelhante fortuna, igual effeito.

Foy providencia, o que ſó parecia negociaçaõ; porque ſempre ſe admirou neſta Heroína hum amor grande à caſtidade, de que foy elogiada com muitos, e varios epithetos pelos mayores homens, que floreceraõ em Portugal naquelle ſeculo. Vaſconcellos na Hiſtoria dos Prin-

Principes de Portugal lhe chama: Flor intacta da Virgindade. Duarte Nunes de Leaõ: Exemplo de caſtidade, e honeſtidade, com que perſeverou no eſtado virginal até a morte. Aquilles Eſtaço: Em os dotes da graça foraõ grandes ſuas virtudes, e caſtidade, em que perſeverou até a morte. Mariz na ſua Hiſtoria: Foy Princeza de ſingulares virtudes, e honeſtidade. Manoel da Coſta, Juriſconſulto: Se a virtude em abſtrato ſe podera ver com os olhos mortaes, havia de veſtirſe do ſemblante da Senhora Infanta. Navarro lhe chamou: Flor, e honra das Princezas, e eſplendor da pureza. Eſtes, e outros muitos elogios ſe eſcreveraõ para definir deſcretivamente a pureza, e honeſtidade, com que viveo, e morreo em 10. de Outubro de 1577. na idade de cincoenta e ſeis annos, quatro mezes, e dous dias.

Foy ſentida com dor univerſal a falta deſta Princeza, que na morte lhe aſſiſtio o Cardeal Rey, ſeu Confeſſor, e muitos Prelados de diverſas Religioens; e nas honras funeraes toda a Corte com ElRey D. Sebaſtiaõ dez mezes antes, que partiſſe para Africa. Teve o ſeu depoſito no Capitulo do Convento da Madre de Deos vinte annos, que foy todo o tempo, que durou a obra da Capella, que ſe eſtava fabricando no Moſteiro da Luz, para onde ſe trasladaraõ os oſſos em Julho de 1597.

Foraõ muitas as acçoens illuſtres deſta Heroína

roína Portugueza, que referirey por ultimo beneficio, que lhe faz a noſſa gratidaõ, pois naõ podendo accreſcentarlhe elogios à ſua fama, ſe contenta com repetirlhe os brados, eſcutarlhe os eccos. Na Corte, e Cidade de Lisboa fundou o Convento da Encarnaçaõ, que foy dotado de abundante riqueza, para ſuſtentar o numero de oitenta e tres peſſoas. Huma legoa da Cidade lavrou Capella a N. Senhora da Luz para ſeu jazigo; e no meſmo ſitio hum nobre Hoſpital com ſeſſenta e tres camas, deixando-lhe rendas para ſuſtento dos enfermos, e ordenados para Medico, Cirurgiaõ, e Boticario. Tem hum quarto à parte para Cavalheiros pobres, e por todas as circunſtancias he obra, que eſtá reſpirando real grandeza, nativa mageſtade.

Naõ houve lugar pio, ou ſagrado na Corte, que naõ fizeſſe ſaudoſa a ſua memoria com prendas, e legados, que daõ a conhecer a piedade, e beneficencia deſta Heroína. Para a Capella môr da Igreja de Santa Engracia, Freguesia, em que viveo os ultimos annos de ſua vida, deu huma larga eſmola, e a Reliquia da meſma Santa com o precioſo Relicario, em que hoje ſe venera.

Vivendo no Palacio, que eſtá dentro no Caſtello deſta Cidade, frequentava muitas vezes a Igreja dos Religioſos de Santo Agoſtinho pela perfeiçaõ, com que celebravaõ os Officios Divinos, e devoçaõ à Senhora da Graça. Era de

eſtatura grande, e imperfeita a Imagem da Senhora; e conferindo a Infanta com os melhores artifices o intento de querer acabar taõ peregrina obra, ſe aperfeiçoou, e cobrio toda de prata com tantos primores da Arte, que ſe julga pela mais inſigne, e precioſa, que ha neſte Reyno, e ſe conſerva entre outras memorias, ou dadivas de menos grandeza, grata generoſidade.

Concorreo com maõ liberal para a fabrica do Convento, que ſe eſtava erigindo para os Monges de S. Bento, de quem foy devota. Mandou fazer a grande Imagem, que ſe vé no Altar mór, e pedio ao Pontifice S. Pio huma Reliquia do meſmo Santo, que ſe tirou do Convento de S. Paulo de Roma, e ſe conſerva naquelle grande Templo.

Na Cidade de Evora fundou hum Collegio para eſtudarem os filhos dos Fidalgos pobres, deixando-lhe muitas rendas para ſuſtentaçaõ, comettendo o governo ao Collegio da Companhia, que tem a regencia das Eſcolas com o magiſterio das Artes, e Sciencias, que ſe eſtudaõ naquella Univerſidade. Aqui fundou tambem hum Convento de Capuchinhas, que guardaõ a primeira Regra de Santa Clara, com o titulo de Santa Elena do Monte Calvario.

Em Coimbra fundou hum Collegio para os Religioſos de S. Franciſco com renda certa para trinta Collegiaes; mas por differenças, que tive-

raõ

raõ entre ſi as Provincias deſta Ordem, ficou a arbitrio da Irmandade da Miſericordia de Lisboa para applicar o rendimento em obras pias. Pela grande devoçaõ, que teve à Imagem do Santo Chriſto do milagre em a Villa de Santarem, que eſtava em huma pobre Ermida, lhe edificou hum grande Templo; e para mayor veneraçaõ fez erigir Convento de tantos Capellães, quantos ſaõ os Monges de S. Bento, que nelle promettem votos, celebraõ ſacrificios.

Torres-Vedras, que foy do ſenhorio da Infanta, ſe honra com a memoria, que lhe deixou de ſua piedade no Convento dos Capuchos, que ſuſtentando por toda a vida com eſmolas, recomendou na morte à protecçaõ Real, naõ ſe eſquecendo de todo o genero de pobreza em ſeu teſtamento nos legados, que ſe cumpriraõ, e ainda eſtaõ cumprindo todos os annos; chegando a ſua grandeza a exercitar na poſteridade as obras de miſericordia com as orfãas, viuvas, e cativas.

XI.

MARGARITA DE VALOIS, Rainha de Navarra.

NAſceo em Anguleme, Cidade Capital da Provincia de Angumſis aos 11. dias do mez de Abril de 1492. a Rainha de Navarra Margarita de Orleans, ou de Valois, e ſe creou na Corte de Pariz, reynando ſeu tio Luiz XII. Foy Margarita primeiro Duqueza de Alenſon, depois Rainha de Navarra, celebre naquella idade pela fermoſura, juizo, diſcriçaõ, e bellas letras.

Pela qualidade, e prendas a pedio inutilmente em caſamento o Emperador Carlos V. ſendo ainda Conde de Flandres, e veyo a caſar com outro Carlos ultimo Duque de Alenſon aos 9. de Outubro de 1509. ſendo já Rey de França ſeu irmaõ Franciſco I. que reconheceo o cunhado pelo primeiro Principe do ſangue, dando-lhe o titulo de Condeſtavel do Reyno com outros conſideraveis empregos.

Acompanhava o Duque Condeſtavel a Franciſco I. quando foy prezo na batalha de Pavia, e voltando para França morreo de diſgoſto em Leaõ no anno de 1525. Eſtes golpes, ainda que feriraõ mortalmente o coraçaõ de Margarita,

ta, naõ lhe ſoçobraraõ o animo invencivel a tamanhas diſgraças, porque logo partio a Madrid para ſervir ao Rey, que amava com extremo, buſcara com exceſſo. Dominada deſta violenta paixaõ com menos prudente, que atrevido deſembaraço, fallou ao Ceſar, e ſeus Miniſtros na cauſa do irmaõ, como ſe eſtivera em mais livre liberdade, que chegou a politica a ſuggerir ao Emperador retella em o Reyno.

Envergonhou-ſe Carlos commetter aquella culpa à viſta de toda a Corte contra as leys do Salvo-conduto, que lhe dera; mas com juizo certo, que o termo ſe acabaria quatro dias antes, que deixaſſe Eſpanha, embaraçou-lhe a retirada com cautela. Naõ ſe eſcondeo a Margarita o politico penſamento do Emperador, retirando-ſe com largas jornadas para vencer o tempo até a fronteira, donde a eſperava com gente armada o Senhor Cermon de Lodeve; e entrando nos dominios de França a pezar dos Caſtelhanos, que ſe naõ atreveraõ a reprezalla antes de ſe acabar o Salvo-conduto, deixou fruſtrada a diligencia, eſcarnecida a vingança.

Poſto em liberdade Franciſco I. grato a Margarita lhe deu por Eſpoſo a Henrique de Albret, Rey de Navarra, e Principe de Bearne, matrimonio, que ſe celebrou em 1527. e teve a poſteridade de huma ſó filha, que foy Joanna de Albret, que lhe ſuccedeo na Coroa, e caſou com Antonio de Borbon, pay de Henrique o Grande.

de. Sobre as prendas naturaes de fermoſura, e diſcriçaõ, teve bom conhecimento das letras humanas, e huma grande facilidade em fazer motes. Eſcreveo diverſas obras, e entre muitas a Margarita das Margaritas, compoſiçaõ de Comedias, e outras Poeſias.

Em proſa eſcreveo o Eſpelho da Alma peccadora; o Triunfo do Cordeiro, e o Heptameron conhecido pelo nome de Novellas da Rainha de Navarra. Eſtimou os homens, que eraõ ſabios, e fazia grandeza de os premiar com larga maõ. O goſto de os ouvir foy cauſa de communicar familiarmente os herejes Jaques le Fevre, e Gerardo Rocel, que pouco a pouco lhe perſuadiraõ os erros Proteſtantes, que profeſſou por alguns annos. No fim da vida deteſtou eſta abominavel ſeita, chegando com frequencia religioſa aos Sacramentos da Penitencia, e Euchariſtia; e dando-ſe a todas as obras de piedade, faleceo em o Caſtello de Odos em Bigorre aos 21. de Dezembro de 1549. e jaz ſepultada na Cidade de Pau, Capital de Bearne.

XII.

MELANIA,
Viuva, a Mayor.

ENtre as matronas Romanas, que ouviraõ a S. Jeronymo, e abraçaraõ primeiro a vida Religiosa, e Monacal, foy Melania, filha de Marcellino, nobilissimo varaõ Consular, que outras memorias menos seguras nomeaõ por tio, deixando em silencio os nomes dos pays; mas nós seguindo, o que refere o Santo Patriarca, dizemos, que era parenta de Santa Paula, para lhe encarecer a nobreza, distinguir a fidalguia. Mostrou os dotes de fermosa, rica, e nobre na pressa, que deraõ os pertendentes a pedilla por mulher, porque naõ tinha mais de vinte annos de idade, quando lhe morreo o marido; e com a falta de dous filhos, contou dentro de hum anno tres desenganos, ficando-lhe hum só infante mais para estimulo, que para lenitivo de tamanha dòr, piedosa memoria para deixar o Mundo, sacrificando-se a Deos em o novo Monacato, a que S. Jeronymo principiava a lançar em Roma os fundamentos com seu exemplo, e doutrina.

Ajuntava-se Melania em casa de Paula, que era o theatro das virtudes, e Museo das letras sagradas, em que o Santo Patriarca doutrinava

as

as filhas de ſeu eſpirito; e fazendo-ſe fabula do Mundo, alguns Clerigos Sciſmaticos a infamaraõ na honra com Jeronymo, invejoſos do favor, que lhe fazia, eſtimaçaõ, que lhe dava. Fizeraõ creſcer a ſuſpeita com a noticia, que Melania pedia curador para ſeu filho Urbano, porque determinava paſſar a Jeruſalem com S. Jeronymo, que ambicioſo de ſe fazer ſenhor de tanta riqueza, e fermoſura, lhe aconſelhava, que deixaſſe Roma.

Tocava o grito da maledicencia com peſſoas de taõ alta esféra, que ſe fez attendido, porque Roma ſe achava no mayor incendio do Sciſma, entre Urceſino, e S. Damaſo; e os Sciſmaticos com induſtria, e intereſſes ganharaõ huma teſtemunha falſa para fazer publico o torpe acto, que naõ vira, confeſſando depois em queſtaõ de tormento a malicia, e o ſoborno. E dandolhe o Mundo mais eſte deſengano, deixou Roma nos principios do anno de 368. àcompanhando-ſe do Monge Rufino Aquilienſe, da meſma Eſcola de S. Jeronymo; ainda que paſſados alguns annos, negou o diſcipulado com os erros de Origenes, em que cahio, e fez precipitar a Melania, que pela doutrina o reconhecia por Meſtre, pelas virtudes venerava por Santo.

Seis annos ſe deteve em Alexandria, depois que viſitou os Padres, que moravaõ nos Deſertos do Egypto, em que fez grandes ſerviços à Igreja. no Sciſma, que houve pela morte do Santo

to Biſpo Athanaſio, recebendo os Catholicos fugitivos, viſitando os encarcerados, e ſuſtentando os Monges, que andavaõ pelos deſertos vagos, e eſcondidos. Chegou a matar a fome por tres dias a cinco mil deſterrados, e perſeguidos pelos herejes, e pelos ſoldados do Emperador Valente; e aqui moſtrou Melania a conſtancia de ſeu coraçaõ, porque ſendo ameaçada pelos Magiſtrados, e pelos herejes, ſe offereceo intrepida ao Martyrio, que lhe foy negado pela origem da nobreza, que nella reſpeitaraõ por ſer huma Princeza filha, e mulher de Conſules, mãy de hum Prefeito de Roma.

Como foraõ deſterrados aquelles Santos Padres, e Monges do Egypto, que naõ quizeraõ reconhecer a Lucio hereje por Patriarca de Alexandria, Melania os ſeguio até a Paleſtina Diocefarea para os ſervir, e ſoccorrer, piedoſo exercicio, que as guardas lhe prohibiaõ com vigilancia; mas como ſe prezava mais dos officios de ſerva de Chriſto, que das grandezas de ſenhora, disfarçada a qualidade nos trajes de eſcrava, hia de noite aos carceres provellos de quanto lhe era neceſſario para commodo, e regalo. Naõ ſe eſcondeo ao Conſular da Paleſtina a providencia, com que eraõ ſoccorridos, e mandou prender a Melania ſem conhecer a qualidade da peſſoa; porém logo, que teve noticia de taõ eſclarecida aſcendencia, mais de temeroſo, que politico, lhe deu liberdade, permittindo-lhe ſoccorreſſe a pobreza dos Santos o tempo, que durou o ſeu deſterro.

Aqui na Paleſtina foy a primeira vez, que os Santos Jeronymo, e Melania ſe aviſtaraõ depois que ſahiraõ de Roma; Melania com Rufino, e Jeronymo com ſeus companheiros para Calcide, agora de caminho para Bellem. Já Melania eſtava tocada dos erros de Origenes, bebidos na eſcola de Didimo; porém Jeronymo neſta primeira viſta naõ lhe conheceo a differença na doutrina das Eſcrituras, que aprendera com verdadeira intelligencia, adquirira com engenhoſa perſpicacia.

Partio para Bellem o Santo Patriarca, deixando a Melania no exercicio da caridade, que obrava em favor dos Santos deſterrados, que alguns tempos depois voltaraõ para o Egypto pela guerra dos Godos, e morte do Emperador Valente. Naõ tardou a Santa, vendo-ſe deſembaraçada de taõ glorioſa empreza, em chegar ao fim deſejado de ſeus heroicos paſſos, que de Roma ſe encaminhavaõ a Jeruſalem para fundar hum Moſteiro, em que viveſſe retirada aos olhos do Mundo.

Levava Melania de Roma ideado, e muitas vezes conferido com S. Jeronymo o Moſteiro, que fez edificar em Jeruſalem com tanta grandeza, que foy ſufficiente domicilio para cincoenta virgens, que lhe fizeraõ companhia por eſpaço de vinte e ſete annos, dando raro exemplo de Religiaõ, e ſantidade. Já gozava a delicia daquelle retiro, quando S. Jeronymo voltou ſegunda

gunda vez de Roma para Bellem, pelos annos de 385. em que Paula navegava com os olhos no mesmo Oriente do Salvador do Mundo, para fazer com igual desengano, semelhante retiro, e fundaçaõ.

Ainda Jeronymo nesta visita naõ conheceo em Rufino o veneno da heresia, de que fez parcial a Melania, radicando-lhe no entendimento com tanto excesso a cegueira de Didimo com os erros de Origenes, que por muitos annos padeceo a Igreja huma furiosa tempestade, como diremos em mais larga escritura na Vida do Santo Patriarca. Nem quando S. Jeronymo voltou a Jerusalem com Paula, e Eustochio, conheceo os erros de Melania, que recebendo as duas Santas com affectos de gratulaçaõ, e parentesco, mostrou na hospedagem, que professavaõ o mesmo instituto, se reconheciaõ por filhas do mesmo Patriarca.

O parentesco, e semelhança de vida, fizeraõ mutua, e facil a correspondencia entre Paula, e Melania, que nestas visitas a Bellem se acompanhava do Monge Rufino, e o Bispo Joaõ Jerosolymitano, que fizera subir à Cadeira de S. Cyrillo com sua protecçaõ, succedendo a hum Bispo santo hum Bispo hereje. Eraõ todos sectarios de Origenes; e pareceo-lhes, que sem fazer parciaes de seus erros a Paula, e Jeronymo, naõ poderiaõ publicallos com segurança, estabelecellos com firmeza.

Nas praticas domesticas tocava Melania alguns textos da Escritura, em que Origenes fundava os seus erros, a que Paula respondia com a doutrina de Jeronymo; e quando Melania se achava sem reposta, para se naõ dar por convencida, appellava para Didimo Alexandrino, que naquelle seculo era avaliado por espelho da observancia Monastica, Oraculo da Theologia Expositiva. Eraõ igualmente eruditas na liçaõ das Escrituras, e taõ frequentes nas visitas, como nas disputas; e como se achavaõ presentes os dous instrumentos do Demonio Joaõ, e Rufino, reforçavaõ os argumentos de Melania, parecendo-lhes, que ganhando Paula, levariaõ a Jeronymo precipitado: mas conferindo os Santos a intelligencia dos textos, ficava Paula conhecendo melhor a falsa doutrina de Origenes, e Didimo, o engano de Melania, a heresia de Joaõ, e Rufino.

Passados muitos encontros, que fizeraõ perder a Melania o conceito das virtudes, e letras do Santo Patriarca pelas astucias de Rufino, partio a Roma enganada com dissimulados pretextos pelo falso Monge, levando como em triunfo a heresia de Origenes. Conhecido o hereje pela traducçaõ do Periarchon de Origenes, que fez publicar em Roma na lingua Latina, perdeo logo com Melania a opiniaõ de Monge, o exercicio de Padre espiritual, e o patrocinio, que lhe dava reputaçaõ, adquirira fama naõ vulgar de Letrado, e Santo. Ain-

Ainda Melania vacillava nos erros de Origenes, quando com ſeu filho, e netos paſſou á Africa pelos annos de quatrocentos e onze; e aſſentando o ſeu domicilio na Cidade de Tagaſte, communicou a Santo Agoſtinho, que lhe fez depor os erros, explicando-lhe as duvidas, que lhe eraõ de embaraço à conſciencia, de prizaõ ao juizo, e ſciencia das Eſcrituras. Aqui padeceo Melania o ſenſivel golpe da morte do ultimo filho, de que ſe acompanhava, chorando a ſua falta com lagrimas taõ modeſtas, e prudentes, que foraõ aſſumpto aos elogios de Santo Agoſtinho, eſcrevendo o tranſito deſte Senador Romano a S. Paulino Biſpo, e diſcipulo do Doutor Maximo.

Deſenganada, e arrependida de ſeus erros com a luz, que lhe dera S. Paulino em Roma, e Santo Agoſtinho em Africa, paſſou por Sicilia para Jeruſalem, donde a chamavaõ as filhas de ſeu eſpirito, igualmente enganadas com os erros de Origenes, que logo abandonaraõ pelo exemplo de Melània, que imitaraõ na doutrina, depois na penitencia. Temos por certo, ainda que nos faltaõ as Epiſtòlas deſte tempo, aſſim de Agoſtinho, como de Jeronymo, que Melania vivera ſó quarenta dias, depois que chegara a Jeruſalem, morrendo reconciliada com a Igreja, e com o Santo Patriarca, deixando-lhe recomendado o ſeu Moſteiro, que ficava cheyo de virgens, e riquezas.

Foy

Foy eſpecial favor do Ceo a eſta illuſtre matrona, depois que chegou a Jeruſalem, que naõ tiveſſe lugar de ſer pervertida por Joaõ Jeroſolymitano, que tambem cahio nos erros de Pelagio. Eſcreveo Equilinio o nome de Melania no Catalogo, que fez dos Santos; e Ferrara ſinalou o dia de ſeu tranſito aos 21. de Janeiro de 413. contando ſetenta de idade, quaſi cincoenta de Religiaõ.

XIII.

MARIA BARBACON.

SEndo Rey de Navarra Antonio de Borbon, floreceo em armas Maria Barbacon, filha de Miguel Barbacon, Senhor de Cany, e Governador de Picardia, Heroína pelo naſcimento illuſtre, pelo valor celebre. Caſou Maria Barbacon com Joaõ de Barres, Senhor de Neuvi, que morreo no reynado de Carlos IX. tempo, em que duravaõ ainda as guerras Civís de França.

Aſſiſtia no ſeu Caſtello de Benegon em Berry, quando ſe vio cercada por Montare, Lugartenente em Borbonnoa. O ſegredo daquella expediçaõ, que fez mais temeraria a reſiſtencia, naõ ſoçobrou o coraçaõ de Maria, porque à viſta do inimigo ſe diſpoz valeroſa, e deſtemida para hum largo aſſedio. Foy prova de animo extraordinario, intentar a defenſa contra hum inimigo

inimigo poderoſo, ſem meyos proporcionados para aquella guerra, conceito, que logo deſmayou o preſidio; porém Maria acudindo a animallos, e diſpollos ſem temor, e ſem deſcanço, nunca a acharaõ menos em os perigos, mandando, e peleijando.

Laborava com fortuna o eſtrago da artilharia nas torres, e muros do Caſtello; mas ſempre invicto aquelle heroíno coraçaõ, naõ mudava de penſamento, e inteireza com as ruinas, que faziaõ na muralha brecha para a batalha, porta para a vitoria. Fallavaõ os ſitiados, vagamente accuſando de temeraria a reſiſtencia, e acudindo já remiſſos aos reparos das ruinas; porém a valeroſa Heroína, fazendo-lhe igual eſtrago na campanha, e ſem faltar às diſpoſiçoens para a defenſa, naõ ſe vencia de taõ ajuſtado diſcurſo; mas accuſando os juizos dos ſeus com as acções, que obrou naquelle cerco, lhe adminiſtrou obſtaculos à lingua, aos inimigos eſtorvos à vitoria.

Foraõ deſempenho de ſeu esforço as acçoens do primeiro aſſalto, acudindo à brecha, porque tomando o lugar mais perigoſo, e arriſcado com hum meyo pique em a maõ, ſe fez invejar dos inimigos, que teſtemunharaõ os bons officios de Soldado, e Capitaõ, que naquelle dia fizera, ſem ficar devendo à fama encarecimentos, à patria premios. Eſte exemplo animou os ſeus para a ſeguirem na reſoluçaõ, e esforço, rechaçando o inimigo com tanto vigor, e pezada maõ, que

que os fizeraõ retirar por muitas vezes com desengano, e perda, como tiveraõ depois em outros assaltos, experimentando semelhante resistencia, igual castigo.

Quinze dias successivos lhe disputaraõ a vitoria, mostrando disciplina, e valor aos ultimos, como aos primeiros. Experimentava-se já grande falta de munições, e mantimentos; e vencida mais dos inimigos domesticos, abrio a porta aos partidos, que lhe tinhaõ offerecido pelo rendimento do Castello, consideradas com mais attençaõ as difficuldades da empreza, sem meyos para a resistencia. Feitos os pactos com suspensaõ de armas, que durou por muitos dias, foy o da entrega aos *6.* de Novembro de *1569.* Sahio Maria Barbacon do seu Castello com toda a guarniçaõ com as honras, que se lhe deviaõ pela qualidade, pelo valor, e pelo sexo.

XIV.

SANTA MELANIA, a Menor.

COmo neta de Melania, a Mayor, foy igualmente illustre Melania, mulher de Piniano Prefeito de Roma, que lhe deraõ o appellido de Melania a Menor, para differença das pessoas, distinctivo das acçoens, e das virtudes. Tal era o fo-

o ſogo do Amor Divino, que S. Jeronymo accendia nos corações das Senhoras Romanas, que naõ ſó as donzellas, e as viuvas, mas ainda as matronas caſadas, como era Melania, deſejava tanto deixar o Mundo, e fazia tanta força a Piniano ſeu marido, que ſó eſperava, que Deos lhe déſſe hum filho varaõ para ſe aliſtarem no Diſcipulado de S. Jeronymo por filhos de ſeu Monacato, que depois vieraõ a profeſſar como ſeus Monges, agora nos honraõ como Santos.

Moſtrou o Ceo a Piniano quanto era de ſeu agrado a vida Monacal, e Religioſa, que Melania lhe perſuadia, dando-lhe hum filho varaõ, que naõ chegou a contar a breve esféra de hum ſó dia; porque dando a Melania as dores do parto na Baſilica de S. Lourenço in Damaſo, de que era S. Jeronymo Cardeal Titular, aſſiſtindo às Matinas da Feſta do Santo Martyr, alli pario, alli ſe bautiſou o menino, e alli morreo, paſſando do ventre da mãy ao ventre da terra, e de huma a outra ſepultura. Aqui teve principio o deſengano total de Piniano para deixar o Mundo, retirando-ſe com Melania, e Albina a huma quinta no ſuburbio da Cidade de Roma, que logo converteraõ em Moſteiro.

Até o anno de quatrocentos e dez, que viveraõ no Moſteiro de Roma, gaſtaraõ Piniano, e Melania ſeu riquiſſimo patrimonio em remediar os pobres, ſuſtentar Monges, reedificar, e fundar Moſteiros, veſtir, e ornar os Altares naõ

só de Roma, mas de todas as Provincias de Italia. Pela occasiaõ de acompanharem Melania, a Mayor, navegaraõ a Sicilia, tomaraõ Nola para visitarem S. Paulino, e depois a Carthago, e a Tagaste, e aqui fundaraõ dous Mosteiros, hum para Melania, e Albina sua mãy, e outro para viver Piniano com outros Monges, que professavaõ o mesmo Instituto, reconheciaõ por pay o mesmo Patriarca.

Logo, que Melania se encerrou no seu Mosteiro, se deu ao exercicio das virtudes, mortificando-se com tanto excesso na penitencia do jejum, que no principio intrepolava os dias da comida, depois jejuava tres dias, tomando a refeiçaõ no quarto, e veyo a continuar as semanas com huma só refeiçaõ. Empenhou-se a obediencia em vedarlhe o jejum dos Domingos, porque se negou a fazer os officios de Prelada, que lhe prohibio tanta observancia, naõ sendo outro o sustento, mais que paõ duro, ou frito em azeite por desfastio, ou regalo.

Quando o Sol nascia para os Antipodas, começava a hora da refeiçaõ para Melania, bebendo agua sempre, vinho nunca. Era breve o descanço, que tomava sobre a terra, que lhe servia de cama, e ás vezes naõ dormia duas horas, gastando as noites na oraçaõ, em que foy muito frequente. As horas do dia, àlem das obrigaçoens do estado, passava nos exercicios do sexo, para acudir às miserias dos pobres, e o mais

tempo

tempo consumia na lição, e estudo da Escritura Sagrada, e lingua Grega, que fallou como a natural, e propria. Escrevia com primor, e o trabalho, e preço de trasladar alguns livros, que se faziaõ mais estimados pela falta de imprentas, porque he muito posterior o seu invento, applicava em beneficio da pobreza.

Neste Mosteiro viveo sete annos; e como a vida Monacal, que Melania principiou em Roma, desejava continualla em os lugares da terra santa; logo, que se desprendeo das opulentas possessoens, que vendera em Sicilia, e Africa, passou a Jerusalem com Albina, e Piniano seu esposo, e visitando os santos lugares, assistio em Bellem por algum tempo na companhia de Eustochio, e Paula, tia, e prima. De Bellem passou a correr o Egypto, deixando Albina sua mãy, pela gravidade dos annos, no Mosteiro do Monte Olivete, com a incumbencia de fundar hum novo Mosteiro, em que mandou fazer huma estreita clausura, donde viveo quatorze annos, sem deixarse ver mais, que de sua mãy, e seu marido, ou de outra parenta, que levara de Roma, mediando o tempo de cinco dias entre visita, e visita.

Outra reclusaõ mais horrorosa tomou a Santa pela morte de sua mãy Albina, por espaço de hum anno em continuado pranto, jejum, e oraçaõ, com tanto fruto das almas, que sabiaõ da penitente vida de Melania, que se deixava com-

 municar,

municar, e ver, ſabendo, que ganhava para Deos com ſeu exemplo a muitos peccadores de hum, e outro ſexo. Foy grande o numero de mulheres mundanas, e arrependidas, que mudaraõ de vida, outras de eſtado. Como já naõ cabiaõ no Moſteiro, mandou Melania edificar outro para recolher todas, as que buſcavaõ na Religiaõ porto ſeguro, no ſeu patrocinio, e doutrina remedio prompto.

No anno de quatrocentos e trinta e oito lhe foy inſpirado outra nova fundaçaõ: e ainda, que eſtavaõ eſgottados os theſouros de Piniano em tantas obras de heroicidade; confiando, em que Deos lhe daria meyos para conſeguir a empreza, naõ tardou o fruto da ſua fé em lhe dar tanto ouro pela maõ de hum homem opulentiſſimo, que baſtou a edificar logo em Jeruſalem Moſteiro para Monges, que teve entaõ o nome de Santo Eſtevaõ, depois o de Santa Melania. Naõ eſtava ainda na ultima perfeiçaõ, quando ſeu tio Voluſiano a chamou de Conſtantinopla, donde ſe achava enfermo; querendo a Providencia por ſeus occultos juizos, que vivendo Gentio, morreſſe Catholico.

Foy Melania o inſtrumento deſta converſaõ, e outras muitas, que conſeguio, reduzindo à Fé muitos herejes Neſtorianos, pela efficacia das razões, agudeza dos argumentos, gaſtando em diſputas dias inteiros. Todo o tempo, que ſe deteve naquella Corte, ſe applicou ſeu eſpirito

em

em ganhar almas para Deos, perſuadindo ao deſprezo do Mundo naõ ſó os pequenos, mas ainda os grandes, como foy a Emperatriz Eudocia, que logo a reſpeitou por Santa, teve depois naõ ſó por meſtra, mas tambem por advogada.

Voltando de Conſtantinopla a Jeruſalem, edificou no Monte Calvario outro Moſteiro para Monges, que ainda perſevera encoſtado ao Templo do Santo Sepulchro, fundaçaõ da Emperatriz Santa Elena, em que habitaõ Monges Gregos, e Sciſmaticos. Pelo tempo, que Melania chegou a Jeruſalem, ſahio Eudocia de Conſtantinopla, ſeguindo-lhe os paſſos para viſitar os ſantos lugares, como lhe havia perſuadido. A Emperatriz ſe acompanhou ſempre da Santa todo o tempo, que a ſua devoçaõ a deteve pelos ſantos lugares, com tanta injuria do Demonio, que lhe fez deslocar hum pé, e lhe foy reſtituido milagroſamente pelas orações de Melania ao proprio lugar, dando-lhe ſaude ao corpo, vigor ao eſpirito.

Aſſim prendada por Melania, voltou Eudocia para Conſtantinopla, reſtituindo-ſe à Corte de ſeu Imperio depois de hum anno, deixando enriquecidos os Templos de muitos dons, e Reliquias, os pobres de muitas eſmolas, e liberalidades. Neſtas acções de heroicidade paſſou Melania a vida até o anno de quatrocentos quarenta e ſeis, que prediſſe em Bellem a ſua morte,

donde

donde concorria a celebrar a Feſta do Naſcimento de Chriſto; e nas Matinas daquella ſagrada noite, eſtando na Igreja ſubterranea do Preſepio, diſſe, que naõ celebraria outro anno mais aquelle dia. E retirada ao ſeu Moſteiro de Santo Eſtevaõ no ſuburbio de Jeruſalem, para lhe celebrar a Feſta, eſtando preſentes todas as filhas de ſeu eſpirito, abrio o livro dos Actos dos Apoſtolos, e lhes leu o Martyrio do Santo, fazendo altiſſimos diſcurſos, que acabou, dizendo: „ Que naõ „ lhe ouviriaõ outra Liçaõ.

Vendo-ſe combatida de hum tremor de todo o corpo, conheceo, que era chegada a hora de partirſe deſte Mundo; e armando-ſe a eſperar a morte com todos os Sacramentos da Igreja, entregou a alma nas mãos de ſeu Eſpoſo em hum Domingo 31. de Dezembro, pronunciando eſtas ultimas palavras: „ Como era do agrado de „ Deos, aſſim foy feito. Deraõ-lhe ſepultura na Igreja do Moſteiro de Santo Eſtevaõ, donde morreo; e por ſe achar alli o ſagrado cadaver de Melania, ſe mandou enterrar no meſmo Templo a Emperatriz Eudocia, continuando nas honras, que lhe fez na vida, até àlem da morte. Paſſava de oitenta annos de idade; e foy huma das mais celebres Heroínas da Igreja Catholica, que lhe dá o titulo de Santa, ennobrece a minha Religiaõ com o nome de filha.

DONA

XV.

DONA MARIA, Infanta de Portugal.

DO Infante D. Duarte, Duque de Guimarães, e filho delRey D. Manoel, e de Dona Isabel filha de D. Jayme IV. Duque de Bragança, nasceo a Infanta Dona Maria, que pelas virtudes, e prendas se escolheo entre as Princezas da Europa, Heroína a todas as luzes grande, para mulher de Alexandre Fernesio, Principe de Parma, e filho de Octavio Fernesio, e de Margarita de Austria, filha natural do Emperador Carlos V. que solicitou estes desposorios, e conseguio, que tivessem felice complemento, desejado fruto.

Conduzida de Portugal a Flandres em huma poderosa armada, que sahio pela barra de Lisboa a 21. de Setembro, havendo entrado a 14. de que era General Pedro Ernesto, Conde de Mansfeld, e celebre soldado; huma furiosa tempestade a levou a Inglaterra, donde provou ser huma das illustres filhas da Igreja. Advertiolhe o Conde General, que devia mandar algum de seus criados comprimentar a Rainha, pois se achava no seu Reyno, e mares; e com politica mais Catholica lhe respondeo a Infanta: „ Naõ „ quero

„ quero praticas com inimigos da Fé.

Logo aqui pagou o Ceo à Infanta esta fidelidade Christãa, livrando-a de hum grande incendio, que se ateou na Capitanea, e perto da camera da popa. As vozes, que advertiraõ o fogo, fizeraõ sahir do Camarim apressadamente a Infanta Dona Maria; mas como lembrando-lhe alguma cousa, parou, dizendo em voz, que se lhe ouvio: „ E terey eu animo de perder o meu „ insigne Relicario? E voltando outra vez ao Camarim com desprezo do perigo, e das chammas, tirou huma caixa de Reliquias, deixando hum grande thesouro de pedras preciosas, que levava; antepondo seu coraçaõ heroico o sagrado ao profano, o Catholico ao precioso.

Com a virtude da Religiaõ, se lhe conheceo tambem aqui muito igual a virtude da honestidade, porque seguida do valor de alguns criados para a livrarem do incendio, lhe fizeraõ força, porque deixasse o cuidado, que a levava ao perigo; e hum com mais zelo, que attençaõ, lhe pegou de hum braço para fazer mais prompta a retirada: mas a Infanta castigou asperamente o seu atrevimento, dizendo com turbado semblante: „ Apartay logo essa maõ; mais te- „ merosa do contacto, que do fogo. Cessou o incendio, ou pela diligencia dos soldados, ou pelo auxilio das virtudes; e fazendo-se à véla toda a armada, lançaraõ ferro no porto de Flizinga aos 3. de Novembro de 1565.

Feito

Feito o desembarque, partio logo a Brusellas com huma grande escolta de Infantaria, e Cavallaria; e na Capella de Palacio celebrou a Missa das bençãos Maximiliano de Bergas, Arcebispo de Cambray. Depois, que as bodas se celebraraõ com aquellas demonstrações de alegria, e de grandeza, com que se faziaõ respeitar os estados de taõ grandes Principes, desceraõ a Italia, e em breves dias se vio Parma reformada com o vivo exemplar das heroicas virtudes da Infanta Dona Maria, que seu Esposo com o trato começou a venerar como Santa, confiando-lhe o bom successo de suas acções, como advogada. Exporey huma legal confirmaçaõ desta verdade na reposta, que Alexandre Fernesio deu a D. Joaõ de Austria, General da armada contra o Turco na batalha naval de Lepanto, reprehendendo-o por investir o inimigo mais temerario, que valente, por estas palavras: „ Que era necessario dar hu- „ ma sofreada em seu valor. Alexandre lhe respondeo: „ Em casa deixo a causa da minha con- „ fiança, e mais o patrocinio, attribuindo às orações da Infanta o bom successo de suas acções militares.

Na creaçaõ dos filhos teve hum extremoso cuidado, fazendo-os doutrinar primeiro nas virtudes, que nas artes. Até na morte deu a conhecer este cuidado, porque voltando-se interiormente a Deos, proferio esta Catholica sentença, „ Neste ultimo tempo de minha vida te rogo:

Q „ e peço,

„ e peço, oh Padre Eterno, que ſe meus filhos
„ houverem de commetter alguma culpa grave,
„ com anticipada morte os preſerves de injuria-
„ rem a tua Mageſtade. Depois de onze annos
de caſada, com hum fim nada menos eſclarecido,
que a vida, faleceo no anno de 1577. Achou-
ſe hum livro pequeno, eſcrito de ſua maõ, em
que tinha recopilado aquelles exercicios, que
lhe dictara luz ſuperior, para obſervar ſinalada-
mente cada dia, e hora.

Era a Infanta Dona Maria de claro juizo, e
aguda intelligencia; fallava com promptidaõ a
lingua Latina, comprehendeo a Grega, e naõ
ignorava a Filoſofia. Nas Mathematicas foy
muito douta, e na ſciencia da Eſcritura Sagrada
teve tanta erudiçaõ, que repetia de memoria os
Oraculos de hum, e outro Teſtamento. Na li-
çaõ dos livros gaſtava grande parte do dia, naõ
faltando ao exercicio do lavor, que applicava
para o culto dos Templos, e adorno das Ima-
gens, e Altares. Todo o mais tempo livre das
obrigações do eſtado, gaſtava nos officios da
Chriſtandade, exercitando as virtudes, de que
no Ceo ſe lhe formaria a Coroa.

DONA

XVI.

DONA MARGARIDA DE NORONHA.

NO Convento da Annunciada de Lisboa, da Ordem de Saõ Domingos, floreceo em letras, e virtudes com o nome de Margarida de S. Paulo Dona Margarida de Noronha, filha dos Condes de Linhares D. Francifco de Noronha, e Dona Violante de Andrada, e foy huma das Heroínas Portuguezas, que adquiriraõ creditos à patria, emulações ao fexo. Conheceraõ-lhe feus pays o engenho nos primeiros annos, e lhe deraõ meftres de quem aprendeo as letras, linguas, e artes liberaes, que exercitou com applaufo, e vulgar fama.

Fallava com boa intelligencia as linguas Latina, Franceza, Ingleza, e Italiana, deixando na Portugueza muitos efcritos, fendo o principal empenho difcurfos efpirituaes, e eruditos. Na pintura de oleo, e illuminaçaõ admirava os mais perítos profeffores, que floreciaõ naquella idade. Debuxava, e efcrevia com igual primor; e fe moftravaõ feus efcritos pela rara fórma do invento, fingular idéa do artificio, fermofura da compofiçaõ.

Quando fe fundou o Convento da Annunciada, deu a idéa, e rifco da Igreja, officinas, e varanda; fazendo-fe crivel, que os retabolos

antigos, que alli ſe conſervaõ, ſejaõ obras de ſeu pincel, originaes da ſua maõ. Aprendeo Arithmetica, e Solfa com todos os preceitos do contraponto, que lhe fizeraõ mais facil o uſo dos inſtrumentos, que tocava, ſendo taõ deſtra em cantar, como em tanger viola de arco. Eſcreveo nas linguas Latina, e Portugueza excellentes diſcurſos, cheyos de doutrina, e erudiçaõ ſagrada, e profana; e ainda que lhe faltou o beneficio da eſtampa, ſe conſerva na tradiçaõ mais que nos eſcritos eſta abbreviada memoria.

Occupou muitos lugares da Religiaõ, em que fez vulgariſar os dotes de ſua capacidade, até lhe conferirem por ſeus merecimentos o de Prioreza, que exercitou por quatro triennios. Corria na Corte o bom nome deſta Senhora com grandes elogios de erudita, e diſcreta; e pòde ſer, que eſta fama levaſſe Filippe III. Rey de Caſtella, e Portugal (que naquelle tempo fazia Corte em Lisboa) ao Convento da Annunciada, honrando com a ſua preſença a profiſſaõ de huma Religioſa, acompanhado da mayor nobreza.

Neſte acto recitou Margarida de Saõ Paulo huma Oraçaõ, explicando os tres votos de pobreza, obediencia, e caſtidade, com tanta diſcriçaõ, e elegancia, que deixou diminuta a fama, a admiraçaõ ſuſpenſa. Trasladou, e traduzio de Latim em Portuguez a Regra, e Conſtituições da Ordem com a fórma de lançar o habito,

bito, fazerem profissaõ, e Capitulo. No fim escreveo dez Orações à honra das dores, e lagrimas, com que a Senhora acompanhou seu Filho na Paixaõ, em que mostra eloquencia, e piedade. O livro he em quarto, impresso em Lisboa no anno de *1611.* na Officina de Pedro Craesbeck. Teve huma dilatada vida: e cheya de virtudes, e annos, faleceo em 2. de Janeiro de *1636.* contando oitenta e seis annos de idade. Duarte Nunes de Leaõ in Descriptione Lusitaniæ lhe faz hum merecido Elogio, e o Padre Pacheco na Vida da Infanta Dona Maria.

XVII.

MARCELLA, Veneziana.

CORRIA o anno de mil quatrocentos setenta e cinco na declinaçaõ dos mezes, quando se experimentou gloriosamente fausto para a Ilha de Lemno, que governava hum valeroso, e nobre Capitaõ Veneziano, que se acompanhava de huma filha chamada Marcella, que foy illustre instrumento para os naturaes cantarem a famosa vitoria, que alcançaraõ contra o poder de Mahomet, segundo deste nome, Monarcha Othomano. Daremos aqui a ler hum singular testemunho do grande valor de Marcella na repentina

tina invaſaõ, que os Turcos fizeraõ neſta Ilha com maõ poderoſa, ſendo General do mar, e terra Solimaõ Eunuco Boſinu, que voltava da Cidade de Eſcutari raivoſo, e infelice na empreza, e ſitio, que levantou deſeſperado de levar a Cidade por força de armas, perdendo tempo, gente, e opiniaõ.

Conſtava o tranſporte deſta armada de oitenta mil combatentes, que fazendo ſem oppoſiçaõ o deſembarque, cercaraõ regularmente a Praça da Ilha de Lemno, ou de Vulcano, nome com que hoje ſe conhece na Italia, que tem de circuito cem mil paſſos, como refere Bordonio; e Plinio eſcreve, que houvera aqui o terceiro Labyrinto. Com a viſta de forças taõ numeroſas, fazia o temor, e o repente mayor a confuſaõ em Ilheos, que animados à defenſa pelo Governador, logo no primeiro aſſalto conheceraõ os Turcos, que tinhaõ inimigos, que lhe diſputaſſem o vencimento, fizeſſem cariſſimo o triunfo.

Começaraõ a laborar com ſucceſſivo, e deſeſperado vigor as batarias, como quem intentava acabar em poucos dias a empreza. Pelas ruinas da muralha faziaõ cada dia portas para a vitoria, repetindo os aſſaltos; mas ſempre acharaõ igual valor, e reſiſtencia, padeceraõ ſempre a meſma fortuna, e perda.

Hum dia, que fizeraõ mais fogo ſobre os ſitiados, lhe mataraõ o Governador com huma bala

bala de artilharia. Só por efte accidente efteve a Praça a rifco de perderfe; porém Marcella acudindo ao perigo, que ameaçava a falta de feu pay, fazendo retirar o cadaver, fe veftio das mefmas armas para lhe vingar a morte; e animando os fracos, ajudou os valentes com as palavras, e com as obras, que fizeraõ alcançar o triunfo daquelle dia, que principiando funefto, acabou gloriofo.

Em quanto os defenfores convaleciaõ do fufto pela morte do Capitaõ, peleijando fem exemplar, ganharaõ os Turcos huma parte da muralha, fuftentando por muitas horas aquelle primeiro favor da guerra. Durou o perigo em quanto Marcella naõ cingio a efpada, e regêo o baftaõ; porque os fitiados pelo influxo de feu esforço fe empenharaõ tanto na refiftencia, que muitos dos inimigos ficaraõ mortos na defenfa os mais precipitados nas ruinas, porque fugindo de hum perigo cahiaõ em outro.

Acabou a peleija com o dia, dando lugar a noite, a que Marcella defcançando de hum grande trabalho em outro mayor, mandaffe com affectos de filha dar competente fepultura ao cadaver do pay, fendo as fuas lagrimas as vozes, que lhe celebraraõ as exequias, elogiaraõ os triunfos. O General Solimaõ, aconfelhado de feu eftrago, no filencio da noite defamparou o campo, deixando femeado o campo do mais luzido corpo de feu exercito.

Com

Com o dia ſe conheceo na Praça a furtiva retirada do inimigo, que celebraraõ os ſitiados com apreços de huma grande vitoria, que a valeroſa Marcella deſprezou, como quem naõ tinha ainda bem vingado no ſangue dos Turcos toda a ſaudade, que lhe eſtava cuſtando a morte de ſeu pay, que ſentio com extremo, tolerou com esforço. Naõ ſabemos ſe deſta heroicidade teve outra gratidaõ, que a memoria breve, que referimos com o meſmo artificio, com que achamos levantado à ſua fama eſte pequeno brado, toſco padraõ.

XVIII.

MARIA ESTUARDA,
Rainha de Eſcocia.

SErá para todos os ſeculos lamentavel tragedia a Hiſtoria das acções, vida, e morte da incomparavel Rainha de Eſcocia Maria Eſtuarda, que a malicia dos herejes pertendeo confundir com muitos artificios, calumnias, e falſidades, querendo ſepultar com as cinzas de taõ illuſtre matrona a innocencia, com que triunfou de tantos infamatorios libellos, da paixaõ de tantos affectos deſordenados, que lhe deraõ a morte, eternizando-lhe a poſteridade com outra melhor coroa, mais dilatada vida. Naſceo eſta

Prin-

Princeza filha unica de Jacob V. Rey de Efcocia, e de Maria de Lorena aos 13. de Dezembro de 1542. dia de Santa Luzia Virgem, e Martyr.

Ficou fem pay aos oito dias de feu nafcimento; mas logo, que fez cinco annos, a levaraõ a França para fe crear na Corte, e patrocinio de Henrique II. e Catharina de Medicis, que amava efta Princeza pela nobreza, fermofura, juizo, e engenho, dotes com que a natureza começou a predizer a fabedoria, que adquirio nas linguas, e Sciencias Divinas, e humanas. Aqui aprendeo as bellas letras com difvelo, e applicaçaõ de mais largos annos. Contava quinze annos, quando os Reys de França a cafaraõ com o Principe feu filho, de igual idade, e femelhantes virtudes; matrimonio, que naõ teve mais duraçaõ, que dezafeis mezes, morrendo o Principe de mal de ouvidos, fem deixar em tamanha perda o lenitivo da fucceffaõ, que fe chorou em toda a Monarquia, porque era taõ bem inclinado, que promettia grandes augmentos ao Reyno, felicidades aos Vaffallos.

Enxutas as lagrimas, e depofto o fentimento, fe retirou Maria Eftuarda para a fua patria a coroarfe duas vezes Rainha de Efcocia, e de Inglaterra, herança, de que era legitima fucceffora; ainda que naõ chegou a ter poffe defte Reyno ufurpado pela herefia, que conferio o governo com titulo de Rainha a Ifabel, filha de Henrique VIII. e Anna Bolena. Ifabel, que

R era

era ſua prima , e ſe achava intruſa no throno de Inglaterra, temeroſa de perder a Coroa, concebeo tamanha paixaõ contra a legitima ſucceſſora daquelles eſtados, que intentou embaraçar-lhe a jornada ; mas como ſe acompanhava de muita nobreza de França , paſſou livremente a Eſcocia com proſpera viagem , ſendo recebida pelos Catholicos com goſto, e alegria de muitas feſtas publicas, e particulares.

Como a tyrannia de Iſabel perdeo o tiro, cubrio com artificio de amiſade o veneno , de que eſtava inficionado o coraçaõ, e viſitou com huma ſolemne embaixada, mandando-lhe hum rico preſente com muitas palavras de alegria pelo bom ſucceſſo da viagem, dizendo: „ Que „ o vinculo do parenteſco ſegurava entre as duas „ Coroas perpetua aliança, ſyncera correſpon- „ dencia. Eraõ ambas doutas, e diſcretas, porém o coraçaõ em Maria Eſtuarda generoſo , e credulo; e profiava nas cortezias, e nas honras, tratando eſta amiſade com paixaõ, e affecto verdadeiro; e mandou-lhe hum ſingular diamante, em fórma de coraçaõ, com huns verſos de Buchanano , excellente Poeta , que florecia naquelle tempo em o Reyno de Eſcocia.

Havia paſſado de hum Reyno a outro Reyno de Inglaterra a Eſcocia a hereſia Calviniſta, que perturbou a paz pelas cautelas, e induſtrias de Iſabel, ambiçaõ de reynar em o Conde de Murray, irmaõ natural da Rainha, que ſe chamava

mava Prior de Santo André, por eſtar deſtinado para eſta dignidade Eccleſiaſtica. O Conde como a vio pertendida do Rey de Eſpanha para ſeu filho, e do Emperador para ſeu irmaõ, começou a ſemear diſcordias entre eſtas alianças com tanto exceſſo, que ſe atreveo a dizerlhe, que ſe caſaſſe com Principe eſtrangeiro naõ teria paz em ſeus eſtados; e para divertilla, e trazella ao precipicio, que tinha premeditado, lhe louvava ſempre as perfeições de ſeu primo o Conde de Lenox, querendo tentarlhe o affecto ſem lhe perſuadir o matrimonio, que naõ deſejava mais, que para obſtaculo, ſó lhe lembrava para eſtimulo.

A Rainha Maria Eſtuarda ſe inclinou facilmente às prendas do Conde ſeu primo, que era de bizarro eſpirito, e gentil corpo, perſuadida dos elogios do irmaõ, que iſſo pertendia, e naõ o caſamento, que ſe effeituou muito a ſeu pezar com diſpenſa do parenteſco, e grandes feſtas do povo; ainda que os mais Principes, vendo-ſe preferidos, ficaraõ zeloſos, o Conde de Murray enganado. Perſuadia-ſe, que ſendo o Conde Rey, ſeria inſtrumento de ſuas maldades; mas quando vio, que reynava independente de ſeus arbitrios, chegou a moſtrarſe deſcontente do governo, fazendo-lhe guerra, que naõ continuou desfavorecido da fortuna, e retirado à Inglaterra, urdio com novas idéas lamentaveis ruinas, deploraveis calamidades.

Pelo Conde de Morton, que ſe achava na Corte, introduzio os zelos de mais ſoberanía no governo entre o Rey, e a Rainha, que depois infamou na honra, fazendo crer aos poucos annos de Henrique Eſtuardo, que era offendida a Mageſtade pelo Secretario David Riccia, que a Rainha eſtimava pelos bons officios nas dependencias do eſtado. Empenhavaõ-ſe na diviſaõ da Caſa Real os Condes de Morton, e de Lindeza, cegos do eſpirito da hereſia; e aſſoprando o fogo dos zelos no coraçaõ do Rey, atormentado de dia, e de noite, reſpirou na crueldade de matar o Secretario, dando-lhe ſeſſenta punhaladas na antecamera da Rainha, ſahindo do deſpacho.

As vozes do innocente chamaraõ por tantas bocas a Rainha em ſeu favor, que apreſſando os paſſos para examinar o atrevimento, lhe cahio o Secretario morto aos pés, manchando-lhe com o ſangue as roupas, com a morte a opiniaõ. Podera o ſuſto cauſar mayor ruina, e mais lamentavel eſtrago no feto, de que andava a Rainha pejada; mas naõ perdendo o acordo naquella diſgraça, chamando pela guarda lhe ſahiraõ os homicidas; e ſem reſpeito à Mageſtade, com violencia, e menos attençaõ a prenderaõ em huma ſala de Palacio, que deixaraõ defendida, e ſegura com oitenta ſoldados.

Andava a hereſia triunfante; e deſcubrindo a cara, dizia publicamente, que a Rainha

como firme columna da Religiaõ dos Papiſtas, deviaõ de acabar por huma vez de a lançar por terra, privando-a da Coroa, que ſeguravaõ ao Rey, enganado com promeſſas de huma pacifica tranquillidade, ſegura paz. Moſtrou ElRey inclinarſe aos intereſſes de reynar independente, e abſoluto; e como eſtavaõ juntos em Cortes os Eſtados, começaraõ os herejes a conjurarſe em damno da principal nobreza do Reyno para ſoçobrar a Rainha no commum naufragio, a que eraõ deſtinados pela Rainha Iſabel de Inglaterra, que movia as aguas daquella tempeſtade.

O Conde de Murray com a primeira noticia da conjuraçaõ, voltou a Eſcocia, e querendo os conjurados fazello parcial na tragedia, com horror a tamanha maldade, buſcando meyos de fallar à Rainha com o ſegredo, que pedia o bom ſucceſſo da empreza, lhe pedio perdaõ, promettendo-lhe mais rendida vaſſallagem, fiel obediencia. Deſpedido o Conde, entrou ElRey, e entaõ ſe vio a fermoſura, e a natureza fallarem por huma ſó boca neſta ſubſtancia: „ Eſte ri-„ gor, eſta deſattençaõ, e ultraje, Senhor, e Eſ-„ poſo meu vos merece, quem vos entregou o „ coraçaõ como eſpoſa, e a Coroa como Rai-„ nha, antepondo-vos a todos os Principes da „ Europa? O amor, e naõ o ſangue, ou ou-„ tra alguma dependencia, vos elegeo entre todos „ os homens; e ſe foy delicto o meu affecto, ou „ culpa a minha eleiçaõ, tambem vos entrega-

„ rey

„ rey a vida, e naõ tardeis em darme logo a mor-
„ te, porém o innocente filho, que em minhas
„ entranhas ſe eſtà animando do voſſo ſangue,
„ porque razaõ lhe ha de ſervir de tumulo o pri-
„ meiro talamo? Olhay, olhay, Senhor, que
„ os exceſſos de taõ injurioſo procedimento,
„ acabaraõ com huma, e outra vida; e temo,
„ que reconheçaes tarde a violencia, que vos
„ perſuade, quem vos inveja a fortuna para nos
„ ſepultar ambos nas meſmas ruinas.

Naõ deraõ as lagrimas mais lugar às vozes, expreſſadas com tantos affectos, que o Rey correſpondendo com vivas demonſtrações de ſentimento, e amor, lhe pedio perdaõ lançado a ſeus pés, e entre lagrimas, e ſuſpiros deſculpava na cega paixaõ do ciume a tyrannia em damno da innocencia, ultraje da Mageſtade. E logo dandolhe parte da cruel conjuraçaõ, que eſtava feita, ameaçando a ſua vida, e ultimo eſtrago daquelle Reyno, acabou dizendo: „ Que viera, ou a
„ viver na ſua companhia, ou a morrer na ſua de-
„ fenſa.

Quando a Rainha ſe devia eſtremecer com a noticia da conjuraçaõ, ſe alegrou na confiança, com que o Rey ſe offerecia a fazerlhe companhia naquelle trabalho, eſtimando em menos a vida, que o ſeguro conhecimento, que ſe tinha da innocente morte do Secretario, como plauſiveis honras, que dedicava à poſteridade de taõ benemerito Vaſſallo, fiel Miniſtro. E exhortan-

exhortando o Rey benignamente procuraſſe aplacar a ira de Deos, implorando a ſua miſericordia, paſſou a inſtruillo no modo, com que ſe havia diſſimular com os parciaes da conjuraçaõ, divulgando para lhe ſegurar a vida, que ſe achava perigoſamente enferma, e com tantas evidencias de mortal, que por horas ſe lhe podiaõ eſperar as agonias, ordenarem-lhe as exequias.

Perſuadidos os conjurados do accidente, e diſpondo ElRey retirarſe da Corte por diligencia do Conde de Betuel, ſe ajuntaraõ algumas tropas, que fizeraõ o numero de nove, ou dez mil homens; e com eſta eſcolta partiraõ as Mageſtades, deixando a conjuraçaõ fruſtrada, os parciaes confuſos, e temeroſos. Como ElRey ſabia, que por induſtrias do Conde de Murray ſe fabricara a innocente morte do Secretario, e o tinha por ſuſpeitoſo, teve penſamentos de o matar, ſe a Rainha naõ encontrara ſemelhantes violencias. Conheceo-lhe o Conde a boa vontade, e movendo nova conjuraçaõ, ganhou o Conde de Betuel, homem inconſtante, e atrevido; e fazendo-o parcial, e inſtrumento daquella traiçaõ, lhe prometteo com a morte do Rey, a Rainha por mulher, a Coroa de Eſcocia por premio.

Achava-ſe ElRey em cura; e para o fazer mais commodamente, ſe retirou de Glaſco para Edimburg, e logo os conjurados minaraõ o Palacio para com huma ſó acçaõ ficar morto, e ſepultado.

pultado. Sinalou o Conde de Murray o dia da traiçaõ, mas deteve-ſe a hora, em quanto a Rainha o viſitava; e retirando-ſe depois da meya noite, ſe pegou fogo à mina, levando pelos ares a ſala, e camera do infeliz Henrique Eſtuardo, que foy cahir no jardim quaſi morto; porém acabou às mãos dos conjurados, padecendo depois da violencia do fogo, a tyrannia do ferro.

Naõ poderaõ os herejes, e conjurados encobrir a verdade, ainda que divulgaraõ em muitos eſcritos, que a Rainha fora cumplice na traiçaõ, como refere Cambden na primeira parte da ſua Hiſtoria, ſendo hereje, e Chroniſta da Rainha de Inglaterra, ſinalando claras provas, evidentes atteſtações. O meſmo Buchanano, que tinha eſcrito hum libello infamatorio, manchando a pureza da Rainha, ſobornado pelo Conde de Murray com promeſſa do Patriarcado de Eſcocia, ſe retratou publicamente, ſendo condemnado pelos Eſtados do Reyno pelo crime de leſa Mageſtade, pedindo perdaõ a ElRey Jacob ſeu filho no anno de 1567.

Algum tempo depois, que voltou à Corte o Conde de Murray, retirado com cautela para lhe naõ imporem o crime da traiçaõ, de que fora movel, entrou o Conde de Betuel hum dos poderoſos Principes de Eſcocia na pertençaõ de caſar com a Rainha, como premio da morte de Henrique Eſtuardo; negociaçaõ, que teve grandes contradições, que ſe venceraõ pelos bons officios do

do irmaõ da Rainha empenhado na palavra. Era propoſiçaõ deſte caſamento pelos confederados, que para ſe encontrarem os tumultos do povo, ſó convinha para Rey o Conde de Betuel, dizendo: „ Que era Principe de mais poder, e valor „ para defender a Coroa, conſervar em paz o „ Reyno.

Achava-ſe a Rainha viuva, e moça, pois contava ſó dezaſete annos, e o Principe ſeu filho de poucos mezes, rodeada de inimigos, que a eſtavaõ perſuadindo, e enganando com artificioſas cautelas; e ainda que era dotada de juizo claro, naõ podia conhecer a malicia, com que a enredavaõ, levando-a ao precipicio, que veyo a encontrar neſte ultimo caſamento, que ſe effeituou ſolemnemente com as Ceremonias da Igreja, luzimento, e grandeza de taõ poderoſo eſtado.

Naõ gozou o Conde por muitos dias as doçuras daquelle matrimonio, porque os herejes Luteranos, e Calviniſtas fomentando novos motins, e eſcrevendo infamatorios libellos contra a Rainha, mandaraõ pintar o Rey morto em huma bandeira, e o filho de joelhos, pedindo vingança, apparecendo em campanha com hum poderoſo exercito com a voz, de que era o Conde reo da morte de Henrique Eſtuardo. Tal horror lhe concebeo a Rainha pelo delicto, que o mandou retirar, para que nunca mais a viſſe, ainda ſabendo, que para livrarſe da perſeguiçaõ,

que ameaçava a ſua liberdade, e vida, ſó o Conde tinha valor, e animo; e quiz antes exporſe aos opprobrios dos inimigos, que ver, e acompanharſe de ſemelhante homem, que foy prezo fugindo para Dinamarca.

Alli viveo dez annos em duriſſima, e ſegura prizaõ; e aſſim na vida, como na hora da morte depoz na preſença do Biſpo, e Grandes de Dinamarca, que a Rainha naõ fora cumplice na morte de ſeu marido; noticia, que logo ſe divulgou pelos Principes da Europa com a legalidade, que requeria o teſtemunho, que lhe acreditava a honra, defendia a opiniaõ. Pela aſtucia dos agentes de Iſabel, obrigaraõ os herejes com violencias, e invectivas, que a Rainha cedeſſe no filho o governo do Reyno, e o fizeraõ coroar Rey de Eſcocia com hum ſó anno de idade, para entregarem o dominio, e coroa ao Conde de Murray com o titulo de Regente.

Naõ parou neſta incivilidade o deſacato a taõ excellente mulher, que a natureza, e diſcriçaõ encheraõ de prendas para cativar os mais barbaros corações, atrevendo-ſe a deſpojalla dos adornos communs à peſſoa, e ſexo; e veſtida pobremente, a conduziraõ em hum cavallo ao Caſtello de Levin, que governava o Conde Domglas, irmaõ do Regente, filhos da meſma concubina de ſeu pay, que a tratou como ſogra, inſultava como dama, porque naõ deſmentem os coſtumes das palavras.

Neſta

Nesta prizaõ purificou Deos com altissima providencia a alma de Maria Estuarda, dandolhe huma prodigiosa conformidade para aproveitar o tempo no exercicio de algumas virtudes. Parece que o Ceo quiz provar pelo innocente instrumento da sua liberdade a innocencia da Rainha, permittindo, que achasse no filho do Conde Domglas, menino de poucos annos, huma compaixaõ de mais nobre peito; e passou nesta substancia o feliz successo, extraordinario caso.

Hum dia, que o menino fallou com a Rainha, se atreveo a dizerlhe: „ Senhora se V. Magestade „ deseja livrarse desta prizaõ, o modo he facil, „ porque neste quarto ha huma porta para sahir „ ao Lago, em que algumas vezes nos divertimos; e eu entregarey a chave, havendo pri„ meiro prompta alguma embarcaçaõ, em que „ fujamos ambos por me livrar do furor de meu „ pay. Admirou-se a Rainha da compaixaõ, e discurso do menino, que teve por instrumento da Providencia, e lhe disse: „ Meu pequeno „ amigo: naõ convem communicar a pessoa algu„ ma o segredo, que me fiaste; e se fores o ins„ trumento da minha liberdade, prometto fazer„ vos grande, como he o vosso coraçaõ.

Para communicar aquelle expediente se valeo de panno branco por papel, em que lavrou com hum carvaõ por tinta os caracteres, que bastaraõ para fazer aviso ao Visconde de Selon, sina-

S ii lando

lando o dia, e hora, que deixava a prizaõ, embarcando só com o menino, pequeno varaõ, mas fiel companheiro de sua fortuna. Conduzido o baixel ao fim da ribeira, sahio a recebella o Visconde com alegria de fiel vassallo, e conduzida com segurança, e bom recado, se tratou logo dos meyos de defender a causa, ajuntando em poucos dias hum exercito mayor na qualidade, que no poder, pela nobreza, que seguio a sua voz, sacrificando a vida, e a fazenda pela Justiça, e Religiaõ. Os herejes com mayor numero de tropas lhe offereceraõ, e deraõ batalha, que durou por muitas horas, combatendo-se sete mil homens com partido muito desigual: corria o sangue de huma, e outra parte com valor, e porfiada resistencia, mas veyo a declararse a vitoria pela multidaõ; e só da illustre Casa dos Hamiltones se contaraõ cincoenta e sete Cavalheiros, que deixando bem vingadas as mortes, gravaraõ nos monumentos mais perduraveis troféos, crescidas palmas.

Vendo-se a Rainha obrigada a sahir de Escocia, se embarcou com o projecto de navegar a França; mas como era de coraçaõ altivo, julgando por afronta da Magestade entrar fugitiva, e desterrada em hum Reyno, de que sahira com tanto luzimento, e grandeza, lhe pareceo conveniente retirarse a Inglaterra, confiando da Rainha a protecçaõ do sexo, e parentesco a boa hospitalidade. O Arcebispo Hamilton, que era

homem

homem prudente, e velho, com eſpirito preſago do futuro, com lagrimas, e rogos lhe encontrava o diſcurſo, dizendo: „ Que ſe naõ fiaſ-
„ ſe da Ingleza, que a chamava temeroſa de per-
„ der a Coroa ſe melhoraſſe de fortuna, que-
„ rendo com a ſua prizaõ ſegurarſe no throno,
„ com a ſua morte adquirir a ſeu Imperio mais
„ hum Reyno.

Foy mais poderoſo o influxo, que predominava em Maria Eſtuarda, que o conſelho prudente do Arcebiſpo, fazendo-a entrar em hum Reyno, que lhe fora uſurpado, em que reynava a hereſia, e havia deſterrado a Religiaõ Catholica; mas quando eſperava ſer conduzida à Corte de Londres, ſe achou priſioneira em huma Ilha quaſi deſpovoada.

O irmaõ traidor, e desleal, ambicioſo de reynar, vendo que eſcapara do laço, que lhe tinha armado, renovou o pregaõ infame, culpando-a na morte do marido, como ſe naõ fora o autor da traiçaõ, que veyo a pagar naõ muito tempo depois em huma rua de Eſcocia, morto de hum tiro de piſtola com lamentavel diſgraça, porque naſcendo Chriſtaõ, morreo hereje. Iſabel contra as leys da hoſpitalidade naõ ſe contentou com a prizaõ, aſpirava naõ menos, que a tirarlhe a vida, nomeando-lhe Juizes Commiſſarios para conhecerem, e ſentenciarem a falſa accuſaçaõ dos herejes na morte do marido, conſtituindo-ſe abſoluta ſoberana da meſma Rainha,

nha, de que era vaſſalla, merecia o caſtigo de traidora.

Eraõ os Duques de Nortfole, e Suſex, por declarados herejes, inimigos da Religiaõ, e de Maria; porém ouvidas as defezas pelos ſeus agentes, a ſentenciaraõ, e deraõ por livre, julgaraõ innocente. Moſtrava Iſabel com fingido ſemblante alegrarſe da ſentença, que naõ eſperava em favor da prima; e accuſando em particular de froxos, e cobardes aos inimigos, lhe inſinuou requereſſem novos Commiſſarios. Creſcia no povo, e nobreza a murmuraçaõ contra os accuſadores da Rainha, dizendo, que deviaõ ſer caſtigados por falſos, mortos por traidores.

Pertendiaõ caſar com a Rainha de Eſcocia os Duques de Nortfole, e Lancaſtre, que por menos cauteloſo veyo a morrer em publico cadafalſo pelo crime de traidor, ſem mais culpa, que o ciume de Iſabel, accuſada na propria conſciencia de ſe ver no Throno de Maria. E temeroſa de alguma traiçaõ lhe mandou dobrar as guardas, vedando-lhe toda a correſpondencia; porém a diſcreta, e douta priſioneira ſe divertia na liçaõ dos livros em diverſas linguas, porque fallava ſeis com boa intelligencia, ſendo-lhe alivio à triſteza, diverſaõ à malencolia.

No meyo deſtas perſeguições, e trabalhos era confortada pelos Pontifices, Oraculos da Igreja, que a mandavaõ viſitar por alguns varões Religioſos, e doutos de valor, e induſtria para a confir-

confirmarem na Religiaõ Catholica, de que foy ſempre obediente filha, firmiſſima columna. Tendo Saõ Pio V. noticia, que lhe era negada a communicaçaõ dos Sacerdotes, e frequencia dos Sacramentos, lhe concedeo o ſingular indulto de commungar pela propria maõ, mandandolhe huma caixa de Hoſtias conſagradas; argumento das virtudes, letras, e Religiaõ deſta Heroína.

Tambem Henrique III. de França lhe mandou por algumas vezes ſeus Embaixadores; porém certas razões de Eſtado lhe impediraõ empenharſe mais efficazmente na ſua liberdade, que Maria Eſtuarda mais deſejava com a noticia das conſpirações, que os herejes ordenavaõ contra ſeu filho, temendo juſtamente naõ menos a educaçaõ, que a morte. Huma Carta, que eſcreveo à Rainha Iſabel por eſte tempo, e motivo com bem ponderadas clauſulas, eſcrevemos aqui em beneficio de ſua diſcriçaõ, e heroicidade.

SENHORA.

„ COmo chegaraõ a meus ouvidos as ultimas
„ conſpirações de Eſcocia contra meu po-
„ bre filho, temendo a conſequencia pelo exem-
„ plar, que reconheço neſta injuſta prizaõ, he
„ força empregar o pouco tempo de vida, que
„ me falta antes de ſahir deſte Mundo, em deſ-
„ cubrir claramente o coraçaõ com minhas la-

„ grimas

„ grimas taõ juſtas, como laſtimoſas. Deſejo,
„ que eſta Carta vos ſirva depois de minha mor-
„ te de hum perpetuo teſtemunho, que quero
„ gravar na voſſa conſciencia para me deſculpar
„ na poſteridade, como para confundir, os que
„ me tem tratado com voſſa premiſſaõ cruel, e
„ indignamente, prevalecendo em voſſo juizo
„ os ſeus procedimentos contra a ſynceridade de
„ minhas acções, e repoſtas.

„ A força de voſſo poder vos tem dado ra-
„ zaõ entre os homens; mas eu buſcarey o re-
„ curſo em Deos vivo, noſſo unico Juiz, que im-
„ mediatamente nos eſtabeleceo debaixo de ſeu
„ dominio para governo de ſeus povos. Eu o
„ invocarey nas minhas extremas afflicções, para
„ que nos dé quanto merecermos pelas noſſas
„ boas obras.

„ Lembrayvos, Senhora, que he hum Juiz,
„ que a politica do Mundo naõ póde enganar por
„ mais, que os homens eſcureçaõ a verdade com
„ ſubtileza de invenções, e artificios. Em ſeu
„ nome, e como em ſua preſença, vos trarey à
„ memoria alguns ſegredos, de que vos tendes
„ valído para amotinar o meu Reyno, e corrom-
„ per os meus vaſſallos até ſe atreverem contra
„ a Mageſtade.

„ Lembrarvos-hey a injuſta renuncía, de que
„ foſtes cauſa, quando me tinhaõ preza em Lo-
„ chlevin, ſegurando-me, que naõ teria valor, e
„ depois empenhaſtes todas as forças, para que
„ foſſe

„ foſſe Legal, defendendo os autores deſta mal-
„ dade. Vòs fizeſtes transferir o dominio, e
„ autoridade Real em meu filho, ainda eſtando
„ no berço; e quando pertendí ſegurallo, o en-
„ tregaſtes nas mãos de meus inimigos, que lhe
„ tiraraõ o governo, e ſe Deos naõ o remedea,
„ uſurparàõ o titulo.

„ Dirvos-hey na preſença deſte formidavel
„ Juiz, que vendo-me perſeguida de morte pe-
„ los rebeldes de meu Reyno, vos remetti por
„ hum Cavalheiro de minha Corte o annel de dia-
„ mantes, que me havieis mandado por ſeguran-
„ ça de me amparares com voſſa autoridade, ſoc-
„ correres com voſſas armas, recebendo-me neſ-
„ te Reyno com amiſade de parenta, honras de
„ ſoberana. Eſta repetida promeſſa em muitas
„ Cartas me obrigou a entregarme nos voſſos bra-
„ ços, conhecendo antes de os tocar o affecto
„ pelo effeito, que logo experimentey, achan-
„ do-me priſioneira ſem guerra, rendida ſem ba-
„ talha.

„ Depois, que a verdade deſcubrio os en-
„ ganos, que ſe haviaõ ſemeado contra o meu
„ reſpeito, e que os primeiros Miniſtros de voſ-
„ ſo Reyno reconheceraõ, e declararaõ a minha
„ innocencia; depois, que o defunto Duque de
„ Nortfole me fallou, e tratou comigo as de-
„ pendencias, que approvaraõ, e firmaraõ os
„ principaes Miniſtros de voſſo Concelho; de-
„ pois de me haver ajuſtado taõ largo tempo à

T „ ordem,

„ ordem, que ſe me deu, me vejo mais perſe-
„ guida, e meus criados, porque me negaõ to-
„ talmente naõ ſó os meyos de ſoccorrer a meu
„ filho, mas tambem de me chegar alguma no-
„ ticia de meu eſtado. He o que me obriga,
„ Senhora, a pedirvos pela doloroſa Paixaõ de
„ noſſo Salvador, e Redemptor JESU Chriſto,
„ me deis permiſſaõ para ſahir deſte Reyno a fa-
„ vorecer meu pobre filho, buſcar remedio a meu
„ afflicto corpo, maltratado de continuas dores,
„ e preparar a conſciencia com liberdade, porque
„ Deos eſtá chamando a alma.

„ Tomay, tomay as ſeguranças, e condições,
„ que vos parecerem, que a força eſtá da voſſa
„ parte para me obrigar; e he baſtante prova a
„ experiencia, que vos tenho dado, cumprindo
„ ainda em meu damno todas as promeſſas, que
„ vos fez a minha palavra, deſempenharáõ mi-
„ nhas obras. Voſſas prizões tem deſtruido meu
„ corpo, e naõ fica a meus inimigos, que deſe-
„ jar para a vingança; ſó a alma ſe conſerva in-
„ teira, porque naõ a deveis, nem podeis cati-
„ var. Day-lhe tempo para mais livremente reſ-
„ pirar pela ſalvaçaõ, que deſejo mil vezes ſobre
„ todas as grandezas do Mundo.

„ Que honra ganhaes vendo-me na voſſa pre-
„ ſença ultrajada, e debaixo dos pés de meus ini-
„ migos? Naõ conſideraes, que ſe neſte extre-
„ mo, ainda que tarde me livrares de ſuas mãos,
„ me obrigaes, e a todos os meus? Peço-vos me
„ deis

,, deis parte de voſſa tençaõ ſem fiar de outra
,, peſſoa minhas dependencias. E neſte meyo
,, tempo vos peço, que eſtando taõ perto, co-
,, mo eſtou, de ſahir deſte Mundo, me permit-
,, taes algum varaõ Religioſo, para que me inſ-
,, trua na Fé Catholica, em que vivo, e hey de
,, morrer. Tambem vos peço duas criadas, que
,, me aſſiſtaõ em meus achaques; e vos proteſ-
,, to diante de Deos, que neceſſito deſta com-
,, panhia, ainda que tivera naſcido de gente or-
,, dinaria, ou plebeya.

,, Concedeyme quanto vos peço pela honra
,, de Deos, e moſtray, que meus inimigos naõ
,, ſe acreditaõ na voſſa preſença, tanto, que
,, executem a vingança, e crueldade neſta peque-
,, na dependencia. Voltay, voltay ao voſſo bom
,, natural, obrigay aos voſſos, e dayme eſſe goſ-
,, to antes de morrer, ajuſtando os intereſſes de
,, noſſas Coroas, para que a minha alma ſahindo
,, do corpo, naõ vá obrigada a expor os ſeus ge-
,, midos na preſença de Deos pelo aggravo, que
,, lhe haveis feito neſte Mundo; antes pelo con-
,, trario ſahindo deſta prizaõ em paz, e concor-
,, dia com voſco, parta goſtoſa a ver a Deos, a
,, quem rogo vos inſpire hum affecto a favor de
,, minhas ſupplicas. Em Sheffeilde, aos 28. de
,, Novembro de 1581.

Maria, Rainha.

A qualquer mediano juizo convenceriaõ eſ-

tas razões, e diſcurſos, tornando piedade toda a fereza do mais barbaro coraçaõ; porém o de Iſabel ſe oſtentou mais obſtinado, buſcando meyos para lhe tirar a vida. Conſiderava, que era legitima herdeira de Inglaterra, de grande eſpirito, conſtante Fé, eminentes virtudes, e letras; que era ungida Rainha de Eſcocia; que tivera em dote o Reyno de França, favorecia o Pontifice Romano, andava nos olhos de toda a Chriſtandade, e os Inglezes, que eraõ Catholicos, a veneravaõ por ſagrado tronco, de que haviaõ renaſcer as flores, e frutos da Religiaõ Catholica; diſcurſo, que a trazia ſobreſaltada, obrigava a ſer mais tyranna.

Succedeo, que Balardo, Sacerdote Inglez, mais zeloſo, que bem conſiderado, fomentou em damno de Iſabel huma conjuraçaõ, que teve grande multidaõ de intereſſados, creſcendo de ſorte, que fizeraõ parciaes os Secretarios da Rainha de Eſcocia, que ſempre ignorou aquella negociaçaõ, que veyo a ſer cauſa da injuſta, e tyranna morte, que lhe deraõ, e ſe refere neſta ſubſtancia. O zelo da Religiaõ Catholica intereſſou a Babinton, homem nobre, e de grande eſpirito neſta empreza de Balardo, que naõ teve as cautelas, que pedia hum negocio de tantas difficuldades, ſegredo de tantas conſequencias.

Eſtavaõ os conjurados com tanta vaidade da empreza, que mandaraõ pintar em hum lenço certas diviſas, que os faziaõ autores da liberdade;

de; e querendo, que a Rainha de Eſcocia tiveſſe anticipada noticia, lhe eſcreveo Babinton huma carta, que os Secretarios Nau, e Crueles abriraõ, e reſponderaõ. Conheciaõ da prudencia, e piedade de Maria, que naõ conſentiria na violenta morte de Iſabel; porém ſabendo pelo aviſo de Babinton, que eſtavaõ já nomeados, e promptos ſeis Cavalheiros para executores do tragico aſſacinamento, e havia cem para livrarem a Rainha da prizaõ, reſponderaõ à carta, fingindo, e arremedando o ſinal, e firma da innocente Senhora.

Fiaraõ-ſe de Gifar, homem de conſciencia perdida, que entregava a Valſingan, Secretario da Rainha Iſabel, todas as cartas, que abria, e fechava com igual deſtreza, fazendo-ſe capaz dos ſegredos da conjuraçaõ. A ultima carta de Babinton, e a repoſta dos Secretarios em nome de Maria Eſtuarda, foraõ levadas a Iſabel, que mandou ler em Concelho na preſença de ſeus Miniſtros, que logo mandaraõ prender os conjurados, e eſtreitar a prizaõ à Rainha, que ignorava a cauſa; eſperando com valor, e paciencia conhecer pelos effeitos do rayo, os eſtampidos do trovaõ.

Eraõ paſſados poucos dias, quando lhe entregaraõ huma carta de Iſabel, noticiando-lhe a commiſſaõ, e permiſſaõ, que havia ao Concelho de ſeu Eſtado, para a ouvirem em juizo contencioſo, ſobre os delictos, de que era novamente accuſada. Com mageſtoſo ſemblante, e

eſ-

eſpirito quieto, leu a carta, e fallou aos Commiſſarios neſta ſubſtancia: „ Deixa-me com „ grande ſentimento, que a Rainha ſeja mal in„ formada, e que naõ fizeſſe caſo de taõ juſtas „ condições, como lhe offerecí pela minha li„ berdade. Advertilhe muitos perigos, ſem que„ rer acreditar os meus preſagios, fazendo-nos „ o ſangue parentas, o ſexo ſemelhantes. Bem „ prevî, que podia ſucceder dentro, e fóra do „ Reyno algum accidente, que alteraſſe a paz; „ mas tenho por novidade, que na ſua carta „ me mande como a vaſſalla apparecer em jui„ zo. Eu ſou Rainha jurada, e abſoluta; e naõ „ darey hum paſſo contra a independente rega„ lia da Mageſtade; que pódem os trabalhos ren„ der as forças, naõ pòdem contraſtar os brios.

E logo no meſmo dia o Chanceller, e Theſoureiro, tomando a repoſta por eſcrito, lhe notificaraõ o poder da ſua commiſſaõ, dizendo: Que ouviſſe os cargos, que lhe faziaõ, porque do contrario reſultaria procederem por artigos de rebeldia, e contumacia. Aqui reſpon„ deo a valeroſa Heroína: „ Que mais queria „ morrer mil vezes, que ultrajar a Mageſta„ de, que era independente de outro Tribunal, „ que naõ foſſe o Divino. Se cuidavaõ perſua„ dilla, que eraõ Legaes na formalidade da juſti„ ça depois, que traziaõ fulminada a ſentença, „ e trocida a rectidaõ, que moſtravaõ; conſul„ taſſem as conſciencias, e advertiſſem, que o „ theatro

„ theatro do Mundo era mayor, que o dominio
„ de Inglaterra.

Inſtando os Commiſſarios, para que viſſe, e leſſe o decreto da commiſſaõ, lhe fez eſta pergunta: „ Com que direito haveis de pro-
„ ceder, Canonico, ou Civil? Sey muito bem,
„ que naõ ſois grandes Juriſconſultos, e ſeria
„ mais ajuſtado recorrer às mayores Univerſida-
„ des da Europa. E acabou dizendo: „ Que
„ reſponderia na preſença dos Eſtados do Rey-
„ no; e ainda que eſtava reconhecida por herdei-
„ ra de Inglaterra, que fallaria naõ como vaſſal-
„ la, mas em fórma de pratica, ſem nunca ſugei-
„ tarme às ordens da voſſa commiſſaõ.

Na manhãa do outro dia chamou hum dos Commiſſarios, e lhe pedio tomaſſe por eſcrito o ſeu proteſto, para ſe defender ſem prejuizo da dignidade Real. Logo os Commiſſarios, e Miniſtros daquella barbara execuçaõ, juntos em huma ſala, donde haviaõ erigido tribunal em fórma de cadafalſo, levantado ſuperior ao pavimento com cadeira Real de docel, para repreſentar a Mageſtade da Rainha Iſabel, ouviraõ a Rainha Maria Eſtuarda, que entrou com ſemblante grave, e modeſto; e tomando o ſeu lugar em outra cadeira de borcado carmezim, o Chanceller Bronley, lhe referio em poucas palavras a commiſſaõ, que tinha, a defeza, para que era chamada.

Logo o Chanceller fazendo ſinal aos Offi-
ciaes

ciaes de Juſtiça, que eraõ mais de quarenta, lhe começaraõ a fazer mil perguntas maliciosas; porém a diſcreta, e generoſa Amazona reſpondendo a todas, ſe livrou da rede, que lhe traziaõ armada, com tanta viveza de juizo, que deixou a innocencia bem provada, a malicia dos Miniſtros convencida. Em fim, ſem confrontarem as teſtemunhas, nem outras legalidades de Direito, e contra a pratica da Juſtiça, lançaraõ os Juizes a ſentença, que o Parlamento confirmou; pedindo à Iſabel, que ſe fingia cheya de ſentimentos, e hypocreſias, que a mandaſſe executar por juſtiça, e ſegurança da peſſoa, paz, e tranquillidade do Reyno.

Logo ſe lhe deu parte da iniqua ſentença, dizendo, que os Eſtados pediaõ a execuçaõ, noticia, que naõ alterou aquelle grande eſpirito, recebendo-a com tanto acordo, que levantando os olhos, e as mãos ao Ceo, deu graças àquelle Senhor, que permitte as tribulações com a Providencia, que naõ alcança o juizo humano. Pedio logo hum Sacerdote para lhe adminiſtrar os Sacramentos, e deſte dia até o de ſua morte a tratou o Miniſtro de ſua guarda com inſolente demaſia, barbaro procedimento. Quero tranſcrever aqui a ultima carta, que por eſta occaſiaõ mandou a Iſabel, como prova das virtudes, que floreceraõ naquelle auguſtiſſimo peito, incontraſtavel coraçaõ.

SENHO-

SENHORA.

„ DOu graças a Deos de todo o coraçaõ por
„ ſe haver ſervido de finalizar com a voſſa
„ ſentença a triſte peregrinaçaõ da minha vida.
„ Naõ peço, que me dilateis a morte, que pa-
„ ra experimentar os ſeus effeitos, foy dilatado
„ o tempo, longo o prazo. Só peço a V. Ma-
„ geſtade, que pois naõ devo eſperar favor de
„ alguns Miniſtros, que tem os primeiros luga-
„ res no governo de Inglaterra, alcance de voſſa
„ maõ, e naõ de outra, os beneficios, que ſuccin-
„ tamente aqui proponho.

„ Em primeiro lugar, que ſuppoſto naõ de-
„ vo eſperar, que neſte Reyno me enterrem com
„ as Ceremonias da Igreja Catholica, praticadas
„ pelos Reys voſſos anteceſſores, e meus; e no
„ de Eſcocia chegou a maldade a deſenterrar as
„ cinzas de meus avos; vos peço, que depois de
„ eſtarem fartos de meu ſangue innocente os meus
„ inimigos, ſeja meu corpo levado a terra ſagra-
„ da para ſe lhe dar ſepultura: porque eſte cor-
„ po, que nunca teve deſcanço junto com a al-
„ ma, o poſſa conſeguir ſeparado.

„ Rogo a V. Mageſtade, em ſegundo lugar
„ pelo medo, que tenho à tyrannia dos que me
„ guardaõ, que ſe naõ execute a ſentença em par-
„ te, que naõ ſeja publica aos familiares de mi-
„ nha caſa, e outras peſſoas, que poſſaõ teſtemu-

„ nhar a minha Fé, e obediencia à verdadeira
„ Igreja Em terceiro lugar vos peço, que as
„ pessoas, que me tem servido no meyo de tan-
„ tos trabalhos com tanta fidelidade, se possaõ
„ hir livremente, e gozar das poucas convenien-
„ cias, que a minha pobreza lhe deixa em tes-
„ tamento. Peço-vos, Senhora, pelo sangue de
„ JESU Christo, pelo nosso parentesco, pela
„ memoria de Henrique VIII. nosso commum
„ pay, e pelo titulo de Rainha, que tenho até a
„ morte, naõ me negueis taõ justas petições, e
„ morrerey como tenho vivido.

Vossa affeiçoada irmãa, e prisioneira

Maria, Rainha.

Naõ tiveraõ effeito as diligencias delRey Jacob para livrar a sua mãy das mãos de Isabel, que depois de tres mezes, que fora publicada a sentença, mandou a certos Condes, que a fizessem executar, decreto, que levaraõ à Rainha Maria Estuarda, que se achava indisposta; e fazendo-a levantar da cama, a notificaraõ, que havia de morrer no outro dia pela manhãa. Sem mudar de semblante, ouvio a terribilidade da iniqua sentença, e disse: „ Que nunca entendera, que a Rainha sua prima desprezasse no „ proprio sangue o sexo, e a dignidade Real, por-
„ que

„ que ficava perdendo muito da ſoberanía naquel-
„ le abatimento; mas como era ſeu goſto, que
„ a morte lhe ſeria agradavel, e menos penoſa,
„ que a vida em quaſi vinte annos de huma pri-
„ zaõ, que a cauſa fazia mais tyranna, os effei-
„ tos deploravel. Que o Ceo, e a terra toma-
„ va por teſtemunhas da ſua innocencia; porém
„ naquelle eſpectaculo ignominioſo lhe era alivio
„ morrer pela Religiaõ de ſeus pays; e roga-
„ va lhe accreſcentaſſe a conſtancia a medida da
„ iniquidade daquella ſentença, e recebeſſe a mor-
„ te, que havia de padecer, em ſatisfaçaõ de ſuas
„ culpas.

Acabou a Rainha, rogando aos Commiſſa-
rios lhe deixaſſem conferir com ſeu Confeſſor
negocios de ſua conſciencia, mas ſendo-lhe ne-
gado, o que pedia, lhe quizeraõ dar por dire-
ctores o Biſpo, e Deaõ de Petrisburg, dous gran-
des herejes. Naõ permittio a Rainha, que che-
gaſſem à ſua preſença, dizendo, que Deos a con-
ſolaria; e o Conde de Kent, que era hum dos
Commiſſarios, que mais a perſeguia, lhe reſ-
pondeo: *Voſſa vida ſerá a morte, e a voſſa morte
ſerá a vida de noſſa Religiaõ*; declarando aſſim a
cauſa, que a levava ao ſupplicio, de que a San-
ta Rainha deu graças a Deos, por ſe ver avaliada
pelos ſeus inimigos de inſtrumento capaz de eſta-
belecer a antiga Religiaõ de Inglaterra.

Retirados os Condes Commiſſarios, entrou
a diſpor, e eſperar a morte com tanta devoçaõ,

prudencia, e valor, que o mais perfeito Religioso naõ se pudera conformar, e ajustar melhor com muitos annos de meditaçaõ na morte. Mandou lhe anticipassem a hora da cea; e comendo com a mesma temperança, que tinha por costume, se entreteve em bons discursos com admiravel tranquillidade de espirito.

No fim da cea brindou a seus criados com huma alegria grave, e modesta; e pondo-se todos de joelhos para lhe fazerem a cortezia de agradecimento, misturaraõ muitas lagrimas com o vinho. E pedindo-lhe perdaõ dos defeitos, com que a tinhaõ servido, a Rainha igualmente rogou a todos lhe perdoassem, consolando-os com grande animo; mandando, que detivessem as lagrimas, e se alegrassem, porque estava perto de sahir de hum abysmo de miserias.

Logo pedindo recado de escrever, ordenou tres cartas pela sua maõ, para ElRey de França, para o Duque de Guiza, e para seu Confessor. Logo, que acabou de escrever, abrio o inventario de seus bens, escreveo os nomes dos criados, distribuïo o dinheiro pela sua maõ, e dizem, que passara a mayor parte da noite em oraçaõ; mas outras memorias affirmaõ, que descançara as horas, que era costumada, dormindo hum sono socegado para se achar mais vigorosa na morte.

Logo, que despertou, se vestio; e para se animar ao ultimo combate, com os joelhos em terra

terra lêo a Paixaõ de Chriſto, em que ficou meditando por muitas horas. Amanheceo o ultimo dia da ſua vida aos 18. de Fevereiro de 1587. horroroſo para Inglaterra, firmando-lhe o Ceo a ſentença de hum largo caſtigo, que ainda permanece, com o Real ſangue de Maria Eſtuarda, que ſe ornou dos melhores veſtidos de feſta para eſperar a hora da mayor tragedia, que referem as Hiſtorias, viraõ os ſeculos paſſados, naõ ſe eſpera ver nos futuros.

Mandou chamar todos os criados, e fazendo ler o ſeu teſtamento, lhes rogou aceitaſſem de boa vontade os pequenos legados, que lhe deixava, filhos da pobreza, em que ſe via. E deſpedindo-ſe de todos, os exhortou a huma firme Fé, ſanto temor, encomendando-lhe rogaſſem a Deos pela ſua alma. Permittio lhe beijaſſem a maõ, e foraõ tantos os ſuſpiros, clamores, e lagrimas, que ſó no coraçaõ Auguſto de Maria deixariaõ de fazer aballo, porque eſtavaõ os penſamentos abſortos em Deos, que foy logo receber pela propria maõ, retirando-ſe ao ſeu Oratorio, onde ſe deteve até ſer chamada para o ſupplicio.

Obedeceo promptamente às primeiras vozes, que lhe deraõ aviſo da hora, com ſemblante mageſtoſo, e alegre. Levava hum véo pendente da cabeça, hum Roſario na cintura, e hum Crucifixo de marfim na maõ. Os Commiſſarios a receberaõ em huma ſala, e Melvim, ſeu

ſeu Mordomo mòr, pondo-ſe de joelhos chorando, recebeo as ultimas ordens com eſta falla: „ Naõ choreis, mas antes vos alegray, por-„ que vereis hoje a Maria Eſtuarda livre de cui-„ dados. Peço-vos digaes a meu filho, que te-„ nho vivido, e morrerey conſtante na Religiaõ „ Catholica, e que guarde a Fé de ſeus antepaſſa-„ dos, ame a juſtiça, ſuſtente ſeus povos em paz, „ e naõ offenda a Rainha de Inglaterra.

„ Naõ tenho obrado acçaõ em prejuizo do „ Reyno de Eſcocia, e eſtou firme na fidelidade, „ que guardey ao Reyno de França. E olhando para o Chriſto, que levava na maõ, diſſe: „ Vós „ ſabeis (meu Deos) que ſois a meſma verdade, „ e penetraes os mais profundos ſegredos de meu „ coraçaõ, quanto deſejey a paz, e uniaõ dos „ Reynos de Inglaterra, e Eſcocia.

E voltando-ſe com as lagrimas ſuſpenſas nos olhos, enternecida com a lembrança do filho, rogou aos Condes Comiſſarios trataſſem bem a ſeus pobres criados, deixando-os gozar de quanto lhe deixava em ſeu teſtamento, permittindo lhe aſſiſtiſſem até a morte. O Conde de Kent lhe concedeo ſe acompanhaſſe de ſeis criados: e entrando em outra ſala, coberta de lutos, ſobio ao cadafalſo para dar fim à tragedia, acabando huma vida heroica às mãos da Rainha mais tyranna.

Logo, que ſe aſſentou na cadeira do ſupplicio, ſe lêo o decreto, e ſentença de ſua morte,

que

que ouvio, vencendo as paixões da natureza, os affectos da alma. O Deaõ de Petrisburg, Miniſtro da hereſia, ſe lhe poz diante recitando com magiſterio huma eſtudada oraçaõ, que a Rainha perverteo por muitas vezes, dizendo, que eſtava firme na Fé da Igreja Catholica Romana, e prompta para derramar o ſangue pela ſua doutrina.

Foy o mais ſenſivel de ſeus males a pratica deſte Doutor Lutherano, que durou na teima de ſeus hereticos periodos até a hora da execuçaõ. Acharſe-hiaõ preſentes o numero de trezentas peſſoas, que a ouviraõ fallar neſta ſubſtancia: „ Bem novo eſpectaculo he ver huma Rainha no „ infelice lugar de hum horroroſo cadafalſo; mas „ he força querer, o que permitte o Ceo, obe- „ decendo ao decreto da Divina Providencia. „ Tómo a Deos por teſtemunha, que naõ con- „ ſentí na conjuraçaõ contra o Reyno, e vida de „ minha prima, nem obrey acçaõ merecedora deſ- „ te indigno tratamento da Mageſtade; e ſó a Reli- „ giaõ Catholica, e verdadeira, que profeſſo, e „ confeſſo he a cauſa de minha morte, que te- „ nho por ditoſa. As minhas eſperanças eſtaõ fir- „ mes neſte Divino Simulacro, pois me ſegurou „ com a ſua morte, que eſta morte temporal me „ ſerá principio da eterna vida.

Naõ houve quatro peſſoas, que pudeſſem deter as lagrimas; e aſſim, que acabou de fallar, o verdugo, miniſtro executor da ſentença, pondo-ſe

do-ſe de joelhos, lhe pedio perdaõ. A Rainha ajoelhando, recitou em alta voz algumas orações Latinas, invocando a Mãy de Deos, e á triunfante Companhia dos Santos, para contender, e triunfar da hereſia. Rogou em fervoroſas deprecações pela Igreja, pelo Reyno de Eſcocia, pelo filho, pela cruel matadora, pelos Juizes, e miniſtro da ſua morte.

Aſſentada outra vez na cadeira, ſe diſpoz ao ſupplicio, fazendo o ſinal da Cruz; e deſpedindo-ſe das criadas, que a deſpojaraõ das primeiras roupas, com ſemblante de alegria, moſtrou, que era de riſo a morte, de predeſtinada a vida. Já com os olhos vendados, começou a recitar a oraçaõ: *In te Domine ſperavi*, e nas palavras: *In manus tuas commendo ſpiritum meum*, perdeo a vida aos golpes do cutello, que ſeparando-lhe a cabeça do corpo, foy moſtrada aos circunſtantes pelo verdugo, dizendo a vozes: *Viva a Rainha Iſabel, que aſſim morrem os inimigos do Euangelho*; o que tambem repetio o Deaõ de Petrisburg, applaudio o Conde de Kent.

Eſtendido o cadaver no cadafalſo, pediraõ as criadas ao Conde licença para o deſpir, e amortalhar; porém deſattendida a petiçaõ, ficou depoſitado em huma ſala do Caſtello até o dia, que foy ſepultada na Igreja Cathedral de Petrisburg, onde alguns Catholicos com o titulo de Martyr, lhe davaõ cultos de Santa, buſcando em ſeus merecimentos o patrocinio de advoga-

dâ.

da. Com a noticia da ſua morte repicaraõ os ſinos de Londres, para chegar a voz da execuçaõ aos ouvidos de Iſabel, que fingio grandes ſentimentos; porém a conſciencia, que lhe accuſava o coraçaõ de tyranno, a feria taõ ſenſivelmente, que as ſuas Camereiras acordavaõ de noite, aſſombradas com as vozes, que dava; permittindo o Ceo, que duraſſe por huma larga idade no throno de Inglaterra, para dilatarlhe o caſtigo na vida, perpetuarlhe o inferno na morte.

XIX.

MAGDALENA SENETER.

NAs guerras Civís de França em o reynado de Henrique III. floreceo a valeroſa, e guerreira Magdalena Seneter, viuva de Guido Santo Exoperi, Senhor de Miromont em Lemorim, Provincia de França, fazendo recomendada a memoria de ſeu illuſtre nome pelas virtudes, e pelo esforço de ſuas acções militares. Era de animo varonil, e forte; de natureza robuſta, e montava com agilidade, e deſtreza, deſenvoltura, e arte. Sempre ſe acompanhava de ſeſſenta gentilhomens bem armados, correndo a campanha até a baixa Alvernia.

No anno de mil e quinhentos ſetenta e cin-

co, governando Montal a Provincia de Lemorim, teve por injuria de ſeu valor, que eſta valente Amazona em hum encontro com duas companhias Reaes as desfizeſſe, e deſtruiſſe inteiramente, ſendo na profiſſaõ ſoldados, em o numero ſuperiores. Intentando a vingança deſta vitoria, mandou formar hum corpo militar de mil e quinhentos homens de pé, e vinte de cavallo, e em peſſoa foy ſitiar o Caſtello de Miramont, que Magdalena Seneter governava como Senhora, defendia como parcial, e valeroſa.

Adiantaraõ-ſe cincoenta ſoldados a fazer hoſtilidades na campanha, correndo temerariamente até as portas do Caſtello, ou foſſe deſprezo, ou confiança. Sahio Magdalena Seneter a caſtigallos, e deu ſobre elles com taõ pezada reſiſtencia, e vigoroſa maõ, que os venceo, e deſbaratou; porém voltando a recolherſe para o Caſtello, o achou ſenhoreado pelos inimigos, que achando as portas abertas, e os moradores deſcuidados da invaſaõ, alcançaraõ vitoria ſem reſiſtencia, triunfo ſem oppoſiçaõ.

E achando-ſe obrigada a conquiſtar a propria caſa, ſem que a diſgraça lhe tiraſſe o acordo, ou perturbaſſe o animo, e conſelho, ſe foy a Torena baſtecer de quatro companhias de arcabuzeiros de cavallo. Montal temendo, que os Paizanos lhe deſſem entrada no Caſtello, ou deſprezando-ſe de eſperar o aſſalto, foſſe valor, ou confiança, ſahio a encontrarlhe o orgulho em hum

hum paſſo eſtreito entre duas montanhas.

Aviſtaraõ-ſe os partidos, e logo ſe ordenaraõ em batalha, que foy obſtinadamente diſputada, peleijando huns pela vitoria, outros pela vingança; mas recebendo Montal huma perigoſa ferida, ſe deſanimaraõ os ſeus, cedendo a campanha para evitarem a morte do Capitaõ, que faleceo quatro dias depois, junto do Caſtello de Lâ, para onde ſe tinha retirado naquella noite, levantando o campo furtivamente. Com a manhãa conheceo a valeroſa Heroína a retirada do inimigo, e ſe partio ao Caſtello de Meramont a gratularſe da vitoria, que naquella idade honrou a peſſoa, neſta breve eſcritura o appellido.

XX.

MARIA CATHARINA DOS JARDINS.

FOy bem conhecida, e famoſa pelos ſeus Romances a Poetiza Maria Catharina dos Jardins, que floreceo em Fleuri no decimo ſetimo ſeculo. Em Alenſon, Cidade pequena da Normandia, de que ſeu pay era Provoſte, teve o naſcimento, boa educaçaõ, e applicado eſtudo nas letras humanas; porém faltando-lhe em poucos annos, começou a experimentar pobreza. Naõ contava mais, que dezanove até vinte annos, quando ſe partio a Pariz, taõ diſcreta, como ambicioſa de ſe fazer conhecida para melhorar

de fortuna com a mudança, de pobreza com a induſtria.

Naõ ſe enganou Maria Catharina com ſeu genio em favor das ſuas prendas, porque logo em breves dias as fez vulgarizar com bom nome, que lhe mereceraõ as pertenções, e cortejos do Senhor de Ville-Dieu, Cavalheiro bem prendado, e rico. Ainda que naõ era taõ fermoſa, como diſcreta, e erudíta, ſe namorou de ſuas prendas com tanto extremo, que a recebeo por mulher; matrimonio, de que naõ houve poſteridade, porque ſe achou em breve tempo viuva; deſengano, que a retirou a ſentir aquella perda em huma Religiaõ. Depois, que o tempo apagou a memoria da ſaudade, querendo vencer a fortuna com porfia, ſahio da Clauſura, que buſcara por deſafogo, e naõ por deſengano, para caſar com o Senhor de Lachate; mas em breve tempo experimentou igual ſucceſſo, ſemelhante golpe.

Com o ſegundo cadaver enterrou na meſma ſepultura, com as cinzas do eſpoſo, as dependencias do matrimonio, querendo paſſar o reſto da vida vagamente goſtoſa, e divertida; porque de ſuas cartas ſe entende, que foy a Hollanda, e alli ordenara a deſcripçaõ de Haya, Corte daquelles Eſtados livres, Cidade Capital daquellas Provincias unidas. Eſcreveo em hum eſtylo taõ vivo, como livre; e na proſa parecia mais elegante, que no verſo.

Quei-

Queixa-ſe em huma carta de lhe haverem negado licença para correr hum de ſeus Romances, e ſe preſume, que foſſe hum, que eſcreveo com nome ſuppoſto, ſatyrizando huma Senhora da Corte, que ſe caſara baixamente. As obras deſta Heroína fazem huma collecçaõ de doze volumes, que ſe imprimiraõ em Pariz no anno de mil ſetecentos e dous em duodecimo, que naõ he pequena prova da eſtimaçaõ, que merecem. A melhor de ſuas compoſições he o livro intitulado: *Os deſterrados do Palacio de Auguſto Ceſar.* Compoz muitos livros de Novellas, que ſaõ muito eſtimadas; e ainda que os nomes dos Heroes ſaõ verdadeiros, os accidentes ſaõ fabuloſos. Deixou ſaudoſa a ſua memoria em o anno de 1683.

XXI.

MARGARIDA DE ARBOUZE.

EM Auvergne, Provincia do Reyno de França, naſceo em 15. de Agoſto de 1580. no Caſtello, ou Caſa de Campo de Villemont, a illuſtre Heroína Margarida de Arbouze, filha de Gilberto de Veni de Arbouze, e de Joanna de Pinac, ambos de igual nobreza. De nove annos de idade entrou no Moſteiro de S. Pedro na Cidade de Leaõ, que he da Ordem de S. Bento, e veyo a tomar o véo de Monja em 27. de Mayo de 1592. e fez profiſſaõ em 21. de Agoſto de 1599.

Sendo

Sendo ainda Noviça, visitou aquelle Mosteiro a Rainha de França Maria de Medicis, passando a Leaõ, e prendeo-se tanto da fermosura, e entendimento de Margarida de Arbouze, que desejando levalla na sua companhia huma Dama da Rainha, fazendo-lhe força para a despojar do habito, aos gritos da Noviça acudiraõ as Religiosas, que de todo embaraçaraõ o roubo daquelle thesouro, que depois se fez publico em muitas elegantes obras de verso, e prosa. Com a profissaõ se applicou o grande engenho de Margarida ao estudo das linguas Italiana, e Castelhana pelo interesse de entender alguns livros espirituaes, que naõ corriaõ ainda vulgarizados na lingua Franceza.

Naõ era menos ardente o seu espirito em adquirir a perfeiçaõ das virtudes: porque notando, que a Regra de S. Bento naõ era exactamente praticada, como o Santo Patriarca fundou aquella Ordem; fazendo-se exemplar da observancia, e deixando a relaxaçaõ de comer, e vestir, trocou a roupa de linho pela de lãa, e a carne pelo rigor do peixe. Praticou o uso de Matinas à meya noite, esquecido totalmente naquelle Mosteiro. Era frequente na oraçaõ, continua em os officios de humildade, e taõ applicada na liçaõ das Obras de Santa Theresa, que desejou passar para as Carmelitas Descalças por affecto à Reforma da Santa Matriarca, querendo ser filha de quem era devota.

Com

Com ſanta emulaçaõ intentou mudarſe para o Moſteiro de Montmartre da meſma Ordem, junto a Pariz, novamente reformado, e veyo a conſeguir, e vencer as difficuldades, que houveraõ, ſogeitando-ſe a outro anno de approvaçaõ, ou Noviciado, que teve principio em 13. de Agoſto de 1611. contando já da primeira profiſſaõ doze, de idade trinta e hum. Alguns annos depois fundando-ſe no Arrabalde da Cidade, e Corte de Pariz, chamado de Santo Honorato, o Moſteiro de N. Senhora de Val de Graça, que pedio ao de Montmartre fundadoras, foy Margarida huma com a incumbencia de Meſtra de Noviças. As parcialidades, que houveraõ em Montmartre, foraõ poderoſas para fazerem voltar a Margarida em 1617. àquelle Moſteiro; porém as deſordens da nova fundaçaõ de Val de Graça, a levaraõ por obediencia outra vez para Abbadeſſa em 1619. depois que mudou a ſituaçaõ para dentro da Cidade.

Applicou-ſe à ſciencia da Medicina, em que fallava com propriedade, conhecia as queixas, e receitava os remedios a tempo. Fallava com promptidaõ, e intelligencia as linguas Caſtelhana, e Latina, quanto lhe era neceſſario para o eſtudo da Eſcritura, liçaõ dos Padres, e Expoſitores. Eſcreveo muitos verſos em louvor dos Myſterios mais devotos; e ainda que era muito douta, naõ o queria parecer, nem podia occultar a eloquencia natural, com que fallava a lingua

gua materna com propriedade. Como era profundamente humilde, conſeguio com grande trabalho renunciar o officio de Abbadeſſa em 7. de Janeiro de 1626. aceitando goſtoſa o miniſterio de Meſtra das Noviças.

Naõ foy perduravel o exemplo, e doutrina de Margarida, como ſe deſejava em beneficio da Religiaõ, porque logo em 28. de Abril do meſmo anno, entendendo que era do ſerviço de Deos hir fundar a Charite-ſurloire, partio para aquelle Moſteiro. As Religioſas de Charenton em Berri, neceſſitavaõ tanto de reforma, que Margarida ſe reſolveo aceitar novamente aquelle miniſterio em 2. de Julho; e tendo concluido a 21. com admiraçaõ dos que tinhaõ por impoſſivel aquella reforma, a doença, que jà padecia, lhe apreſſou a jornada para o ſeu Moſteiro: porém a morte adiantando-lhe o fim da carreira a ſeus luzimentos, faleceo em Seri, Caſa de Campo de Marechada de Montigni, aos 6. de Agoſto do meſmo anno, contando quarenta e ſeis de idade, trinta e ſete de Religiaõ.

DONA

XXII.

DONA MARIA MACHUCA DE ALFARO.

FOy Granada a ditosa esféra, em que nasceo Dona Maria Machuca de Alfaro, no anno de 1563. aos 8. dias do mez de Setembro, em que celebra a Igreja Catholica, como primeiro annuncio de nossa Redempçaõ, o faustissimo parto, e felicissimo fruto, que nascendo coroado ramo da arvore de Adaõ, foy concebido em graça, naõ incorreo no decreto geral da culpa. O dia foy prognostico da santidade, a que estava empenhada pelo nome, e pelo astro, que dominou em seu nascimento.

Naõ teve Dona Maria em seus progenitores o Licenciado Francisco Machuca, e Dona Isabel de Alfaro, menos efficazes estimulos; porque àlem de serem nobres, e opulentos, tambem foraõ virtuosos, viveraõ exemplares. Anticipou-se a razaõ aos annos em Dona Maria, para mostrar o Ceo, que entrara no Mundo com a protecçaõ da graça, que lhe durou por toda a vida, sem perder a primeira, que recebeo no bautismo, adquirio depois com os Sacramentos, augmentou com as virtudes.

Com o leite bebeo o amor da castidade, e hum affecto natural a MARIA Santissima, que teve por exemplar na pureza. Aprendeo com

a lingua materna a rezar, e orar; e quando contava dezaſeis annos, ſabia lér, e eſcrever com todos os officios communs, e vulgares ao ſexo; porque era de taõ fecundo engenho, e claro juizo, que naõ havia difficuldade, que logo naõ comprehendeſſe, ſem canſar os meſtres com ſegunda liçaõ, repetida intelligencia. Aprendeo facilmente Grammatica com o meſtre dos irmáos, e primos, porque foy de memoria taõ feliz, que ſó de ouvir a liçaõ, e conſtruiçaõ, que davaõ, recitava fielmente a letra, e o conceito, ſem que lhe foſſe neceſſario particular eſtudo, nova reflexaõ.

Eſtendia-ſe a mayores eſtudos o deſejo de Dona Maria, parecendo-lhe pobreza de engenho naõ paſſar a comprehender as ſciencias, levando-lhe entre todas os olhos, e hum affecto natural a Filoſofia, e Juriſprudencia. Eraõ os livros todo o ſeu divertimento, e goſto; e cada dia ſe engolfava mais nas aguas da ſabedoria, deſejando ſondar a ſua intelligencia, comprehender a ſua vaſtidaõ.

Quando ſe conhecia mais goſtoſa, e mais divertida no empenho de ſe fazer a todo o cuſto ſabia, a tocou Deos com impulſo taõ vehemente, que deixando os livros como ſe foraõ contrarios à virtude, ſe empregava nos exercicios communs de lavor, e coſtura, mudando, e trocando as horas de eſtudo em horas de oraçaõ, e meditaçaõ. Só com licença do Confeſ-

ſor

ſor uſava da liçaõ da Eſcritura Sagrada, que chegou a ſaber quaſi toda de memoria, com grande intereſſe de ſeu eſpirito, porque tirava ſeu engenho claras luzes, e agudas reflexões, que depois na Religiaõ illuſtrou com differentes diſcurſos, ordenados, e enriquecidos de ſentenças, e conceitos. Na Theologia Myſtica ſe empregou com todo o diſvelo, e como era de taõ vivo engenho, e claro juizo, com poucos eſtudos fez largos progreſſos, admiraveis eſcritos.

Chegou o anno de mil e quinhentos e oitenta e quatro com a foice de hum mortal contagio, que deu lutos a toda a Eſpanha, ſem perdoar o ſeu eſtrago a ſexo, ou idade. Morreraõ o tio, a mãy, e dous irmãos de Maria, que tambem padeceo os effeitos daquelle mal; porém Deos, que a guardava para exemplar de virtudes, e credito immortal da Reforma de Santa Thereſa, naõ permittio, que foſſe no commum deſpojo da morte, diſpondo retardarlhe a melhora ao compaſſo de huma prolixa enfermidade.

Logo, que Dona Maria paſſou dos termos de convaleſcida a huma ſaude perfeita, mais vigoroſa no eſpirito, que no corpo, pedio o habito de Santa Thereſa com a felicidade de o receber pela maõ daquelle grande Doutor da Sciencia Myſtica S. Joaõ da Cruz, de quem tomou o ſobrenome, e aprendeo a doutrina, e doçura, que reſpirava em ſuas palavras, hoje ſe admira, e reſ-

peita em ſuas obras. Em poucos annos de profeſſa creſceo tanto nas virtudes, que ſó contava oito, quando pelo exemplo, e pela capacidade a elegeraõ Meſtra das Noviças, que em todas as Religiões he occupaçaõ de confiança, officio de predicamento. Naõ muito depois foy mandada pela Obediencia a fundar o Convento de Ubeda, que lhe deveo por muitos annos os diſvelos de Prelada, cuidados de bemfeitora.

Sem faltar às obrigações do officio, e do eſtado, eſcreveo muitas obras em proſa, e verſo, a que foy obrigada pelos Confeſſores, e Prelados. O numero de livros, que eſta Virgem extatica ordenou, e eſcreveo de ſua maõ, parece fabuloſo em huma vida taõ penitente, e mortificada com doenças, e achaques.

Eſcreveo hum livro de Poeſias eſpirituaes, e entre todas ſe faziaõ ſingulares humas Oitavas ao Myſterio da Santiſſima Trindade, e humas Lyras ſobre o verſo do Pſalmo: *Super flumina Babylonis*, com tantas aluſoens, e conceitos, que o Provincial, que alguns annos fora ſeu Confeſſor, ſe admirou, porque nunca lhe conhecera a ſciencia deſta arte. Para mais ſe confirmar, que eſte furor Poetico era illuſtraçaõ, lhe mandou eſcrever em proſa as ſentenças, que continha a Gloſſa do Pſalmo quarenta e quatro. Obrigada pela Obediencia, reduzio a commento todo o Pſalmo, e chegando ao verſo: *Omnis gloria ejus filiæ Regis ab intus*, ſentio em ſeu coraçaõ hum vehemente

hemente desejo de escrever hum livro dos adornos, que ha de ter a Esposa de Deos, e he huma das Obras, que ainda hoje persevera entre a memoria de outras, de que só nos ficou a noticia para fazer mais sensivel a sua falta, deploravel a sua perda.

Ordenou outro livro em quarto, dividido em trinta e quatro Capitulos, e lhe serve de argumento o Psalmo: *Quàm dilecta tabernacula tua, Domine, virtutum!* com o titulo das sete moradas de Deos; primeira em si mesmo ab æterno; segunda na humanidade de Christo; terceira nas Entranhas da Virgem sua Mãy; quarta, a que Deos tem nos Espiritos Angelicos; quinta, a que tem nas almas dos justos; sexta, a que tem em todas as creaturas, e a setima no Empyreo.

Sobre o Capitulo decimo da Epistola de S. Paulo aos Romanos, que principia: *O' altitudo divitiarum, sapientiæ, & scientiæ!* escreveo hum livro em quarto, e tinha quarenta e cinco Capitulos. Tem esta Obra segundo tomo continuando a materia do mesmo Capitulo da Epistola de S. Paulo em vinte e duas folhas, e vinte e cinco Capitulos. Tambem ordenou outra composiçaõ em livro separado sobre o verso do Psalmo cento e quarenta e oito: *Et aquæ omnes, quæ super Cœlos sunt, laudent nomen Domini*, que consta de trinta e tres Capitulos, e foy o ultimo de seus Commentarios, que principiou no anno de mil e seiscentos e trinta e tres.

Depois,

Depois, que Soror Maria da Cruz teve licença, e a obrigaraõ a eſcrever, naõ largou a penna da maõ, compondo ſobre varios aſſumptos, e em diverſos livros, e tratados, a que deu os ſeguintes titulos: *Linhage Illuſtriſſima do Eſpoſo Chriſto. Dores interiores de JESV Chriſto pela ingratidaõ dos homens. Viva eſtampa, e clara viſaõ dos amores de JESVS para com o homem*, fundando eſte diſcurſo ſobre o Pſalmo vinte e nove: *Exaltabo te, Domine, quoniam ſuſcepiſti me. Suſpiros do coraçaõ namorado*, a que ſervia de argumento o Pſalmo: *Super flumina Babylonis.*

Ainda que as doenças naõ fizeraõ termo, continuou ſempre nas compoſições, ſendo a ultima o livro da ſua vida até os ultimos ſuſpiros da morte, que foy hum continuado milagre, a que ſe ajuntou hum breve tratado dos favores, que recebera do Ceo. Enfermou de huma hydropeſia, que prevaleceo aos remedios; e fazendo-ſe cada dia mais perigoſa, recebendo todos os Sacramentos, fechou o circulo de huma larga vida com huma precioſa morte no anno de mil ſeiſcentos e trinta e oito, aos ſetenta e cinco de ſua idade, havendo cincoenta e tres, que vivia na Religiaõ Carmelita Deſcalça, que lhe deu venerações de Beata, honra em ſuas memorias com cultos de Santa.

XXIII.

DONA MARIA CORONEL.

NAõ tem Eſpanha, que invejar a Roma em triunfos de caſtidade, depois que as acções illuſtres de Dona Maria Coronel tiraraõ a palma das mãos, e a coroa das cabeças às Porcias, e Lucrecias, porque ainda que lhe precederaõ na idade, devem-lhe ceder a primaſia na pureza. Era Dona Maria taõ fermoſa, como illuſtre, que a origem da ſua aſcendencia ſe enlaçava com a Real Caſa de Henrique de Caſtella, e Carlos de França.

Havia caſado com D. Luiz de la Cerda da nobiliſſima familia de Medina Celi; e ficando viuva, e moça, ſe namorou de tanta fermoſura ElRey D. Pedro o Cruel, empenhando todo o artificio de hum amor louco, o poder de hum Rey deſprezado para o triunfo de huma caſtidade de taõ heroica, que ſentindo por ſuggeſtaõ do demonio algum movimento impudico, apagara o fogo da ſenſualidade com o fogo de hum tiçaõ acceſo naquella parte, donde ſe fazem os ſeus ardores mais activos. Outras Hiſtorias referem, que voltando as iras contra a fermoſura de ſeu roſto, o abrazara, naõ querendo perfeiçaõ, que manchava a honra, perdia a alma.

Como

Como as diligencias do Rey enamorado naõ facilitaraõ em Dona Maria a torpe communicaçaõ, que desejava, intentou levar por força, e violencia a prenda, que mais se estima naquelle sexo. Com esta noticia buscou a casta Senhora, e honrada Heroína a segurança na ausencia; e sahindo de casa fugitiva, se escondeo na Clausura de hum Convento, valendo-se do sagrado, que naõ respeitou o Rey, entrando a examinar os segredos, que nelle havia.

Sendo avisada deste ultimo assalto, pedio com muitas lagrimas, que a sepultassem viva; e fazendo-se as Religiosas companheiras no sentimento, com a pressa, que pedia o caso, a esconderaõ em huma cova, que havia na horta, cobrindo-a de taboas, e alguma terra, que milagrosamente se vestio de crescidas matas de perrexil, como especiosas palmas, que o Ceo erigia ao triunfo da sua castidade, troféo da sua fortaleza.

Livre daquelle perigo, se deixou ficar Dona Maria no sagrado da Clausura, que havia fundado de seu rico patrimonio, servindo primeiro de refugio, depois com melhor acordo, e desengano, de perpetua habitaçaõ, Religiosa morada. Era o Convento da Ordem de Santa Clara, debaixo do titulo de Santa Ignez da Cidade de Sevilha, em que viveo, e morreo santamente Freira professa; e como filha de S. Francisco, se escreve na Chronica Serafica com as acçoens de suas virtudes a noticia desta heroicidade.

MAR-

XXIV.

MARGARITA, Rainha de Inglaterra.

AInda ſe illuſtra o Reyno de Inglaterra com a memoria das acções, e virtudes da Rainha Margarita, mulher de Henrique VI. e filha do Duque Renato Pandio, e irmãa de Renato Rey de Napoles, Heroína de tantas prendas, que excedeo às mais famoſas daquella idade em fermoſura, magnanimidade, valor, religiaõ, benignidade, e liberalidade com outras muitas virtudes, que deraõ mais eſplendor à patria, mayor reſpeito à Coroa. O valor, e animo era de Amazona, que deſprezando os perigos da guerra, e os trabalhos da campanha, vio por muitas vezes a cara ao inimigo, que deixou bem caſtigado, e corrido, tirando-lhe das mãos com a vitoria a eſtimavel preza de Henrique VI. na baixa ſórte de vencido, e priſioneiro.

Daremos noticia do triunfo em abbreviada relaçaõ. Sabendo a Rainha Margarita, que o Rey ſeu marido ficara priſioneiro na batalha contra Eduardo, ſem que a dor deſta infelicidade lhe ſoçobraſſe o coraçaõ, ajuntou hum grande numero de tropas com as reliquias do eſtrago, e a furto do inimigo, ſe lhe adiantou em as jorna-

das, fazendo alto perto da Cidade de Eburaco. Aqui o eſperou com ventagem no terreno, que eſcolheo para a batalha, que foy taõ felizmente diſputada, que roto, e desfeito o exercito inimigo, veyo a conſeguir a vitoria, a prizaõ, e morte do General, a liberdade, e vida de Henrique VI. ſeu marido.

No alcance foy mayor o eſtrago, porque a vingança nos ſoldados vitorioſos depois de vencidos, naõ teve termo, padecendo com igual fortuna a meſma infelicidade, oppoſtos, e rendidos. Nem foraõ menos glorioſas as razoens, que fizeraõ por muitos dias celebrada a vitoria, naõ ſó pela grande prova de valor na Rainha, e pelas conſequencias da liberdade do Rey; mas ainda pela morte do General, que era valeroſiſſimo em armas, famoſo em vitorias.

O direito, que fazia a Eduardo intitularſe Rey de Inglaterra, lhe dava forças para diſputar a juſtiça, que Henrique lhe tinha uſurpado, poſſuindo aquella Coroa, que veyo a perder naõ muito depois vencido, e morto. Duas vezes vio a campanha de Eburaco a Margarita, veſtindo as armas com differente fortuna; porque naõ fiando de menos prova do valor a empreza de buſcar a Eduardo, que ſe fazia ſenhor do campo com hum poderoſo exercito, o deſafiou a batalha, que teve a duraçaõ de vinte e duas horas, querendo em hum ſó dia acabar o pleito, decidir a cauſa.

Naõ

Naõ ficaraõ os Inglezes devendo nada ao valor pela conſtancia, e fidelidade, que moſtraraõ neſte dia em defenſa do intruſo Rey, porque morreraõ em numero de trinta mil homens, e quaſi toda a nobreza de Inglaterra. A Rainha Margarita com a voz, e com o exemplo, mandando, e peleijando ſe fez invejar de melhor fortuna, que moveo a roda em favor da juſtiça; mas ſe lhe roubou das mãos a vitoria, ſem dependencia de ſeus influxos, lhe conſerva a poſteridade o nome, que baſta para immortalizar as acções, de que bem ſe deixa conhecer mais illuſtre progenitora, glorioſa filha.

O Rey logo que vio o exercito deſordenado, e confuſo, ſe retirou da batalha fugitivo a eſconderſe em hum Convento; mas ſendo conhecido, foy prezo, e morto pela maõ de Eduardo, tirando-lhe a vida para ſe coroar com a vitoria Rey de Inglaterra. Margarita ſuſtentando por mais tempo a batalha já perdida, trabalhou pela vencer obſtinadamente; mas conhecendo a fortuna contraria, ſe retirou com mais acordo para a Cidade de Narbona, ſenhorio de ſeu irmaõ Renato, Rey de Napoles, ſem perder com a vitoria a reputaçaõ de valeroſa, e deſtemida.

Com a noticia da morte do marido, que naõ deixou poſteridade, paſſando ao Reyno de Napoles viveo religioſamente no eſtado de viuva, até a idade decrepita, adquirindo, e accreſcentando palmas à ſua memoria, que ſe conſerva in-

corrupta nos eſcritos, perpetua nos monumentos.

XXV.

MAGDALENA DE SCUDERY.

EM Havre de Grace, donde ſeu pay era Tenente do Rey, ou Governador, naſceo Magdalena de Scudery no anno de mil ſeiſcentos e ſete; foy irmãa de Jorge de Scudery, Autor bem conhecido, e neta de Elzear de Scudery, Sargento môr da Cidade de Apt em tempo de Carlos IX. Rey de França, que na guerra contra os Hugonotes ſe diſtinguîo pelo valor, e pelas acções militares. Era de huma nobre familia originaria de Apt em Provença, e naõ do Reyno de Napoles, como ſe eſcreve em outras memorias menos verdadeiras, naõ averiguadas.

Sendo conduzida a Pariz, teve entrada no Palacio de Rambovillet, que era o centro da polidez; e com a frequencia de communicar os homens doutos, que alli ſe ajuntavaõ, ſe inſtruîo nas bellas letras. Reynava naquelle tempo o goſto das Novellas; e como lhe faltavaõ meyos para ſubſiſtir na Corte, ſe applicou Magdalena de Scudery ao eſtudo deſta compoſiçaõ, que a diſtinguîo, publicadas as primeiras Obras de ſeu erudíto engenho, e ſe vio logo buſcada das primeiras peſſoas de França.

Re-

Reconhendo a celebre Academia dos Ricovrati de Padua o merecimento de Magdalena de Scudery, lhe offereceo o lugar, que vagara pela morte de Helena Cornara, pela carta, que lhe efcreveo Carlos Patino, nefta fubftancia.

MADAMOISE'LLE.

„ QUando a noffa Academia vos efcolheo pa-
„ ra nos fazer fociedade, naõ foy querer
„ dar a conhecer o voffo merecimento, que
„ bem publico fe oftenta em voffas excellentes,
„ e doutas compofições. Quiz moftrar fómen-
„ te, que reconhecia o merecimento nefta honra,
„ com que fe illuftra, admittindo-vos à focieda-
„ de de Academica por attençaõ bem merecida
„ ao talento, de que fois dotada.

Em huma Academia de França de mil feifcentos e fetenta e hum levou premio; e fe honraraõ outras com a fociedade defta illuftre matrona, a que muitos Principes, e peffoas da primeira qualidade moftraraõ a eftimaçaõ, offerecendo-lhe prefentes confideraveis. O Principe de Paderbon, Bifpo de Munfter, lhe mandou com as fuas Obras huma precioſa Medalha. A Rainha Chriftina de Suecia a communicava por carta repetidas vezes, honrou com muitos favores, e enriqueceo, mandando-lhe o feu retrato, e huma boa tença. Outra lhe deixou em feu tef-

tamento

tamento o Cardeal Mazzarino, primeiro Miniſtro de França; e o Chanceller Boucherat lhe deu outra nos direitos, que ſe lhe pagavaõ nos ſellos; mercé, que depois lhe continuou o Chanceller Pontehartrain, que lhe ſuccedeo no lugar, uſando a meſma liberalidade.

O Rey de França Luiz XIV. em mil e ſeiſcentos e oitenta e tres, pelo valimento da Marqueza de Maintenon, lhe fez mercé de huma tença de duas mil libras, ou mil cruzados, permittindo-lhe pouco depois a honra de lhe fallar em audiencia particular, em que lhe deu os merecidos louvores. Paſſados alguns annos, ſe lembrou a liberal maõ deſte ſoberano premiar taõ heroicas prendas com huma das ſuas mais ricas, e magnificas medalhas.

A caſa de Magdalena de Scudery por tempo de muitos annos foy huma bem povoada aſſemblea de peſſoas de juizo, e letras, que ſe ajuntavaõ pelo goſto de a ouvirem, e communicarem. Padeceo com muita paciencia grandes dores nos olhos; e ſobrevindo a hum rheumatiſmo, de que eſtava enferma, huma febre catarral na idade decrepita de noventa e quatro annos, faleceo em dous de Junho de mil e ſetecentos e hum.

Diſputaraõ duas Parochias o lugar de ſeu depoſito; porém o Cardeal de Noailhes, Arcebiſpo de Pariz, decidio o pleito a favor da Fregueſia de Saõ Nicolao, em que vivia com antiguidade

dade de mais de cincoenta annos, contra a Freguesia do Hospital Real dos meninos, chamados Vermelhos. Honraraõ a memoria desta Heroína muitos homens doutos com Epitafios, Orações funebres, e outras Obras em verso, e prosa.

Catalogo das Obras de Magdalena de Scudery.

IBrahim, ou o Illustre Baxa, impresso em Pariz em 1652. quatro volumes em oitavo, e a traduçaõ na lingua Italiana se imprimio em Veneza em dous volumes no anno de 1684.

Mulheres Illustres, ou Orações Heroicas, impressas em Pariz no anno de 1665. dous volumes em doze.

Artameno, ou Graõ Cyro, impresso em Pariz no anno de 1653. dez volumes em oitavo: e ainda que esta Obra, e as mais atéaqui correm vulgarizadas com o nome de Jorge Scudery, saõ da irmãa.

Clelia, Historia Romana, impressa em Pariz em 1660. dez volumes em oitavo.

Almahida, ou a Escrava Rainha, impressa em Pariz em 1660. oito volumes em oitavo.

Celinta Novella, impressa em Pariz em 1661. em oitavo.

Matilde de Aguilar, Historia Castelhana, impressa em Pariz em 1667. em oitavo.

Passeyo

Passeyo de Versailhes, e Historia de Celamira, impressa em Pariz em 1669. em oitavo.

Discurso da Gloria, impresso em Pariz em doze no anno de 1671. e levou o primeiro premio da eloquencia na Academia da Corte.

Conversações sobre diversos assumptos, impressas em Pariz em 1680. dous tomos em doze.

Novas conversações sobre diversos assumptos, impressas em Pariz em doze no anno de 1684. dous volumes. Amsterdaõ em 1685. em doze, dous tomos.

Conversações Moraes, impressas em Pariz em 1686. em doze, dous tomos.

Novas conversações Moraes, impressas em Pariz em 1688. em doze, dous tomos.

Conversações de Moral, impressas em Pariz em 1692. em doze, dous tomos: e saõ estes dez volumes de conversações a melhor Obra de todas as suas composições.

Novas Fabulas em verso, impressas em Pariz em 1685. em doze; e em diversas collecções daquelle tempo se achaõ muitos versos desta Heroína.

MARIA

XXVI.

MARIA DE LA ANTIGUA.

NO campo, meya legoa diſtante de Caçalha, Villa de Andaluzia, junto de huma pequena Ermida, naſceo a Veneravel Maria de la Antigua de pays ſolteiros, que depois com o matrimonio legitimaraõ eſte fermoſo parto, e doce fruto, que illuſtrou a pobreza do naſcimento com as virtudes, depois com os eſcritos. Balthaſar Rodrigues, homem Portuguez, e nobre da Cidade de Elvas, e Anna Rodrigues, natural de Badajoz, foraõ ſeus pays, que na Igreja Parochial de Caçalha a fizeraõ bautiſar em vinte e cinco de Novembro de mil e quinhentos e cincoenta e ſeis; e como paſſavaõ em grande pobreza, foraõ para Utrera ſervir as Religioſas de Saõ Domingos do Convento de Noſſa Senhora de la Antigua, de que Maria tomou o nome, recebeo o appellido.

Era Abbadeſſa do Convento Maria de Leaõ, que recolheo, e creou a menina até a idade de ſeis annos, que a mandou curar de humas chagas, que ſe lhe abriraõ na cabeça para caſa de huma ſobrinha na Cidade de Sevilha, que ſe chamava Dona Thereſa Ponce de Leaõ. Contando já doze para treze annos, voltou para o Con-

vento; e duas ſantas irmãas, Anna Bezerril, e Maria de Tunes a recolherаõ, e doutrinaraõ nas virtudes, que depois no eſtado de Freira Converſa exercitou com tantos, e extraordinarios favores do Ceo, que aſſombraõ o juizo; moſtrando a merecida opiniaõ de Santa, que teve na vida, e na morte.

Havia-ſe fundado em Lora o Convento da Conceiçaõ de Mercenarias Deſcalças, e ordenando Deos a Maria a mudança de hum para outro Convento, como ſe lhe aſſinalara o lugar da morte com a Providencia, que naõ alcança o noſſo entendimento, faleceo na delicia de hum extaſi em huma ſeſta feira do meſmo anno, contando de idade cincoenta, e de Religioſa trinta e oito. Conſta do proceſſo de ſua vida, e morte, que o Veneravel Frey Bernardino de Corvera, ſeu Confeſſor, da Ordem de Saõ Franciſco, lhe mandara por obediencia eſcrever o livro, que ſe intitula: *Deſengaño de Religioſos, y de Almas, que tratán de la virtud*; que imprimio em Sevilha Joaõ de Cabeças em o anno de mil e ſeiſcentos e ſetenta e oito, em folio, dado à luz pelo Padre Frey Pedro de Valbuena, Prégador, e Definidor habitual, filho da Recoleiçaõ Franciſcana da Provincia de Andaluzia.

Alguns annos ſervio de depoſito a eſte Veneravel corpo o Convento das Mercenarias, depois o de Saõ Jozé de Sevilha tambem dos Mercenarios; porém ſe trasladou ultimamente para o Con-

Convento das Descalças de Marchena, da Ordem de Santa Clara, que tinha profetizado, predizendo a sua fundaçaõ, e alli permanece com os cultos de Veneravel, patrocinios de Advogada, esperando as honras de Santa.

XXVII.

MARIA MILLET.

NO reynado de Henrique III. e guerras Civís de França, viviaõ em huma pequena Villa da Picardia os pobres lavradores Joaõ Millet, e Martha de Ris, que receberaõ de quartel de inverno o Capitaõ de Pont, e serviaõ com affecto, sustentavaõ de boa vontade. Honravaõ-se de o pôr à sua mesa com suas filhas, que eraõ donzellas, e fermosas; com o trato familiar se namorou o Capitaõ de Maria Millet, que era o nome da filha mais velha, e mais fermosa.

Cego do appetite intentou enganar os pays, e a filha, que pedio para mulher repetidas vezes; mas temerosos do engano, que suppunhaõ, se escusavaõ com palavras cortezes, razões particulares. Joaõ Millet para evitar os rogos, e fugir aos laços, se retirou com dissimulado pretexto a hum lugar visinho. Espiava-lhe o Capitaõ os passos com huma premeditada aleivosia, e com aviso da jornada do patraõ, se lhe foy a casa, mandou guizar a cea, chamando para

ra a meſa as tres irmãas Maria, Joanna, e Anna; e conhecendo das palavras a reſoluçaõ, fugiraõ pela porta fóra, dando vozes, fazendo extremos.

Mandou logo o Capitaõ no alcance de Maria Millet alguns ſoldados, que acodiraõ aos ſentimentos das irmãas; e ſendo conduzida por força outra vez a caſa, a que era cauſa da ſua loucura, a quiz vencer com agrados, e enganos; porém vendo, que perdia tempo, e lhe podia fugir a occaſiaõ, uſou da violencia a pezar da honeſtidade da donzella, que deixou ſem honra, mas ainda conſerva de Virgem a palma, goza de Heroína a coroa. Depois de ter ſevado o appetite, fazendo-a ſentar à meſa lhe começou a dizer palavras de zombaria na preſença dos ſoldados; porém a donzella ſofrendo, e calando tamanha injuria, formava no coraçaõ idéas à vingança, invectivas à vitoria.

Para hum Sargento dar ao Capitaõ huma ordem, que lhe trazia, ſe retiraraõ os ſoldados a outra caſa; e vendo Maria divertido o Capitaõ com o ſegredo, que pedia a ordem, e ſe lhe dava ao ouvido; arrebatada de huma furioſa colera, lançou maõ da faca, que eſtava ſervindo na meſa, e dando-lhe algumas feridas, ſahio fugindo. Aos gritos do Sargento, e agonias do Capitaõ, acodiraõ os ſoldados, que logo prenderaõ a valeroſa Heroína, e voltando a verem o Capitaõ, o acharaõ morto; permittindo Deos,

que

que foſſem teſtemunhas da injuria, e mais da vingança, que o roubo de huma honra naõ pedia outra ſatisfaçaõ, menos inſtantanea juſtiça, rigoroſa ſentença.

Naõ houve mais fórma de proceſſo, que o teſtemunho do facto para os ſoldados de commum acordo condemnarem à morte a valente Amazona, baſtando aquella heroicidade a cortarlhe muitas palmas para a vitoria. E goſtoſa de deixar no Mundo honrada a ſua poſteridade, ſe voltou a Deos pedindo-lhe perdaõ, e entregando-lhe a alma no rigoroſo tormento, que lhe deraõ preza a huma arvore com tiros vagos para lhe dilatarem a morte, fazerem mais famoſo o triunfo.

A noticia da ſua morte ſe divulgou logo por alguns Lugares viſinhos, que ſe fizeraõ parciaes no ſentimento, e affronta. Conſpiraraõ-ſe os paizanos contra os ſoldados, temeroſos do exemplo; e unidos com ſeu pay, amigos, e parentes vingaraõ com tantas mortes aquella acçaõ, que teve de famoſa quanto lhe ſobrou de infelice, ainda que nos ſeculos futuros lhe fez memoravel o nome, celebre o appellido.

MO-

XXVIII.

MODESTA POZZO,

OU MODERATA FONTE.

POr eſtes nomes ſe daõ a conhecer as Obras deſta Heroína, que naſceo em Veneza aos quinze dias do mez de Julho de mil e quinhentos e cincoenta e cinco, e teve por pays a Jeronymo Pozzo, e a Maria del Mauro. Naõ contava Modeſta mais que hum anno de idade pela morte de ſeus pays na geral epidemia, que padeceo a Cidade de Veneza, donde era Advogado Jeronymo Pozzo, eſcapando ao commum contagio com outro irmaõ, hum ſó anno mais velho, por nome Leonardo.

Ainda que ficaraõ os dous irmãos no amparo de huma avô, outro parente recolheo a Modeſta no Convento de Santa Martha, em que teve a primeira educaçaõ, moſtrou em poucos annos a viveza de juizo, e felicidade admiravel de memoria, porque ficava ſabendo quanto lia, e ouvia. De nove annos a levou ſua avô do Convento para caſa; e já neſta idade o Sermaõ, que acabava de ouvir, repetia pelas meſmas palavras.

Teve ſua avô do ſegundo matrimonio com Proſpero Saraceni huma filha de mais annos, que

Mo-

Modeſta, muito applicada às letras humanas; e com eſte exemplar aprendeo facilmente a arte da Poeſia, em que ſahio conſummadamente douta. Eſtudava ſeu irmaõ Leonardo em huma eſcola fóra da Cidade, e voltando de dar liçaõ, lhe fazia repetir o que de novo havia aprendido; e aſſim depoſitava na memoria aquelles preceitos com os mais, que adquiria nos livros da Grammatica, por donde ſe inſtruîo na lingua Latina, em que depois em mais creſcida idade eſcreveo algumas excellentes Obras.

Teve grande genio para o debuxo, que na arte adquirio tanta perfeiçaõ, que lhe deraõ meſtre para aprender a bordar; exercicio, em que fazia ocioſo o padraõ, debuxo, ou riſco. A Muſica, e inſtrumentos lhe ſerviaõ de recreaçaõ nas horas vagas de ſeus eſtudos literarios; e ſendo breve o tempo, que gaſtava no uſo deſtas artes, tangia, e cantava com igual conſonancia, admiravel melodia.

Caſando Joaõ Nicolao Doglioni com a filha de Proſpero Saraceni, lhe ficou Modeſta fazendo companhia, e lhe foy de tanta utilidade para ſe inſtruir, e aperfeiçoar nos ſeus eſtudos, que ordenando em verſo a mayor parte de ſuas Obras, Doglioni as imprimio à ſua cuſta. Algum tempo depois pertendeo, e conſeguio caſar com Modeſta Filippe Gorze, Advogado geral do Tribunal das Aguas em Veneza; e paſſados vinte annos em perfeita uniaõ, faleceo a dous de Novembro

vembro de mil e quinhentos e noventa e dous, na idade de trinta e ſete annos, deixando multiplicados os exemplares em duas filhas, e dous filhos.

No Clauſtro dos Franciſcanos de Veneza ſe mandou enterrar, e ſeu marido para diſtinguir o cadaver, ſem perder na ſepultura a memoria de ſeu illuſtre nome, lhe mandou gravar o ſeguinte Epitafio.

Modeſtæ à Puteo
Fæminæ doctiſſimæ,
Quæ varios virtutis partus Moderatæ
Fontis nomine, & Rythmis Etruſcis,
Quibus memoranda cecinit,
Et ſermone continuo feliciter enixa,
Naturæ partum dum ederet,
Puellæ vitam, ſibi verò mortem,
Proh dolor! adſcivit.
Philippus de Georgiis, Petri Fil. in officio
Super aquis publicè jura defendens
Amantiſſimæ Conjugi poſuit.

No dia da morte ſe enganou o douto Padre Hilariaõ da Coſta, ſinalando o primeiro de Novembro, porque no ſegundo dia do mez, em que concordaõ Doglioni, e Tomaſini. Tambem affirmaõ, que deixara eſcrito hum elegantiſſimo diſcurſo, em que moſtrava, que as mulheres eraõ muito mais perfeitas, que os homens, com eſte titu-

titulo: *Il merito delle Donne*, impresso em Veneza no anno de 1600. em quarto. No fim da mesma Obra vay o Poema de Floridoro com outras Poesias. Tambem escreveo a Paixaõ de Christo em oitava rima, e se diz, que fora taõ elegante na prosa, como no verso.

XXIX.

MARIA DE JARS E GOURNAY.

DO Senhor de Neufvi Guilhelme de Jars, nome de huma Villa, de que trazia a origem, e de Joanna de Hacqueville, foy illustre posteridade Maria de Jars e Gournay, que nasceo em Pariz no anno de mil e quinhentos e sessenta e cinco; Heroína, que floreceo naquelle seculo em as bellas letras com grandes elogios de discreta, fama de erudíta. O ramo, de que era descendente, vendo-se pouco favorecido dos bens da fortuna, buscou nas Cidades grandes meyos de subsistir na grandeza de sua origem; e veyo seu avo paterno a occupar a incumbencia de Thesoureiro da Casa Real, e o governo dos Palacios de Remy, Gournay, e Moyenville.

Contava Maria de Jars poucos annos de idade, quando pela morte de seu pay se retirou com sua mãy pára Gournay; e ainda que mostrava genio para as letras, faltavaõ-lhe os meyos de polir, e cultivar o engenho. Naõ lhe foy obs-

taculo a falta de Meſtres para ſoçobrarlhe o coraçaõ ambicioſo de adquirir ſabedoria ; porque o natural deſejo de ſaber lhe ſervio de eſtimulo para naõ ſepultar o talento , fazendo-ſe meſtra , e diſcipula de ſi meſma : veyo a comprehender a lingua Latina , ſem Grammatica , nem mais liçaõ , que o conferir pelas traducções Francezas os Originaes Latinos.

Chegou-lhe à maõ , e muito acaſo huma Grammatica da lingua Grega, que eſtudou por muitos dias ; mas conhecendo o pouco fruto , que tirava para o fim de ſua laborioſa applicaçaõ, deixou a empreza, declinando o trabalho para liçaõ mais util, fadiga mais heroica. Contava pouco mais de dezoito annos, quando começou a lér algumas Obras de Montagne, que lhe foraõ taõ agradaveis, que teve ardentiſſimos deſejos de conhecer eſte famoſo Autor , que veyo a communicar dous , ou tres annos depois voltando a Pariz ; e foy Maria hum dos inſtrumentos, que mais applicaraõ a impreſſaõ de ſuas Obras poſthumas.

Pela morte de ſua mãy em mil e quinhentos e noventa e hum, fixou em Pariz a ſua caſa, paſſando huma larga vida em ler, e compor. Communicava-ſe com os mayores homens da Europa em letras, e dignidades; e ſe fizeraõ publicas por ſua morte muitas cartas dos Cardeaes Perron, Richelieu, Bentivoglio, de Saõ Franciſco de Sales, de Carlos Duque de Mantua, Juſto

to Lipſio, de Balſac, Daniel Heinſio, e de Anna Maria de Schurman. Viveo no eſtado de donzella, que preferio ao de caſada, falecendo com oitenta annos de idade em Pariz aos treze dias do mez de Julho de mil e ſeiſcentos e quarenta e cinco.

Foy ſepultada com palma na Igreja Parochial de Santo Euſtaquio; e entre as honras funeraes de muitos elogios, que mereceo por ſuas acções illuſtres, Domingos Baudio lhe deu o titulo de Serea Franceza, e Muſa decima. Confeſſou em ſeus eſcritos a grande inclinaçaõ, que teve à Chymica pelo deſejo de achar o ſegredo da Pedra Filoſofal, trabalho, que deixou pelo inutil effeito que experimentara, deſpeza grande que fizera. Eſcreveo muitas, e differentes Poeſias, que naõ tem as circunſtancias, que requerem os verſos, affectando palavras antiquadas, e verſoens de alguns lugares de Virgilio, Tacito, e Saluſtio. Correm impreſſas algumas deſtas Obras em huma colleçaõ, que ſe fez em Pariz no anno de mil e ſeiſcentos e vinte e quatro, em quarto.

XXX.

D. MARIA PACHECO DE MENDOÇA.

PEla morte de Joaõ de Padilha, vencido na batalha de Villalar em dia de Saõ Jorge do anno de mil e quinhentos e vinte e hum, e Ca-

pitaõ General das Communidades, que houve nos Reynos de Eſpanha nos dias, e governo do Emperador Carlos V. ficou ſuſtentando o partido de Toledo Dona Maria Pacheco de Mendoça, ſua mulher, Heroína de tanto valor, que por antonomaſia lhe chamavaõ a mulher valeroſa. Era de taõ varonil coraçaõ, que ſe deleitava no jogo das armas, honrando, e favorecendo os mais valentes; como experimentou D. Pedro de Guſmaõ, filho do Duque de Medina, ſoldado de poucos annos, e tanto brio, que chegando-ſe a ferir de mais perto em hum combate, o renderaõ, e feriraõ de ſorte, que o levaraõ em huma taboa para Toledo. Dona Maria, que o vio defender, e peleijar, lhe cobrou hum tal affecto, que ſahio a recebello pela peſſoa, e mais ainda pelo valor, mandando curallo com diſvelo, aſſiſtirlhe com cuidado.

Com a noticia da morte afrontoſa, que havia padecido Joaõ de Padilha, ſe obſtinou mais o coraçaõ de Dona Maria em ſuſtentar os bandos de Toledo, como Capitaõ exercitado nas armas; e tomando as Cruzes por bandeira, trazia o marido pintado em hum pendaõ, o filho acavallo coberto de luto, e andava pelas ruas da Cidade para mover os naturaes a compaixaõ, os animos a vingança. Levantaraõ-lhe algumas falſidades, que naõ cabiaõ em coraçaõ illuſtre; mas prevalecendo em Dona Maria o ſentimento contra a lealdade, fomentava com obſtinada porfia a guer-

a guerra, defpojando as Igrejas de Toledo da prata dos Altares para bater moeda, e fazer pagamento aos foldados, que trazia obedientes, e promptos em defender a Cidade.

O Bifpo de Jaem, Deaõ, e Cabido de Toledo com o Marifcal Payo de Rivera lhe faziaõ grande oppofiçaõ, e guerra dentro, e fóra da Cidade. Sahio Dona Maria à campanha para lhe difputar o vencimento, temendo alguma traiçaõ; e no dia de Saõ Braz de mil e quinhentos e vinte e dous, aceitando a batalha, fe peleijou de parte a parte com tanto valor, e porfia, que por muitas horas fe vio indecifa a vitoria, indifferente a fortuna. Corria o fangue, e continuava o combate com a primeira conftancia, naõ querendo Marte declarar a influencia entre Caftelhanos, e Caftelhanos; porém vieraõ a ceder o campo, e a vitoria, os que eraõ menos em numero, e difciplina.

Pode retirarfe Dona Maria com feu filho a Portugal, depois que vio perdida a efperança de novas forças para refiftir aos parciaes do Soberano, que andavaõ poupados, e poderofos; e para fe negar a fer conhecida, fe disfarçou em traje de Lavradora, bufcando na difgraça do defterro amparo à vida, obftaculo à deshonra. Como era culpada na mefma inconfidencia com feu marido, efcapando à infamia, e à pena, acabou em Dona Maria, e feu filho huma das illuftres cafas de Efpanha, que entraraõ, e tiveraõ fim nefte Reyno. Lo-

Logo, que o Exercito Real entrou em Toledo, ſe demolio o Palacio de Joaõ de Padilha até os fundamentos, com as ceremonias, de que uſa a juſtiça pelo direito das leys particulares dos Reynos em ſemelhantes delictos para ſe perder a memoria de taõ illuſtre nobreza, que a poſteridade conſerva nos eſcritos incorrupta em favor das heroicas acções, de que Dona Maria ſe fez mais preclara progenitora, vencendo a diſgraça de acabar com deploravel fortuna, em baixa, e humilde pobreza.

XXXI.

MARGARITA DE FRANÇA, Duqueza de Saboya.

COmo ſe herdara o morgado das letras pela morte de ſeu pay Franciſco I. tiveraõ as ſciencias em Margarita de França, illuſtre protectora, liberal Mecenas. Em Laya no Palacio de Saõ Germaõ a cinco de Junho de mil e quinhentos e vinte e tres naſceo Margarita, filha dos Reys Franciſco, e Claudia de França, irmãa de Henrique, e Magdalena, mulher de Jaques V. Rey de Eſcocia, que naõ teve menos illuſtres aſcendentes, para deixar mais eſclarecida com os progreſſos da ſabedoria a nobreza do ſangue, adquirindo com os annos, e eſtudos fama de diſcreta, elogios de ſabia.

Te-

Teve os dotes da natureza mais eſtimados, porque foy huma Princeza de grande fermoſura, juizo, prudencia, liberalidade, bom genio, e engenho, piedoſa, e caritativa, prendas, que lhe deraõ com os povos reputaçaõ, depois com os vaſſallos mayor ſoberania, fazendo-ſe a mais celebrada Heroína daquelle ſeculo, que floreceo em virtudes, e letras. Aprendeo as linguas logo da primeira idade, e adquirio da Grega, e Latina perfeito conhecimento, porque ſaõ os principios para alcançar intelligencia nas letras Divinas, e humanas.

Fazia-ſe pertendida pela peſſoa, e prendas, que ſoube avaliar bem o Duque de Saboya Manoel Filisberto, dando-ſe por felice com as auguſtas bodas de Margarita pelo tratado da paz, concluido no Caſtello de Cambray no anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove, celebrando-ſe o matrimonio deſtes Principes a nove de Julho do meſmo anno na Corte de Turim, como vinculo de taõ illuſtres aſcendencias, fiador de mais ſeguras alianças.

Entraraõ em Turim com Margarita as letras, e os mais celebres profeſſores da Juriſprudencia, fazendo-ſe pela ſua protecçaõ a Univerſidade famoſa, a Corte mais eſtimada. Davaõ-ſe as mãos às ſciencias com as politicas, e na Duqueza as letras com as virtudes, formando taõ ajuſtada harmonia, que floreciaõ aquelles eſtados em Juſtiça, e Religiaõ.

Expe-

Experimentaraõ os Vaſſallos na mudança do governo huma piedade heroica, que lhe adquirio para com os pobres o titulo de mãy, a coroa de Rainha. Voltando por Turim de Polonia para França Henrique III. ſe empenhou Margarita com tanto exceſſo na hoſpedajem, que adquirio hum pleuriz maligno, de que morreo em breves dias a quatorze de Setembro de mil e quinhentos e ſetenta e quatro, auſente o Duque ſeu marido, que acompanhou ElRey até Leaõ para ſe lhe fazer menos ſenſivel tamanha perda, que lamentou por muitos annos Turim, e França.

XXXII.

D. MARIA DE ALEM-MAR, Infanta.

VIvia na Cidade de Goa no governo de D. Pedro Maſcaranhas, Viſo-Rey da India, hum Mouro, chamado Mealé, Rey de Decan, fugitivo da patria, que lhe negava o Sceptro, tyrannizado por Idaxa, Capitaõ valeroſo, Principe intruſo. Huma filha deſte Rey, donzella de fermoſa preſença, agudo juizo, e ſubtil engenho, bem doutrinada nas fabulas do Alcoraõ de Mafoma, e pertendida dos mais poderoſos Reys Nizamaluco, e Biſnaga; ouvindo cantar os meninos

ninos pelas ruas a doutrina Chriſtãa, chegava à janella primeiro curioſa, depois attenta.

O coraçaõ deſta Princeza como era varonil, e o juizo de huma esféra grande, viſinhava com Maria Toſcana nobre, e virtuoſa matrona, mulher de Diogo Pereira, o amigo por antonomaſia de Saõ Franciſco Xavier; e algumas vezes lhe fallava da janella a furto dos pays, e dos criados. Como lhe paſſavaõ os meninos pela porta para o Collegio de Saõ Paulo da Companhia de JESUS, e tinha reparado em muitos dos Myſterios da Fé, paſſou a pratica de cortezia, e benevolencia, a diſcurſo ſobre os Myſterios da Vida, e Morte de Chriſto, perguntando a menina, e reſpondendo a matrona com a noticia, que ſe aprende na primeira idade, ou ſe alcança mayor com os annos.

Havia na Infanta mais ſubtileza para duvidar, que na meſtra ſabedoria para reſolver; e como eraõ difficultoſas, e vigiadas as occaſiões de poderem fallar, ſe foraõ dilatando na Toſcana por tempo de hum anno as eſperanças de a reduzir ao bautiſmo, conhecendo-lhe naõ ſó inclinaçaõ, mas tambem deſejo. Hum dia, que vio paſſar para o Collegio da Companhia hum grande numero de Catecumenos Mouros, e Gentios a receber o bautiſmo, ricamente veſtidos, e acompanhados do Viſo-Rey, nobreza, e povo com publicas demonſtrações de alegria nas vozes dos clarins, e repiques dos ſinos, ſe acabou de ven-

cer com heroica reſoluçaõ a deixar pela Fé Catholica a ſeita Mahometana.

Communicou a Maria Toſcana, que ouvio com incomparavel goſto a reſoluçaõ, que havia tomado, naõ fallando daquelle dia até ſe effeituar ſahir de caſa de ſeus pays, mais que no modo menos arriſcado para receber o bautiſmo. A Infanta eſtava firme na idéa de fugir, lançando-ſe por cordas de huma janella abaixo no ſilencio da noite, para cobrir com as ſombras o ſegredo, que pedia taõ arriſcada empreza; correndo por conta da Toſcana conduzilla ao Collegio de Saõ Paulo para lhe valer o ſagrado da Igreja, o valor, e zelo da Companhia.

O Padre Franciſco Rodrigues, Reitor do Collegio, que de tudo lhe dava parte Maria Toſcana, naõ approvou por mais arriſcada, e menos decente ao reſpeito de Mealé, que ſahiſſe fugitiva; aconſelhando-lhe, que a Infanta mandaſſe ao Governador huma de ſuas joyas para moſtrar a ſeu pay, como ſinal do deſejo, que tinha de receber a noſſa Fé, aliſtando-ſe pelo bautiſmo por filha da Igreja Catholica. Foy bem recebido da Infanta o conſelho do Reitor; e na primeira occaſiaõ, que fallou a Toſcana, lhe deu huma joya para entregar ao Governador, com hum recado neſta ſubſtancia: „ Que era filha „ de hum Rey, e eſtava promettida para mulher „ de outro Rey; porém, que lhe mandava aquel„ la joya em prenda de ſeu amor, para com

„ JESU

„ JESU Nazareno , que podia moſtralla a ſeu „ pay para teſtemunho , e fé , que pedia reſo- „ lutamente o ſanto bautiſmo.

Com a joya, e embaixada naõ pode o Governador Franciſco Barreto deter as lagrimas de alegria, e levantando as mãos ao Ceo, deu graças ao Senhor daquella obra de ſua Providencia, pelo exemplar, que dava naquella Princeza à cegueira dos Mouros, ignorancia dos Gentios. E logo tirando hum annel do dedo com hum diamante de grande preço , o mandou à Infanta , dizendo : „ Que naõ era recompenſa da joya , „ que tinha recebido, mas hum real ſeguro, que „ lhe dava em nome delRey de Portugal , para „ a ſervir , e defender como pedia a nobreza do „ ſangue , reſpeito da peſſoa , illuſtre daquella „ acçaõ.

No dia, que o Martyr Saõ Lourenço illuminou o Mundo com o fogo de ſuas grelhas , ſahio o Governador acompanhado da nobreza militar de Goa a ouvir Miſſa, e Sermaõ ao Collegio da Companhia; e parando à porta de Mealé, ſe deſmontou, perguntando ſe eſtava em caſa. Teve o Rey por novidade grande a honra, que lhe fazia o Governador, e deſceo a recebello; e paſſadas as primeiras cortezias, lhe propoz a cauſa, moſtrou a joya, e referio o requerimento, e embaixada, que a Infanta lhe mandara, dizendo: „ Que ſeguiſſe o bom exemplo, que lhe „ dava ſua filha, ou que lhe naõ impediſſe a vo-

„ caçaõ da nova ley, que buſcava, inſpirada por
„ Deos. Que ſeria ſem effeito qualquer diligen-
„ cia, ſe lhe quizeſſe encontrar a liberdade de eſ-
„ colher Religiaõ, porque a alma naõ reconhe-
„ cia vaſſallagem, mais que ao Rey do Ceo, de
„ quem era creatura; e pelo bautiſmo ſe fazia
„ filha de mais illuſtre aſcendente, poderoſo pro-
„ genitor.

Em quanto tratavaõ aquella dependencia, o Governador, e o Rey, que ſe naõ podia capacitar do que eſtava ſuccedendo, quatro matronas das mais nobres da Cidade lhe ſobiraõ a eſcada, e apparecendo na primeira ſala, ſahio a Infanta, como eſtava traçado, e ſe abraçou com a Toſcana; acodio a Rainha, e Damas, eſtranhando o exceſſo, e novidade com palavras de admiraçaõ, e aſſombro. Chegou hum criado à Rainha, dizendo-lhe o negocio, que ſe tratava entre o Rey, e o Governador, e começou a dar vozes: Traiçaõ, traiçaõ! E querendo levar a filha por força, ſe apertava taõ fortemente com a Toſcana, que ſendo muitas as Mouras, e ſó quatro as Portuguezas, ſe defenderaõ com animo varonil, e forte.

O eſtrondo fez acodir o Rey, e o Governador para ſe acabar o combate, que eſtava já taõ vivo entre Mouras, e Portuguezas, que foy neceſſario empenharſe a autoridade para ſe deſvanecer o perigo, evitar o damno. Declarada pelas quatro Portuguezas a vitoria, ſe retiraraõ

com

com o preciofo defpojo de huma ditofa alma, e difcreta Princeza, que deixando com os olhos enxutos, e o femblante alegre a cafa de feus pays, fe embarcou em hum riquiffimo palanquim, fazendo-lhe infeparavel companhia as quatro matronas em outros differentes, e proprios, levando nos cabellos, e mantos os finaes da peleija, os troféos da vitoria.

As Mouras da Princeza correndo com as lagrimas nos olhos, pediaõ ao Governador, que as levaffe, que fe queriaõ fazer Chriftáas; mas como naõ entendia a linguagem, as apartou da Senhora, que foy acompanhada fó de duas, e hum paje, que todos algum tempo depois receberaõ o bautifmo. Da cafa do Rey até a cafa de Maria Tofcana foy o Governador a pé, acompanhando o palanquim da Infanta, fazendo os officios de Mordomo, cortejos de criado.

Naõ foy acerto a eleiçaõ do lugar pela vifinhança dos pays, que todos os dias com os parentes, e amigos levantavaõ alaridos laftimofos para ouvir a Infanta; e a Rainha com mais extremofa porfia, chegava muitas vezes à janella, dando vozes, e gemidos. Havia cortado os cabellos em final de trifteza, e fentimento; e feria-fe no rofto com barbara loucura, dizendo, e obrando mil defatinos, até que opprimida de huma continuada afflicçaõ de animo, cahio enferma.

Affim trataváõ fazella retroceder do propofito

posito illustre de buscar a salvaçaõ nas aguas do bautismo, que se deferio para o dia da Assumpçaõ da Senhora, em quanto se acabava de instruir em alguns Mysterios da Fé, que naõ entendia. Illustrou-lhe Deos o entendimento para vencer os affectos da natureza em taõ porfiada batalha; ainda que muitas vezes ouvindo os lamentos dos pays, chorava a cegueira, em que viviaõ, a obstinaçaõ, em que porfiavaõ.

Havia-se officiado com a mayor solemnidade a festa da Assumpçaõ no Collegio da Companhia; e depois de hum magnifico banquete, que se acabou pelas duas horas da tarde, foy o Governador com toda a nobreza de gala buscar a Infanta para se celebrar o acto do bautismo. Estavaõ as ruas da Cidade ricamente ornadas de custosas, e varias tapeçarias; tinhaõ-se erigido muitos arcos triunfaes com differentes idéas, pareciaõ transplantados arvoredos, e odoriferos jardins, pela variedade das flores, e das cores. Levava diante o precioso palanquim da Infanta varios córos de harmonia, com todo o genero de instrumentos Musicos, e Militares.

Vestia à Portugueza com insignias de Magestade, e taõ luzido ornato, como liberal dispendio, sem levar, nem querer admittir joya das que tirara furtivamente da casa de seus pays, pelo valor, e artificio ser Mourisco; desprezando heroicamente com a seita do enganoso Profeta o ouro, e a arte dos seus idolatras. Chegando aquelle

aquelle triunfo da Fé à Cruz do adro da Igreja do Collegio, ſe deſmontou a comitiva de Fidalgos, e ſahiraõ a recebella os meninos do Seminario com grinaldas de flores na cabeça, e ramos de palma em as mãos, cantando a meſma letra, que os Sacerdotes de Jeruſalem no triunfo da valeroſa Judith, na entrada de Bethulia, trazendo cortada a cabeça do ſoberbo Holofernes: *Tu gloria Jeruſalem, tu lætitia Iſrael, tu honorificentia populi noſtri, quia feciſti viriliter, & confortatum eſt cor tuum.*

Nem faltou à ſemelhança da ſolemnidade o Pontifice Joachim na peſſoa do Patriarca D. Joaõ Nunes Barreto, acompanhado de todos os Padres do Collegio, veſtidos de Sobrepeliz com luzes, e inſignias conducentes ao acto mais luzido, que vio a India, refere o livro dos faſtos de Goa. Foy bautiſada a Infanta pelo Patriarca da Ethiopia, que em reverencia, e obſequio do Myſterio da Aſſumpçaõ, lhe poz o nome de Maria, que deſempenhou por toda a vida com grande exemplo, e perſeverança nas virtudes; fazendo menos verdadeiro o adagio Portuguez, que nunca de bom Mouro bom Chriſtaõ; porque ſendo Dona Maria muito douta no Alcoraõ de Mafoma, viveo, e morreo depois do bautiſmo, regulada as Leys, e Mandamentos da Igreja Catholica Romana.

Voltou a Infanta Dona Maria de Alem-mar para caſa de Maria Toſcana, conduzida com a

meſma

mesma pompa; e o Governador interessado nas festas como Padrinho, jugou as Cannas com os Fidalgos da comitiva, e acompanhamento na mesma rua, fazendo continuar as cargas de artilharia até a noite, que a Cidade se illuminou toda, havendo muitas invenções de fogo, e de festas. Retirou-se o Governador a Palacio, e logo mandou visitar a Infanta afilhada, com mil pardàos de tença, que ElRey confirmou; e a seu exemplo todos os Fidalgos, e pessoas de distinçaõ lhe offereceraõ joyas, e alfayas de muito preço para ornato da casa, e da pessoa.

Jorge Toscano, irmaõ de Maria Toscana, Capitaõ que fora de Cananor, namorado das virtudes, e prendas de Dona Maria de Alemmar, nome, e appellido, com que se fez mais conhecida, e mais illustre, a recebeo por mulher, e ainda que viveraõ alguns annos casados, naõ tiveraõ filhos. No Tombo das terras de Salsete se escreve, que no anno de mil e seiscentos e onze falecera Mealé, e dous filhos, e que hum dos netos se fizera Christaõ, imitando a Dona Maria na vida, e na morte.

MARGA-

XXXIII.

MARGARITA DE AUSTRIA, Princeza.

FOy illuſtre poſteridade dos Emperadores Romanos Maximiliano Archiduque de Auſtria, e Maria filha unica, e herdeira de Carlos Duque de Borgonha, a diſcreta, e douta Princeza de Eſpanha Margarita de Auſtria, mulher do Principe D. Joaõ, filho dos Reys Catholicos Fernando, e Iſabel; matrimonio, que naõ teve ſucceſſaõ pela morte do Principe em Salamanca aos quatro dias do mez de Outubro de mil e quatrocentos e noventa e ſete, contando de idade dezanove annos, tres mezes, e ſeis dias, e de caſado poucos mezes. Logo dos primeiros annos começou a fortuna a moſtrarſe contraria aos deſpoſorios deſta Princeza, que eſtando concertada para caſar com Carlos Rey de França, naõ tendo effeito o matrimonio, foy occaſiaõ das differenças, e guerras entre as duas Mageſtades Luiz, e Maximiliano.

Flandres a celebrou caſada ſegunda vez com Filisberto o fermoſo, Duque de Saboya, que em breve tempo a veſtio de luto, cortando da meſma gala novo capello, mais hum deſengano. Como era tia do Emperador Carlos V. governou

vinte e tres annos aquelles Eſtados em ſeu nome, donde moſtrou, que ſabia a arte de reynar, em que foy doutiſſima, como ſe admirava no augmento dos habitadores, fermoſura das Cidades, frequencia das nações eſtrangeiras, principalmente em Anvers, que parecia eſtabelecera a Europa naquella Cidade à eſcala do commercio, Corte commua do contrato.

Os dotes naturaes de juizo, engenho, e diſcriçaõ, ſe admiravaõ nas Poeſias, de que foy autora, ſendo taõ conceituoſa, e elegante no verſo, como era na proſa. O valor, de que ſe animava o coraçaõ de Margarita, teſtemunharaõ os que lhe fizeraõ companhia na tempeſtade, em que ſe vio paſſando de Alemanha para Caſtella no mez de Fevereiro de mil e quatrocentos e noventa e ſete; porque dando-ſe no conceito dos maritimos a Armada por perdida, ſem mudar o ſemblante, nem perder o acordo, pegou da penna, e eſcreveo em hum papel na lingua Franceza, para lhe gravarem na ſepultura o ſeguinte Epitafio.

Cy giſt Margot, noble Damoyſélle
Deux fois marite, morte pucelle.

Querem dizer em Caſtelhano, como andaõ vulgarizados.

A Margarita preclara
Aqueſte tumulo cubre,
Que aunque caſada, deſcubre
Su virginidad mas clara.

O Epi-

O Epitafio, e algumas joyas embrulhou em hum lenço, que fez atar no braço para ſer conhecida, e ſepultada, padecendo naufragio a náo, termo a vida.

O Ceo a guardava para lhe dar em mais larga vida tempo de merecer mais precioſa coroa na immortalidade, pelas heroicas virtudes, que exercitou em tantos annos de governo, que teve fim na morte, falecendo em Malmas pela meya noite o ultimo dia de Dezembro de mil e quinhentos e trinta, na idade de cincoenta e dous annos, com ſentimento univerſal dos Eſtados. A's honras funeraes aſſiſtiraõ os ſobrinhos, o Emperador, e ElRey D. Fernando com toda a nobreza de Flandres, donde mandou ficar o coraçaõ, porque em Bruſelas jazia ſua ſepultura. Em Malignas, lugar de ſeu naſcimento, ſe depoſitaraõ as entranhas, e o corpo que foſſe levado a Eſpanha para ſe enterrar junto de ſeu irmaõ Filippe I. do nome, Rey de Caſtella.

XXXIV.

MARIA MAGDALENA URSINA.

DEu Roma em todos os ſeculos matronas illuſtres, que honraraõ a patria com as letras, ou com as virtudes; porém teve em Maria Magdalena Urſina huma taõ illuſtre matrona, que baſtou para illuſtrar a Roma com ſeu naſci-

mento, a Ordem Dominicana com a ſua profiſſaõ. Naſceo Maria de pays igualmente nobres para deſempenho do appellido, que fez mais celebre pela ſantidade, e ſabedoria, que ſeu pay Camillo Urſino pelas armas, ſendo famoſo General da Republica de Veneza; adquirindo com illuſtres vitorias mayor eſplendor à nobreza, eſpecial reputaçaõ ao lugar.

Aprendeo facilmente as primeiras letras, porque a memoria, e engenho parecia de idade mais creſcida; e devendo a ſeus pays o beneficio dos meſtres, os faziaocioſos pela rara comprehenſaõ dos preceitos, e das regras, de que uſava logo com taõ prompta intelligencia, que em breves tempos fallou, e entendeo as linguas Latina, Grega, e Hebraica. Paſſando a mayores eſtudos, moſtrou igual comprehenſaõ nas Filoſofias, e Theologias, aſſim Eſcolaſtica, como Expoſitiva; mas deveo-lhe mayor applicaçaõ a Eſcritura Sagrada, porque recitava de memoria as Epiſtolas de Saõ Paulo, goſtoſa da doutrina, e da elegancia.

Naõ era menos illuſtre em as prendas naturaes de fermoſura, e diſcriçaõ, que a faziaõ pertendida; e veyo a cahir em ſorte a hum nobre Cavalheiro Romano da familia Cere, que poucos annos depois de caſado morreo ſem deixar poſteridade, ficando Maria Magdalena Urſina viuva, deſenganada, e livre para ſe dar ao exercicio das virtudes, que na vida lhe deraõ a

repu-

reputaçaõ de Veneravel, na morte o titulo de Santa. Ainda naõ eſtavaõ bem enxutas as lagrimas, e cortados os lutos, quando ſe empenhou o ſentimento em deſafogar o coraçaõ na heroicidade de buſcar, e ſervir a Deos em huma perpetua Clauſura; e em breves dias trocou o Palacio pelo Convento de Santo André da Ordem de Saõ Domingos, recebendo o habito, e fazendo profiſſaõ com deſengano, e triunfo das riquezas, e vaidades do Mundo.

Aqui perſeverou alguns annos com grande reforma, e obſervancia, fazendo-ſe invejar de muitas Religioſas, que lhe precediaõ na antiguidade do habito; mas anhelando mayor perfeiçaõ de vida, comprou o Palacio de Monte-Cavallo, que erigio em Convento ſumptuoſo, e dotou de copioſa renda com maõ liberal, fazendo-o pela architectura, e pela riqueza o primeiro entre os mayores de Roma. Com licença do Geral da Ordem, e breve do Pontifice Gregorio XIII. paſſou a povoar o novo edificio, acompanhada de onze Religioſas profeſſas, e companheiras de ſeu abrazado eſpirito; e levando hum Crucifixo nas mãos, entrou pela porta, ſem voltarſe a deſpedir da Marqueza Ragoni ſua irmãa, e outros parentes, que a ſeguiraõ de hum para outro Convento, deixando a huns edificados, a outros compungidos.

Teve huma precioſa morte em huma vida breve, e penitente aos vinte e cinco dias do mez
de

de Mayo de mil e ſeiſcentos e cinco; e no anno de mil ſeiſcentos e trinta e ſeis ſe trasladou para mais decoroſo, e elevado tumulo de marmore, onde ſe venera com eſtimações de Fundadora, cultos, e votos de Santa.

XXXV.

MARIA DA CRUZ.

NO Convento das Chagas de Lamego da Ordem de Santa Clara, fundaçaõ do Biſpo D. Antonio Telles de Menezes, floreceo em virtudes, e prendas naturaes, e adquiridas a Madre Soror Maria da Cruz, que a graça, e a natureza enriqueceraõ igualmente com affluencia, e liberalidade. Naſceo illuſtre pelo ſangue, e ſe fez pelo engenho ainda mais celebre na pintura, retratando ao natural tudo quanto via; e veyo a ſer meſtra de huma arte, em que nunca chegou a ſer diſcipula, adquirindo no eſtudo o artificio, o primor no uſo.

Pintava imagens de corpo com todas as regras da arte, e huma elegancia natural, que era admiraçaõ aos artifices mais peritos. Hum quadro de Noſſa Senhora, e outro de ſeu Eſpoſo Saõ Joſeph collocou na Capella do Deſterro, que mandou erigir no Clauſtro à ſua cuſta, ſaõ obras de primor, e engenho. Dourou o retabolo

bolo da mesma Capella por suas mãos; e com estas, e outras prendas, inspiradas pelo Ceo, se occupava em obras do serviço, e obsequio do supremo Artifice.

Cantava, e tangia rabecaõ com igual destreza; e o zelo dos Officios Divinos se celebrarem com perfeita consonancia, obrigou a Soror Maria da Cruz a fazer escola destas artes, sogeitando-se ao trabalho, de que só esperava no Ceo o premio. Adquirio muitas virtudes pela observancia, com que guardava a regra do Serafico Patriarca, de quem era filha, primeiro no affecto, depois no habito. Na caridade naõ teve quem a excedesse; e fazendo huma vida exemplar, e penitente, morreo com vulgar opiniaõ de Santa em mil e seiscentos e dezanove; e as Religiosas, que chegaraõ a valerse dos merecimentos desta Serva de Deos, admirando os effeitos de seu patrocinio, lhe davaõ cultos de advogada, venerações de Santa.

XXXVI.

SOROR MARIA DE JESUS.

FLoreceo com elogios de discreta, e applausos de douta no Convento de Santa Clara de Coimbra a Madre Soror Maria de Jesus, pelo nascimento illustre, e pelas acções de virtude, e le-

e letras, que a fizeraõ recomendada na Chronica Serafica como perfeita Religiosa, neste Theatro como Heroína Portugueza. Sendo por descendencia muito nobre, porque se honravaõ de seus parentes os Condes da Feira, entrou naquelle Convento de quatro annos de idade, para se crear na protecçaõ de humas tias Religiosas, que a doutrinaraõ com disvelos de bem nascida; e logo dos primeiros annos o engenho a inclinou à liçaõ dos Poetas.

O estudo venceo a falta dos mestres com a doutrina dos livros, e conseguio fazerse douta na arte, discreta, e facil nas composições metricas. Com o vento dos applausos, que lhe davaõ, cahio de desvanecida na vãagloria de Poetiza com grande descuido nas obrigações do estado, pelo interesse do estudo.

Escreveo muitas Poesias a varios assumptos; e ordenou algumas Comedias, que lhe deraõ merecidamente o nome de douta, o brazaõ de discreta. Pelos escritos a buscavaõ muitos Fidalgos, e homens doutos da Universidade, porque faziaõ gosto de a ouvirem pela discriçaõ. Esta frequencia de visitas parecia relaxaçaõ do estado às Religiosas mais reformadas, e faziaõ às tias repetidas queixas; porém calavaõ a murmuraçaõ, gostosas de que a sobrinha tivesse taõ bom nome, adquirisse taõ illustre fama.

Naõ se escondeo por muito tempo a Soror Maria de Jesus o escandalo, que dava, e a murmuraçaõ

muraçaõ, que havia na Communidade pelas visitas continuadas, e frequentes; e se naõ foy volta de seu grande juizo, seria toque da Providencia, pois quando ninguem lhe esperava a mudança de vida, appareceo vestida de hum tosco burel, toalha lisa, véo grosseiro, habito sobre a carne, e descalça, figura da penitencia, e observancia, que guardou por toda a vida com o rigor da primitiva regra. Logo distribuïo as alfayas, que podiaõ offender o voto da pobreza, reservando alguns livros espirituaes para mudos directores, discretos conselheiros.

Ainda que sempre se lhe conheceo huma grande caridade em beneficio dos enfermos, se dilatou até os pobres, adquirindo em doze annos de reforma pelos seus gráos a perfeiçaõ das virtudes, que a chegaraõ taõ perto do Ceo, que lhe naõ custou a distancia molestia, a jornada fadiga. Adoeceo levemente no mez de Agosto; e ainda que a medicina certificava, que naõ era de morte aquella enfermidade, pedio a grandes vozes os Sacramentos, dizendo, que era chamada, como bem mostrou na transformaçaõ, e claridade do rosto, que depois de seu glorioso transito conservava, como argumento da felicidade, que goza, coroa, com que se immortaliza.

XXXVII.

MARGARITA DE AUSTRIA, Duqueza de Parma.

FOy reconhecida do Emperador Carlos V. por ſua filha baſtarda a Duqueza Margarita de Auſtria, que naſceo em Flandres no anno de mil e quinhentos e vinte e dous de outra filha do meſmo Ceſar, caſo raras vezes eſcrito, ſempre à natureza eſtranho. De Maria Cocquamba, mulher de Joaõ Vangeſt, nobres Flamengos, teve huma filha Carlos V. quatro annos antes de caſado, que naſceo em Odenarda, e ſe chamou Maria Vangeſt de fermoſura igual a ſua mãy, que faleceo de peſte com ſeu marido em Cocquamba, deixando de cinco annos a Maria, que levou para caſa o Conde de Hoſtrat Antonio Lalinhi, e creada pela Condeſſa com affectos de mãy, mimo, e diſvelo de filha.

Voltando o Ceſar a Flandres em mil e quinhentos e vinte e hum, e vendo a Maria Vangeſt em hum ſaráo, a que foy com a Condeſſa Iſabel de Culemburg, lhe pareceo, e louvou da mais fermoſa de todas as Damas do paiz; e hum dos Fidalgos, que lhe fazia Corte, querendo liſongearlhe o goſto, facilitou o trato, introduzio a communicaçaõ. Ignorava o Ceſar, que era ſua filha,

filha, e ſe fez pay de outra, que ſe chamou Margarita de Auſtria, de quem eſcrevemos as acções illuſtres.

Governava aquelles Eſtados a tia do Emperador, e conhecido o engano daquelle parenteſco, ſe creou Margarita em Palacio oito annos até a morte deſta Senhora, a quem ſuccedeo no governo a Rainha de Ungria, irmãa do Emperador; e neſta protecçaõ ſe doutrinou em as virtudes, e algumas artes proprias ao ſexo, convenientes à peſſoa. Enriquecida de muitas prendas naturaes, e adquiridas, chegou aos annos, que fazem as mulheres capazes do matrimonio.

Na fermoſura foy emulaçaõ das aſcendentes; o animo era varonil, o corpo airoſo, o paſſo grave, e naõ parecia mulher com aſpecto de varaõ, porém varaõ com trajes de mulher; porque foy de taõ robuſtas forças, que ſeguia os Viados na carreira, mudando de cavallo com tanta deſtreza, que naõ parava ſem os deixar cançados, e caçados. Sendo taõ violento o exercicio da caça, que rende os mais robuſtos homens, naõ ſe lhe conhecia damno, ainda que depois veyo a padecer em idade mais creſcida o achaque da gotta nos pés, que raras vezes experimentaõ as mulheres, que naõ tem ſemelhantes forças; porque era de taõ robuſta natureza, que tinha buço como homem, mas naõ lhe tirava a fermoſura, augmentava-lhe o reſpeito, e a veneraçaõ.

Foy duas vezes casada por eleiçaõ do Emperador: a primeira com Alexandre de Medicis, Duque de Florença, que a recebeo em Napoles no anno de mil e quinhentos e cincoenta e nove; e sendo morto aleivosamente em menos de hum anno de casado sem deixar posteridade, lhe deu por segundo marido a Octavio Fernesio, sobrinho do Pontifice Paulo III. Prefeito de Roma, e Duque de Camerino; matrimonio, que se illustrou, e fecundou pelo nascimento de Alexandre Fernesio, heroe pelas armas, famoso pelas vitorias. Como era dotada de hum agudo engenho, sagaz prudencia, e arte de reynar, seu irmaõ Filippe II. Rey de Castella, lhe entregou o governo de Flandres, administrado por nove annos, que foraõ de tribulações, e guerras, fazendo muitos serviços a Espanha, mayores à Igreja.

Fazia grande horror aos Flamengos aceitarem o Concilio Tridentino, e o Tribunal da Inquisiçaõ; porém venceo o valor, e prudencia de Margarita primeiro os corações, e depois as armas dos inimigos da Fé, que a favor da heresia sahiraõ à campanha rebeldes ao Rey, desobedientes ao Pontifice. Para agradecer os grandes serviços de Margarita a favor da Religiaõ Catholica, passou a Flandres por Legado de Pio V. Pontifice Romano Julio Pavesi, Arcebispo de Surriento, que animando-a com muitos louvores à defensa da liberdade Ecclesiastica, lhe offereceo,

fereceo, naõ ſó dinheiro, mas todo o genero de ſoccorro neceſſario para a guerra.

Com palavras, que abonavaõ a Chriſtandade dos Reys Catholicos, ſe eſcuſou Margarita para aceitar os offerecimentos do Pontifice; e admirado o Nuncio de tanta diſcriçaõ, e agudeza, diſſe, que publicamente daria parte à Curia Romana, que a Religiaõ Catholica, ameaçando em Flandres a ultima ruina, ſe firmava na vigilancia, valor, e prudencia de Margarita de Auſtria. Como a primeira nobreza de Flandres eſtava inficionada pela hereſia, fomentavaõ os bandos contra os edictos, e decretos Reaes; porém Margarita ſem perdoar a diligencia, ganhava pela induſtria das eſpias attençaõ dos inimigos, trazendo-os ſempre embaraçados nos projectos, temeroſos nos inſultos.

Quando a prudencia mais, que a força tinha reduzido a tranquillidade o governo de Flandres, entrou o Duque de Alva com maõ poderoſa, e armada naquelle paiz com aſſombro, e temor dos Flamengos; porém o Principe de Oranje, ſeu irmaõ Ludovico, e o Conde de Hoſtrat, ſe retiraraõ logo, perſuadindo a meſma fuga aos Condes de Agamonte, e Horno, que vieraõ a pagar depois a confiança na prizaõ, o deſprezo no cadafalſo. Primeiro ſoube Margarita da prizaõ dos Condes, que da ordem, que levava, e ſe deu por offendida, porque ſó o governo das armas pertencia ao Duque, como ElRey declarava

rava na inſtrucçaõ ordinaria; ainda que a Duqueza bem penetrou, que trazia mayor autoridade, como veyo a moſtrar depois no exceſſo deſtas prizões, e outras muitas em peſſoas de menor esféra, culpadas nas rebelliões extinctas.

Chamavaõ em Eſpanha ſofrimento à prudencia da Duqueza, e lhe faziaõ culpa de moderada nas paixões contra os reos, como ſe naõ acabara com menos ſangue, e deſpeza Real, o que naõ pode conſeguir depois com tantas mortes, e exercitos o Duque de Alva, ſem paz, e ſempre com as armas veſtidas na variavel fortuna de vencido, e vencedor. Logo pedio a ElRey, como premio de ſeus ſerviços, licença para ſe retirar a ſeus Eſtados, vendo que naõ podia com honra propria governar Flandres, dependente das reſoluções do Duque; e repetindo as cartas, alcançou licença com grandes expreſſões de bem ſervido, concedendo-lhe para poder teſtar mayor renda em Napoles, que antes gozava, pelo titulo de patrimonio, ou dote; e deixando a Bruſelas nos principios do anno de mil e quinhentos e ſeſſenta e oito, ſe retirou a ſeus Eſtados com mayor honra, que premio.

Naõ eraõ paſſados doze annos, quando Margarita ſe vio rogada pelo irmaõ para voltar a Flandres, que ſeu filho Alexandre Ferneſio governava pela morte de D. Joaõ de Auſtria. Repetindo ElRey o cuidado partio de Italia, e chegou a Namur, onde ſe deteve eſperando nova

reſo-

resoluçaõ de Espanha em favor do filho, que logo a foy visitar; e como era Principe de generoso espirito, levava mal, que o depozessem do governo politico, para lhe darem só o militar, naõ querendo repartido o Imperio depois de exercitar com plena autoridade hum, e outro lugar; sentimento, que na mãy achou o mesmo parecer, teve no tio approvaçaõ.

Foraõ efficazes as razões de Margarita com ElRey para se inclinar, que o Principe seu filho continuasse no governo de Flandres, e a mãy voltasse para Italia a gozar do fruto de seus trabalhos, premio de seus merecimentos. Estava já correndo o anno de mil e quinhentos e oitenta e hum, quando voltou para Napoles, e no mez de Janeiro de oitenta e seis foy a gozar de huma coroa de gloria, como se cré piamente, de quem servio a Igreja com tantos disvelos, e trabalhos, exercitou as virtudes com merecimeto, os lugares com justiça, e equidade.

XXXVIII.

D. MARIA DE CASTRO.

NAscendo Soror Maria Magdalena de Jesus, que no seculo se chamou Dona Maria de Castro, filha primogenita de D. Henrique de Menezes, Senhor do Louriçal, e de Dona Margarida de Lima, filha dos Condes de Atouguia para

para ſe qualificar de diſcreta, trocou fugitiva, e com heroica reſoluçaõ a caſa de ſeus pays pelo Convento da Madre de Deos no anno de mil e ſeiſcentos e quarenta e hum, deixando a ſua mãy em huma carta taõ diſcreta, como Chriſtãa, o argumento de ſeu deſengano, a certeza da ſua vocaçaõ. Havia fecundado o illuſtre matrimonio de ſeus pays com ſeu naſcimento em mil e ſeiſcentos e dezaſete; e prendada com os dotes de fermoſura, engenho, e diſcriçaõ, ſe fez pertendida de grandes caſamentos, que deſprezou pelo titulo de virgem prudente, entrando no Ceo da Religiaõ Serafica a celebrar mais heroicas vodas, fidalgos deſpoſorios.

Já quando deixou o Mundo pela Religiaõ, havia desfrutado as arvores das ſciencias pelo eſtudo das letras Divinas, e humanas, que aprendeo facilmente pelo engenho, e applicada liçaõ, anticipando o tempo de colher as flores das primeiras letras, e os frutos das artes liberaes, que eſperamos lograr pelo beneficio da eſtampa nas excellentes compoſiçoens, que ficaraõ por ſua morte, paſſando à verdadeira Patria em mil e ſetecentos e dous. Deſempenhou Soror Maria Magdalena de Jeſus a grande vocaçaõ, que teve com huma vida taõ regular, e penitente, que mereceo alguns favores do Ceo, como dirá a Hiſtoria Serafica, referindo as virtudes, que adquirio em ſeſſenta e hum annos, que viveo na Religiaõ; porque todo o tempo, que lhe vagava das

obriga-

obrigações do eſtado, conſumia na oraçaõ, liçaõ, e compoſiçaõ de muitos livros, que daráõ melhor a conhecer o abrazado eſpirito, e elegante ſabedoria, de que foy enriquecida, pareceo illuſtrada.

As Obras, que deixou eſcritas, e acabadas, e eſtaõ para ſe imprimir, darey a ler em Catalogo pela gratidaõ, que nos deve taõ illuſtre memoria pelo beneficio, que fez à patria, e pela honra, que deu ao ſexo, à ſua familia, e Religiaõ.

Catalogo das Obras de Dona Maria de Caſtro.

HUma expoſiçaõ de alguns Pſalmos de David, e dos Canticos de Salamaõ no ſentido Myſtico, hum volume em quarto.

Meditações de huma alma elevada na contemplaçaõ, hum volume em quarto.

Soliloquios amoroſos para antes, e depois da Communhaõ, hum volume em quarto.

Vida de algumas Religioſas inſignes em virtude, que floreceraõ no Convento da Madre de Deos, eſcrito por ordem do ſeu Geral, dous volumes em quarto.

Cartas familiares, e eſpirituaes aos Condes da Ericeira D. Fernando, e D. Luiz de Menezes ſeus irmãos, e ao Conde D. Franciſco ſeu ſobrinho, dous volumes em quarto.

Cartas eſpirituaes, hum volume em quarto.

XXXIX.

DONA MARIA DE GUADALUPE LANCASTRO E CARDENAS,

Duqueza de Aveiro, e Torres Novas.

PRincipiou felice para o Reyno de Portugal o anno de mil e ſeiſcentos e trinta com o naſcimento illuſtre de Dona Maria de Guadalupe Lancaſtro e Cardenas, filha dos Duques de Aveiro, e Torres Novas, D. Jorge de Lancaſtro, e Dona Anna Maria de Cardenas, Duqueza de Maqueda, aos onze dias do mez de Janeiro, porque foy huma das Heroínas Portuguezas, a quem a Patria ainda eſtá devendo a gratidaõ das acçóes no monumento dos eſcritos, Catalogo dos filhos benemeritos. Foy matrona de grandes virtudes, tanto engenho, juizo, e diſcriçaõ, que da primeira idade aprendeo as letras humanas, e adquirio boa intelligencia das Divinas.

Teve perfeito conhecimento das linguas Grega, Latina, Italiana, Franceza, Ingleza, e Caſtelhana. Paſſando a Eſpanha, onde viveo, e morreo, ſempre fallou a lingua Portugueza, e natural, que depois veyo a enſinar a ſeus filhos na expectaçaõ de algum paſſar a Portugal pelo direito, que adquiriraõ ao Ducado de Aveiro,

de

de que era legitima ſucceſſora pela morte de ſeu irmaõ o Duque D. Raymundo de Lancaſtro.

Aquellas prendas, que ſaõ ornato da fermoſura, do ſexo, e da nobreza, a fizeraõ mais pertendida entre as Damas da Corte de Madrid, porque naõ teve outra, que lhe fizeſſe competencia em os dotes naturaes, e adquiridos. Preferio pelo matrimonio a todos os pertendentes a D. Manoel Ponce de Leaõ, Duque de Arcos, que faleceo primeiro, deixando a illuſtre poſteridade de tres filhos, D. Joaõ Ponce de Leaõ, Duque de Arcos, de Aveiro, e de Maqueda; D. Gabriel Ponce de Leaõ, Duque de Banhos, e agora Duque de Aveiro; e Dona Iſabel Ponce de Leaõ, Duqueza de Alva.

O eſtudo, e dependencias do Eſtado naõ lhe tiravaõ o tempo para o exercicio das virtudes, porque gaſtando grande parte da manhãa no ſeu Oratorio, naõ faltava ao deſpacho dos pobres, menos a liçaõ, e tarea dos livros. No formolario da Corte, e ſciencia de Eſtado a conſultavaõ os primeiros Miniſtros, como a Oraculo das politicas, aſſim pela ſabedoria, como pelo juizo claro, prudente, e profundo, de que era dotada ſobre as prendas, que ſaõ adquiridas pelo genio, e engenho.

Teve tanta felicidade de memoria, e tanta ſciencia da Eſcritura Sagrada, que ſabia de cór todos os Pſalmos de David, como ſe admirou na doença, de que morreo, continuando os Pſal-

mos, que os filhos nos ultimos dias, e horas da vida principiavaõ a ler, que parecia a todos, que os estava lendo, e naõ recitando. Nas Filosofias teve por Mestre a Frey Miguel Valentim, Monge de Saõ Jeronymo, Lente de Vespera, e Vice-Reytor da Universidade de Coimbra; e adquirio tanta erudiçaõ nas letras Divinas, e humanas, que lhe conciliou o nome de sabia, o respeito de Heroína.

Foy naturalmente discreta, e de hum coraçaõ varonil, e Portuguez, como se prova de huma celebre agudeza, que respondeo a huma Senhora Castelhana, e foy o caso nesta substancia: Logo, que passou para Castella no felice reynado delRey D. Joaõ o IV. de gloriosa memoria, e viva guerra entre as duas Coroas Portugueza, e Castelhana, a convidaraõ para ver huma Comedia, donde se fazia hum celebre Entremez Castelhano, em que tratavaõ mal de palavras, e peyores obras a hum Portuguez. Huma das Senhoras Castelhanas voltando-se para a Duqueza com alegria, lhe disse: „ Mire Vuestra „ Excellencia como se tratan acà los Portugue- „ zes; e a Duqueza lhe respondeo com semblante grave: „ Lo que hazen aqui los Españoles „ a los Portuguezes, es de burlas; però lo que „ hazen los Portuguezes a los Españoles en la „ campaña de Alentejo, es de veras.

Havia cheyo o numero dos annos, que gastou por toda a vida heroicamente, adquirindo noti-

noticias, e virtudes, quando Deos a visitou com a ultima enfermidade em huma segunda feira do mez de Fevereiro de mil e setecentos e quinze, dando-lhe huma erysiepéla maligna, que declinou em cangrena. Aqui mostrou a constancia de hum coraçaõ heroico, e os quilates, a que tinha chegado a paciencia na precisa operaçaõ de lhe cortarem o pé, sem dar hum leve indicio de sentimento; que as dores, que padecia, naõ se lhe conheciaõ nos brados, admiravaõ-se nos golpes.

Mostrou o grande cuidado, que sempre tivera na morte, nas mortalhas, que guardava, que eraõ tres habitos pobres, e muito rotos de tres esclarecidos Religiosos de Saõ Bruno, de Saõ Bernardo, e de Saõ Francisco. Tudo guardava com a toca, e véo para a cabeça, huma Cruz de cera para as mãos, huma vela com indulgencia plenaria para a hora da morte, que o Geral da Companhia, o Padre Thyrso Gonsalves, lhe mandara de Roma, e a rogos da Duqueza alcançara do Papa Innocencio XI. e o mais, que era preciso para o enterro, necessario para o funeral.

Com industria santa tinha prevenido azeite da alampada de Saõ Joaõ da Cruz, de quem era especial devota, e se ungia repetidas noites, pedindo a Deos com fervorosos actos, se dignasse de lhe perdoar as offensas, commettidas naquelle dia pelos cinco sentidos, figurando-se moribunda. E no Sabbado, que foy o ultimo dia

de

de ſua vida, conhecendo o perigo, em que ſe achava, pedio a Extrema-Unçaõ pelas quatro horas da manhãa, para morrer com todos os Sacramentos.

Huma occaſiaõ querendo-a conſolar com a eſperança do premio, que Deos concede pelos trabalhos, que ſe levaõ com paciencia, reſpondeo: „ Mejor es padecer ſin eſſe interez, padi- „ ciendo a ſecas, como dizia San Juan de la Cruz, „ y lo praticaron para nueſtro exemplo otros mu- „ chos Santos. Nem ſe pódem referir ſeus devotos affectos, mais que valendo-nos de hum apontamento, eſcrito de ſua maõ, que ſe achou reſiſtando as ſuas Horas, em que diz: „ Se ha „ de tener una fé, porque muera, una eſperança, „ com que muera, una caridad, de que muera, „ una contricion, que me mate, un agradeci- „ miento, que me exhale.

A devoçaõ à Rainha dos Anjos, que no proprio nome prezava tanto com o titulo de Guadalupe, que mandou em ſinal de eſcravidaõ, gravar nos braços a Imagem da Senhora. Debaixo dos pés deſta milagroſa Imagem, que ſe venera em hum dos Moſteiros da Ordem de Saõ Jeronymo do Reyno de Caſtella, e hum dos famoſos Santuarios de Eſpanha, mandou collocar huma Carta de perpetua eſcravidaõ em ſeu nome, e de ſeus filhos da propria letra, e ſangue.

Rendia todos os annos a vaſſallagem deſte glorioſo titulo em obſequio de ſua devoçaõ, mandando

dando ao Moſteiro de Guadalupe quatro peregrinos, que veſtia, e preparava de todo o neceſſario para o caminho com huma eſpecial eſmola para offerecer em ſeu nome, e de ſeus filhos no dia da Natividade da Senhora; e deixou renda para no meſmo dia em todos os annos hum dos Monges daquelle Moſteiro offerecer o tributo, pagar o feudo. Pelas duas horas da tarde do Sabbado, nove de Fevereiro de mil e ſetecentos e quinze, aos oitenta e cinco annos de ſua idade faleceo, deixando admirados os Religioſos, que lhe aſſiſtiaõ; porque fixos os olhos no Crucifixo, com a fé mais conſtante, e reſignaçaõ mais confórme, exercitava os actos de todas as virtudes em affectuoſos ſoliloquios, que naõ dava lugar a lhe lembrarem os nomes de JESU, e MARIA, que repetio até o ultimo ſuſpiro, fazendo-lhe ocioſa a aſſiſtencia, inutil a companhia.

Deixou eſcrito de maõ propria hum exercicio devoto, em que pedia a Deos huma virtude para todos os dias da ſomana, enterpondo para alcançalla o patrocinio de todos os Santos, neſta ſubſtancia: „ Los ſiete dias de la ſomana „ contra los ſiete peccados Capitales. Primero „ Humildad, Angeles. Segundo Deſapego, „ Apoſtoles. Tercero Pureza, Virgines. Quar- „ to Paciencia, Martyres. Quinto Abſtinencia, „ Anacoretas. Sexto Caridad, Confeſſores, y „ Operarios. Septimo Diligencia, Magdalena, „ y Miſſioneros.

O

O zelo da ſalvaçaõ das almas foy ardentiſſimo, e ſe conhece pelas conſideraveis deſpezas com Miſſionarios, como ſe entenderá melhor, referindo as clauſulas de huma carta, que eſcreveo a peſſoa Religioſa, dandolhe noticias dos progreſſos da Fé nas Indias, por eſtas palavras: „ Las „ Miſſiones del Trabancor, han padecido eſtos „ años horrendas perſecuciones, mas a pezar del „ infierno, y contra el empeño de los tyranos, „ las conſerva, y augmenta nueſtro Señor por „ deſempeño de ſu palavra. El Maravà regado „ con la ſangre del Venerable Padre Brito, cor„ reſponde cada dia con el fruto de muy nume„ roſas converſiones. Nuevamente abrio Dios „ la puerta a la converſion de los Faires, ſordos „ ha ciento y cincoenta años a las vozes del „ Euangelio. Han recebido dós grandes Prin„ cipes Vaſſallos del Trabancor el ſanto baptiſ„ mo, y ofrecen eſtos principios grandes pro„ greſſos, por ſer eſta Nacion dominante, y mas „ noble del Malavar. En la Ethiopia he viſto „ relacion cierta (como parece) de abrirſe puerta „ a la entrada del Euangelio; y no es expreſſable „ la gran dicha, que eſto contiene, ni mi gozo. „ He recebido eſtas noticias eſtos dias, por car„ ta de un Padre grande amigo mio, el qual fuè „ compañero del Martyr Juan de Brito, que mu„ riò en el Malavar, a quien conoci por cartas; „ y ſegun van muriendo amigos, bien es meneſ„ ter grangear otros. V. P. ſe acuerde de mi en

„ ſus

„ ſus oraciones a lo menos, quando alguna vez
„ ſe le ofreciere, digale a San Franciſco Xa-
„ vier de mi parte el *In pace*, &c. *Quoniam tu*, &c.
„ que tengo grande devocion con eſtos dos ver-
„ ſos a la muerte del Santo, deſeando obligarle,
„ para que me la negocie a mi con Dios, que
„ guarde a V. P. &c.

Coſtumava dizer a virtuoſa Duqueza: „ Quan-
„ do yo no hable de Miſſiones, es evidente ſeñal
„ de mi muerte; porque era tanto de ſeu goſto,
que abrazado o coraçaõ do amor Divino, e co-
mo eſquecida de ſi meſma, dizia: „ Aſſi como
„ el malvado hereje Ciſca, mandou, que de ſu
„ piel ſe hizieſſe tambor para tocar al arma a ſus
„ ſoldados contra los Catholicos, quiziera yo,
„ que de la mia ſe hiziera otro para llamar Miſ-
„ ſioneros, que fueſſen a la converſion de los
„ gentiles. E accreſcentava: Me comen el cora-
„ çon eſtas ancias, la mies mucha, y los obreros
„ pocos.

O deſejo de augmentar o numero dos Ope-
rarios Euangelicos, ſe admirou na grande deſpe-
za, que fez, ſabendo, que eſtava detida a Miſ-
ſaõ dos Capuchos para Sierra Leona, mandan-
do-lhe os viveres neceſſarios para a jornada, em
que gaſtou quarenta mil ducados. Poucos dias
antes da enfermidade, de que morreo, havia fun-
dado renda para os Miſſionarios da China, Ja-
paõ, e Malavar, ſolicitando, que outras peſſoas
de igual qualidade, e riqueza, deixaſſem eſtabe-

lecido ſemelhante legado, equivalente eſmola.

Naõ paſſava Miſſionario pela Corte, que naõ ſoccorreſſe compaſſiva, e liberal; e algumas vezes deveraõ a ſeu cuidado (enterpondo a peſſoa, e autoridade) a diligencia nos deſpachos, a protecçaõ nos requerimentos, e negocios. Dizia o Padre Franciſco Gracia da Companhia de JESUS, bem conhecido por ſeus eſcritos, que naõ vira zelo da ſalvaçaõ das almas, que foſſe mais ſemelhante a Saõ Franciſco Xavier, que o zelo, que admirava na Duqueza Dona Maria de Guadalupe.

Foraõ prova deſte glorioſo ſimile muitos caſos, em favor, e beneficio do proximo; e ſe faz digno de memoria hum, que referirey, e paſſou neſta ſubſtancia. Teve noticia, que hum Mouro eſtava inclinado a converterſe à noſſa ſanta Fé, e que podia retardar a converſaõ pela falta de interprete, o mandou conduzir a ſeu Palacio, donde aſſiſtio, e lhe deu meſtre, de quem aprendeſſe com a lingua Caſtelhana alguns principios da Religiaõ Catholica.

Naõ contente a Duqueza com a diligencia do meſtre, chamava muitas vezes o Mouro para examinar quanto aproveitava na fadiga de ſeus eſtudos, inſtruindo-o com grande amor, e admiraçaõ do diſcipulo nos Myſterios da Fé, que depois continuou com mayor proveito, doutrinado na linguagem do Paiz, entregue aos Padres do Collegio Imperial da Companhia. E ordenando

do logo que o bautiſmo ſe celebraſſe na Igreja de Torrijos, mandou, que ſe déſſe de comer a todos os pobres daquella Villa, dizendo: *Dia, que es de tanto jubilo para los Angeles, razon es, que tengan los pobres algun alivio.* Naõ era menos zeloſa do augmento da Religiaõ, e culto Divino, como ſe admirava nos Altares das Igrejas de ſeus Eſtados, naõ faltando, o que era neceſſario de aceyo, e riqueza. Mandava lavrar télas, e damaſcos para os ornamentos, que eraõ feitos pelas criadas, dando-lhe em mais louvavel exercicio, trabalho com merecimento, occupaçaõ com premio.

Porque naõ desfaleceſſe em ſeus Eſtados a devoçaõ do Roſario, que ſe cantava pelas ruas, mandava pendões, e eſtandartes com muitas grozas de contas para os Curas repartirem pelos meninos; e fundou renda para annualmente repartirem mil reaes de eſmola pelos pobres da Villa de Torrijos, do Eſtado de Maqueda, que acodiſſem a rezallo, querendo intereſſar os eſpiritos, quando utiliſava os corpos. Mandava tambem imprimir muitas Taboas da Doutrina Chriſtãa, que o Biſpo de Arcadia D. Miguel Peres tinha ordenado a petiçaõ da Duqueza, e as fazia repartir em ſemelhantes dias com o ſuſtento aos pobres, para acodirem mais goſtoſos aos Divinos louvores.

Sabendo, que as Igrejas de Alpujarras eraõ dez, e os Curas ſeis, ſinalou rendas para mais

quatro, e pedio ao Arcebiſpo de Granada a confirmaçaõ, deixando a ſeus ſucceſſores livre o encargo de elegerem os Curas, dando-ſe os lugares a concurſo, e oppoſiçaõ, para que as ovelhas tiveſſem bons paſtores, melhores meſtres. He digna de eterna memoria a razaõ, que lhe motivou o reparo, e ſe explica bem ſó pelas meſmas palavras da ſua carta ao Arcebiſpo, dizendo: „Que yo ſiendo un Vaſo de vil tierra, me he „de ver ſervida de tantos criados, y que el Rey „Soberano de la gloria no ha de tener aſſiſtidos „ſus Templos de los preciſos Miniſtros, que ne„ceſſita ſu culto? No puede ſufrirſe diſſonan„cia ſemejante.

Obrava taõ ajuſtadamente com a vontade Divina, que expreſſou eſte affecto da alma, eſcrevendo a huma peſſoa Religioſa por eſtas palavras diſcretas, e ſantas: „Mi deſeo es el ati„nar con lo que fuere voluntad de Dios en to„do, y por todo; peró como las dependencias „ſon tantas, eſta pobre capacidad mugeril ſe con„turba, y aſſi ha de venir la luz de arriba para „el acierto, ſin deſcrepar un punto de aquella vo„luntad, corteſe por onde ſe cortare: *Ne pe„rimant*, *pereant*, que dixo el Padre del Yermo, „quando arojó la bolſa, que encontró en el ca„mino, quando le quiſo tentar el Demonio.

Havia muitos annos, que andava deſcalça; e para reparar as inclemencias do tempo pelos rigores do frio, uſava de humas chinellas, e veſtia

tia de huma lãa preta, e taõ humilde, como a viuva mais pobre, a Religiosa mais santa. Por extremo vigiava as penitencias, que fazia; e só por acaso lhe foy visto huma Cruz de agudas pontas de ferro, com que era costumada a mortificar o peito, algumas vezes os braços.

A caridade com os pobres sobio aos gráos de excellente, porque a todos soccorria com maõ liberal, e escondida, podendo ser; e porque foy advertida pelas criadas, que já tinha dado esmola aos mesmos pobres, que novamente a estavaõ pedindo, respondeo: „ No nos cancemos nosotros de darla, para que Dios no nos „ la niegue, quando a Su Magestad la pidamos. Basta dizer, que pelos livros da sua contadoria se liquidou, que em vinte annos distribuîo com esmolas, e obras pias hum milhaõ e quinhentos e trinta e seis mil e setecentos e trinta e nove reaes; naõ entrando neste algarismo quarenta mil ducados, que deu para a Missaõ de Africa, que naõ permittio, que fossem lançados em despeza.

Abrio-se o testamento no mesmo dia de sua morte, sendo cada clausula hum evidente testemunho das grandes virtudes, que adquirio, e exercitou por toda a vida, davaõ certeza da gloria, que estava gozando por huma eternidade. Deixava por primeiro legado ao Hospital de Elche hum moinho de tres pedras para sustento dos pobres da Villa. Huma herdade na Corte de

de Lisboa, applicava para ſuſtento dos Miſſionarios do Oriente.

A renda de hum juro de ſetecentos e cincoenta Maravedis concinava para reparos, e ornamentos das Igrejas do Eſtado de Maqueda, declarando, que todo o ſeu rendimento empregara em utilidade, e ſerviço das Igrejas. Ficou huma doaçaõ para todas as quintas feiras, e outras feſtas do anno ſe accender hum tenebrario de cinco tochas de cera na Igreja do Sacramento da Villa de Torrijos; e renda ſeparada para limpeza do Altar de ornamentos, corporaes, e toalhas. Deixava finalmente cincoenta pezos todos os annos ſobre as caſas, em que vivera, para ſuſtentarſe no Imperio da China hum Miſſionario da Companhia; declarando por ultima vontade, que paſſaria o Eſtado de Maqueda a eſta Religiaõ para adminiſtrar as rendas em beneficio das Miſſoens da India.

Tres dias eſteve expoſto o cadaver em huma das ſalas de ſeu Palacio, e nos lados do tumulo ſe erigiraõ tres Altares, onde ſe celebraraõ Miſſas das ſeis horas até o meyo dia, acompanhando ſempre o corpo Religioſos de todas as Communidades. Na quarta feira treze de Fevereiro pelas duas horas da manhãa, partio o cadaver com grande acompanhamento de criados para o Moſteiro de Guadalupe, e chegando a dezoito lhe fizeraõ as honras funeraes, officiando o Prior a Miſſa cantada, o Meſtre Frey Joaõ Logrozan a Oraçaõ funebre.

Foy depoſitado debaixo do arco principal da Capella môr aos pés do milagroſo Simulacro da Senhora de Guadalupe, ficando no meyo entre a ſepultura de ſua mãy Dona Anna Maria de Cardenas, e o Duque D. Raymundo ſeu irmaõ. Abriraõ depois humas caixas, que a Duqueza Dona Maria havia mandado com varios papeis para ſe collocarem aos pés da Senhora. A primeira, que ſe abrio, foy hum coraçaõ de prata com hum papel, que dizia em verſo.

JESUS en la Cruz elevado,
Moriendo por darme vida,
Encended mi amor elado,
Que por mi ſacraficado
Solo eſto dexaes, que os pida.

Em outra caixa redonda, e de madeira, coberta de papel cerrada com lacar, havia outra caixa de prata com outro papel em Latim, que acabava com a letra S. atraveſſado com hum cravo, que dizia: „ Fide Deo, diffide tibi, fac „ propria, caſtas funde preces, paucis utere, ma- „ gna fuge, multa audi, dic pauca, tace abdita, „ diſce minori parcere, maiori cedere, ferre pa- „ rem, ſto tui victrix, Cœlum pete, ſperne ca- „ duca, ſoli diſce Deo vivere, diſce mori. S. „ C. hæc peccatorum ſcala eſt mea Maria fidu- „ cia, & meorum hæc tota ratio ſpei meæ.

Na terceira caixa de prata ſobredourada havia

via meyo quarto de papel eſcrito com ſangue, que dizia: „ Amo, & amare volo Mariam Do-
„ minam meam, tota anima, tota mente, totis
„ viribus meis, toto corde, & ab hoc tam ſancto,
„ & pulchro amore non ceſſabo in æternum.
„ Amen. Sanctiſſima Virgo Mater Dei, conſe-
„ cro, offero, dico, & dedico Sanctiſſimæ vo-
„ luntati, & ſervitio tuo, me totam in holo-
„ cauſtum, in filiam, ſervam, & perpetuum
„ mancipium, hæc eſt animam, & libertatem
„ meam, potentias, ſenſus interiores, & exte-
„ riores: cor meum, corpus, vitam, ſanguinem
„ meum, appetitum ſenſitivum, iraſcibilem, &
„ concupiſcibilem, paſſiones cum actibus ſuis.
„ Dignare hoc ſervitutis meæ ſacrificium ſuſci-
„ pere in odorem ſuavitatis per amorem Filii
„ tui, per miſericordiam, bonitatem, & beni-
„ gnitatem tuam, per quaſi infinitam maternita-
„ tem tuam. Amen, fiat, fiat, amen, amen.
„ Quarta decima Maii, 1684.

Maria de Guadalupe.

„ Señora mia, entregoos, y os doy por eſcla-
„ vos vueſtros con donacion perpetua mis tres hi-
„ jos Joachin, Gabriel, Iſabel; aceptadlos por
„ el amor, que tivieſteis a vueſtro Hijo JESU
„ Chriſto, y a vueſtro Eſpoſo San Joſeph, a
„ vueſtros Padres San Joachin, e Santa Anna.
„ Re-

,, Recebid debaxo de vueſtro patrocinio ſus al-
,, mas, ſus cuerpos, ſus vidas, ſus honras, y to-
,, do lo que les toca. Tened miſericordia de
,, ellos, y de mi. Guiad mis obras, mis palabras,
,, mis penſamientos, todos unicamente a vueſtro
,, ſervicio, que yo con toda mi libertad os los
,, conſagro de oy en adelante, ſuplicandoos eſto
,, por amor, que teneis a la Igleſia, y lo que la
,, cuidaſteis, y cuidaes en el Cielo. Acordaos del
,, Duque mi marido.

Havia deixado em ſeu teſtamento mil ducados para ſe augmentar o Camarim da Senhora de Guadalupe, e ſe entregaraõ ao Prior do Moſteiro, e os ſeguintes Epitafios, que a Duqueza ordenara nas linguas Latina, e Caſtelhana.

INSCRIPÇAÕ PRIMEIRA.

Dona Anna Maria de Cardenas, Duqueza que fué de Maqueda, y Torres Nuevas yaze en eſta ſepultura, que eligió para ſu entierro.

Hæc requies mea in ſæculum ſæculi.
Hic habitabo, quoniam elegi eam.

INSCRIPÇAÕ SEGUNDA.

D. Raymundo de Lancaſtro, Duque de Aveiro que fué, cuyo cadaver yaze en eſta ſepultura por la heredada piedad de ſu familia a eſta ſanta Caſa, deſcançando en ella los deſpojos de la mortalidad.

Innova dies noſtros, ſicut à principio.
In pace in id ipſum dormiam,
Requieſcat in pace. Amen.

INSCRIPC,AÕ TERCEIRA.

Maria de Guadalupe Lancastro y Cardenas, mandó-ſe enterrar en eſto lugar debaxo de los pies de la Imagen, centro de ſu amor, y eſperança.
In nidulo meo moriar,
Et ſicut palma multiplicabo dies.

XL.

SOROR MARIA DO CEO.

TEm merecido lugar entre as Heroínas Portuguezas, que illuſtraraõ a Patria com ſeus eſcritos, a Madre Soror Maria do Ceo, Religioſa no Convento da Eſperança de Lisboa Occidental da Ordem do Patriarca S. Franciſco, pelo ſangue nobre, pelas virtudes, e letras veneravel, e famoſa. Naſceo em onze de Setembro, ſinalando o dia, e o mez com a felice companhia de outra irmãa, que podiaõ diſputar o morgado das letras; mas foraõ taõ ſemelhantes no genio, e engenho, como na imagem, fazendo a natureza aos olhos taõ equivoco o engano das peſſoas, que ſe naõ diſtinguem pelas feiçoens, conhecem-ſe pelos nomes, ou pelas vozes, e trajes. Mo-

Moravaõ ſeus pays Antonio de Sá, e Dona Catharina de Tavora, na Fregueſia da Senhora dos Martyres, primeira da Corte, onde foy bautizada com o nome de Dona Maria, a irmãa, de Dona Iſabel Senhorinha da Sylva, nada menos illuſtre na Póeſia, e outras compoſiçoens doutas, e diſcretas. Com as primeiras letras ſe lhe conheceo hum engenho agudo, que depois exercitou na Poeſia com grandes ventagens entre as Heroínas, que florecem neſte ſeculo em diſcriçaõ, e elegancia.

Tomou o véo de Religioſa no Convento da Eſperança em mil e ſeiſcentos e ſetenta e cinco; e com os annos, e claro, juizo de que foy dotada, adquirio as virtudes, e prendas para lhe conferirem os empregos, que teve na Religiaõ, ſervindo com tanto deſempenho, e ſatisfaçaõ, que foy eleita duas vezes Abbadeſſa. O tempo, que lhe vagava das obrigaçoens do Eſtado, applicou ſeu engenho em obras de juizo, e diſcriçaõ, aſſim em verſo, como em proſa, nas linguas Caſtelhana, e Portugueza.

Correm pelas mãos dos curioſos muitas Poeſias manuſcritas a diverſos aſſumptos, e as Comedias, que tem por titulo: *En la cura va la flexa. Perguntarlo a las Eſtrellas. En la mas eſcura noche*; e outra, que ſe imprimio aos Deſpoſorios de Saõ Joſeph. A furto de ſua humildade, ſe tem feito publicas pelo beneficio da eſtampa muitas Obras debaixo do nome de Marina Cle-

mencia, Religiosa de Saõ Francisco no Convento da Ilha de Saõ Miguel, como agora se conhecerá do seguinte

Catalogo das Obras de Soror Maria do Ceo.

A Preciosa, Alegoria Moral, primeira parte, impressa na Officina da Musica em 1731. em oitavo.

A Preciosa, Obras da Misericordia, em primorosos, e Mysticos Dialogos expostas. Elogios de Santos em varios Canticos Poeticos, e Historicos, impresso na mesma Officina em 1733. em oitavo.

Aves illustradas, hum tomo impresso na Officina Patriarcal em 1734. em oitavo.

Enganos do Bosque, impresso na Officina da Inquisiçaõ em 1736. hum tomo em oitavo.

A Vida de Santa Catharina Martyr; e hum Livro de varias, e admiraveis Obras.

Dizem, que estaõ para se imprimir Cinco actos alegoricos do Rosario. O primeiro titulo: *Perla, y Rosa.* Segundo: *Rosal de Maria.* Terceiro: *La flor de las finezas.* Quarto: *Las rosas con las espigas.* Quinto: *Tres redempciones del hombre.*

Tres Autos de Santo Aleixo. Primeiro: *Mayor fineza de amor.* Segundo: *Amor, e Fé.* Ter-

Terceiro : *As lagrimas de Roma.*

A Vida de Santa Petronila, e a Vida da Madre Elena da Cruz.

XLI.

SOROR MAGDALENA EUFEMIA DA GLORIA.

NAõ podia a natureza dar melhores progenitores pelas qualidades, que mais ſe eſtimaõ, para illuſtrar de nobre o naſcimento de Dona Magdalena Eufemia da Gloria, que a familia dos Souſas em ſeu pay Henrique de Carvalho e Souſa, e a familia dos Limas em ſua mãy Dona Elena de Tavora, que lhe foy exemplar nas virtudes, no juizo, na diſcriçaõ, e nos eſcritos, que lhe deraõ mais heroico ſolar, illuſtre deſcendencia. Deixou o Mundo Dona Magdalena Eufemia da Gloria na idade, em que mais ſe enganaõ os poucos annos com as delicias, e eſperanças da Corte, ſahindo fugitiva da caſa de ſeus pays a recolherſe no ſagrado do Convento da Eſperança, onde recebeo o véo, e fez profiſſaõ em mil e ſeiſcentos e noventa, vencendo com heroica porfia as rogativas dos parentes, os affectos dos progenitores.

Com a vida Regular, e exercicio das virtudes, naõ perdeo Soror Magdalena a doutrina dos meſtres na arte da pintura de illuminaçaõ, e oleo, adqui-

adquirindo com laborioſa fadiga, e applicada curioſidade, deſtreza, e perfeiçaõ. No Clauſtro do meſmo Convento ſe admiraõ muitos raſgos do ſeu pincel em huma bem ornada Capella, que fizeraõ propria os diſpendios da ſua liberalidade, os eſtimulos da ſua devoçaõ. Ainda que a pintura eſtava entregue ao cuidado dos officiaes, naõ ſó os ajudou com a idéa, e o riſco, mas tambem com o pincel, que ſe dá bem a conhecer em differentes perſpectivas pela maõ, e pelo artificio.

Entrando na Religiaõ com as primeiras letras, ſe adiantou com applicado eſtudo na arte da Poeſia, em que foy meſtra, e diſcipula de ſi meſma, vencendo a falta dos meſtres pelos exemplares dos melhores Poetas Portuguezes, e Caſtelhanos o engenho raro, e agudo juizo, de que foy dotada; como ſe admira em muitas differentes Obras, que a ſua diligencia, e humildade naõ pode entregar ao fogo, como experimentaraõ dous volumes em quarto de excellentes Poeſias, reduzindo a cinzas os affectos de preſumpçaõ, e vaidade. Com as prendas naturaes, e adquiridas, obſervancia, zelo, e outras muitas virtudes, de que pode ſer exemplar, exercitou com aceitaçaõ, e deſempenho todos os lugares, que ſe fiaraõ de capacidade taõ heroica; e com juſto receyo do officio de Abbadeſſa, que o ſeu merecimento fazia infallivel, alcançou Breve de Roma para naõ ſer obrigada com Cenſuras, fugindo à digni-

à dignidade com temor aos encargos, horror aos precipicios.

Eſcreveo por voto em elegante eſtylo a diſcreta, e bem ordenada Hiſtoria da Vida de Santa Roſa de Santa Maria, que corre impreſſa debaixo do Anagrama Literal de Dona Leonarda Gil da Gama, em livro de oitavo, na Officina de Pedro Ferreira, impreſſor da Auguſtiſſima Rainha noſſa Senhora em 1733. Tambem he Obra de ſeu engenho, e diſcriçaõ o livro de Novellas exemplares, que ſe imprimiraõ debaixo do meſmo Anagrama na Officina de Miguel Rodrigues em 1736. que tem por titulo: *Brados do Deſengano contra o profundo ſomno do eſquecimento.* Eſpera-ſe com impaciencia o ſegundo tomo deſta primeira parte, cheyo de muitos elogios, que merecidamente daõ ao livro os titulos, que lhe quadraõ, à Autora os epithetos, que ſe lhe devem.

CATALOGO.

XLII.

MANTO, natural de Thebas, e filha do Poeta Tereſias, famoſo nigromantico, foy diſcipula de ſeu pay na arte, e preceitos da Poeſia; mas de engenho taõ agudo, e elevado, que excedeo o meſtre em predizer, e poetizar. Havia naquelle tempo conquiſtado

quiſtado por armas a Thebas o tyranno Acreon, que Manto naõ querendo reconhecer por ſoberano, paſſou à Aſia, e fundou o Templo de Apollo, que ſe fez celebre pelo Oraculo. Deſceo à Italia, aonde foy ſepultada, e para memoria do lugar, fundou ſeu filho Titeno huma Cidade, a quem deu o nome de Manto, ou Mantua.

XLIII.

MAmea, ou Manica por outro nome, Rainha dos Egypcios, no governo de ſeus Eſtados moſtrou prudencia, e valor contra ſeus inimigos. Sendo viuva lhe fizeraõ guerra os Romanos, de quem ſe defendeo taõ varonilmente, que obrigou a Valentiniano Auguſto, e Lucio Heretico a pedirem pazes com muitas rogativas, que concedeo com certas condições, e ventagens.

XLIV.

MUſca foy huma Heroína de muito engenho, e elegancia na arte da Poeſia, conſeguio o primeiro lugar entre os Poetas, que floreceraõ no ſeu tempo. Deixou eſcrito muitos Epigrammas, que fizeraõ immortal ſeu nome, e fama.

Magda-

XLV.

MAgdalena Campiglia Vicentina de naçaõ, floreceo pelos annos de mil e quinhentos e oitenta e oito com elogios de admiravel Poetiza, entre os primeiros Poetas daquelle ſeculo. Deixou eſcrito muitas rimas; e corre impreſſo hum elegante Tratado, que fez ao Myſterio da Annunciaçaõ, e huma belliſſima Fabula, chamada Flori, que dedicou a Dona Iſabel Palavicina Lupi, Marqueza de Soragna, naõ ſó fermoſa, mas de elevado engenho.

XLVI.

MAria Leonor de Rohan havendo occupado os lugares de Abbadeſſa do Moſteiro da Trindade de Caen, e de Malnove, reedificou o Moſteiro de Chaſſemedi na Corte de Pariz, fazendo-o erigir em Priorado, que governou com exemplar caridade, dando-lhe conſtituições, que muito antes tinha compoſto, e ordenado. Naõ lhe foraõ obſtaculo para cultivar na liçaõ dos livros os raros talentos de ſeu engenho, os continuos, e laborioſos empregos de tantas dignidades, porque deixou eſcrito debaixo do titulo: Moral de Salamaõ, huma Parafraſe ſobre os Proverbios, ſobre o Eccleſiaſtico, e ſobre o livro da Sabedoria. Eſta Obra ſe imprimio em

Pariz com outra Parafrase sobre os sete Psalmos Penitenciaes. Contava cincoenta e cinco annos de idade, quando faleceo cheya de merecimentos aos oito de Abril de mil e seiscentos e oitenta e dous.

XLVII.

MIrthe Antedonia Poetiza Lyrica teve a Pindaro, celebre Poeta daquella idade por discipulo, e alguns dos antigos a tiveraõ, naõ só por mestra, mas por máy.

XLVIII.

MIrtilla, Grega de naçaõ, e doutissima, teve por discipulos a Corina, e Pindaro, que se honra muito de lhe dever a doutrina na arte da Poesia, e outras artes.

XLIX.

MAuvia, Rainha dos Amalecitas, foy taõ guerreira, e valerosa, que andava sempre na testa de seus exercitos, e toda a Palestina, e Arabia a vio triunfar muitas vezes. Coroou as acções illustres de sua vida, recebendo a Ley de Christo pelo Sacramento do Bautismo; e logo, que foy alumiada com as verdades do Euangelho, e luz da Fé, pedio para Bispo hum Santo Mon-

Monge, que vivia nas fronteiras do Egypto, querendo participar a ſeus Vaſſallos a meſma fortuna, tirarlhe igual cegueira.

L.

MYro Bizantina, que alguns Autores querem, que foſſe mãy de Homero Bizantino, foy Poetiza, que eſcreveo em verſo elegiaco, como diz Pauſanias, e outros a contaõ entre os Poetas Lyricos. Dizem, que eſcrevera o Hymno de Neptuno, e o Mnemoſynem; e merecera eſtatua pelo famoſo artifice Cephiſſodoto.

LI.

MYia, filha de Theano, foy muito douta na Filoſofia, eleita Pythagorica, como eſcreve Clemente Alexandrino nos ſeus Stromas.

LII.

MAria de Romieu, donzella Franceza, da Provincia de Vivaret, irmãa de Jaques de Romieu, e ſobrinha do Senhor de Auberts, floreceo no decimo ſexto ſeculo, e publicou em mil e quinhentos e oitenta e hum ſuas Obras Poeticas com hum Tratado, que provava ventagem do ſexo feminino, em repoſta da ſatyra, que ſeu irmaõ eſcrevera contra as Mulheres. Ha-

via já publicado outra Obra de igual engenho, que tem por titulo: *Instrucçaõ para as moças donzellas.*

LIII.

MAria Roper, Ingleza de naçaõ, e celebre pelo juizo, bellas letras, e merecimento, filha de Guilhelme Roper, e Margarida Moro, filha do illustre Martyr Thomás Moro, Chanceller de Inglaterra, floreceo no seculo decimo sexto pelos annos de mil e quinhentos e sessenta. Foy companheira nos estudos de sua mãy, e adquirio hum taõ grande conhecimento das linguas Grega, e Latina, que traduzio da lingua Latina na Ingleza huma Obra, que seu avô Thomás Moro tinha composto sobre a Paixaõ de Christo; e de Grego na mesma lingua a Historia Ecclesiastica de Santo Eusebio.

LIV.

MArgarita Sarrochia, natural de Napoles, e celebre pela sua erudiçaõ, floreceo no seculo decimo setimo. Teve hum grande conhecimento da Filosofia, e Theologia. De todas as bellas letras era a sua casa publica Academia. Ordenou hum Poema Heroico de Scamdeberg em versos Italianos, e escreveo alguns Epigrammas Latinos.

Maria

LV.

MAria de França , diſcreta, e douta Poetiza, floreceo pelos annos de mil e duzentos e ſeſſenta, e traduzio da lingua Ingleza na Franceza, e natural as Fabulas de Eſopo moralizadas; e dizem alguns Autores de ſua naçaõ, que emprendera eſcrever eſta Obra por agradar a hum Cavalheiro, chamado Guilhelme.

LVI.

MAria da Reſurreiçaõ, naſceo em Goa, Cidade Metropoli dos Eſtados da India da Coroa de Portugal, filha de Manoel Pereira, e Filippa Lopes. Tomou o habito no Convento de Santa Monica de Goa, donde foy duas vezes Abbadeſſa pelas virtudes, e prendas, de que era dotada. Depois de ſua morte, que foy aos nove de Dezembro, ſe lhe achou hum livro, que eſcreveo de ſuas acções heroicas, que fizeraõ termo no ſeu feliciſſimo tranſito em mil e ſeiſcentos e cincoenta e oito.

LVII.

MArtha Marchina, de naçaõ Napolitana, ainda que de humilde naſcimento, foy de engenho taõ elevado, que aprendeo com facil eſtu-

do

do as linguas Grega, Hebraica, e Latina. Foy Poetiza naõ vulgar; e como a pobreza he condiçaõ da arte, paſſou a Roma para mudar de fortuna, mas foy taõ poderoſa a ſua eſtrella, que naõ arribou do primeiro eſtado, ſuſtentando-ſe da induſtria de hum mecanico officio, que lhe negava o exercicio das letras, em que aproveitara muito, ainda que viveo pouco, morrendo de quarenta e ſeis annos de idade em mil e ſeiſcentos e quarenta e ſeis.

LVIII.

MAria da Encarnaçaõ, filha do Senhor de Pancas, naſceo em Lisboa, e morreo no Convento do Sacramento da Ordem de Saõ Domingos, donde parou ſeu abrazado eſpirito, buſcando mais apertado rigor, e reformada Obſervancia, depois que teve experimentado na Corte mais dous Conventos. Sendo prendada de muitas virtudes, foy ſingular na caridade, continua na oraçaõ, e frequente na liçaõ dos livros, em que era muito douta. Eſcreveo muitos documentos eſpirituaes em verſo, e proſa, que deixou por ſua morte, que foy em dous de Agoſto de mil e ſeiſcentos e noventa e dous.

LIX.

MArgarida Seymur, Ingleza de naçaõ, floreceo no ſeculo decimo ſexto. Teve duas irmãas igualmente illuſtres em as letras, e foy composiçaõ de todas huma Poeſia Latina de cento e quatro Diſticos à morte de Margarita de Valoes, irmãa de Franciſco I. Rey de França, Obra que ſe imprimio em Pariz no anno de mil e quinhentos e cincoenta e hum, debaixo do titulo: *Mauſoleo de Margarida de Valoes, Rainha de Navarra.*

LX.

MAria Robuſte, ou Marieta Tintoret, filha de Jaques Robuſte, foy natural de Veneza, e famoſo Pintor daquelle ſeculo, que a doutrinou na arte da Pintura. Na Muſica tambem foy perfeita com a prenda ſingular de acompanharſe a diverſos inſtrumentos. O Emperador Maximiliano II. Filippe II. de Caſtella, Fernando Archiduque de Auſtria, e outros muitos Principes a deſejaraõ muito nas ſuas Cortes, mas Tintoret ſe eſcuſava, preferindo o ſeu goſto aos intereſſes, que lhe offereciaõ. Caſou Maria com Mario Auguſto, ourives por officio; matrimonio, que teve breve duraçaõ, falecendo eſta Heroína aos trinta annos de ſua idade em mil e quinhentos e noventa.

Marga-

LXI.

MArgarita de Dinamarca, que floreceo no seculo decimo quarto, por seu valor, e industria conquistou o Reyno de Suecia, de que foy Rainha. Em huma batalha fez prisioneiro o Rey Alberto, e foy chamada Semiramis segunda pelo esforço, e conquista.

LXII.

MAria Pita, natural de Galiza, Heroína de grande valor, sinalou-se em acções militares no sitio, que os Inglezes fizeraõ à Corunha em mil e quinhentos e oitenta e nove. Estavaõ já os Inglezes alojados na brecha, e guarniçaõ da Praça, capitulando entregalla, quando Maria Pita reprehendendo a cobardia no Governador, e a fraqueza nos Soldados, arrincando das mãos de hum a espada, e a rodella, disse com animo varonil: *Quem tiver honra, siga-me*; e lançando-se à brecha, foy seguida de Paizanos, e Soldados, que a seu exemplo deraõ no inimigo com tanto valor, que muitos perderaõ a vida, todos o lugar. Faltaraõ neste combate mil e quinhentos Inglezes, entrando em o numero desta grande mortandade o irmaõ do General da terra Henrique Norio. Esta acçaõ, que teve muitas circunstancias de gloriosa, premiou Filippe II. com o sol-

do

do, que lhe deu de Alferes vivo; porém Filippe III. perpetuou em ſeus deſcendentes a mercé de Alferes reformado.

LXIII.

DOna Maria de Zayas Soto-Mayor, foy natural da Villa de Madrid, nobre, e diſcreta Heroína daquelle ſeculo, em que floreceraõ nas Eſpanhas os mayores Poetas, que lhe deraõ no Parnaſo o titulo de decima Muſa. Em todos os Certames, e Academias de ſeu tempo, ſe viraõ Obras deſta Heroína com eſtimaçaõ, e applauſo. Ordenou huma Comedia de excellentes coplas, e deu à luz hum livro de Novellas exemplares, e amoroſas, que tem primeira, e ſegunda parte, em que moſtrou engenho, e bom juizo, diſcriçaõ, e agudeza.

LXIV.

DOna Maria Urſula de Abreu e Lancaſtro, filha de Joaõ de Abreu de Oliveira, natural do Rio de Janeiro, aſſentou praça na Caſa da India com o nome de Balthaſar de Couto Cardoſo, e ſervio naquelle Eſtado doze annos, oito mezes, e treze dias, que tiveraõ principio o primeiro de Setembro de mil e ſetecentos, até doze de Mayo de ſetecentos e quatorze. Achou-ſe Dona Maria na tomada de Amboná, e das Ilhas de Corjuem, e

 Pane-

Panelem, que o Vice-Rey Caetano de Mello de Castro ganhou a Fondou-Saunto Bansſuló Sar-Derſai das terras de Cuddale, e tambem na Fortaleza de Amboná, que ſe levou por aſſalto, e foy dos primeiros ſoldados, que entraraõ na Fortaleza, moſtrando em todas as occaſiões, que teve, valor, e esforço. Em attençaõ de ſeus grandes ſerviços, lhe fez mercé o Senhor Rey D. Joaõ o V. do Paço de Pangim por eſpaço de ſeis annos, e para teſtar em ſeus deſcendentes hum Xarafim na Alfandega de Goa. Ainda depois de caſada, e de naõ ſervir na guerra, conſervou a eſpada, e o trage varonil. Seu marido Affonſo Teixeira Arraes de Mello, foy Governador do Forte de S. Joaõ Bautiſta na Ilha de Goa.

LXV.

MAria Davis, Ingleza de naçaõ, foy de animo varonil, e guerreiro, e ſe fez celebre por ſeu valor, e esforço. Servio na ultima guerra do Emperador Carlos III. contra Caſtella na pertençaõ de coroarſe Rey, disfarçado o ſexo de mulher em habitos de varaõ. Cobrava daquelle tempo, como ſoldado, huma gratuita penſaõ; e morrendo na Corte de Londres no mez de Agoſto de mil e ſetecentos e vinte e nove, foy ſepultada com pompa militar, levando-lhe o tumulo ſeis Granadeiros, e ſeis Sargentos as pontas do panno, acompanhamento de ſoldados, e outras Marciaes ceremonias. Mar-

LXVI.

MArgarita de França, Rainha de Navarra, foy mulher de Henrique, Principe de Bearne, e depois Rey de Navarra, e França, naſceo em quatorze de Mayo de mil e quinhentos e cincoenta e dous. Era filha de Henrique II. e Catharina de Medicis Reys de França, e foy muito douta nas letras Divinas, e humanas. Caſou em mil e quinhentos e ſetenta e dous; e naõ lhe foy o matrimonio embaraço para ſeus eſtudos, e eſcritos em proſa, e verſo. Fez traduzir em Francez a Summa de Santo Thomás, e teve tanta facilidade na compoſiçaõ, como ſe vé das muitas Poeſias, que deixou, fazendo taõ grande eſtimaçaõ dos homens doutos, que todas as ſuas Obras conferia, e ſogeitava à cenſura dos mais eruditos. Morreo em vinte e ſete de Março de mil e ſeiſcentos e quinze, ſendo a ultima Princeza da Caſa de Valoes, que naõ teve poſteridade.

LXVII.

MAria da Coſta Polanche, Dama Franceza, que floreceo em mil e quinhentos e ſeſſenta, teve ſciencia de linguas, e bom conhecimento das Filoſofias, e Mathematicas. Traduzio de Caſtelhano em Francez os Dialogos de Pedro Mexia, que ſe imprimiraõ em Pariz no anno de

 mil

mil e quinhentos e ſeſſenta e ſeis.

LXVIII.

MArgarida da Coſta, Romana de naçaõ, floreceo no decimo ſetimo ſeculo. Teve grande engenho, e talento para a Poeſia. Ordenou humas feſtas para o Rey de França, que ſe achaõ na Muſica do Padre Miniſtrier Jeſuita, e foraõ repreſentadas em mil e ſeiſcentos e quarenta e ſete. Eſta Obra com outras compoſições metricas, ſe imprimiraõ em Pariz, dedicadas ao Cardeal Mazzarino, primeiro Miniſtro em França.

LXIX.

MAgdalena de Obeſpine, Senhora de Villeroy, e filha de Claudio de Obeſpine, Senhor de Hauterive, e de Joanna Bochetel, caſou com Nicolao de Neufuille, Senhor de Villeroy, e de Alincourt, e Secretario de Eſtado, ordenou diverſas Obras, e compoſições em proſa, e verſo. Dizem, que he deſta Heroína a traduçaõ das Epiſtolas de Ovidio. Morreo em Villeroy no mez de Mayo de mil e quinhentos e noventa e ſeis.

LXX.

DOna Maria de Mendoça, Marqueza de Cenete, e mulher do Conde de Cenete, Duque de Calabria, Governador, e Vice-Rey de Valença, em letras humanas, e nas linguas Latina, e Grega fez grandes ventagens a muitos homens doutos daquelle tempo. Ajuntou a melhor Bibliotheca, que teve Eſpanha.

LXXI.

MArgarita Moro, filha do illuſtre Thomás Moro, Chanceller de Inglaterra, moſtrou que ſe aproveitara da boa educaçaõ, e literatura daquelle grande homem, igualando-o na pureza da Religiaõ, e eſtudos das letras, e das linguas. Conſeguindo licença de viſitar ſeu pay na injuſta prizaõ, em que o meteo Henrique VIII. por defenſor da immunidade da Igreja, o animava à perſeverança na Religiaõ Catholica Romana, e conferia ſeus eſtudos. Quando em mil e quinhentos e trinta e cinco lhe mandou cortar a cabeça, fizeraõ os herejes culpa a Margarita de enterrar o cadaver do pay com as Ceremonias da Igreja Romana. Comprou por grande preço a cabeça ao algoz, que ſoube darlhe melhor eſtimaçaõ, e valia, que o Rey impio, e cruel; mas ſendo accuſada, e preza, ſe livrou com heroicidade, reſ-

pondendo

pondendo aos Juizes douta, e discretamente. Guilhelme Roper, que tirou da cegueira do Luteranismo, a recebeo por mulher, e deste matrimonio tiveraõ cinco filhos Thomás, Antonio, Isabel, Maria, e Margarita, que todos se crearaõ na sua protecçaõ, e doutrina na Ley de Deos, e nas bellas letras, em que deixou algumas Obras a differentes assumptos.

LXXII.

MAria de la Estrada, mulher de Pedro Farfan, soldado que militou com Fernando Cortez na conquista da nova Espanha, foy muito illustre em acções militares. Acompanhou a seu marido nesta guerra, e se fez invejar de quantos a viaõ com espada, e rodella entre os inimigos, triunfando varonilmente. Houve batalha, em que se vio acavallo com huma lança em a maõ, fazendo obras do mais bellicoso cambatente.

LXXIII.

MAria Catharina Jumel de Berneville, Condessa de Aulnoi, e mulher do Conde Francisco de la Motte, foy muito illustre pelas obras de seu engenho, com que deixou mais ennobrecida a memoria de seu nome, o titulo de sua descendencia. Era já viuva quando faleceo em mil e setecentos e cinco, deixando na lingua Francesa

za eſtas compoſições hiſtoricas, doutas, e diſcretas. *Viagem de Eſpanha*, para onde acompanhou a Rainha, primeira mulher de Carlos II. *Memorias da Corte de Eſpanha*, que tres vezes ſe imprimiraõ em França, huma em Olanda. *Memorias da Corte de Inglaterra: Hippolyto, Conde de Duglas: Hiſtoria de João de Bourbon, Principe de Careney. O Conde de Uviruicque*, Novellas bem eſcritas, e muitas vezes impreſſas. Varios contos de Fadas, e huma Parafraſe do Pſalmo *Miſerere.*

LXXIV.

MAria de Souſa, natural de Pernambuco, moſtrou bem a nobreza do ſangue, que herdara, na heroica acçaõ, com que venceo a dor da ſaudade na morte de hum filho na guerra contra os Olandezes. Celebrou-lhe as exequias, ſem dar lugar às lagrimas, como ſe fora deſcredito da conſtancia de ſeu illuſtre coraçaõ; e chamando a dous filhos, que ainda lhe ficavaõ, hum de treze annos, outro de quatorze, lhes fallou neſta ſubſtancia: „ A voſſo irmaõ Eſtevaõ tiraraõ hoje „ a vida os Olandezes; e ainda que neſta guerra „ tenho perdido tres filhos, e hum genro; vos „ quero lembrar a obrigaçaõ de honrados, com „ que naſceſtes, para vos perſuadir a tomar as ar- „ mas, que he ſerviço, que fazeis a Deos, ao Rey, „ e á Patria A triſte memoria do dia, em que „ cingís a eſpada, vos ſerá deſpertador da vingan-

„ ça,

„ ça, que tomareis dos inimigos, ſem degenerar
„ deſta mãy, e daquelles irmãos. Acabou a falla, mandando-lhe aſſentar praça de ſoldados; deixando-nos eſta memoria de ſua heroicidade para a collocarmos neſta eſcritura entre as matronas illuſtres da naçaõ Portugueza.

LXXV.

MAria de Bertanha, filha de Claudio de Bertanha, Conde de Vertuz, foy huma das mais fermoſas Damas, e famoſas Heroínas, que houve na Corte de França em letras, e nobreza. Caſou com Hercules Ruhan, Duque de Montbazon, Principe de Guemene em mil e ſeiſcentos e vinte e oito, e morreo a treze de Agoſto de mil e ſeiſcentos e cincoenta e ſete, contando quarenra e cinco de idade. Deixou huma preclariſſima poſteridade, naõ ſó em França, mas tambem neſte Reyno nos deſcendentes de Canſtança Emilia de Ruhan, Condeſſa da Ribeira grande, e de Pelagia Sophronia de Ruhan, Condeſſa de Calheta. Teve grande intelligencia da lingua Hebréa, como dizem Menage, e Collomier.

LXXVI.

SOror Maria Magdalena, Religioſa da Madre de Deos, Convento da Ordem de S. Franciſco, e natural de Lisboa, filha de Manoel Freire

Freire de Andrade, que era avó do valeroſo Manoel Freire de Andrade, morto na batalha do Canal: morreo em mil e ſeiſcentos e quarenta: ordenou o livro, que tem por titulo: *Hiſtoria, e louvores de S. João Euangeliſta*, dedicada a Jeronymo de Mello Coutinho. He Obra de excellente eſtylo, e erudição, e foy impreſſa em Lisboa na Officina de Antonio Alvares em mil e ſeiſcentos e vinte e oito, em oitavo.

LXXVII.

DOna Maria de Mendoça, Condeſſa de Santo Eſtevaõ, e filha de Pedro Gonſalves de Mendoça, e de Dona Aldonſa de Ayala, teve por marido a D. Sancho, Conde de Santo Eſtevaõ del Porto no Reyno de Jaen. Foy matrona de grande valor, e na ſciencia militar adquirio muita deſtreza, com os trabalhos, e exercicios da guerra pouca ſaude. Deu-ſe a obras de devoçaõ, e piedade, que lhe mereceraõ com a imagem do Crucifixó de Edra o patrocinio milagroſo de ficar livre das enfermidades, que padecia.

LXXVIII.

DOna Marianna de Lancaſtro, herdeira da Caſa de Calheta, e depois Marqueza de Caſtello-Melhor, tendo noticia, que o Conde ſeu marido Joaõ Rodrigues de Souſa, Governador das

armas na Provincia do Minho, eſtava em aperto, e perigo, puchando por tropas, e artilharia, foy a ſoccorrello, obrigando os Caſtelhanos a huma vergonhoſa retirada, deſcompoſta fugida.

LXXIX.

DOna Maria de Monroy, natural da Cidade de Salamanca, Heroína de grande valor, ſabendo, que em Portugal lhe haviaõ morto dous filhos, entrou neſte Reyno em habitos de varaõ, e bem armada. Buſcando os matadores, teve occaſiaõ de os encontrar, e combaterſe com ambos até deixar vingada a morte dos filhos com a vida dos aggreſſores, levando-lhe as cabeças, que depoſitou ſobre a ſepultura dos filhos, como troféos da ira, deſafogo da vingança.

LXXX.

MElatonica, Rainha dos Gregos, e mulher de Criaſſo V. foy taõ douta nas bellas letras, e em diverſas ſciencias, que agradecidos os Vaſſallos a tanta heroicidade, lhe levantaraõ eſtatuas, e deraõ cultos de Divindade, como eſcreveo Toſtado, e Santo Agoſtinho.

Dona

LXXXI.

DOna Maria, Marqueza de Monferrato, e filha de Carlos, Principe de Fucenſe, e neto delRey de Samarcia, floreceo em liberalidade, e ſabedoria. Regulava as ſuas acçoens pela Religiaõ, ſantidade, e prudencia, que aprendia na Eſcritura Sagrada, de que tinha liçaõ, e eſtudo. Foy tres annos caſada, porque morreo do ſegundo parto em mil e quatrocentos e ſeſſenta e tres, com ſentimento univerſal dos Vaſſallos, que ſouberaõ avaliar a perda, conhecendo as prendas, louvando as virtudes.

LXXXII.

MAgdalena Scovina, natural de Padua, parenta, e diſcipula de Pietra Scovina, foy taõ douta nas ſciencias, e artes liberaes, vida honeſta, e virtuoſa, como era a Meſtra, que lhe enſiñou letras, e virtudes.

LXXXIII.

MIlancia Biconincontro, natural de Bolonha, e mulher de Joaõ André de Saõ Jeronymo, foy matrona doutiſſima nas ſciencias, verſada nas hiſtorias.

LXXXIV.

DOna Maria de Urrea, Caſtelhana de naçaõ, Condeſſa de Alvaladiſte, Heroína de grande valor, e caridade, teve hum agudiſſimo engenho, e adquirio huma grande intelligencia nas linguas Grega, e Latina.

LXXXV.

MOera, donzella gentia, e grande Poetiza Lyrica, eſcreveo muitas Obras, ſendo entre todas a mais famoſa huma Poeſia em louvor do Deos Neptuno.

LXXXVI.

MArcia, filha de Poncio Cataõ, donzella que viveo em celibato, ſendo pertendida de muitos homens nobres, foy de taõ agudo juizo, e elevado engenho, que na arte da Pintura excedeo a Dionyſio, e Sopolino, celebres Pintores daquelle ſeculo. Refere Valerio Maximo, que vendo-ſe a hum eſpelho, ſe retratara tanto ao natural, que todos, quantos viaõ a pintura no eſpelho, naõ podiaõ diſtinguir ſe era viva, ou pintada.

LXXXVII.

MAria Saviote Maldonado, Caſtelhana de nação, natural de Ubeda, entre muitas virtudes, e prendas, de que foy bem dotada, teve grande ſciencia da lingua Grega, e Latina, que fallava como a natural, e vulgar.

LXXXVIII.

DOna Magdalena de Bobadilha, Condeſſa de Medelin, foy de agudo juizo, e muito celebre nos Apothemas, de que era bem ſoccorrida. Alcançou grande intelligencia na lingua Latina, que fallava com muita promptidaõ, e elegancia.

LXXXIX.

MAria, filha de Barro, donzella de grande honeſtidade, e excellencia na arte da Pintura, temendo, que a pureza de ſua caſtidade padeceſſe algum detrimento, nunca pintou figura de homem.

XC.

MAria de Jeſus, de naçaõ Caſtelhana, foy natural da Cidade de Toledo, e filha de Joaõ de Torres Librais. Logo da idade de dezaſeis an-

nos

nos foy celebre na arte da Pintura, principalmente em retratar, que era tanto ao natural, que teve competencias com os Pintores mais famosos.

XCI.

MArgarita Gis, de naçaõ Ingleza, e muito douta nas linguas Latina, e Grega, naõ foy menos Catholica, que erudita, e na arte Oratoria celebre, como vio, e admirou Espanha na Oraçaõ Latina, que recitou a Filippe II. Teve quatro filhas igualmente doutas, Dorothea Clemente, Religiosa de Santa Clara; Margarida Clemente, Religiosa de Santo Agostinho; Uvenefreda, e Elena Clemente, mulher de Thomás Prideaus assistente em Madrid.

XCII.

MAria de Pezzuolo, Cidade de Campania, naõ muito distante de Napoles, filha de pays nobres, logo dos primeiros annos trocou pelos trajes de mulher os de soldado, dando-se a todos os exercicios militares. Foy taõ robusta, e valente, que naõ havia fadiga, nem trabalho, que a vencesse, e cançasse. Sahio taõ destra no jogo das armas, que muitos homens invejando-lhe a fama, quizeraõ provarlhe o valor, levando bem castigada a curiosidade. Com poucos companheiros combatia muitos inimigos,

sendo

ſendo a primeira, que lhe via as caras, ultima em lhe dar as coſtas. Teve grande ſciencia da arte militar, e ſe attendia a ſeu voto pelo mais ſeguro. Recebeo na guerra huma penetrante ferida, que em poucos dias paſſou de perigoſa a mortal, acabando de dar a vida em ſerviço da Patria, menos illuſtre pela nobreza herdada, mais celebre pela nobreza adquirida.

XCIII.

MAria Succa de Liege, filha de Bento Succo Juriſconſulto, naſceo em mil e ſeiſcentos, dotada de tanto engenho, que em ſeis mezes aprendeo a fallar, e eſcrever a lingua Latina com promptidaõ, e boa intelligencia. A Muſica, e Arithmetica com a meſma facilidade lhe adquirio os preceitos, fazendo-ſe neſtas artes igualmente perfeita, e douta. Havendo ordenado o ſeu teſtamento na lingua Latina, faleceo taõ illuſtre nas letras, como nas virtudes, em mil e ſeiſcentos e vinte e ſeis.

XCIV.

MArtha Proba, Rainha de Inglaterra, que floreceo pelos annos do Mundo antes da vinda de Chriſto trezentos e quarenta e oito annos, foy muito illuſtre nas artes liberaes, e letras humanas. Eſcreveo algumas leys para bom gover-

governo de ſeus Eſtados, que eraõ conhecidas pelo nome, ou titulo de Marcianas, que traduzio Alfredo na lingua Saxonica.

XCV.

MArgarida de Abreu, filha de Chriſtovaõ Rebello, homem nobre, da Fregueſia de Saõ Miguel, Concelho de Regalados, e donzella de grandes prendas, e fermoſura, foy de varonil coraçaõ, e deſtemido valor, como bem encarece a illuſtre acçaõ, que lhe deu lugar entre as matronas, que vaõ neſte Catalogo. Refere-ſe em noſſas Hiſtorias, que deſejando caſar com Margarida certo criado delRey Filippe II. de Caſtella, e I. de Portugal, de condiçaõ inferior pelo naſcimento, ſe gavara, que era já ſua mulher, querendo com a fama abrir porta a ſeus intereſſes. Com eſta noticia vaga ſe deu a valeroſa donzella por afrontada, e determinou tomar publica vingança em beneficio de ſua pureza, e honeſtidade. Logo no primeiro Domingo entrando na Igreja, buſcou o reo, e lhe deu pela cara algumas navalhadas, e outras feridas, que aſpiravaõ a darlhe a morte: foy ſoccorrido de algumas peſſoas, que lhe deraõ lugar a retirarſe, deixando a Igreja interdicta, a honra, e innocencia de Margarida com mais illuſtre fama.

Maria

XCVI.

MAria de Montano, de naçaõ Caſtelhana, e mulher de grande valor, pelos annos de mil e quinhentos e quarenta e hum, que paſſava para a conquiſta de Argel o exercito de Eſpanha no reynado do Emperador Carlos V. ſe achou na comitiva da bagaje, que os Mouros aſſaltaraõ com quinhentos cavallos. A valeroſa Heroína, eſcolhendo antes o perigo da morte, que a diſgraça do cativeiro, repartindo as armas, que levavaõ nos camellos, por trezentos homens, que ſerviaõ na conduçaõ, ſe defendeo varonilmente, fazendo os officios de Capitaõ, e Soldado, até que foy ſoccorrida. Por eſta glorioſa acçaõ adquirio a fama de valente, paga de Soldado, e aqui memoria de illuſtre.

XCVII.

MAria Gonſalves, natural da Ilha de S. Miguel da Cidade de Ponta Delgada, foy matrona de animo varonil, e forte. Sabendo, que a juſtiça caminhava a huma quinta, meya legoa fóra da Cidade a prender ſeu filho Luiz Galvaõ, deſmentindo o ſexo com os trajes, montou em hum cavallo armada de lança, e adarga; e dandolhe aviſo, armas, e cavallo, ſe poz em fugida livremente. Devaçando-ſe do caſo, deſcobrio o

ſegredo daquella acçaõ illuſtre, dizendo: *Que fizera o officio de boa mãy em livrar a ſeu filho*; e á medida de taõ heroico valor foy a larga duraçaõ deſta Heroína, que morreo contando mais de cem annos de idade.

XCVIII.

MArgarida de Gondi Franceza, e filha ſegunda de Henrique de Gondi, Duque de Retz, e de Beaupreaux, Cavalheiro da Ordem de Sancti Spiritus, e de Joanna de Scepeaux, filha de Guido de Scepeaux IV. do nome, Conde de Chemilly, foy diſcreta, e illuſtre Heroína, que teve por marido a Luiz de Coſſé, Duque de Briſſac. Era dotada de huma taõ feliz memoria, que ao meſmo tempo dictava a tres Secretarios, e eſcrevia ſobre diverſa materia, animando algumas vezes a converſaçaõ das peſſoas, que lhe aſſiſtiaõ, ou cortejavaõ. He comparada neſta promptidaõ, e deſembaraço, que ſe naõ alcança ſem hum grande entendimento, a Auguſto Ceſar, que dictava, e eſcrevia ao meſmo tempo: dando-lhe o Ceo igual excellencia, ſemelhante prerogativa. Huma eſquinencia lhe apreſſou a morte, reduzindo-a em dous dias a cadaver em trinta e hum de Mayo de mil e ſeiſcentos e ſetenta. Deixou ao Convento das Carmelitas da Rua de Boulloy, onde morreo, importantes legados, que ajudaraõ à mudança do Convento para a Rua da Grenella da meſma Cidade.

Do-

XCIX.

DOna Maria de Lancaſtro, Portugueza, e Senhora de grande juizo, e eſtudos, comprehendeo os pontos mais difficeis da Theologia eſpeculativa, penetrou os ſegredos mais eſcondidos da Filoſofia natural com tanta ſingularidade, que foy na Medicina aſſombro, e inveja dos profeſſores daquelle ſeculo. Guardou taõ regularmente as regras da Medicina, que viveo a larga idade de cento e trinta e tres annos. Eſtando já de cama pela fraqueza lhe impedir os paſſos, tomando-ſe o pulſo, diſſe: *Para eſte caſo naõ dá regras a Medicina, ſalvo mudaſſe a natureza de qualidade.* Tinha preparado pelas ſuas mãos hum remedio para beber; e logo, que o tomou, pedio os Sacramentos, que recebeo varonil, e Catholicamente: e dando-lhe hum deſmayo, entregou a alma a Deos, morrendo de huma debilitaçaõ de eſtomago.

C.

DOna Maria de Caſtro, nobre, e diſcreta matrona Portugueza, foy mulher de hum Cavalheiro Francez Fauſtino Rochieu, que a levou a Pariz, onde ſe fez eſtimada pela erudiçaõ, e ſciencia, que tinha adquirido na Filoſofia, Theologia, Muſica, e Arithmetica. Eſcreveo

 algu-

algumas Obras, de que naõ temos individual noticia, ſó temos huma vulgar certeza.

CI.

DOna Marianna de Luna, mulher Portugueza, e muito erudíta, eſcreveo entre outras Obras hum pequeno livro, a que deu por titulo: *Ramalhete de flores à felicidade deſte Reyno na ſua milagroſa reſtauraçaõ*, impreſſo em Lisboa em mil e ſeiſcentos e quarenta e dous.

CII.

MAria de Meſquita Pimentel, Religioſa de Saõ Bento, e douta Heroína Portugueza, aprendeo as linguas Latina, Grega, Syriaca, e Arabiga, de que teve boa intelligencia. Foy Poetiza muito celebrada no ſeculo, em que floreceo, como ſe vé no livro, que deixou eſcrito, intitulado: *Infancia de Chriſto, e triunfo do Amor Divino*, impreſſo em Lisboa em mil e ſeiſcentos e trinta e nove.

CIII.

MAria do Roſario, mulher preta, natural de Tavira, Cidade do Reyno do Algarve, mereceo lugar entre as Heroínas Portuguezas pelo engenho, e pela erudiçaõ, que adquirio no eſtudo das linguas Latina, Caſtelhana, Franceza, e Ita-

e Italiana, fallando todas com boa intelligencia. Vivia pelos annos de mil e ſetecentos e trinta na meſma Cidade com elogios de Poetiza, eſtimações de douta.

CIV.

DOna Monica Joaquina Jozefa, donzella Portugueza, e filha do Capitaõ Braz Pereira da Sylva, e de Dona Margarida Jozefa de Lara, Poetiza de bom nome, eſcreveo huma Elegia Portugueza à feliciſſima chegada da Sereniſſima Princeza de Caſtella a Portugal, de dous mil e ſeiſcentos e tantos verſos. He Obra de ſeu engenho a deſcripçaõ de Roma antiga, e moderna, com mil e tantos verſos, que tem por titulo: *Roma illuſtrada.* Outra Obra do meſmo engenho em verſo, tem por titulo: *Virgilio defendido, e Homero accuſado.*

CV.

MAnoela Coelho, mulher Portugueza, foy taõ varonil, que naſcendo humilde, ſe fez illuſtre pelo valor, com que ſe houve na India em huma batalha naval de cincoenta fuſtas, e tres galiotas de Mouros, contra hum ſó navio Portuguez, de que era Capitaõ Henrique de Macedo. Foy grande parte da vitoria adminiſtrando os inſtrumentos para a peleija, ſem nunca ſe achar menos, aſſim nos trabalhos, como nos perigos, animando

mando a huns, e ſervindo a todos. Vendo, que o inimigo ſe retirava deſtroçado, perſuadio o Capitaõ a ſeguir a vitoria no alcance: mas como era menos prudente, que valeroſo, deſprezou o conſelho a Manoela com a vãagloria de deſtemida, timbre de valeroſa, ſem fazer caſo de o motejar de fraco, e de cobarde.

CVI.

MArgarida Nunes, matrona Portugueza, floreceo na Cidade de Mombaça nos dias, e governo de D. Joaõ de Caſtro, Viſo-Rey da India, e por ſuas acçoens illuſtres mereceo chamarem-lhe por antonomaſia a Valeroſa. Entre outras acçoens, que lhe adquiriraõ o appellido, ſe refere, que ſahindo fóra da Cidade por lugares ſolitarios, cahira nas mãos de hum homem de taõ má conſciencia, que pertendendo roubarlhe a honra, e dinheiro, que levava, naõ foraõ poderoſas muitas rogativas, que lhe fez, para que o ladraõ deixaſſe a empreza, que animava com huma faca para lhe fazer mais força, e achar menos reſiſtencia. A Heroína, que eſtimava em menos a vida, que a honra, com a violencia de hum encontro o lançou por terra, penetrando-lhe os peitos com huma theſoura. O ladraõ ſe livrou do perigo para vingar a ferida, e injuria; porém a valeroſa matrona armando-ſe de pedras o perſeguio, e offendeo, até deixar por morto, retirando-ſe

rando-ſe honrada, illuſtre, e vitorioſa.

CVII.

MAria de Souſa, natural da Villa de Aljubarrota, foy huma das Heroínas, que fizeraõ mais celebre a Patria de ſeu naſcimento com ſeu esforço contra os Caſtelhanos, moſtrando-ſe taõ heroicamente valeroſa em hum encontro de muitos inimigos, que ferindo a muitos, fez retirar a outros. Com a eſpada na maõ ſe defendia com tanta deſtreza, que ficou vitorioſa, e ſem ferida. Sobiraõ ao numero de vinte os Caſtelhanos, que lhe deixaraõ nas mãos com a vida a gloria do vencimento. Servia no exercito de adminiſtrar o ſuſtento aos ſoldados, algumas vezes as armas, e muniçoens com os mais inſtrumentos neceſſarios à defenſa. Nos perigos os animava com a eſperança do premio; e naõ faltando ao esforço alheyo com palavras de honra, illuſtrou o proprio com as obras, que lhe deraõ merecidamente eſte lugar entre as Heroínas Portuguezas.

CVIII.

MAria Annes, que floreceo no reynado del-Rey D. Pedro I. do nome, foy natural da Cidade de Coimbra, e mulher de tanto valor, que tendo noticia, que ſeu marido andava brigando com tres homens, ſahio de caſa de borquel, e eſ-

e eſpada; e chegando a tempo de moſtrar o valor, os carregou taõ varonilmente, que deraõ as coſtas fugitivos, e caſtigados. Foy-lhe no alcance, e ſe houve no combate com tanto esforço, e deſtreza, que ferindo gravemente a hum, deixou outro com ſinaes do triunfo, e por muitos dias nas mãos dos Cirurgioens. O terceiro contendor, valendo-ſe da protecçaõ de huma caſa, lhe cedeo o campo, e a vitoria.

CIX.

MIchaella Martins de Aguiar, mulher de coraçaõ varonil, e guerreiro, no dia da glorioſa Acclamaçaõ foy das primeiras peſſoas, que repetio os vivas em obſequio do novo Rey, ameaçando de morte com huma faca em a maõ, os que naõ reconheceſſem ao Duque de Bragança o Senhor D. Joaõ o IV. por legitimo Soberano do Reyno de Portugal. Diſcorrendo pelas ruas principaes de Lisboa, encontrou hum Caſtelhano, que lhe reſpondeo: *Viva Filippe.* Voltou-ſe logo ſobre o Caſtelhano com tanto furor, que recebendo, e dando muitas feridas, o obrigou a acclamar o novo Rey com altas vozes: e ainda que o vencimento lhe cuſtou ſangue ſem premio, lhe mereceo a illuſtre acçaõ eſta perduravel memoria.

Dona

CX.

DOna Maria Coutinho, Condessa da Vidigueira, e mãy do primeiro Marquez de Nisa, foy taõ illustre matrona em discriçaõ, e bellas letras, que escreveo o livro de Cavallarias, intitulado: *D. Belindo.* Ainda que he de bom gosto, e discreto artificio, naõ foy impresso; porém corre manuscrito com applauso, e usura dos curiosos, fama naõ vulgar dos erudítos.

CXI.

MAria Joaõ, natural de entre Douro, e Minho, que vivia perto da Villa de Guimarães, viuva de Manoel da Sylva, foy mulher de tanto valor, que no anno de mil e setecentos e vinte e quatro passando por hum campo solitario, se vio acometida de huma cobra com mais comprimento, que duas varas, e taõ grossa, que se naõ apertava na maõ, e lhe disputou o vencimento por algumas horas, que gastaraõ no combate. As forças igualavaõ o animo, que teve para esperar valerosa, e destemida o combate da cobra, que logo se lhe enroscou no braço direito. Naõ perdeo o acordo em tamanha disgraça; mas taõ fortemente lhe apertou a cabeça com a maõ esquerda, que naõ sofrendo o animal a graveza da dor, perdeo a fortaleza, deixando-lhe o braço

livre: e com alguns torroens de terra lhe deu a morte, conſeguindo em perigoſa batalha illuſtre vitoria.

CXII.

MArianna de Abreu, chamada a Mariannninha, natural da Villa de Abrantes, donzella que naõ contava dezoito annos quando morreo, foy de grande, e agudo engenho, como bem moſtrou no eſtudo da lingua Latina, Filoſofia, e Muſica, que aprendeo com facil applicaçaõ. Eſcreveo hum Catalogo de todos os Varoens inſignes em armas até Dom Joaõ de Caſtro, dando individual noticia de todas as acçoes illuſtres. Tambem eſcreveo hum tomo, a que deu por titulo: *Filoſofia Moral*, outro de *Rhetorica Moderna.*

CXIII.

DOna Maria Luiza Granaet, mulher do Deſembargador Manoel de Oliveira da Cunha e Sylva, teve por pays a Jaques Granaet, e Dona Catharina Maria Holbeche, e por irmãa a Dona Paula Jozefa Granaet, que no engenho, e arte de eſcrever, e illuminar, naõ deſmente a ſemelhança, compete na igualdade, e fermoſura. Conſerva-ſe neſta familia hum eſpecioſo, e grande livro, que ſaõ Obras deſtas Heroínas, de letras differentes, e variedade nos debuxos, que ſervem de

de ornato às eſtampas, em que ſe admira a idéa que lhe deu origem, a maõ que lhe deu a fórma, o artificio que lhe deu alma, e differença. Tambem ſe conſervaõ, e ſe moſtraõ duas Sacras deſtes dous engenhos famoſos, naõ ſó pelo artificio da letra, mas ainda pelo grande primor do debuxo, eſpecial perfeiçaõ da pintura, e bom goſto da illuminaçaõ.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *N.*

I.

NICOSTRATA, Princeza.

FIZERAÕ os Latinos com heroica gratidaõ a Nicoſtrata Princeza de Arcadia, e filha delRey Jonio, mais famoſa, e conhecida nas Hiſtorias pelo nome de Carmenta, que lhe deraõ, derivado da propria linguagem, para explicarem, que era illuſtre em fazer verſos, como foy igualmente douta nas linguas, e letras Gregas, e Latinas. Floreceo Nicoſtrata pelos annos do Mundo de quatro mil, antes da

da vinda de Chriſto mil e cento e noventa e nove pela conta de Bergomenſe; mas outros Hiſtoriadores a chegaõ mais ao tempo de noſſa Redempçaõ, ſinalando o anno de mil e duzentos e doze, em que foy Jair Juiz do povo Hebreo. He cõntada entre o numero das Sibyllas pela nona chamada Cuméa, porque vaticinara em Italia na Cidade de Cumas da Provincia de Campania, dando-lhe alguns a Babylonia por patria, a Beroſo Hiſtoriador Caldeo por aſcendente.

Como ſe faz mais veriſimel, que foy ſeu pay o Rey de Arcadia, que deu nome ao mar Jonio, diremos o motivo, com que paſſou a Italia com Evandro ſeu filho, homem de tanta ſabedoria, e aſtucia, que os Gregos em tudo fabuloſos, e encarecidos, lhe deraõ a Mercurio por pay, a Nicoſtrata por mãy. O certo he, que naſceo Evandro filho de Arcado, e Nicoſtrata: e refere-ſe por caſo verdadeiro, e fortuito, que ſendo inſtrumento da morte de ſeu pay, o avó veſtindo as armas para tomar vingança do parricida, lhe fizera cruel guerra até o deſpojar do throno, e do Reyno.

Obrigado a ſahir fugitivo da patria por conſelho de Nicoſtrata, que lhe fez companhia na diſgraça, ſe embarcou para Italia com grande numero de ſoldados, que o ſeguiaõ voluntarios; e com proſpera viagem entrou pelo rio Tibre, ſahio a terra, e no monte Palatino edificou huma grande Cidade, que ſe chamou Pallantea, depois

Roma.

Roma. Era taõ rude, e barbara a gente do Paiz na linguagem, que fallava, que para a doutrinar nas letras, e artes liberaes lhe inventou os caracteres, que no principio foraõ ſómente eſtas dezaſeis: A b c d e f g i l m n o p ſ t u, que lhe enſinou a ajuntar, formando nomes, e pronomes, verbos, e participios, com as mais partes da oraçaõ, para intelligencia, e pronuncia da lingua Latina.

Hum meſtre de meninos, chamado Sylvio, accreſcentou o r, e o q. A letra x foy achada pelos annos, que Saõ Jeronymo floreceo em Roma; e ultimamente tomaraõ os Latinos o y, e z dos Gregos. Introduzio na Italia a arte da Grammatica; e alguns Autores tambem fazem a Nicoſtrata inventora da Poeſia, em que profetiſava, e eſcrevia os ſeus vaticinios, como repetio Virgilio, Poeta Latino, na celebre Ecloga quarta, neſta ſubſtancia, como refere Macedo: „ Quando „ Deos mandar do alto Ceo o Rey, entaõ darà a „ terra aos miſeros mortaes frutos abundantiſſi„ mos de paõ, vinho, e azeite; o Ceo choverà „ mel, e correràõ mananciaes de leite, o povoa„ do eſtarà cheyo de bonanças, e tudo viverà em „ fartura. A terra naõ temerá eſpadas, nem tu„ multos de guerra; antes huma alta paz geral flo„ recerà nella. Os cordeiros paſceràõ nos mon„ tes com os lobos, e os cabritos miſturados „ com os pardos, os urſos com os bezerrinhos, e „ o leaõ carniceiro entrarà nos curraes, como „ hum boy manſo. De noite ſe agazalharàõ os „ dra-

„ dragões com os Pastores, sem lhe fazerem mal,
„ porque a maõ do Senhor os ha de proteger. Em
„ tudo humilde amarà por mãy huma donzella
„ pura, que em fermosura se aventajará às outras
„ mulheres. Alegrate, donzella, do successo, por-
„ que o Creador do Ceo, e da terra, que ha de
„ habitar em ti, te deu taõ ineffaveis gostos, que
„ durem para sempre, e a luz eterna ficarà conti-
„ go.

Tambem se escreve, que edificada a Cidade chamada Palantea, ou Palante no lugar da antiga Roma; os Arcados, e naturaes do Paiz deraõ a Evandro a investidura Real, obedecendo-lhe como a Soberano, e Rey absoluto; e Nicostrata casara com Fauno, Rey dos Laurentes, póvos da Italia; e póde ser, que a Cidade Cumea, onde vaticinou, fosse Corte, ou algum dos dominios, de que fosse Rainha. O certo he, que os moradores de Palante agradecidos a taõ illustre bemfeitora pela invençaõ, e beneficio do Alfabeto, e Grammatica Latina, lhe tributaraõ cultos como a Deosa; e os Romanos com gratidaõ igual lhe erigiraõ Templo no monte Capitolio, onde annualmente celebravaõ a festa, que chamaraõ Carmenta, em honra de seu nome, que deixou famoso na posteridade, para merecer nesta escritura particular memoria pelas acções, que a fizeraõ mais illustre nas letras, que nas profecias.

CATA-

CATALOGO.

I.

NOVELLA, natural de Bolonha, e filha de Joaõ André de Saõ Jeronymo, ou de Joaõ André Calderino, floreceo nas bellas letras pelos annos de mil e trezentos e sessenta. Foy mulher de Joaõ de Ligniano, celebre Doutor em Leys, que Novella aprendeo com applicado estudo; e foy taõ douta, que nas escolas de Bolonha lêo muitas vezes publicamente a Cadeira de seu marido, estando enfermo, ou occupado.

II.

NAtalia de Sousa, Heroína Portugueza, natural da Cidade de Coimbra, foy mulher de hum valor destemido, coraçaõ animoso. No dia, em que chegou a Coimbra a noticia, e certeza da feliz Acclamaçaõ delRey D. Joaõ o IV. sahio à rua armada de espada, e rodella, solicitando o affecto, e animo dos moradores da Cidade para as acclamações, e vivas. Para supprimirem algum motim sahiraõ as Justiças a rondar as ruas, que

Natalia com vozes de liberdade andava correndo, ameaçando de morte, os que naõ reconhecessem por legitimo Rey de Portugal o Serenissimo Duque de Bragança: mostrando na resoluçaõ o animo para a defensa, na laboriosa diligencia a heroicidade, que lhe mereceo este lugar, e memoria.

THEA-

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *O*.

I.

OLYMPIA FULVIA MORATA.

FERRARA, que deveo ao Pontifice Vitiliano, unico deſte nome, a honra, e titulo de Cidade, e aos Gregos a fundaçaõ, foy a Patria de Olympia Fulvia Morata, onde naſceo para a illuſtrar com ſuas acçoens ſobre as famoſas Cidades de Italia, em mil e quinhentos e vinte e ſeis. Teve por pay a Fulvio Peregrino Morato, natural de Mantua, e Meſtre dos Principes de Ferrara Hippolyto, e Franciſco, filhos

de Affonſo I. que por ſeu merecimento, e capacidade o elegeo entre muitos profeſſores das bellas letras para os doutrinar nas artes, e ſciencias, que ſaõ de mais claro eſplendor à nobreza; ſervem de qualificada ſoberania à Mageſtade.

Logo dos primeiros annos, que Fulvio conheceo em Olympia engenho para as letras, a inſtruîo na lingua Latina, e mais artes, e ſciencias, em que era Meſtre, adquirindo em pouco tempo de eſtudo huma ſabedoria, que foy admiraçaõ, porque ſendo adquirida, pareceo infuſa. Applicando-ſe ao eſtudo das bellas letras Anna de Ferrara, filha de Hercules II. que teve por Meſtre a Joaõ Sinapio, pertenderaõ os Duques, que Olympia Fulvia Morata aſſiſtiſſe à Princeza, julgando, que a ſua companhia lhe influiſſe competencias, inſpiraſſe applicaçoens.

Eſtimou Olympia aquella honra, e a ventagem, que tirou daquelle eſtudo, admiraraõ os que lhe ouviraõ recitar alguns diſcurſos Latinos, fallar a lingua Grega, explicar os Paradoxos de Cicero, e reſponder às duvidas, que lhe propunhaõ com promptidaõ, e ſabedoria. Ainda que ſe lhe ſeguio deſta ſociedade grandes intereſſes para ſeus eſtudos, o favor da Duqueza Renata de França, filha de Luiz XII. lhe foy perverſo, e infauſto, communicando-lhe, que approvava o Calviniſmo, que tinha abraçado, e favorecia occultamente, porque veyo a cahir na meſma hereſia a infelice Morata, douta, e diſcreta Heroína.

Pela

Pela occaſiaõ de aſſiſtir a ſeu pay na doença, de que morreo, deixou o Palacio dos Duques de Ferrara, e a companhia da Princeza, que amava muito. A mãy, que era de pouca ſaude, e naõ podia cuidar na educaçaõ de tres filhas, e hum filho, Olympia os tomou a ſeu cuidado, deixando de todo a communicaçaõ, e trato da Princeza condiſcipula, por eſtas, e outras razões, que dá em huma carta a Celio Segundo Curion, queixando-ſe, que a Duqueza Renata, depois que a pervertera, a abandonara.

Namorou-ſe de Olympia hum eſtudante Alemaõ, chamado Antonio Granthler, que aprendia Medicina. Formado naquella faculdade, ſe tratou do caſamento até ſe celebrar o matrimonio com a ſenſivel condiçaõ, e pacto de deixar a Patria, como logo fizeraõ partindo para Alemanha, levando Olympia a ſeu irmaõ Emilio de oito annos, que depois doutrinou, e inſtruïo nas linguas Grega, e Latina.

Foy eſta ſeparaçaõ para Olympia, e ſua mãy, que ſe amavaõ mutuamente com extremo, muito ſenſivel; como ſe entende de huma carta, que lhe eſcreveo de Alemanha, mandando-lhe algum dinheiro logo, que lhe conſtou, que eſtava neceſſitada, e pobre. Huma das irmãas, ainda que caſou rica, as outras entraraõ no ſerviço de algumas Senhoras principaes de Ferrara.

Haviaõ chegado a terras de Alemanha aos doze de Junho de mil e quinhentos e quarenta e oito;

to; e assistindo por pouco tempo em Ausbourg, passaraõ a Schvveinfurt, Cidade Imperial na Franconia, Patria de seu marido. Poucos dias se gozaraõ da liberdade do Paiz, porque logo appareceraõ as tropas dos Bispos de Bamberg, e Wirtzbourg, do Eleitor de Saxonia, do Duque de Brunsuic, e da Cidade de Nuremberg, formando sitio à Praça, donde se achava com seu Exercito o Marquez de Brandemburg, a quem faziaõ guerra.

Durou quatorze mezes o assedio, experimentando-se com funesta mortandade os tres castigos da Divina Justiça, peste, fome, e guerra. Retiradas as tropas de Brandemburg, no silencio de huma noite foy a Cidade ganhada por assalto, experimentando os ultimos estragos da guerra, no saque, e fogo, de que Olympia, seu marido, e irmaõ escaparaõ despidos, e roubados.

Nestas figuras daquelle theatro da guerra, e da vingança, passaraõ a Hamelbourg para casa dos Condes de Reinuk, e de Erbach, que os receberaõ benignamente, porque tambem professavaõ a mesma religiaõ de Olympia, e André Grunthler. Por este tempo foy chamado a Heidelberg pelo Eleitor Palatino para seu Medico, onde chegou em mil e quinhentos e cincoenta e quatro com Olympia, que faleceo a vinte e seis de Outubro de mil e quinhentos e cincoenta e cinco, fazendo vinte e nove annos de idade. O marido, e seu irmaõ sobreviveraõ pouco tempo, e foraõ

todos

todos enterrados na meſma ſepultura na Igreja de Saõ Pedro, e lhe fez o Epitafio Guilhelme Raſcalono, Doutor em Medicina.

Muitas das Obras, que havia ordenado, e compoſto Olympia Fulvia Morata, foraõ conſumidas no incendio de Schvveinfurt; mas do pouco trabalho de taõ heroicos eſtudos, ordenou huma Collecçaõ Celio Segundo Curion, que deu a luz com o titulo de *Olympiæ Fulviæ Moratæ fœminæ doctiſſimæ, ac planè Divinæ Opera omnia, quæ hactenus inveniri potuerunt. Baſileæ an.* 1558. *in actav.* Conſta a Collecçaõ, que foy tres vezes impreſſa na meſma Cidade, de tres Orações, ou Diſcurſos recitados na preſença de Anna de Ferrara, explicando os Paradoxos de Cicero. Elogios de Mucio Scevola nas linguas Grega, e Latina. As duas primeiras Novellas de Bocaccio, traduzidas em Latim. Dous Dialogos, dous livros de Cartas, e dous livros de Poeſias Gregas.

II.

ORITHIA,

Rainha das Amazonas.

ENtre as famoſas Rainhas, que tiveraõ as celebradas Amazonas no throno de ſeu Imperio na Scythia da Aſia, foy Orithia, que naſceo primogenita de Marpeſia, e herdeira naõ menos da

da Coroa, que do valor, adquirindo com muitas acçoens militares novos dominios ao Sceptro, mais illuſtres brazoens ao governo. Foy maxima ſingular, praticada entre as Amazonas, trazerem dividido o governo politico do militar com alternativa nos empregos, ficando na Corte de Themiſcita a Rainha, que voltava triunfante da campanha, para que os negocios tiveſſem ſempre promptos os deſpachos, naõ ſe retardaſſem aos ſerviços as mercés.

Orithia, que floreceo em perpetua virgindade, teve por companheira no Imperio a ſua irmãa Antiopa, que ſe achava na Corte, quando Hercules, e Theſeo com outros Principes Gregos em huma poderoſa armada de nove vélas, tomaraõ terra no Rio Tremodonte, paſſando com ſeu Exercito a Themiſcita. Daremos deſta guerra em breve hiſtoria ſuccinta relaçaõ. Separando do fabuloſo o verdadeiro, ſe refere, que o Rey de Mycenas, chamado Euryſteo em huma batalha contra as Amazonas, lhe ganhara Orithia a vitoria, e o cinto militar, que uſavaõ antigamente na guerra para diſtinçaõ do valor, ou da peſſoa.

Hercules intereſſado na injuria do parente, ajuntou muitos valeroſos ſoldados Gregos em huma poderoſa armada; e tomando por empreza naõ deixar a guerra ſem remir o cinto, menos pela riqueza, que pela honra, que ganhava, caminhou com ſeu Exercito até a Corte de Themiſcita. Como naõ achava oppoſiçaõ, porque Orithia

anda-

andava em campanha penetrou o continente até lhe ſahir Antiope a encontrar os paſſos, diſputando-lhe com poucas Amazonas a vitoria, que a fortuna declarou pelo algariſmo , e naõ pelo esforço.

Ainda que foy o eſtrago muito igual na mortandade , os Gregos como eſtavaõ dominantes pela multidaõ, cantaraõ a gloria do triunfo, fazendo priſioneiras as duas irmãas, que ſe empenharaõ na batalha Hippolyta, e Menalippe. Como era o cinto de Euryſteo a cauſa daquella guerra, e no affecto de Antiope valia muito mais a liberdade das irmãas, o mandou entregar a Hercules, que logo reſtituîo a Menalippe com a diſculpa, de que fora Hippolyta priſioneira de Theſeo.

Com a vitoria mayor pelo deſpojo da valeroſa Hippolyta, ſe retiraraõ os Gregos vãagloriosos, e ricos; mas logo, que Orithia teve noticia da prizaõ da irmãa , declarou guerra a Theſeo , buſcando-o com hum formidavel exercito, que experimentou igual fortuna , ſendo vencida na batalha: nem houve mais acçaõ memoravel, porque naõ conſta, que voltaſſe outra vez as armas ſobre Grecia. O que ſe refere de Hippolyta, e póde ſer a razaõ de ſe acabar a guerra com a primeira batalha, he , que de ſentimento morrera pouco tempo depois na Cidade de Megara, onde ſe moſtrava a ſepultura deſta Amazona em fórma do eſcudo, que uſavaõ na guerra em meya Lua.

CATALOGO.

III.

OLYMPIA, natural de Thebas, foy muito illuſtre Heroína na Filoſofia, e Medicina.

IV.

OCyroe, filha de Chirono, e Carieta, donzella Grega, foy na Medicina muito douta, e celebre.

V.

DOna Oliva de Nantes Sabuco Barrera, de naçaõ Caſtelhana, e natural de Alcarás, foy de agudo engenho, diſcriçaõ, e elevado juizo na Fyſica, Medicina, Moraes, e Politicas, como ſe nota, e admira no livro, que eſcreveo: *De la vera Medicina.* Floreceo eſta grande mulher no reynado de Filippe II. primeiro que Renato Deſcartes: ſeguio a opiniaõ, de que o cerebro era o verdadeiro domicilio da alma racional. Seguio tambem, que o ſangue naõ era a materia, de que ſe nutrem os corpos, mas daquella maſſa, que do

cerebro

cerebro ſe participa a todos os membros; attribuindo quaſi todas as enfermidades aos effeitos venereos.

VI.

ORmia, matrona Portugueza, ſendo priſioneira de guerra em huma batalha, que os Portuguezes deraõ aos Romanos; o ſoldado, que a rendera, como deſpojo de ſeu valor, ſe quiz gozar da joya de tanta fermoſura, porque rendia de fermoſa, mais que de valente. Como naõ aproveitavaõ rogos, nem promeſſas, appellou o Romano para as violencias, forçando a honrada Portugueza, que naõ podendo vingar logo a infamia do adulterio, diſſimulou a paixaõ para reſpirar em mais violento caſtigo, heroico deſafogo. Huma noite, que o ſoldado Romano deſcançava com mais profundo ſomno, o deixou dormindo para huma eternidade; e cortando-lhe a cabeça, valeroſa, e fugitiva ſe eſcondeo ao perigo das guardas do exercito, entrando em Portugal com aquelle troféo de ſua caſtidade. E referindo na preſença dos parentes a infelice hiſtoria de ſua deſgraça, entregou ao marido a cabeça do ſoldado Romano; e puchando pelo inſtrumento, com que lhe dera o merecido caſtigo, ſe atraveſſou pelo coraçaõ: dando mais eſta prova da honra, que naõ pudera defender, e ſabia ganhar, merecendo com eſta acçaõ particular memoria, perduravel fama.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra P.

I.

PENTHESILÉA, Rainha.

ERA Jepthe Juiz dos Judeos, pelos annos do Mundo de quatro mil e ſete, mil e cento e noventa e dous antes da vinda de Chriſto, quando governava na Scythia Aſiatica o Reyno, ou Imperio das Amazonas pela morte de Orithia a furioſa Pentheſiléa, epitheto, que lhe deraõ depois, que matou a irmãa no exercicio da caça, fingindo, que atirava a hum veado. Foy huma das mais valeroſas Amazonas, que

que regeo o Sceptro daquelle Imperio; porque logo da primeira idade começou a desprezar a fermosura do sexo nas prendas naturaes, usando com affecto particular do capacete, aljavá, lança, e outras armas, e exercicios varonís, e guerreiros, que naõ eraõ praticados entre as Heroínas, que lhe precederaõ em annos, e acções militares.

Naõ houve Rainha Amazona mais guerreira, nem de mais robustas forças, mais valor, e sciencia militar, porque na guerra peleijava, e combatia humas vezes de cavallo, outras de carroça. O engenho foy de tanta agudeza, que alguns Autores affirmaõ, que inventara a machadinha para uso da guerra, instrumento novo, de que naõ houve noticia até os annos, em que floreceo; sendo a primeira, que lhe achou utilidade nas campanhas, serventia nas batalhas.

Vagava pelo Mundo encarecida a fama das acções militares do grande Heitor, celebre General de Priamo, Rey de Troya; e namorada Penthesiléa de tantos brados, pelo interesse da geraçaõ desejou communicar, e ver homem tamanho, que amava com excesso na fé de suas vitorias; naõ querendo posteridade de menos illustre nobreza, qualificada valentia. E ouvindo, que os Gregos faziaõ guerra aos Troyanos, foy a soccorrellos com suas tropas. Eraõ famosos soldados os Principes da Grecia, e taõ soberbos pelas armas, como foraõ pelas letras: mas naõ temendo, nem dando credito a suas vitorias, com hum numeroso exercito

exercito de Amazonas ſe foy a Troya, e teve com os Gregos ſinalados encontros, vitorioſos combates.

Admirava-ſe o meſmo Heitor do varonil eſforço, com que feria nos inimigos, fazendo-os retirar bem ſangrados de ſeu ferro, vencidos de ſeu braço. Huma vez, que os Gregos fizeraõ mais porfiada a vitoria, ſe empenhou Pentheſiléa tanto na batalha com morte de muitas Amazonas, e eſtrago mayor dos inimigos, a que chegava com pezada maõ, que o valeroſo Pyrrho, filho de Achilles, a ferio mortalmente, como eſcreveo Dares Phrygio, que ſe achou neſta guerra.

Ditis Cretenſe para affirmar, que Pentheſiléa fora morta pelo pay, e naõ pelo filho, diz, que Pauſánias a vira pintada em hum quadro no Templo de Jupiter Olympico, como eſpirando nos braços de Achilles. He muito louvada de valeroſa, e guerreira de Poetas, e Hiſtoriadores; e Frey Balthaſar da Vitoria eſcreve, que dizer fermoſa, e forte Dama, era Paraphraſi da Rainha Pentheſiléa.

II.

PHYTO,
Sibylla.

HE contada entre o numero das Sibyllas pela terceira, a que foy natural da Ilha Samos, que fica no mar Jonio, patria do Filoſofo Pythagoras;

goras; razaõ porque lhe chamaraõ Samia, ou por outro nome appellativo Cephalenia, ſendo ſeu nome proprio Phyto. Floreceo a Sibylla Pythia, que tambem ſe conhece por eſte nome, pelos annos antes de Chriſto vir ao Mundo de mil e quatrocentos e onze, ſendo Aod Juiz dos Iſraelitas.

Dos Oraculos Sibyllinos fez huma collecçaõ Antonio de Souſa de Macedo no livro intitulado: *Eva*, e *Ave*, onde eſcreve, que Phyto profetiſara neſta ſubſtancia: „ Salve caſta Sion donzella, que padeceſte muito; teu Rey te entra „ em hum jumentinho, brando para todos para „ te tirar o jugo intoleravel, que tua cerviz padece. Virá o dia, e naſcerá da pobreſinha, e as „ beſtas da terra o adoraráõ, e ſe dirá louvay-o nos „ Ceos. Muito cedo virá o tempo alegre, que „ tirará as trevas triſtes, declarando ao povo os „ eſcuros Oraculos dos Profetas Hebreos; e entaõ „ poderáõ tocar com a maõ ao eſclarecido Rey dos „ vivos, ao qual huma Virgem pura abrigará em „ ſeu peito: iſto affirma o Ceo, e moſtraõ as Eſtrellas reſplandecentes.

Tiveraõ os Gentios tanto reſpeito aos Oraculos das Sibyllas, que prohibiraõ com pena de morte, que naõ ſe leſſem; entendendo, que o Deos, e a Religiaõ, que promettiaõ, havia deſtruir a natural, que profeſſavaõ. A pintura deſta Sibylla era de roſto fermoſiſſimo com hum ſubtil véo na cabeça. Na maõ direita tinha huma coroa de eſpinhos, e na eſquerda hum livro aberto de ſuas profecias.

SANTA

III.

SANTA PAULA,
Romana.

FOy a ſoberba Roma pelas conquiſtas, e vitorias dos Ceſares o Oriente, e berço, em que naſceo a illuſtre Paula aos dezaſete dias do mez de Outubro do anno de trezentos e quarenta e ſete da era de Chriſto, filha de Rogato, e Bleſila, troncos da mayor nobreza, e mais eſclarecida aſcendencia, que teve o Mundo; porque ſeu pay era varaõ Conſular, e Senador Romano, e Principe de muitos Eſtados na Grecia, da origem Real de Agamenon; e ſua mãy foy neta de Marcia Papyra, que teve por filho a Scipiaõ Africano, matrimonio auguſtiſſimo, onde ſe enlaçaraõ os timbres dos Gracos, Scipiões, Paulos, Emilios, e Cornelios, fundadores, e ampliadores da ſoberania Romana.

Logo, que chegou a contar quinze annos, a caſaraõ ſeus pays com Julio Toxocio, filho de Toxocio Julio, varaõ illuſtriſſimo, que deſcendia dos Romulos, e Julios, que deraõ a Roma Conſules, e Ceſares. Pouco menos de dezoito annos viveraõ caſados, ficando pela morte do marido com a illuſtre poſteridade de hum filho, e quatro filhas, Julio Toxocio, Bleſila, Euſtochio, Paulina,

lina, e Rufina, que todas por ſobrenome ſe chamaraõ Julias.

Ficou Paula de trinta e dous annos de idade viuva, porém a mais rica matrona do Imperio Romano, porque na Campania era Princeza de Nicopoli, e em toda a Italia, Sicilia, Eſpanha, e outras muitas partes da Europa adminiſtrava como tutora de ſeus filhos opulentas Villas, e nobres poſſeſſoens. Já Bleſila ſe achava caſada, quando chegaraõ a Roma Paulino, e Epiphanio, chamados de Saõ Damaſo para celebrar Concilio; e aqui teve origem a communicaçaõ de Jeronymo com Paula, que hoſpedou no ſeu Palacio os Santos Biſpos, que eraõ Gregos, e lhe ſervia de interprete o Santo Doutor.

As praticas eſpirituaes, que os Santos Biſpos tiveraõ com a Santa, ſervindo-lhe Jeronymo de interprete, frutificaraõ tanto naquelle heroico peito, que vieraõ a dar muitos Santos à Igreja, tantos illuſtres filhos à minha ſagrada Religiaõ. Eſte fogo do amor Divino ſoprou Jeronymo, fomentando cada dia mais o incendio, até ſe atear nos corações de Bleſila já viuva, e da Virgem Euſtochio, que facilmente ſe ajuſtaraõ a profeſſar a vida Monacal dos filhos de ſua diſciplina, e já ſe praticava no Egypto, e Paleſtina.

Já Marcella vivia retirada em huma quinta no ſuburbio da Cidade com o ſequito de algumas Virgens, que reſpeitavaõ a Jeronymo por Meſtre, obedeceraõ depois como a Patriarca. Com eſte

te exemplar de Marcella ſe ajuntaraõ as duas irmãas Bleſila, e Euſtochio a exercitar aquella fórma de vida Celeſtial, que o Santo Doutor deixava eſtabelecido em Bellem, ficando Paula com Toxocio, e Rufina para adminiſtrar ſeus ricos patrimonios até lhe conferir eſtado, determinarlhe poſſeſſoens, e rendas.

Como viuva Apoſtolica paſſava Paula no retiro de ſeu Palacio; e como eraõ frequentes as dependencias da Secretaria de Saõ Damaſo, embaraçavaõ a aſſiſtencia de Jeronymo, que por carta era conſultado pelas filhas de ſua diſciplina. Com o trato creſceo a murmuraçaõ nos emulos do Santo; mas divulgada a noticia, que Paula deixava Roma para hir viver a Bellem, ſoltaraõ mais as linguas, como inſtrumentos do inimigo commum das virtudes, e cortaraõ pelas honras, deixando a fama duvidoſa, a nobreza eſcurecida. Sofriaõ os Santos com heroica paciencia o fogo daquella tribulaçaõ, com que Deos os queria purificar; permittindo, que os deſprezaſſe o Mundo para lhe darem com mais conhecimento as coſtas, mais ſedo as deſpedidas.

Era Jeronymo a luz, que guiava os agigantados paſſos de Santa Paula, e deixando primeiro a Roma ſe embarcou com alguns Monges para Bellem, e Paula pouco tempo depois com Euſtochio, e outras muitas Virgens, a pezar da maledicencia convencida com a verdade, illuſtrada com a virtude. A diſcriçaõ, e elegancia, com que Jeronymo,

nymo, ſeu Chroniſta, deſcreve a inteireza do animo, com que Paula ſe apartara dos filhos, parentes, e patria, naõ cabe na penna de outro homem; e aſſim direy ſó, que neſte apartamento moſtrou, que levava os olhos em Bellem, para naõ ver, nem ſentir, o que deixava em Roma.

Navegou aquella religioſa comitiva até Chypre com proſpera viagem, deſembarcou em Seleucia, ſobio a Antiochia, deteve-ſe em Jeruſalem viſitando os ſantos lugares com grande deſpeza pelas innumeraveis eſmolas, que Paula repartia pelos pobres. Entrou finalmente na deſejada Bellem, onde Jeronymo, e ſeus Monges a eſperaraõ divididos em córos; e cantando hymnos, e vertendo lagrimas a receberaõ como filhos, a Santa os tratou com amparo, e protecçaõ de mãy.

Do Moſteiro deſceraõ logo ao Preſepio, onde Paula com os olhos da fé vio, e adorou os Myſterios, que ſe obraraõ em o Naſcimento do Menino Deos; e ſobindo de huma Igreja para outra, da inferior à ſuperior, fez oraçaõ, e admirou a fabrica do Templo, que eſtava pregoando a magnificencia, e piedade da fundadora Santa Elena. Paſſou a viſitar o Moſteiro dos Monges, e depois o Hoſpicio, que lhe foy domicilio, em quanto naõ teve propria habitaçaõ, eſpecifica morada.

Chamaraõ-ſe os officiaes para a fabrica dos Moſteiros, que Paula, e Jeronymo levaraõ de Roma

ma ideados. Escolherão logo sitio, communicarão aos Mestres o invento, derão ordem para se ajuntarem os materiaes, deixarão lançados os fundamentos, e partirão a visitar os lugares da Terra Santa, que celebra a Escritura para mayor intelligencia dos Mysterios, que descreve, porque Paula tinha já boa lição da Biblia, adquirio mayor sabedoria. Peregrinarão por toda a Palestina até os desertos do Egypto, correrão Memphis, e Babylonia, e communicarão huma innumeravel multidão de Monges, que Paula visitava com tanto fervor, e piedade, que só se explica bem com palavras do mesmo Santo, acabando a descripção desta jornada.

„ Que célla houve de Monge, em que não en-
„ trasse? Qual, a cujos pés se não visse prostra-
„ da? Reverenciava em todos a Christo; e de
„ quanto dispendia se alegrava, porque era em be-
„ neficio da pobreza, de que Deos mais se servia.
„ Admiravel zelo, e fortaleza incrivel em huma
„ Senhora creada entre as delicias de Roma! Es-
„ quecida do sexo, e da fragilidade desejava mo-
„ rar com as Santas Virgens, que lhe fazião com-
„ panhia entre tantos milhares de Monges; e pó-
„ de ser, que o conseguira, se não fora mayor o
„ desejo de assistir nos santos lugares de Bellem.

O fim heroico, que levou estes Santos a peregrinar pelos desertos, não foy mais, que devoção em Paula, e interesse de mais doutrina em S. Jeronymo, querendo examinar com os olhos, e de mais

mais perto os coſtumes, exercicios, e fórma de vida, que obſervavaõ aquelles Monges para deſenho do Monacato da Paleſtina, que depois ſe havia dilatar em mais creſcido numero, leys, e perfeiçaõ pelas duas partes do Mundo Aſia, e Europa. Foy a Paleſtina naquelle ſeculo emulaçaõ do Egypto pelo grande numero de Monges, que povoaraõ aquelle deſerto, reconhecendo a Jeronymo por Patriarca, a Paula por bemfeitora.

Chegaraõ com mais virtudes a Bellem, que era o porto, onde ſe fechava o circulo da peregrinaçaõ, e creſceo a fabrica dos Moſteiros pelo deſvelo, com que Jeronymo aſſiſtia ao trabalho as horas, que lhe vagavaõ dos exercicios do Eſtado, e Magiſterio. Paula, que era de agudiſſimo engenho, e muito inclinada à liçaõ das Hiſtorias, ſe occupava com frequencia em revolver as Eſcrituras.

Melania, diſcipula de Rufino, que ſeguia os erros de Origenes, a viſitava pela razaõ do parenteſco, ſemelhança de vida, e virtudes. Conferiaõ nas viſitas alguns lugares da Eſcritura Sagrada, diſputando como eſtudantes de differentes eſcolas, querendo cada huma prevaleceſſe a doutrina de ſeu Meſtre, Melania de Rufino, Paula de Jeronymo. E quando Melania lhe faltavaõ razões para reſponder aos argumentos de Paula, appellava para a ſciencia de Didimo, venerado em Alexandria por eſpelho da perfeiçaõ Monacal, Oraculo da Theologia Expoſitiva.

Mela-

Melania, reſpondendo com a ſciencia deſte grande Meſtre, dizia, que era doutrina ſua, e naõ ſe conhecia varaõ de mayor intelligencia nos ſegredos da Eſcritura Sagrada, que Paula deſejava comprehender, rogou a Saõ Jeronymo communicaſſe homem tamanho. Jeronymo, que era prudentiſſimo, e ſanto, e havia negado a Paula em Alexandria a communicaçaõ de Didimo, ſabendo pelos Monges Egypcios, que era defenſor dos erros de Origenes; ſem lhe deſcobrir a nota de tanta ſabedoria, o buſcou, e tratou por muitos dias.

Era Didimo cego da primeira idade, aprendera as ſciencias, adquirindo ſabedoria com ventagem aos mais doutos homens daquelle ſeculo. O juizo, que fez Jeronymo deſte varaõ illuſtre, eſcreveo a Pamachio voltando de Alexandria para Bellem, neſta ſubſtancia: „ Já ſe me povoava „ a cabeça de cans, e me convinha mais ſer meſ„ tre, que diſcipulo, quando paſſey a Alexandria, „ ouví a Didimo, e lhe dou graças, porque me en„ ſinou o que naõ ſabia, e o que já ſabia naõ o „ perdí com a ſua doutrina.

Adquirio Santa Paula grande ſciencia da Eſcritura Sagrada, porque naõ ſó aprendeo a lingua Latina, Grega, e Syriaca, mas tambem teve ſciencia da Hebraica: e como achava alguns erros no Pſalterio por defeito do amanuenſe, pedio a S. Jeronymo, que novamente o emendaſſe. Achando depois no livro de Eſther variedade notavel,

que

que mais eſcurecia aquella Hiſtoria ſagrada, lhe pedio a traducçaõ, ajuſtando as translações pelos Originaes Hebreos; e como naõ ſabia negarſe a trabalho, que foſſe intereſſe de melhor intelligencia, tambem lhe eſcreveo a Hiſtoria de Judith, enriquecendo a Paula de noticias, a Igreja de theſouros.

Com eſta fadiga de ſeu magiſterio, naõ ſe deſcuidava de aſſiſtir, e apreſſar a fabrica dos quatro Moſteiros, que ſe acabou no anno de trezentos e oitenta e nove; mas eraõ formados com huma tal architectura, que todos ſe communicavaõ. A grande Baſilica de Santa Maria ficava no meyo fechada em quadrangulo, e por duas eſcadas, huma do Moſteiro de Saõ Jeronymo, outra do Moſteiro de Santa Paula, ſe deſcia ao Coro, onde ſe ajuntavaõ todos os Monges, e Virgens a celebrarem os officios do eſtado, e Religiaõ.

Hum dos Moſteiros foy para Monges, e tres para Virgens com diſtribuiçaõ bem ordenada, porque ſendo de diverſas nações, Paula, e Euſtochio ficaraõ em hum Moſteiro com as Virgens, que levaraõ de Roma, e de Italia; no ſegundo as que eraõ Gregas, e no terceiro as que eraõ Syriacas. O numero das almas Religioſas, que chegaraõ a povoar os Moſteiros, e Paula ſuſtentava com as riquezas de ſeu patrimonio, e de ſua filha, direy com palavras de Jeronymo em huma de ſuas Epiſtolas, fallando na morte deſta Santa: *Que deixara a ſua filha Santa Euſtochio para ſuſtentar huma in-*

numeravel

numeravel multidaõ de Monges, e Monjas. Havia tambem Paula edificado alguns Hoſpicios para ſe recolherem os peregrinos, que viſitavaõ com frequencia os ſantos lugares, e alli ſuſtentava os Monges, que eraõ adminiſtradores das eſmolas, e proviaõ os peregrinos de quanto lhe era neceſſario; porque naõ havia pobreza, que a Santa naõ remediaſſe, neceſſidade, a que naõ acudiſſe.

Contava Paula cincoenta e ſeis annos de idade, oito mezes, e vinte e hum dias, quando Deos a chamou pela ultima enfermidade a coroarſe de gloria aos vinte e ſeis dias de Janeiro de quatrocentos e ſeis, eſtando preſentes os Biſpos de Jeruſalem, e outras Cidades. Trasladou-ſe o ſanto cadaver do Moſteiro para a Igreja Mayor aos hombros de quatro Biſpos com o luzido acompanhamento de todos os filhos, e filhas de Jeronymo, repartidos, cantando a córos os Pſalmos em differentes idiomas. Tres dias eſteve expoſto; e celebradas as exequias com grande pompa, e religioſa magnificencia ſe depoſitou na Igreja inferior junto do Preſepio, e lhe mandou gravar o Santo Patriarca na ſepultura em verſo heroico, o ſeguinte Epitafio.

Scipio quam genuit Paulam fudere parentes
Grachorum ſoboles, Agamemnonis inclyta proles
Hoc jacet in tumulo: Paulam dixere priores.
Euſtochii genitrix, Romani prima Senatus
Pauperiem Chriſti, & Bethlemitica rura ſecuta. Amen.

IV.

PROBA FALCONIA.

COm eſcaça memoria achamos eſcrito em differentes Autores as acçoens illuſtres da famoſa Heroína Proba Falconia, dando-lhe huns por patria o Caſtello, ou Lugar de Italia, chamado Othri, outros Roma. Floreceo pelos annos de quatrocentos e trinta, governando o Imperio Romano Graciano; e foy matrona de raro, e elegante engenho, muito douta nas letras Gregas, e Latinas, verſada nas Eſcrituras, e na arte Poetica illuſtriſſima.

Caſou Proba Falconia com Sexto Anicio Petronio Probo, illuſtriſſimo Romano pelo ſangue, e dignidades; matrimonio, que teve a fecundidade de quatro filhos Olibrio, e Probino, que foraõ Conſules, Probo, e Julianna todos diſcretos, e doutos. Com a Religiaõ Catholica os doutrinou, tambem nas letras, porque das artes liberaes teve ſabedoria naõ vulgar, adquirindo na liçaõ dos Poetas Virgilio, e Homero tanta erudiçaõ, e doutrina, que encomendou à memoria as obras deſtes Principes da Poeſia Grega, e Latina.

Era de huma agudeza taõ rara, e uſava taõ promptamente dos verſos de Virgilio, que teceo com os verſos deſte Poeta a Hiſtoria do Velho, e Novo Teſtamento em hum Poema Heroico, com arti-

artificio taõ eſtranho, e admiravel, que parecia obra do meſmo engenho pelo furor, e elegancia metrica. Eſcreveo tambem na lingua Grega dos verſos de Homero a Vida de Chriſto com igual fadiga, engenho, e elegancia, fallando pela boca deſtes Oraculos da Poeſia, como ſe fora animada do meſmo furor, e eſpirito Poetico.

Eſtas Obras, a que deu o titulo de Centoens, padeceraõ por falta de Imprentas o deploravel eſtrago, que experimentaraõ outras muitas Compoſiçóes, que naquelles ſeculos corriaõ manuſcritas pelas mãos dos curioſos, e doutos; merecendo pelo aſſumpto, e pelo engenho o beneficio da multiplicidade, que depois tiveraõ na collecçaõ da Bibliotheca *Patrum*, com as reliquias de outras Obras dos antigos Padres, e Eſcritores Eccleſiaſticos. He muito louvada de diſcreta, e erudíta matrona do Doutor Maximo, e outros Doutores, e Santos daquella idade, que leraõ, e admiraraõ as ſuas Obras; e ſeu nome ſe acha eſcrito com grandes Elogios de muitos Autores. Tambem ſe eſcreveo no Catalogo dos Eſcritores Eccleſiaſticos, que he o mayor argumento da ſabedoria, que teve; memoria particular da heroicidade, em que vive.

V.

PRAXEDES, E PUDENCIANA, Irmãas, e Virgens.

TEndo as redeas do Imperio Romano Antonino Pio, e governando a Cadeira de Saõ Pedro o Pontifice Pio I. do nome, floreceraõ em letras, e virtudes as duas irmãas Virgens Romanas Praxedes, e Pudenciana. Eraõ nobres, porque tiveraõ por pay a Pudente, Senador Romano, e Varaõ doutissimo nas letras humanas, que Saõ Paulo converteo à Fé de Christo; merecendo pelas grandes virtudes, que adquirio, contarse entre o numero dos Santos no Martyrologio Romano aos dezanove de Mayo, e os quatro filhos, que teve, Saõ Novato, Saõ Timotheo, Praxedes, e Pudenciana.

O pay, que da primeira idade lhe conheceo o engenho entre os mais dotes naturaes de fermosura, e discriçaõ, lhe deu logo mestres, de quem aprenderaõ as primeiras letras com as artes liberaes, naõ faltando ao costume dos Romanos, que faziaõ applicar às letras humanas os filhos, e as filhas. Desempenharaõ as duas irmãas igualmente o conceito do pay na facil comprehensaõ, que mostraraõ em adquirir com pouco estudo, e em breve tempo sabedoria naõ vulgar, fazendo na literatura admiraveis progressos, dando singulares provas. Naõ

Naõ ſó nas letras, mas ainda nas virtudes imitaraõ a ſeu pay, devendo-lhe os primeiros rudimentos da Fé, que depois aprenderaõ com mais applicada liçaõ nas letras Divinas pelo Pontifice Pio I. do nome, doutiſſimo, e ſantiſſimo Varaõ, que tiveraõ por meſtre, ouviaõ como a oraculo, reſpeitavaõ como a pay, e Paſtor. Doutrinadas nos Myſterios, e Mandamentos da Ley Euangelica, ſe aliſtaraõ no rebanho da Igreja Romana pelo Sacramento do Bautiſmo, que receberaõ com goſto, e alegria, ſendo adminiſtrado pelo meſmo Paſtor, que depois as inſtruïo nas letras Divinas, aconſelhou conſagraſſem a Deos ſua virgindade, como já praticava a Virgem Domitilla, que imitaraõ no exemplo, fizeraõ companhia no Celibato.

Na liçaõ da Eſcritura Sagrada, em que eraõ frequentes, aprendiaõ os generos das virtudes, adquirindo depois no exercicio de todas heroicidade, principalmente a ſoccorrer a pobreza, que foy com maõ larga, e liberal, chegando a eſgottar o rico patrimonio, de que foraõ dotadas, ficaraõ empobrecidas. A caridade foy em gráo eminente, e ſuperlativo, porque no tempo, que lhe vagava da liçaõ, e contemplaçaõ, occupavaõ muitas vezes em ſepultar os cadaveres dos Santos, que pela confiſſaõ da Fé padeciaõ huma rigoroſa, e cruel morte, davaõ principio a mais perduravel vida. Pudenciana finalizou o termo de ſua peregrinaçaõ pelos annos de Chriſto de

ſete-

ſetecentos e ſeſſenta e cinco, aos dezanove de Mayo, e Praxedes alguns annos depois a vinte e hum de Julho. Foraõ ſepultadas com ſeu pay na Eſtrada Salaria, e Cemiterio de Priſcilla.

VI.

PULCHERIA,

Princeza.

PEla morte de Arcadio, Emperador do Oriente, e da Emperatriz Eudocia ficou orfaõ de oito annos o Emperador Theodoſio com quatro irmãas Flacidia, Pulcheria, Arcadia, e Marina, debaixo da tutela de Iſdegardes, Rey da Perſia, tutoria que ſeu pay naõ fiou de Honorio, ſeu irmaõ, Emperador do Occidente. Logo da primeira idade levou a Theodoſio o coraçaõ, e o agrado as prendas, e virtudes de Pulcheria entre as irmãas, porque foy Princeza de hum eſpirito forte, apraſivel, piedoſa, prudente, diſcreta, e muito douta, e huma das mais entendidas, e ſcientes mulheres, que tiveraõ as redeas do governo politico, o manejo das dependencias de Eſtado.

Contava Theodoſio doze annos, e Pulcheria quinze, quando tomou a inveſtidura do governo, que repartio com a irmãa, fazendo-a companheira no Imperio, que regeo com tanta viveza

veza de eſpirito, que Antemio, varaõ Conſular, e muito douto, que havia inſtruido, e doutrinado eſta Princeza na ſciencia do Eſtado, ſe admirava de ſeu talento, e boa fortuna, que ſeguiaõ ordinariamente às reſoluções de ſeu conſelho, maximas de ſeu juizo. Logo Pulcheria determinou viver em perpetua caſtidade, ſendo o amor das virtudes, e naõ o deſejo de conſervar o governo (como diziaõ os deſcontentes) quem lhe inſpirou os votos, porque he certo perſuadio a ſuas irmãas viverem em Celibato, fazendo do Palacio reformado Convento, apertada Religiaõ.

Fizeraõ o voto mais ſolemne, offerecendo hum altar de ouro, guarnecido de pedras precioſas à Igreja de Santa Sofia, memoria com que fizeraõ perduravel a fama de ſua pureza, ſegura proſperidade ao Imperio de Theodoſio, que logo começou a florecer em juſtiça, e religiaõ. Quanto mais ſe adiantava Pulcheria nas virtudes, creſcia no irmaõ o reſpeito, veneraçaõ, e amor, porque foy neſta Princeza maxima de ſeu governo educar os poucos annos de Theodoſio com os deſvelos de quem naõ ignorava, que os Vaſſallos mais ſe perſuadem do exemplo, que das leys.

Ainda que Theodoſio era bem inclinado, naõ conſentia Pulcheria ſe acompanhaſſe mais, que dos homens inſignes, que o podeſſem doutrinar em piedade, ſabedoria, armas, e letras. Havia Pulcheria adquirido taõ grande intelligencia nas letras

tras Gregas, e Latinas, como nos preceitos da ſabedoria, que dictava a ſeu irmaõ, porque naõ ſó lhe dava o exemplo, mas tambem o magiſterio.

Theodoſio, que era já de vinte annos, idade conveniente para caſar, eſperava de Pulcheria a eleiçaõ, todos o acerto. Cortavaõ muitas Princezas a gala deſte matrimonio da cor de huma certa eſperança, que ſe fundava humas na fermoſura, e outras na qualidade, quando appareceo na Corte a filha de Leoncio, Filoſofo Gentio, requerendo partilhas na herança de ſeu pay, como deixamos referido nas memorias de Athenaes, ou Eudocia; nome, que teve no bautiſmo a bem afortunada, diſcreta, e douta donzella, que a Princeza Pulcheria eſcolheo para mulher do Emperador com admiraçaõ do Mundo, inveja do ſexo.

Em ſete de Junho de quatrocentos e vinte e hum foraõ celebradas as auguſtiſſimas bodas do Emperador Theodoſio com a Emperatriz Eudocia, havendo renunciado o paganiſmo pela Fé Orthodoxa com igual demonſtraçaõ de alegria, e de grandeza. Aos eſtudos accreſcentou Eudocia o exercicio das virtudes, que Pulcheria praticava com ſuas irmãas, fazendo-ſe filha de ſua diſciplina; porque logo de madrugada ſe ajuntavaõ na Capella Real a orar, e cantar louvores a Deos, tendo repartido as horas para os officios do eſpirito, do corpo, e do Imperio.

Naõ

Naõ havia religiaõ mais bem ordenada, que Pulcheria trazia o Palacio de ſeu irmaõ, ſendo o primeiro, que gaſtava o tempo no eſtudo das letras humanas, e Divinas, e artes liberaes, vivendo com tanta edificaçaõ, e parcimonia, que naõ permittia exceſſo nos gaſtos da peſſoa, tratava as rendas do patrimonio Real como fazenda empreſtada, e naõ propria. Ordenou algumas vezes ſe naõ gaſtaſſe na meſa Real, mais que o preço, que ganhava pela arte da pintura, em que foy deſtriſſimo; dizendo a ſeus familiares, que era juſto trabalhaſſe o Principe, quando os Vaſſallos trabalhavaõ para ganharem o paõ com o ſuor de ſeu roſto: e aſſim corriaõ os negocios na Corte, que naõ faltava o premio, e caſtigo, contando-ſe as proſperidades pelas emprezas, as vitorias pelas batalhas.

Entre as muitas virtudes, e boas prendas, que ſe conheciaõ no ſanto Emperador, ſe lhe notou hum grande deſcuido nos deſpachos, que firmava ſem noticia, ou exame dos negocios, com demaſiada confiança dos Miniſtros, que fazia confidentes. Pulcheria para emendar eſte defeito no irmaõ, o advertio com agudeza, e galantaria; porque mandando lavrar huma fórma de contrato, em que lhe dava poder para uſar da Emperatriz a ſeu goſto, firmou o deſpacho ſem ler o negocio, de que tratava a Eſcritura.

Recolheo Pulcheria o papel deſpachado, e levando a Emperatriz para o ſeu quarto com ſimu-

lada cautela, a reteve como prisioneira, mostrando-lhe o decreto de seu marido, que naõ tardou em procuralla, porque se amavaõ por extremo. E mandando, que a chamassem, Pulcheria lhe respondeo, que naõ a esperasse mais, pois lhe naõ tocava. Admirado, e confuso o Emperador, entrou pelo quarto da Princeza, perguntando: *Que vem a ser isto? Donde está minha mulher?* A discreta prisioneira, logo que o vio, lhe foy dar os braços, mas Pulcheria querendo impedir aquella demonstraçaõ de affecto, lhe disse: *Que já naõ era sua, porque lhe tinha dado faculdade para a vender*, apresentando o decreto firmado pela sua maõ, e dizendo: *Vedes oh Sacra Magestade, a boa ordem, que o descuido, e precipitaçaõ causa em os negocios?* Ficou taõ bem aceita do Emperador a industria, com que Pulcheria lhe advertio aquelle defeito, que lhe deu palavra de naõ firmar despacho sem o ler primeiro; porém a Emperatriz daquelle dia começou a desgostar verse dominada, a Princeza dominante.

Aqui teve principio huma grande tempestade, que soçobrou por muitos annos o Imperio de Theodosio, convertendo a consonancia, que experimentava no governo de Pulcheria, em muitos nublados, que moveo na privança do Emperador o Eunuco Chrysaphio, dissimulado hereje, semeando entre os dous irmãos o espirito da discordia para meter a maõ no governo, a heresia no Imperio.

Andava a Emperatriz Eudocia pelos desertos

da

da Paleſtina em religioſa peregrinaçaõ, viſitando os Moſteiros dos Monges, edificando Altares, erigindo Templos, e adquirindo Reliquias; quando Chryſaphio lhe fazia as partes com Theodoſio, que por hum ciume eſtavaõ diſcordes, e differentes. Conſeguio conciliallos em damno de Pulcheria, porque logo chamando ao Patriarca Flaviano, lhe mandou recolheſſe a Pulcheria entre o numero das virgens, que eraõ dedicadas ao miniſterio da Igreja.

Ainda que Pulcheria foy aviſada pelo Patriarca, já tinha deſcoberto a mina, que andava fabricando o Eunuco para a deſpojar do governo, que largou logo com affectados pretextos; e retirada de Palacio, paſſou a huma caſa de campo perto de Conſtantinopla, em que viveo por algum tempo ſantamente. A mudança de governo logo ſe conheceo pela variavel fortuna, que levavaõ os negocios dirigidos ſem experiencia por Eudocia, e Chryſaphio; e para mayor ruina do Imperio começou a deſcobrir a cara a hereſia de Eutiches, que defenderaõ enganados por Chryſaphio os Santos Emperadores, convocando Concilios, perſeguindo Monges, e Prelados, eſcrevendo ao Pontifice Leaõ em favor do hereſiarca, e amparando com as armas os ſedicioſos, e ſectarios.

Pulcheria, que alguns annos antes vio naſcer a hereſia de Neſtorio, que deſtruira, e ſuffocara com arte de reynar, lamentava o perigoſo eſta-

do do irmaõ, e da cunhada, recorria a Deos com orações, e lagrimas, ao Pontifice com cartas, aos Emperadores Romanos Valentiniano, e Eudocia com rogativas, ſolicitando ſem deſcanço o remedio dos parentes, o deſamparo dos Vaſſallos. Perſuadido o Santo Emperador, que era errado aquelle dogma, deſpertou como de hum letargo; e conhecendo o precipicio, a que fora levado pela hereſia, entregou Eutiches às Cenſuras da Igreja, mandando voltar Pulcheria à Corte, havendo quatro annos, que a deixara Catholica, e florecente.

Entrou como em triunfo em Conſtantinopla pelo grande affecto, com que era venerada dos póvos pelas virtudes, e pelos acertos, que ſe contavaõ pelas dependencias, que agora reconhecendo o bom Emperador, lhe entregou novamente as redeas do Imperio, que vio em poucos dias de governo a Chryſaphio prezo, e juſtiçado. Trocada em harmonia a confuſaõ da Corte, em breve tempo ſe cobrio de lutos pela morte do Emperador Theodoſio, que naõ deixando filho varaõ, nomeou por concenſo dos Miniſtros de ſeu Concelho a Marciano por ſucceſſor no Imperio, natural de Thracia, de humilde naſcimento, porém de juizo claro, corpo robuſto, inclinado às armas, que lhe deraõ na guerra a nobreza, que o fizeraõ digno do throno, e da Coroa.

Eſte grande varaõ naturalmente inclinado à pie-

piedade, e juſtiça; taõ valeroſo, e temido, que no ſeu reynado naõ ſe atreveo barbaro algum mover guerra ao Imperio, pertendeo, e conſeguio caſarſe com Pulcheria, que já era de cincoenta annos, e tinha governado trinta e ſete: mas com reciproco conſentimento de viverem em caſtidade, ſe celebrou o matrimonio, recebendo a Princeza com o titulo de eſpoſa a Coroa de Emperatriz. Havia naſcido eſta mulher para governar Imperios; e como ſe reſpeitava naõ menos por Santa, que por douta, eraõ os ſeus conſelhos inviolaveis dictames do Emperador, que em poucos tempos da eſcola de Pulcheria adquirio o grande nome de perfeito entre o numero dos Emperadores, que floreceraõ depois de Conſtantino.

Aſſim florecia o Imperio, que naquelle feliciſſimo governo entraraõ triunfantes em Conſtantinopla as Reliquias do Patriarca Flaviano, morto pelos herejes. Entaõ ſe viraõ reſtituidos às ſuas Cadeiras os Biſpos deſterrados. Entaõ ſe condemnaraõ no Concilio Calcedonenſe as hereſias. Entaõ, que florecia a juſtiça, e a Igreja, trocou Pulcheria pela Corte do Paraiſo a de Conſtantinopla, havendo guardado perpetua virgindade cincoenta e cinco annos, contava quaſi quarenta de governo, mais larga idade de trabalhos, e merecimentos. Deixou os pobres por herdeiros da riqueza, que naõ pode repartir na vida, que foy huma continuada liberalidade em beneficio da

da pobreza, culto das Imagens.

De cinco Igrejas, que havia erigido, foy a de mayor grandeza huma, que dedicou em honra de MARIA Santissima; sendo tambem obra da magnificencia desta Emperatriz muitos Hospitaes, e sepulturas em beneficio dos peregrinos. Nem houve matrona mais honrada, nem mais gloriosa na vida, e na morte pelas mais doutas Pennas do Oriente, e Occidente, merecendo os Elogios do grande Pontifice Saõ Leaõ, e Saõ Cyrillo com os Padres do Concilio Calcedonense, que disseraõ a vozes: *Viva a Emperatriz Augustissima, viva a nova Santa Elena, Deos meu guarday a Santa, guarday a Christãa, guarday a que he guarda da Fé.*

Escreveo Rodero doutamente a vida, e acçoẽs da Emperatriz Pulcheria, e recopilando os epithetos, e titulos, que lhe deraõ, chama-lhe Santa sempre virgem, sempre augusta, virgem antes de casarse, e virgem depois de casada, filha de Emperador, mestra de Emperadores, protectora dos Pontifices, guarda da Fé, reparo dos Christãos, honra da Igreja, e do Imperio, a nova Elena, o novo milagre do Mundo, o novo exemplo da posteridade. O titulo de Santa se acha escrito no Menologio dos Gregos, e no Martyrologio Romano aos dez de Setembro de quatrocentos e cincoenta e tres, em que morreo, e se honra a sepultura, em que jaz o santo cadaver, com o seguinte Epitafio.

Pul-

Pulcheria Fla. Theodosii Junioris Soror Augusta, Virgo, & Conjux, Augustorum Filia, Soror, Neptis, Uxor, Propugnatrix Pontificum, Magistra Imperatorum, Custos Fidei, Munimen Orthodoxorum, Ecclesiæ, & Imperii Decus, Nova Helena, Novum Orbis miraculum, anno Christi C. D. LIII. ætatis LV. Imperii XXXIX. Ad Cœlestem Aulam proficiscitur.

CATALOGO.

VII.

PITIAS, filha de Aristoteles, foy muito douta em muitas artes, e sciencias, principalmente na Filosofia. Conta-se desta Heroína, que achando-se com outras donzellas em conversação, lhe perguntarão: *Que cor entre todas adornava mais huma donzella*; e respondeo: *Aquella, que fizer huma donzella mais vergonhosa, he a cor de mayor fermosura, o adorno de mais agrado para os olhos do Mundo.*

VIII.

POlyhymnia, que foy huma das Musas, inventou a arte da Rhetorica, como escreveo Plinio, de que teve muitos discipulos, depois infinitos sequazes.

Pro-

IX.

PRopercia de Nossi, natural de Bolonha, foy celebre na arte da Esculptura, como pregoaraõ as suas obras, e mostraõ-se algumas na fachada magnifica da Igreja de Saõ Petronio de Bolonha, e faleceo em mil e quinhentos e trinta.

X.

PIetra Scovina, natural de Padua, filha de Ugolino Scovino, e mulher de Firlateo, nobre Paduano, foy matrona, que floreceo em letras, e virtudes. Era frequente no estudo das sciencias, e artes liberaes, e adquirio naõ vulgar sabedoria.

XI.

PIlocrata, filha, e discipula do Filosofo Pythagoras, foy taõ douta, que se refere illustrara a doutrina de seu pay.

XII.

PArtemis, ou por outro nome Violantina Napolitana, mulher do famoso Stella, Poeta de Padua, foy na Poesia, e outras artes muito douta.

XIII.

POla Argentaria, Poetiza, e mulher de Lucano tambem Poeta muito celebrado, foy taõ diſcreta, e douta, que ajudou a ſeu marido nas emendas dos tres livros da guerra Fraſalica, acabando pela ſua morte com a meſma elegancia muitos verſos, que deixara imperfeitos. Caſou ſegunda vez com o Poeta Eſtacio, que tambem fez muitos verſos em ſeu louvor.

XIV.

PLacidia, filha do Emperador Theodoſio o Grande, ſendo priſioneira de Alarico, que ganhou Roma, como querem alguns Autores, e recebeo por mulher, ainda que outros digaõ, que fora de Ataulfo, que lhe ſuccedeo no Imperio, foy huma Heroína de taõ avultado juizo, que ſoube adquirir com induſtria dominio ſobre o coraçaõ de Alarico para vencer o penſamento, que tinha de deſtruir o Imperio Romano, que lhe ficou devendo a gratidaõ em mais larga eſcritura, recomendada memoria.

XV.

PORcia, Romana, filha de Cataõ, e mulher de Bruto, e celebre pelo amor, que teve a ſeu marido, foy muito douta na Filoſofia Eſtoica. Teve taõ extremoſo ſentimento na morte de ſeu marido, que deſejando matarſe, e vendo, que ſeus parentes lhe tinhaõ embaraçado, que pudeſſe valerſe do ferro, e do veneno, meteo na boca brazas acceſas, para o calor ſuffocar a reſpiraçaõ, e matar com hum fogo outro fogo, ſobrevivendo pouco tempo hum eſtrago a outro.

XVI.

PAulina, mulher de Seneca, foy tambem illuſtre exemplar do amor conjugal, porque mandando o Emperador Nero abrir as veas a ſeu marido, tambem Paulina mandou logo abrir as ſuas: mas o tyranno Emperador, para tirarlhe o goſto, e evitar a fineza de morrer juntamente, como diz Tacito, lhas mandou tapar com violencia; porém o tempo que ſobreviveo, foy huma continuada morte de triſteza, e melancolia.

XVII.

PAnthea, natural de Athenas, e filha de hum Cidadaõ, chamado Leos, teve por irmãas a Thiope, e Eubula igualmente illuſtres em beneficio da patria. Ouvindo que tinha declarado o Oraculo de Delfos, que a fome, que eſtava fazendo grande eſtrago em todo o Attico, naõ havia de ceſſar, em quanto algum Athenienſe naõ ſacrificaſſe ſeus filhos aos Deoſes; para lhe aplacar a ira, todas tres ſe offereceraõ a ſeu pay para ſerem as victimas, que pedira o Oraculo, e ſendo ſacrificadas, ceſſou a fome. Deraõ ſepultura a eſtas precioſas victimas no meyo da rua Seranica, e como a Deoſas lhe offereciaõ os Athenienſes ſacrificios todos os annos, pagando-lhe com gratidaõ igual a memoria de tanta heroicidade.

XVIII.

PAmfila, matrona Grega de naçaõ, e filha de Platea, eſcreveo huns Commentarios ſobre a Arte da Grammatica com muita erudiçaõ. Sinalou-ſe ainda mais pela invençaõ das ſettas, recolher o algodaõ, preparallo, tecello, e darlhe uſo.

XIX.

PAula Vicente, Heroína Portugueza, e filha do celebre Poeta Dragmatico Gil Vicente, ajudava a ſeu pay nas compoſições metricas, em que foy igualmente douta. Fallava muitas linguas, e entre outras obras de ſeu engenho, ordenou huma arte para os naturaes aprenderem a lingua Ingleza, e Hollandeza. Teve boa noticia da Architectura Civil, e as prendas de bordar, e pintar com igual primor, e perfeiçaõ.

XX.

PArtemia, natural de Cremona, e filha de Agoſtinho Galerato Doutor, foy mulher de Joaõ Bautiſta Mamoldi, Doutor em Leys, e muito celebre neſta ſciencia, em que Partemia naõ foy menos illuſtre, adquirio com ſeus eſtudos o gráo de Doutora. Eſta famoſa matrona venerada pelas virtudes, e letras, teve a grande poſteridade de ſeis filhos varões, que depois illuſtraraõ a aſcendencia, e a patria com dignidades pelas armas, e pelas letras.

XXI.

PAmphila Epidaura, natural do Egypto, e filha do famoſo Grammatico Soterido, foy celebre nas Filoſofias, mas de ſeita naõ conhecida. Eſcreveo oito livros de Meſcellanias, como diz Phocio na ſua Bibliotheca. Suidas ſóbe o numero a trinta e tres, além de hum Epitome de Direito Civil, outros de Hiſtorias, e Controverſias. Floreceo no Imperio de Nero, e pela conta de Phocio foy caſada com Socratides treze annos. Fez tambem em tres volumes hum Epitome das obras de Eteſias.

XXII.

PAnyperſebaſta, filha de Theodoro Methochita, Chancellario do Emperador Andronico o velho, foy de grande engenho, erudiçaõ, e eloquencia. Nicephoro Gregoras, que foy ſeu meſtre, eſcreveo deſta Heroína grandes Elogios. Na Filoſofia naõ teve ſeita, que ſeguiſſe; e dizem que o Emperador a caſara com hum filho de ſeu irmaõ, que depois foy coroado Ceſar, por nome Joaõ Panyperſebaſto, que por iſſo alguns Autores lhe chamaõ Emperatriz.

XXIII.

PRaxilea, natural de Sicyone, floreceo na Olympiada ſetenta e duas com grande reputaçaõ na Poeſia Lyrica pelo engenho, e felicidade, que teve. Dizem, que inventara certa compoſiçaõ de verſos, que chamaraõ Praxilianos, e que ainda exiſtem alguns, que mandara a hum mancebo por nome Calais. Tambem fez Odes excellentes.

XXIV.

PHyrne, mulher publica de Thebas, ſe fez illuſtre, e recomendada em muitos eſcritos por huma acçaõ, que deixou ſeu nome famoſo, riſcando a infamia de ſeu eſtado com a fama de reedificar à ſua cuſta as muralhas da Cidade, pelo intereſſe de lhe gravar eſta inſcripçaõ: *Alexandre as demolio, mas Phyrne, mulher publica, as reedificou.*

XXV.

PAula de Sá, Portugueza, e excellente Poetiza, eſcreveo muitas Obras, que ſe imprimiraõ debaixo de outro nome. Aprendeo a arte de Eſcultura, em que foy celebre pelas obras, e pelas linguas, que fallava com promptidaõ, e elegancia. Applicou-ſe à liçaõ das Hiſtorias, e teve boa erudiçaõ da Latina, e Romana.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra Q.

I.

QUENEDA,

Dama.

SERA' celebre para todos os ſeculos a heroicidade, com que mais ſe illuſtrou entre as Damas da Rainha de Suecia huma por nome Queneda pela acçaõ muitas vezes famoſa, com que arriſcou a vida em favor do perigo, em que ſe vio a infelice Maria Eſtuarda, e foy neſta ſubſtancia. Preza a Rainha pelos Vaſſallos rebeldes, como deixamos eſcrito, em o Caſtello de Levin, que governava o Con-

o Conde de Douglas, lhe fallou o filho do Conde, menino de poucos annos, dizendo: *Se V. Mageſtade deſeja livrarſe deſta prizaõ, neſte quarto ha huma porta, que vay para o Lago, eu entregarey a chave, havendo prompta alguma embarcaçaõ, em que fujamos por me livrar do caſtigo.*

Ouvio a Rainha o menino com admiraçaõ, e julgando-o por inſtrumento do Ceo no deſamparo, em que ſe via, lhe diſſe com affectos de agradecida: *Meu pequeno amigo, naõ convem commucar a peſſoa alguma o ſegredo, que me fiaſte, para que poſſa ter effeito, que ſe Deos permittir, que ſejas o felice inſtrumento da minha liberdade, prometto fazerte grande, como he o teu coraçaõ.* Começou a Rainha a traçar a fugida, valendo-ſe do engenho, e do juizo, de que era dotada, para aviſar o Viſconde de Solon de ſeus intentos, ſinalando-lhe o dia, e a hora de deixar a prizaõ, que paſſou neſta fórma.

Teve o filho do Conde naõ ſó induſtria para entregar a chave, mas ainda para ter prompta huma pequena embarcaçaõ, que havia no Lago, e a furto de ſeus pays, e criados com valor, e acordo de mayor idade, acompanhou a Rainha naquelle trabalho. Entraraõ no perigo ambos com animo varonil, porque tomando a Rainha hum dos remos, e vendo, que ao menino faltavaõ as diſpoſiçóes do corpo, e da idade para deſempenhar com as forças os esforços do coraçaõ, ſe valeo de ambos os braços para

ſe

ſe conduzir ao porto deſejado.

Ainda que a Rainha naõ fiou o ſegredo de Queneda huma das Damas, que lhe aſſiſtia, de taõ agudo juizo, como valente coraçaõ, ſuſpeitando a empreza lhe vigiava os paſſos, e logo que a vio naquelle grande trabalho, ſaltando pela janella ſobre o Lago, ſem temer o perigo, e com tanta fortuna, como heroicidade ſe deixou levar da corrente, até ferrar a embarcaçaõ. Com os braços lhe agradeceo a Rainha aquella heroica fineza, dizendo-lhe algumas palavras, que o ſuſto, e ſobreſalto fariaõ menos diſcretas, mas efficazes a crearlhe novas forças para lhe fazer companhia naquelle trabalho, que levaraõ ao fim chegando ao lugar, onde a eſperava o Viſconde com poderoſa eſcolta, e ſegura defenſa.

Naõ ſabemos ſe teve Queneda mayor demonſtraçaõ de premio da Rainha Maria Eſtuarda: mas ſendo taõ diſcreta, como virtuoſa matrona, lhe daria o valor de huma acçaõ illuſtre, que na poſteridade lhe adquirio mais eſclarecida nobreza, eſta particular memoria.

CATALOGO.

II.

QUITERIA Borges, natural da Cidade de Coimbra, e mulher de grande valor, com a noticia, que fora acclamado na Corte de Lisboa em Rey de Portugal o Sereniſſimo Duque de Bragança Dom Joaõ o IV. de feliz memoria, ſahio de caſa com admiraçaõ de todos, inveja de muitos, com huma eſpada núa em a maõ, dando vivas, e ameaçando de morte, os que naõ reconheceſſem, ou acclamaſſem o novo Rey. Naõ houve quem lhe diſputaſſe taõ heroica acçaõ, porque a ſeu exemplo ſe acclamou por todo o povo com demonſtrações de alegria, deixando neſta eſcaſſa memoria perduravel fama, illuſtre poſteridade.

III.

QUelonia, ou Chelonia, filha de Leonidas, Rey de Eſparta, foy mulher de Cleombroto, que por força de armas uſurpou o Reyno ao ſogro, que mandou para hum deſterro: porém a generoſa Princeza acompanhando o pay na diſgraça, deixou o marido na felicidade da Coroa.

Paſſado

Paſſado algum tempo, que a fortuna voltou a roda, ſobindo Leonidas outra vez ao throno, Quelonia abandonou o pay para viver com ſeu marido no deſterro. Admirou-ſe Plutarco do heroiſmo deſta illuſtre Grega, dizendo, que fora Cleombroto no deſterro mais felice, que no throno ſem Quelonia: e nós dizemos, que naõ conheceo Cleombroto outra felicidade, mais que os dias, que teve por mulher a Quelonia, nem padeceo mayor diſgraça no deſterro, que no throno.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *R.*

I.

RENATA DE FRANÇA, Princeza.

ILLUSTROU com ſeu naſcimento a Cidade de Ble em vinte e cinco de Outubro de mil e quinhentos e dez a Princeza Renata de França, Duqueza de Ferrara, e filha de Luiz II. e Anna de Bertanha, Reys de França, a quem deveo grandes cuidados na educaçaõ pela viveza de engenho, e claro juizo, que moſtrou da primeira idade, dando-lhe meſtres, e livros para ſe doutrinar nas bellas letras.

Foy

Foy Princeza de grandes prendas, e ſabedoria; porque era taõ natural a inclinaçaõ, que teve para as ſciencias, e artes liberaes, que facilmente adquirio a intelligencia das linguas, vencendo o engenho, e o juizo a idade, e o eſtudo.

Logo ſe enriqueceo de muitas noticias, adquiridas no eſtudo das ſciencias, e liçaõ das hiſtorias, em que foy muito verſada, e erudíta. Aprendeo as Mathematicas, Aſtrologia, e Filoſofia, e outras artes, que merecidamente lhe adquiriraõ o nome de douta, fazendo-ſe mais celebre pela nobreza da ſabedoria, que pelo Real ſangue da aſcendencia.

A fama de ſuas prendas a fizeraõ pertendida de muitos Principes da Europa; e ainda que ſe prometteo a Carlos de Auſtria em mil e quinhentos e quinze antes de ſer Emperador de Alemanha, naõ teve effeito por algumas particulares razões de Eſtado, que tambem houve para ſe negar depois de alguns annos a ElRey de Inglaterra. Pela morte de Luiz II. e reynado de Franciſco I. ſe ajuſtou o caſamento de Renata com Hercules de Eſt II. Duque de Ferrara, matrimonio, de que naõ houve poſteridade.

Naõ deixou os eſtudos com o novo eſtado; mas antes ſe deu com mais applicaçaõ a entender as queſtões de Theologia mais difficultoſas, e controvertidas nas Eſcolas, empenho, que a fez cahir inſenſivelmente na hereſia. Paſſou Calvino disfarçado de França para Italia, e diſpoz facil-

facilmente o juizo da Duqueza para crer os erros de ſuas falſas, e hereticas opiniões, achando-a duvidoſa na intelligencia de alguns preceitos, confirmando-a Merot, que lhe ſervia de Secretario, na crença do Calviniſmo.

Pela morte do Duque voltou a França, que naquelle tempo ardia em huma viva guerra pela Religiaõ, e deu boas notas de ſeu animo, e firme entendimento. Retirada para o Caſtello de Montargis, fugindo às perturbações da Corte, nelle ſe refugiaraõ alguns ſedicioſos, que mandou ſitiar o Duque de Guiſa, ſeu genro, para os deixar prender; porém a Princeza lhe reſpondeo aſperamente, dizendo: „ Que as peſſoas de ſua „ qualidade ſabiaõ defender, os que buſcavaõ a „ ſua protecçaõ: Que mandaſſe bloquear o Caſ„ tello, que ſe queria pôr na brecha, para que „ foſſe peſſoal a defenſa, por ver ſe paſſava o ſeu „ atrevimento a matar huma Princeza de França.

Com a repoſta mandou o Duque levantar o cerco, vendo empenhado o ſangue, e o reſpeito da Princeza, que veyo a morrer em mil e quinhentos e ſetenta e cinco, contando de idade ſeſſenta e cinco. Erigio nobres edificios, que ficaraõ por illuſtres padrões da ſua liberalidade na breve memoria, que damos aqui a ler em beneficio de ſuas acções illuſtres, que ſeriaõ em mais creſcido numero; porém a patria ſempre ingrata aos filhos benemeritos, ſepulta com os cadaveres as heroicidades.

RU-

II.

RUFINA, E SEGUNDA, Romanas.

COrriaõ os annos de duzentos e ſeſſenta e nove, governando o Imperio Romano Valeriano, e Galieno, e a Cadeira de Saõ Pedro o Papa Eſtevaõ I. do nome, quando floreciaõ em letras, e virtudes Rufina, e Segunda, donzellas Romanas, e filhas de Aſterio, e Aurelia, que na perſeguiçaõ da Igreja, gozando a palma de Virgens, mereceraõ pela Fé a coroa de Martyres. Eraõ eſtas duas irmãas igualmente doutas nas letras humanas, que aprenderaõ logo da primeira idade, como antiquado coſtume entre os antigos Romanos, que tiveraõ a ſabedoria por diſtincçaõ da nobreza, ſendo nos homens, e nas mulheres de mayor qualidade razaõ de eſtado, argumento de grandeza.

Doutrinadas na Ley Euangelica verdadeira, e Catholica Filoſofia, ſe applicaraõ depois do bautiſmo à liçaõ da Eſcritura Sagrada; e colhendo, como diligentes abelhas, o ſucco de tantas flores, quantas ſaõ as virtudes, de commum acordo determinaraõ guardar perpetua caſtidade para merecerem o titulo de Eſpoſas de Chriſto. Eſte novo eſtado de perfeiçaõ Euangelica, ainda deſ-

conhecido

conhecido entre a barbara gentilidade dos Romanos, ſe accuſou no tribunal de Donato, Prefeito, ou Governador da Cidade, que logo prendeo as ſantas irmãas Rufina, e Segunda.

Sem attençaõ à nobreza foraõ levadas a huma prizaõ publica, e depois à preſença de Donato, que pertendeo perſuadillas a deixarem pelo matrimonio a virgindade, pela Ley de Chriſto a falſa adoraçaõ dos Deoſes. Com a repoſta de Rufina, que foy a primeira, que entrou no tribunal, ſe accendeo o Juiz em colera, e tyrannia, vendo, que a Santa com diſcriçaõ, e agudeza lhe moſtrava falſas as razões, e enganoſos os fundamentos, dizendo-lhe: „ Que os ſeus „ conſelhos ſe encontravaõ com a promeſſa, que „ lhe fazia de huma vida dilatada para gozar das „ delicias do matrimonio, quando naõ tinha certeza de chegar ao outro dia; que por iſſo a „ morte ſe pintava com fouce, porque igualmen- „ te cortava pela vida em todas as idades.

Largo tempo durou a competencia entre perguntas, e repoſtas, que ſuſpendeo o tyranno, mandando-a atormentar na preſença da irmãa, que lhe fallou com igual reſoluçaõ, e diſcriçaõ, neſta ſubſtancia: „ Se naõ ignoras, accelerado Juiz, „ que o naſcimento nos fez irmãas, e a Fé com- „ panheiras na Religiaõ, para que me uſurpas a „ felicidade de lhe fazer tambem companhia no „ Martyrio? Pois acaba de entender, que aſſim „ glorificas a Rufina, e honras a Segunda; que o

„ ſangue naõ ha de ſer menos illuſtre nas veas
„ abertas, que fechadas: e quem deſeja a ſeme-
„ lhança, naõ deſmerece a igualdade. Applica,
„ applica tormentos ſobre tormentos, para que
„ ſeja mais dilatado, e mais glorioſo o noſſo Mar-
„ tyrio, que pelos açoutes, pelo fogo, e pela eſ-
„ pada ſe ha de pezar a noſſa coroa, ſe ha de me-
„ dir a noſſa palma.

Logo foraõ levadas a huma prizaõ immunda, e eſcuriſſima, e lhe mandaraõ queimar eſterco para com o fumo, e fedor ſerem atormentadas, invençaõ nova para martyrizar o ſexo, que mais uſa dos prefumes, a nobreza que mais ſe alinha dos enfeites. Porém trocados os effeitos pelo autor das virtudes naturaes, illuminava a prizaõ huma brilhante luz, reſpirando ſuaviſſimas fragancias; e deſeſperado o tyranno com a noticia do milagre, mandou por ultima ſentença, que deſpidas, e atadas a huma grande pedra, foſſem lançadas no Rio Tibre, que as eſcondeo aos olhos dos Romanos, que acodiraõ a preſenciar o Martyrio, depois admiraraõ o triunfo.

Meya hora durou o eclipſe das aguas, em quanto ſe veſtiaõ as duas Virgens do adorno, que era natural ao ſexo, e logo appareceraõ vivas, e compoſtas aos meſmos olhos, ſem leſaõ, e com alegria, cantando a Deos a gloria do triunfo, a excellencia de taõ illuſtre prodigio. Achava-ſe Donato auſente da Cidade, porém Archiſeláo, ſeu

ſeu companheiro, e igual tyranno, ouvindo referir o milagre, as ſentenciou á morte, e foraõ degolladas aos dez de Julho, que he o dia ſinalado no Martyrologio Romano, em que celebra a Igreja ſeu feliciſſimo tranſito. Plantina, matrona Romana, recolheo os cadaveres, que ſepultou honorificamente, e ſe guardaõ com veneraçaõ, e cultos de Santas na Igreja de S. Joaõ de Latraõ, junto do Bautiſterio.

III.

DONA ROSA MARIA.

CRia o Sol nas minas de Portugal naõ ſó o ouro em abundancia, e a riqueza em vea, mas tambem influe em ſeus naturaes o valor ſem differença de ſexo, como ſe fez reſpeitar em Dona Roſa Maria de Sequeira, filha de Franciſco Luiz Caſtello-Branco, e de Dona Iſabel da Coſta de Sequeira, da Cidade de Saõ Paulo, na batalha naval, em que ſe achou, deixando envergonhados os puſillanimes, invejoſos os valentes. Referirey o combate, que teve a náo Noſſa Senhora do Carmo, e Santo Elias, na viagem, que fez da Cidade do Salvador, e Bahia de Todos os Santos para a Cidade de Lisboa nos primeiros dias do mez de Dezembro de mil e ſetecentos e quatorze, como achey eſcrita em huma fiel Relaçaõ, veriſimel eſcritura.

Partio eſta náo de licença, trazendo importante carga de aſſucar, tabaco, e ſola, e entre o numero de paſſageiros algumas peſſoas de diſtinçaõ, como era Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que acabava de Governador das Minas, e o Deſembargador Antonio da Cunha Souto-Mayor, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, com ſua mulher Dona Roſa Maria de Sequeira, natural da Cidade de Saõ Paulo, em que fora ſeis annos Sindicante. Chegando a náo com feliz viagem à coſta de Lisboa, quinze legoas ao mar das Berlengas, aviſtaraõ pela madrugada de huma Terça feira, dia de Saõ Joaquim, em que ſe contavaõ vinte de Março de mil e ſetecentos e quatorze, tres navios de Argel, Capitania, Almiranta, e Fiſcal, jogando a primeira cincoenta e duas peças; a ſegunda quarenta e quatro, e a terceira trinta e ſeis. O numero da gente era proporcionado ao poder dos navios, que traz a corſo eſta barbara naçaõ, havendo ſó no Portuguez vinte e oito peças, e cento e dezanove peſſoas entre homens, mulheres, e meninos, e poucos mais de noventa capazes de tomar armas.

Reconhecidos por Coſſarios Argelinos, naõ perdeo o Capitaõ Gaſpar dos Santos Negreiros o acordo para uſar com Antonio de Albuquerque da politica de lhe ceder o lugar naquelle perigo, offerecendo-ſe para ganhar a honra de ſeu ſoldado, mas naõ aceitou, dizendo: „ Que naõ tira-

„ va

„ va a gloria do vencimento, a quem lhe dava
„ taõ illuſtre principio com aquella acçaõ: Que
„ da milicia do mar naõ tinha experiencia: Que
„ eſtava prompto a obedecer, e peleijar em ſer-
„ viço do Rey, e da Religiaõ. Logo ordenou
o Capitaõ, o que era neceſſario fazer prompto
para a defenſa com valor, e diſciplina; e come-
çando o combate pelas ſete horas da manhãa com
grande eſtrondo, e horror, que faziaõ as vozes,
e os tiros; Dona Roſa com deſtemido coraçaõ
animava a huns, e ſoccorria a outros com pol-
vora, armas, e inſtrumentos neceſſarios à peleija.

Alguns homens, que vinhaõ prezos pelo tri-
bunal da Inquiſiçaõ, temeroſos da morte, ou do
caſtigo, accuſavaõ o Capitaõ de temerario, dizen-
do: „ Que naõ era valor, nem prudencia acei-
„ tar a batalha com deſigual partido: Que a de-
„ fenſa paſſava a temeridade, quando ſe naõ po-
„ dia duvidar do vencimento; e que era melhor
„ entregar a náo antes do eſtrago, que depois da
„ vitoria, em que naõ haveria quartel, porque
„ os Mouros caſtigariaõ com as vidas de todos a
„ culpa de hum ſó: Que o Capitaõ peleijava mais
„ pela fazenda, que pela liberdade. Ouvio Do-
na Roſa a pratica dos Judeos, e começou a dar
vozes contra os inimigos da Fé, aconſelhando a
todos, que morreſſem na empreza primeiro,
que entregar a náo, e a liberdade; que ajudaria
a defenſa como qualquer homem, deixando o
traje de mulher com reſoluçaõ taõ heroica, e taõ

va-

valente, como deſempenhou em todos os combates ſem horror dos mortos, e feridos.

Na mayor força da batalha, que ſe acabou com o dia, deſtemperava as peças com tanto valor, que eſtando o Condeſtavel atacando huma junto de Dona Roſa, perdeo a cabeça, que lhe levou huma bala; e ſem temor, ou aſſombro lhe deu logo fogo, ficando no meſmo lugar, e exercicio, em quanto naõ foy provído de artilheiro. Ao trabalho do dia ſe ſeguio o da noite, depois que a gente amortalhou os defuntos, e curou os feridos, deſcançando o breve tempo, que era preciſo para cobrar as forças com o ſuſtento: e como ſe tinhaõ acabado os cartuxos da polvora, os homens acodiraõ a repairar a náo, e Dona Roſa com duas negras, e duas velhas Judias, que pouco trabalharaõ, fizeraõ naquella noite trezentos cartuxos, eſperando (como tiveraõ no ſeguinte dia) nova batalha, mayor vitoria.

Nem houve trabalho, nem perigo, em que Dona Roſa naõ foſſe a primeira em arriſcar a peſſoa, e a vida; porque naõ ſó ajudava o eſforço alheyo, mas tambem com a gente do mar arreava os cabos, e fazia outros ſemelhantes exercicios com admiraçaõ de todos pelo ſexo, e pela idade, porque neſta viagem completou dezanove annos. Para ſe apagar hum incendio ateado na véla do eſtay grande pela diſgraça de arrebentar huma granada, deſpindo todos as camiſas,

misſas, e veſtidos, acodio tambem com as ſuas roupas, chegando a deſpojarſe da propria anagoa; e com a boa diligencia, e animo, que dava a todos ſe extinguio o fogo, e meteo outra véla grande á viſta do inimigo, que eſperava differente ſucceſſo, mayor diſgraça.

Fizeraõ os Mouros todos os bons officios de ſoldados para renderem a náo, que davaõ por queimada, mas logo que a viraõ marear com outra véla deſmayaraõ da empreza, e já com remiſſa obediencia voltaraõ a darnos a ultima carga de artilharia, e moſquateria, acabando a batalha com a noite, o perigo com a retirada. Para ſe explicar melhor o perigo, e o valor dos defenſores, baſta dizer, que foraõ nove vezes abordados pelos Mouros, lançando-lhe gente dentro, mas ſempre com a meſma fortuna; porque todos acabavaõ na reſiſtencia, ou na fugida, cahindo ao mar: e donde buſcavaõ a ſalvaçaõ, encontravaõ mais inſtantaneo o perigo, naõ achando diſtancia entre a morte, e a ſepultura.

Era para admirar o valor de Dona Roſa, que em nenhum perigo, e trabalho ſe achou menos; e quando os Mouros depois do eſtrondo dos tiros davaõ a ſorriada das vozes, dizendo: *Amaina canalha*, reſpondia: *Sempre viva a Fé de Chriſto*; e animando os companheiros com ſeus brados, e esforço, humas vezes os ſervia adminiſtrando as armas, outras os remedios. Algumas vezes ajudou o Cirurgiaõ na cura dos feridos,

dos, porque eraõ muitos, e naõ podia facilmente remediar a todos. Em hum dos combates atou com ligaduras hum braço, que vio quebrado a hum homem, que peleijava junto de Dona Rosa; e a hum Clerigo da Ilha da Madeira ferido em huma face, que huma bala de mosquete lhe rompera, acodio com semelhante beneficio, vedando-lhe o sangue com chumaços de panno, até que o Cirurgiaõ podesse applicarlhe conveniente remedio.

Passando a noite em trabalhos, e disposições para no dia seguinte continuar a peleija, como esperavaõ do inimigo, com ventagem de poder taõ superior; logo de madrugada notaraõ pela distancia, que naõ queriaõ arriscarse em nova batalha temerosos, ou destroçados: porém o Capitaõ mandou marear a náo como quem esperava o conflicto, naõ temia perder a vitoria. Refrescou o vento para todos, e se foraõ retirando com alegria nossa, deixando-nos com a perda de quarenta e huma pessoas entre mortos, e feridos, sendo taõ desigual a força, e o poder, que pareceo milagre naõ ficar a náo rendida, e os defensores huns mortos, outros prisioneiros.

Com a retirada deraõ logo graças ao Senhor das vitorias, que lhe deu valor para triunfarem dos inimigos da Fé; e voltando a buscar a barra de Lisboa, chegaraõ vitoriosos, e alegres a tomar porto com feliz successo aos vinte e dous de Março de mil e setecentos e quatorze. Perderaõ

raõ os Mouros mais de duzentos homens, e foy mayor o numero dos feridos, como depois affirmaraõ alguns cativos Chriſtãos; e huma das tres náos, que na força de hum combate deſalvorou da verga do traquete, foy taõ deſtruida, que a fizeraõ varar em terra.

A' viſta do eſtrago, e poder do inimigo ficou mais illuſtre a vitoria, e o valor de Dona Roſa, que foy hum dos inſtrumentos felices, que ajudaraõ, ſe naõ deraõ à Fé aquelle triunfo, à naçaõ aquelle vencimento. Porque naõ cahiſſe na diſgraça dos benemeritos, que a patria com ingratidaõ ſepulta a memoria com as acçoens, mendigámos, o que deixamos referido em beneficio de ſua heroicidade, dando-lhe neſte Theatro o lugar, que lhe adquirio o merecimento, tributa noſſa gratidaõ.

CATALOGO.

IV.

ROSUITA, nobre donzella de Saxonia, Cidade de Alemanha, e depois Religioſa no Moſteiro de Gandeſteim, foy de elevado engenho, e admiravel doutrina. Teve boa intelligencia das linguas Grega, e Latina, que fallava com facilidade, e promptidaõ,

e grande noticia da arte Poetica, e algumas ſciencias, que aprendeo, como ſe vé ainda nos muitos eſcritos, que deixou em proſa, e verſo, taõ excellentes, e erudítos, que lhe pedio o Emperador Othon II. eſcreveſſe a vida de Othon I. Eſcreveo algumas Obras Hiſtoricas, como foraõ as acções de Saõ Gangolfo, e de outros Santos de ſua devoçaõ. Com outros muitos verſos eſcreveo ſeis Comedias. Em louvor de Noſſa Senhora hum livro em verſo Hexametro; e outro em verſo Eligiaco do Martyrio de Saõ Diniz, e de Saõ Placido, com outras Obras, que Celto mandou imprimir em Nuremberg no anno de mil e quinhentos e hum, mais de quinhentos depois de ſua morte, que he grande argumento do ſeu juizo, e diſcriçaõ.

V.

RENATA du Bec Mareſcala de Guebriant, e filha de Renato du Bec, Marquez de Vardes, illuſtre familia de França, Cavalleiro das Ordens delRey, e Governador de la Capelle, foy de taõ eminente capacidade, que ſe lhe entregou a educaçaõ de Maria Gonzaga. Eſta Princeza recebida por procuraçaõ em Pariz com ElRey de Polonia, acompanhou Renata até Varſovia, reveſtida do noviſſimo caracter de Embaixatriz Extraordinaria, de que era digna pelo grande entendimento, de que era dotada, e ſe fez bem recebida

da na Corte esta promoçaõ do Cardeal Mazzarino, e da Rainha Anna de Austria. Foy Renata mulher do Conde de Guebriant, Mareschal de França, matrimonio de que naõ houve posteridade; morrendo esta Heroína em Perigueux repentinamente no anno de mil e seiscentos e cincoenta e nove; e Joaõ de Laboreùr, Senhor de Bleranval na Relaçaõ da viagem da Rainha de Polonia, descreve copiosamente as prendas desta matrona.

VI.

ROsalda Cariera, natural de Veneza, nasceo em mil e seiscentos e setenta e oito, e vive em companhia de huma irmãa de igual virtude. Aprendeo a debuxar com Joseph Diamantino, e tem chegado a tal excellencia na Miniatura, que foy admittida solemnemente na Academia de S. Lucas de Roma, e resistada no Catalogo dos Academicos. Naõ se conhece quem lhe faça ventagem neste genero de Pintura; e passando a França por empenhos do Duque Regente, adquirio com grande estimaçaõ muita riqueza, e mayor fama.

VII.

ROsa Soares, filha de hum Vianez por nome Antonio, e de Maria Soares, naturaes da mesma Villa da Provincia de entre Douro, e Mi-

nho, floreceo pelos annos de mil e ſetecentos e hum, e foy matrona de grandes prendas, como publicaõ ſeus eſcritos em às Notas, com que illuſtrou os Poetas Latinos Virgilio, Lucano, e Horacio. Ordenou na lingua Portugueza hum livro de folio, com o titulo: *Glorias de Portugal.*

VIII.

DOna Roſa Maria Clara de Lima, donzella Portugueza, e huma das mais diſcretas Damas da Corte de Lisboa, onde naſceo, era filha de Miguel da Sylva de Lima, e de Dona Jozefa Roſa. Moſtrou dos primeiros annos taõ agudo engenho, e tenacidade de memoria, que ſeus pays lhe deraõ logo meſtres, de quem aprendeo com facil applicaçaõ as linguas Latina, Italiana, Franceza, Alemãa, e Ingleza. Na Muſica, e inſtrumentos teve conhecida ventagem entre todas as Heroínas, que floreceraõ; adquirindo em quinze annos de idade perfeiçaõ na arte de pintar, e bordar. Quando promettia mayores progreſſos nas letras, faleceo em dezaſeis de Dezembro de mil e ſetecentos e trinta e tres.

IX.

DOna Rita Joanna de Souſa, natural de Olinda, Cidade Capital de Pernambuco, e filha do Doutor Joaõ Mendo Teixeira, ſe fez recomendada

mendada na poſteridade pelas obras de ſeu juizo, e engenho. Na arte da Pintura os meſtres, que naõ excedeo, igualou. Na Filoſofia natural eſcreveo diverſos Tratados, e na liçaõ das Hiſtorias foy taõ applicada, que revolveo as de Eſpanha, e França. Faltou-lhe a vida na melhor idade para ſeus eſtudos, falecendo de vinte e tres annos e alguns mezes, em mil e ſetecentos e dezanove.

THEA-

THEATRO HEROINO, E ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra S.

I.

SEMIRAMIS, Rainha.

HA grande variedade entre os Autores, que eſcreveraõ as acçoens illuſtres da famoſa Semiramis, Rainha da Syria, e mulher de Nino, ſobre a certeza de ſeu naſcimento, dando-lhe por mãy a Decerta, ou Teara por outro nome, a quem os Syrios adoraraõ por Deoſa. Tambem a fazem filh ade pays incertos, e achada pelos Paſtores junto de hum Lago da Syria, perto da Cidade de Aſcalon,

Afcalon, e refere-fe o cafo nefta fubftancia: Que vendo alguns paftores o concurfo numerofo de aves, que fe ajuntavaõ no Lago, e as repetidas vezes, que fobiaõ, e defciaõ; levados de huma curiofidade, que pareceo myfteriofa, acharaõ a menina Semiramis, que levaraõ logo a Symma, Prefidente, ou Governador dos paftores delRey Nino.

Eraõ pombas as aves, que a fuftentavaõ junto do Lago, que na lingua Syriaca fe chamaõ Simiramides, e lhe deraõ o nome de Semiramis; mas, ou feja vocabulo impofto, ou corrupto, naõ he fabulofo, como parecem as circunftancias, que fizeraõ feu nafcimento celebre, pregoaõ myfteriofo. Affirma-fe, que fahira do ventre de Decerta com hum vigor taõ varonil, que fendo nas crianças natural ter medo à luz, olhara logo fixamente, e já mais chorara; antes com hum forrifo agradavel alegrara a trifteza da mây com admiraçaõ dos que a viaõ entrar no Mundo, fem render à dor tributo, ao defterro homenagem.

Crefcia Semiramis em vigores, e perfeições com ventagem aos annos, fem deixar conhecer fe excedia à fermofura do efpirito a do corpo; fendo naõ menos difficil defcobrirlhe o genio, porque fem differença ufava igualmente do capacete, e da efpadá, do efpelho, e do pente. Naõ havia gentileza, que naõ fizeffe com arte, e fem meftre; nem houve fermofura, que lhe fizeffe

com-

competencia, porque logo que Memnon, Governador da Syria, e Mordomo môr delRey Nino vio a Semiramis, lhe deu a maõ de eſpoſo, matrimonio, que teve a fecundidade de dous filhos varões Idaſpo, e Japeto.

Paſſados alguns annos fez Ninò guerra a Zoroaſtes, ſitiando-lhe a Cidade de Baetra, que ſe defendeo por muito tempo valeroſamente. Memnon, que era valído, e ſe achava no exercito acompanhando o Rey empenhado na empreza, como vio dilatar a campanha, ſaudoſo de Semiramis, a mandou conduzir ao exercito; e como era bellicoſa, e guerreira, notando (como eſcreve Sabelico) a fraqueza da muralha por huma parte, mandou eſcalar o muro: porém outra memoria refere, que dera induſtria, e traça para ſe conſeguir a conquiſta, alcançar a vitoria.

Aqui teve origem a diſgraça de Memnon, porque Nino vendo a Semiramis namorado de tanto valor, e fermoſura, lhe dava por mulher a Infanta ſua filha, por nome Solana; mas de ſentido cahio na loucura de enforcarſe, deixando nas mãos da morte a vida, nas do Rey a honra. Ficou Semiramis viuva, e livre para ſe deixar pertender de hum Monarca, que lhe offerecia a coroa de hum Imperio. Celebrou-ſe o caſamento de Semiramis e Nino, com grandeza, e alegria dos conſortes, que ſó tiveraõ a poſteridade de hum filho, chamado Zameis Ninias, que alguns fazem morto logo da primeira idade, outros

Zz que-

qüerem, que fosse instrumento fatal da morte de sua mãy em tempo do Patriarca Abrahaõ, havendo reynado quarenta e dous annos, que gastara em torpezas, e se fizera illustre com vitorias.

Escrevem, que pagara à mãy com a ferida de hum punhal o amor, com que lhe dera hum osculo por castigo da lascivia; ou da traiçaõ, com que prendeo, e matou seu pay ambiciosa de reynar independente: ainda que Paulo Orosio, e outros referem, que morrera combatendo huma Cidade, pelos annos do Mundo de mil e novecentos e quarenta e oito, que he o segundo do nascimento de Abrahaõ, havendo reynado cincoenta e dous annos. Mas entre as confusas noticias se tem por certo, que no reynado de Semiramis se dilataraõ tanto os dominios deste Imperio com a conquista da Ethiopia, e outros Reynos Orientaes, que excedeo em armas, vitorias, e riquezas a todos os Monarcas do Mundo.

O valor, e sciencia militar de suas acçoẽs lhe deu tanta reputaçaõ, que o mesmo Cyro naõ costumando admirar mais, que a sua grandeza, se assombrou com a relaçaõ, que lhe fez hum Macedonio das façanhas, que obrava, das vitorias, que repetia. Deu-lhe mayor nome entre os inimigos de sua grandeza a de Babylonia, estando retirada em hum castello: porque tendo noticia de se haver rebellado esta Cidade na occasiaõ, em que só tinha concertado huma parte de seus cabellos, deixando solta a outra parte, vestio as armas,

armas, montou acavallo, e marchando na testa de suas tropas, sitiou os inimigos, rompeo os muros, e conseguio a vitoria.

O estrago igualou o vencimento, porque ficaraõ mortos a mayor parte dos rebeldes. Aqui lhe erigiraõ huma grande estatua, vestida de armas, e ametade de seu cabello apanhado em huma trança, como sahira a peleijar, querendo encarecer o valor daquella acçaõ, que se naõ lé de outra mulher, e mais sendo Rainha, e presumindo de fermosa, deixarse ver em Babylonia a mayor, e mais populosa Cidade do Mundo, faltando-lhe aquella composiçaõ, de que se preza o sexo, mais adorna a fermosura.

Foy esta Cidade fundaçaõ de Nembrod, Cabeça, e Metropoli do Reyno de Caldea, que a valerosa Semiramis conquistou, e accrescentou, devendo-lhe a fama, com que seus muros entraraõ na posteridade em o numero das sete maravilhas. Era situada na ribeira do Rio Eufrates, que deu nome às duas Provincias de Caldea, e Mesopotamia. Aqui foy o lugar da Torre de Babel, que a Providencia destruïo pela confusaõ das linguas; e crescendo a Cidade populosa, conservando o nome de Babylonia, se estende por huma planicie dilatada pelas margens do Eufrates, que a ferteliza, divide, e corta pelo meyo.

Reparou Semiramis a Babylonia de algumas ruinas, mandando-lhe erigir para defensa, e mayor fermosura huma quadra de muros de ladri-

 lho,

lho, que ſe fabricavaõ de terra, e certo betume, chamado Asfalto, que ſe cria no Rio Is, oito jornadas deſta Cidade. Sóbem a diſtancia deſta quadra a ſeſſenta mil paſſos, ou eſtadios, dando-lhe duzentos pés de alto, e cincoenta de largo; e a differença, que ſe encontra nas medidas de tanta grandeza entre os Autores, que a deſcrevem, teve origem de contarem huns por paſſos, outros por eſtadios.

O certo he, que eraõ taõ ſoberbos na grandeza, que emparelhavaõ ſobre os muros ſeis carroças, tiradas por cavallos. Havia muitos jardins ſobre abobadas, e arcos, chamados Penſiles, com arvores de extraordinaria grandeza, e fermoſura. Torneava toda a muralha huma grande cava de agua para defenſa dos muros, e da Cidade, para ſe naõ alagar nas creſcentes do Inverno, e ſe lhe dava entrada, e ſahida por cem portas de bronze. O Caſtello, ou Torre da Cidade era de oitenta eſtadios em quadro, com portas de metal, que davaõ ſerventia a ſete batarias de altura, para defenſa da oitava, que era hum magnifico Templo de Jupiter Bello, pay do Rey Nino. Porém o mayor encarecimento da grandeza de Babylonia, refere Ariſtoteles, dizendo, que entrando o Rey Cyro neſta Cidade por força de armas por huma parte; paſſados tres dias ſe ſoube da outra parte, que eſtava rendida, e conquiſtada.

Como reynava no animo de Semiramis a ambiçaõ

biçaõ de mayor gloria, mandou fabricar huma eſtatua de pedra, que tinha de largura mais de dous mil paſſos no monte Bagiſtodeo de Media, cortando o meſmo monte à maneira de eſtatua, e mandando arraſar outros, para que os caminhos foſſem mais praticaveis. Neſte Coloſſo ſe admiravaõ mais de cem Monarcas, que lhe rendiaõ homenagem de joelhos, offerecendo-lhe donativos. Tambem ſe refere, que do mar Mediterraneo fez conduzir em carros até o Rio Ganges, ou Indo dous mil navios, de que foy inventora, com que venceo em batalha naval o Rey Eſtaurobates.

O engenho foy de tanta agudeza, que lhe devemos o ſingular invento da moeda, ſendo tambem a primeira, que lhe mandou gravar a imagem para ſer Idolo de todo o Mundo, como era Idolatra da propria fermoſura, que lhe deu o Sceptro, ſeu valor, e juizo ſegurança no throno. Anticipou o Mauſoléo à morte, que foy pelos annos do Mundo dous mil e trinta e oito, mandando-lhe gravar com letras de ouro, o ſeguinte Epitafio:

Aquelle Rey, que tiver falta de dinheiro, abra eſta ſepultura, e achará quanto quizer.

Com o cadaver mandou depoſitar huma lamina de chumbo com eſta inſcripçaõ: *Se tu naõ foſſes o peyor, e o mais avarento dos viventes, naõ haverias*

verias perturbado o descanço dos mortos. Esta reprehensaõ levou o Rey Dario, enganado com o Epitafio, perdendo muito da reputaçaõ por ambicioso; porém achou na sepultura o mayor desengano da vaidade, que escondeo aos olhos do Mundo a mayor soberba, a mais deploravel fermosura, por viciosa, a mais illustre Heroína, por guerreira, discreta, e magnanima.

II.

SOFONISMA.

DEu a Cremona, Cidade da Lombardia na Italia, mais explendor com seu nascimento, e acções illustres, a nobre, e engenhosa Sofonisma, que os naturaes, querendo attribuir a sua fundaçaõ ao Grego Hercules, quando passava a Espanha, ainda que se jactem, que lhe deixara em o nome de Troya brazões de antiguidade, no fundador appellidos de nobreza. Amilcare Angosciola, e Branca Ponzona se chamaraõ seus pays, que eraõ igualmente nobres, e naturaes da mesma Cidade, oriente de tantas prendas, berço de tanta fermosura.

Esmaltou a nobreza do sangue, adquirindo nome de illustre nas letras, e nas artes liberaes da Musica, e da Pintura, que logo dos primeiros annos lhe mostrou natural inclinaçaõ; e com tanto excesso venceo o engenho a idade, que em breve

breve tempo ſe adiantou a todos os Pintores daquelle ſeculo, principalmente nos retratos, ſendo Italia, e Roma a patria, onde florece a pintura, e ſe eſtima a arte. Todos os Principes de Veneza, Urbino, e Ferrara empenhavaõ as peſſoas grandes de Cremona, para conſeguirem do pay de Sofoniſma alguma pintura de ſua maõ pela ſingularidade.

Chegou à Corte de Eſpanha o pregaõ de ſua fama, e Filippe II. que entaõ reynava, procurou que ſeu pay a conduziſſe a Madrid em mil e quinhentos e cincoenta e nove, ordenando ao Duque de Seſſa, Governador de Milaõ, lhe fallaſſe, offerecendo-lhe para Sofoniſma hum lugar entre as Damas da Rainha Iſabel de França. Aceitou o pay a honra, que lhe offerecia a Mageſtade Catholica; e com outros Fidalgos parentes conduzio Sofoniſma ao Reyno de Milaõ, e aqui ſe achou indiſpoſta por alguns dias, ou foſſe trabalho da jornada, que ſe fez por conta, e deſpeza Real, ou eſtranhar a mudança do clima.

Foy logo viſitada pelo Duque Governador, que da parte delRey de Eſpanha lhe expoz o goſto, com que eſtava de ver as ſuas obras, premiar o ſeu merecimento, admittindo-a no ſerviço da Rainha. Obrigou-ſe tanto Sofoniſma da cortezia do Duque, que logo que ſe achou melhorada, lhe tirou o ſeu retrato com tantos primores, que o original ſó lhe excedia no eſpirito; e o Duque lhe fez preſente de quatro peças

de

de borcado de varias cores, que ſe cortaraõ em galas, e veſtidos para entrar na Corte. Partio pouco depois acompanhada de dous Fidalgos ſeus parentes, duas Damas, e ſeis criados; e chegando a Madrid, foy recebida pelo Rey, e pela Rainha com demonſtrações de goſto, affectos de muito agrado, e alegria.

Ficou logo em Palacio no quarto, que lhe eſtava aparelhado; e paſſando alguns dias, que teve de ocioſa para ſe fazer domeſtica, retratou a Rainha, ficando tanto ao natural, que naõ havia mais, que a differença, que diz o adagio, de vivo a pintado. Satisfez inteiramente o goſto da Rainha com tanto exceſſo, que lhe adquirio novas honras, e eſpecial tratamento, merecendo o emprego de Aya da primeira filha, que teve.

Com igual perfeiçaõ, e admiraçaõ retratou a Filippe II. que logo lhe fez mercé de huma tença de duzentos mil reis, que tinha vagado no Reyno de Milaõ. O Principe Carlos ſe mandou retratar em pé ao natural, e ſahio com tanta ſemelhança, que ficou maravilha da arte, e o Principe taõ goſtoſo da pintura, que lhe deu em agradecimento hum diamante de quatro faces, avaliado em cinco mil eſcudos.

Andava taõ bem viſta nos olhos dos Soberanos, que o Rey intentou caſalla em Caſtella; mas Sofoniſma beijando-lhe a maõ pela honra, lhe pedio, que a eleiçaõ do marido foſſe da Mageſtade, ſendo peſſoa, que a levaſſe a viver para Italia.

Italia. Veyo a caſar Sofoniſma com Dom Fabricio Moncada, Fidalgo de grande nobreza, e valor; e com eſta occaſiaõ a deſpachou Filippe II. com huma annual penſaõ de mil eſcudos no Dogana de Palermo, com poder de teſtar o dominio em algum deſcendente. Deu-lhe mais doze mil eſcudos, e outros muitos donativos de joyas, e roupas de preço extraordinario.

Celebrou o matrimonio com hum veſtido ſemeado de perolas, que foy dadiva da Rainha, e ſe avaliou em novecentos eſcudos. Poucos dias teve de noiva na Corte, porque logo foy conduzida a Sicilia, deixando celebre o ſeu nome, nas pinturas immortal a ſua fama.

Pela morte de Dom Fabricio, alguns annos paſſados, ficando viuva, e ſem filhos, intentou Filippe II. que voltaſſe à Corte para o ſerviço da Rainha; mas ſoube eſcuſarſe com tanta ſatisfaçaõ dos Soberanos; que depois caſando ſegunda vez em Genova ricamente, ElRey lhe fez nova mercé de quatrocentos eſcudos por anno. Por eſte tempo paſſou a Emperatriz por Genova, e Sofoniſma lhe fez preſente de huma pintura de N. Senhora com todos os primores da arte, que lhe mereceo muitos favores publicos, e particulares.

Fazendo jornada pela meſma Cidade a Infanta de Eſpanha, e Archiduqueza de Auſtria Dona Iſabel Clara Eugenia, mulher do Archiduque Alberto, lhe pedio hum retrato, que lhe

mandou logo. Havia-lhe rogado, que lhe fizesse companhia, e fosse viver na sua Corte, Sofonisma se deu por obrigada sem a deixar queixosa; e a Infanta lhe expressou o affecto na despedida, deixando-lhe hum collar de ouro, feito em Castella, de invençaõ prodigiosa, habilidade rara.

Chegou a Roma a fama de seus retratos, e pela excellencia, com que se fallava nesta illustre Pintora, o Pontifice Pio IV. de feliz memoria, chamando o Embaixador de Castella lhe significou o gosto de ver hum retrato da Rainha Dona Isabel de França, pintado pela maõ de Sofonisma, achando-se ainda naquella Corte. Avisada Sofonisma pelo Embaixador fez logo o retrato, que mandou com huma carta, dizendo: „Que se o pincel pudera copiar a fermosura do „animo, como alli mandava retratada a fermo-„sura do corpo, admiraria perfeições, que se „achavaõ unidas só por maravilha; com outras agudezas, em que mostrava, que naõ era menos elegante na discriçaõ, que na pintura.

Naõ teve tambem posteridade do segundo matrimonio, a quem deixasse mil escudos, que tinha de renda em segunda vida: porém Filippe III. em attençaõ dos serviços, que fizera à Coroa de Espanha, premiou o seu merecimento ainda vivo, perduravel na tradiçaõ, e nos retratos, com a nova mercé de poder testar quatrocentos escudos em algum parente. Esta repetiçaõ de

mer-

mercés he o teſtemunho, que mais autoriſa a memoria deſta Heroína taõ celebre no ſeculo, em que flòreceo; porque tendo ſeis irmãas, e hum irmaõ, pela querer fazer rara a Providencia, naõ teve poſteridade de hum ſó filho para herdeiro de ſuas riquezas, exemplar de ſuas prendas, e virtudes.

III.

SITI MAANI GIERIDA.

HOnraraõ alguns Expoſitores a Meſopotamia pelo lugar, em que foy plantado o Paraiſo Terreal, como patria da fermoſura, diſcriçaõ, e generoſidade, de que era dotada a illuſtre Heroína Siti Maani Gierida, que naſceo em Mardim, Cidade Capital deſta Provincia, em mil e ſeiſcentos da era de Chriſto. Na lingua Perſiana o nome de Siti he titulo de honra, e equivale ao de Santa, e ſe dá por coſtume às Damas de qualidade. Maani quer dizer flor eſpiritual: como ſe do berço os pays deſta Heroína previſſem a excellencia de ſeu juizo, a capacidade de ſeu entendimento, a esféra de ſeu engenho.

Eſta flor do Paraiſo de Meſopotamia he bem conhecida na Perſia pelo nobre appellido de Gierida, nome illuſtre da familia, de que ſeus pays herdaraõ com o ſangue a nobreza da aſcenden-

cia. A guerra dos Crudes contra o Graõ Turco obrigou os pays de Siti Maani a paſſar com toda a ſua familia para a Cidade de Bagdet, ſituada ſobre o Rio Tigris. Applicou-ſe dos primeiros annos ao conhecimento de tudo, o que póde ſervir de ornato a huma peſſoa de ſemelhante condiçaõ; e dando-ſe com mais eſtudo à ſciencia das linguas, fallava doze differentes idiomas.

Adquirio huma tal reputaçaõ pelo entendimento, e fermoſura, que Pedro de la Valle, Cavalheiro Romano, e famoſo pelas ſuas viagens, admirando as prendas naturaes, e adquiridas, de que era dotada, a pertendeo para mulher; e logo que eſteve effeituado o contrato, deixou o rito Caldeo pelo Romano, reduzindo com ſeu exemplo, e diſcriçaõ a ſeus pays, e familia a reconhecer, e profeſſar a Religiaõ Catholica.

Foy grande a perfeiçaõ, que teve nas virtudes moraes; e ſendo a fortaleza a mais eſtranha ao ſexo, ſe oſtentou varonil nas viagens, em que fez companhia a ſeu marido, defendendo-o em dous, ou tres encontros com valor, e temeridade, moſtrando, que naõ era menos valente, que fermoſa. Voltava de Roma para Mirce, fortaleza de Mogoſtan, viſinha de Ormus, onde eſperavaõ navio para a India, quando enfermou de huma febre maligna, de que morreo, contando vinte e tres annos de idade, com ſentimento extraordinario de ſeu marido, que a fez emballſamar, trazendo o cadaver na ſua companhia

nhia por tempo de quatro annos, que andou vageando pelas Indias.

No anno de mil e ſeiſcentos e ſetenta e dous, que chegou a Roma, ſe depoſitou o cadaver de Siti Maani no Carneiro dos Senhores do Valle, que he na Capella de Saõ Paulo da Igreja de Santa Maria de Ara Cœli. No mez de Março, que foraõ poucos dias depois do depoſito, ordenou Pedro de la Valle hum funeral, que foy bom argumento do amor, que ainda lhe conſerva na poſteridade.

No meyo da Igreja de Ara Cœli ſe levantava hum nobre Mauſoléo, cercado de doze figuras, que repreſentavaõ a Fé, Piedade, Religiaõ, Eſperança, Caridade, Valor, Juſtiça, Humildade, Prudencia, Temperança, Caſtidade, e Liberalidade, que todas ſuſtentavaõ huma Coroa ſobre o Mauſoléo. Nos pedeſtaes, ou columnatas ſe liaõ diverſos Epitafios nas linguas Latina, Caldaica, Grega antiga, e vulgar, Perſa, Turca, Armenia, Arabiga, Italiana, Franceza, Caſtelhana, e Portugueza, que todas fallava Siti Maani. De huma parte ſe viaõ as armas dos Valles, quarteladas com as armas da familia Gierida, que eraõ humas cifras, de que uſavaõ os Orientaes. Porém as armas de Siti Maani ſe compunhaõ de letras, que na lingua Caldaica queriaõ dizer: *Maani ſerva de Deos.*

A urna, que eſtava no meyo do Mauſoléo, ſuſtentavaõ quatro figuras com hum cypreſte em a maõ,

a maõ, de que se viaõ pendentes muitos versos à morte desta Heroína pelos melhores Poetas Romanos, e correm impressos em hum volume grande. Representavaõ as quatro figuras o Amor conjugal, a Concordia, a Magnificencia, e a Paciencia. Celebraraõ-se os Officios da sepultura com Missa cantada pelos melhores Musicos de Roma, recitando Pedro de la Valle huma Funebre Oraçaõ, que na saudade teve limite, nas lagrimas termo, e ultimo beneficio.

IV.

DONA SANCHA,

Infanta de Portugal.

FOy illustre posteridade delRey D. Sancho I. de Portugal, e da Rainha Dona Dulce, filha de D. Ramon Berenguer, XV. Conde de Barcellona, e Principe de Aragaõ a Infanta Dona Sancha, terceira filha em o numero dos nascimentos, que fecundaraõ o throno de mais huma Princeza, a Igreja de mais huma Santa. Com os annos mostrou inclinaçaõ às virtudes, e às letras, que aprendeo com tanto gosto, que era frequente na liçaõ dos livros espirituaes, e devotos, Vidas dos Santos, e Collaçoens dos Padres antigos, que fazia por imitar na aspereza, e na contemplaçaõ.

Lo-

Logo que teve ſciencia da lingua Latina, rezou todos os dias de joelhos as Horas Canonicas, perſeverando até à morte neſta devoçaõ com a frequencia de muitas virtudes, que exercitava, fazendo taõ penitente vida, que para ſer em tudo Religioſa, faltou-lhe o inſtituto, e os votos. O animo foy taõ varonil, como experimentou guerreiro ElRey D. Affonſo II. ſeu irmaõ, chamado o Gordo, querendo, que cedeſſe em favor do patrimonio Real o Senhorio da Villa de Alenquer, que ſeu pay lhe havia doado em vida, deixara eſtabelecido na morte.

Convocou a Infanta os Vaſſallos de ſeu Concelho, Miniſtros de ſua Fazenda, e deu-lhe parte, que ElRey ſeu irmaõ pertendia tirarlhe o ſenhorio daquella Villa, que ſeu pay lhe doara; e que naõ podendo vencella com o reſpeito de Soberano, tratava como inimigo da paz, e do proprio ſangue fazerlhe guerra, levar a Villa por força de armas. E achando, que eſtavaõ promptos com vidas, e fazendas em ſeu ſerviço, mandou reparar muros, fazer ſoldados, repartir armas, fornecer a Villa de mantimentos para hum largo aſſedio, e chamar muita gente de guerra, que viera de Leaõ em ſoccorro da Rainha Dona Thereſa, ſua irmãa, que no meſmo tempo experimentava igual força, ſemelhante ambiçaõ.

Appareceo o exercito Real ſobre a Villa de Alenquer, que proteſtou em nome da Infanta a lealdade, e a juſtiça, com que ſe defendiaõ: mas El-

Rey,

Rey, que ſe achava na empreza com a primeira reſoluçaõ de querer decidir a cauſa pelo direito das armas, começou a guerra, parecendo-lhe, que acharia fraca reſiſtencia, debil oppoſiçaõ. A experiencia fez conhecer a ElRey D. Affonſo nos aſſaltos, que eraõ Portuguezes os que tinha por inimigos, defendendo a muralha com tanto valor, que os Reaes ſe apartavaõ ſempre dos combates com mayor perda, porque ſe defendia a Infanta com as armas da Oraçaõ, os Vaſſallos com a ventagem da juſtiça.

Com a reſiſtencia ſe empenhava ElRey com mais obſtinaçaõ em apertar o cerco, e fazer mais viva a guerra, repetindo os aſſaltos, onde ſe achava muitas vezes a Infanta animando os ſoldados à defenſa, ſem horror dos mortos, e feridos, que na ſua piedade experimentavaõ logo huns o remedio, outros a ſepultura. Recorria a Deos com grande fervor de eſpirito, e naõ ſem lagrimas lamentando tanto ſangue derramado, pedindo-lhe inclinaſſe o coraçaõ do Rey a huma paz, que ſuſpendeſſe os perigos de taõ injuſta guerra: e logo por ſeus Embaixadores mandava rogar a ElRey, que naõ foſſe cauſa de tantas mortes, e eſtragos, que pediaõ juſtiça, a Deos vingança.

Haviaõ-ſe queixado as duas irmãas Sancha, e Thereſa ao Papa Innocencio III. que logo por ſeu Legado fulminou contra o Rey, e Reyno ſentença de Excommunhaõ, e Interdicto, que foy cauſa de huma ſuſpenſaõ de armas, que depois

ſe

ſe avivou com igual eſtrago, naõ querendo ElRey obedecer à ſentença do Pontifice em favor das irmãas. Foy memoravel eſte ſitio de Alenquer pelo motivo, e pela defenſa dos ſitiados, que ſe animavaõ do coraçaõ da Infanta, ſempre na primeira conſtancia, porque tinha ajuſtado os temores da conſciencia com os pareceres dos Letrados, depois com os decretos, e ſentenças do Pontifice.

Deſconfiou ElRey da empreza, attribuindo a caſtigo de Deos a obſtinada reſiſtencia, que faziaõ a ſeu valor, e poder, taõ poucos defenſores; e reconciliado com a Igreja, ſe ſogeitou obediente aos decretos Pontificios, ficando a Infanta vitorioſa, e com pacifica poſſe do Senhorio da Villa, e ſuas rendas, os vaſſallos em paz, os pobres remediados, os Hoſpitaes ſoccorridos. Já tinha licença do irmaõ para fundar hum Convento na meſma Villa a humas Beatas, que de viverem recolhidas ſe conheciaõ pelo nome de amparadas; mas tendo revelaçaõ do Ceo do lugar, em que Deos queria ſervirſe das virtudes daquellas Eſpoſas, ſe foy a Coimbra, e fundou o Convento na ſua Quinta de Vimarães, junto da Cidade, que agora ſe conhece pelo titulo de Santa Maria de Cellas da Ordem de Saõ Bernardo.

Achava-ſe a Infanta neſta heroica dependencia na Cidade de Coimbra, quando ElRey Dom Affonſo lhe foy communicar a pertençaõ delRey Dom Fernando de Caſtella, chamado o Santo,

reprefentando-lhe os intereffes de ambas as Coroas pelo vinculo defte matrimonio, que naõ confentio, dizendo: „ Que deixara a Corte pa-
„ ra fe dar aos intereffes de feu efpirito, eftiman-
„ do por melhor coroa a da virgindade, que a
„ de Rainha: Que lhe feria mais facil confentir
„ na morte, que no matrimonio, ainda que fof-
„ fe entregando voluntariamente feu corpo para
„ fe fazer em pedaços, lançar em o mar, ou me-
„ ter em hum forno ardendo. E com palavras de affecto, e de refpeito lhe pedio, que nefta dependencia fe fufpendeffe a pratica para fempre, fe merecia darlhe gofto, encontrarlhe hum grande fentimento.

Temerofa de outro affalto, chamou o Bifpo de Coimbra ao Convento de Cellas, e nas fuas mãos fez voto folemne de caftidade, veftio o habito de Saõ Bernardo, viveo com grande obfervancia da Regra, e Inftituto, fem ligarfe à profiffaõ; e accrefcentando novos modos de affligirfe, e mortificarfe, veftia de cilicio, apertava a cintura com huma corda de efparto; e com jejuns, e difciplinas fe enfraqueceo, e debilitou, até cahir em huma penofa, e mortal enfermidade. Avifada a Rainha Dona Therefa, partio logo de Lorvaõ, e chegou a Cellas a tempo, que eftava agonizando, e lhe faziaõ os Officios da ultima hora, que contou de defterro, e partio acompanhada de merecimentos para fe coroar no Ceo de gloria aos treze dias do mez de Março
de

de mil e duzentos e vinte e nove.

Ha tradiçaõ, que appareceo na mesma hora, em que espirou, ao Santo Fr. Gil da Ordem de Saõ Domingos, que revelou na Confissaõ este favor do Ceo, dizendo, que lhe dera osculo de paz com estas palavras Latinas: *Pax tibi*; e daquelle dia naõ tivera mais impulso de sensual tentaçaõ, estimulo de appetite venereo. Celebradas pela Communidade de Cellas as honras funeraes com grandes demonstrações de sentimento, como bemfeitora, e fundadora, foy levado o cadaver para o Mosteiro de Lorvaõ. Alli se depositou no rico Mausoléo de pedra lavrada, que a Rainha Dona Theresa reservava para propria sepultura, como se deixa ver na Capella môr da parte do Euangelho, e tem Deos obrado por intercessaõ desta Santa Virgem gloriosos milagres, raras maravilhas.

Entre as acções heroicas da Infanta Dona Sancha, se faz memoravel pela grandeza do edificio o Convento dos Frades Menores da Villa de Alenquer, de que foy tambem fundadora, e bemfeitora; e se conservaõ como penhores de tanta liberalidade algumas Reliquias, que servem à veneraçaõ dos fieis, remedio dos devotos. Aqui hospedou os cinco Martyres de Marrocos, dando-lhes cartas de favor para o Infante Dom Pedro, que estava prisioneiro, e era valído do Rey Miramolim, que os mandou martyrisar aos dezaseis dias do mez de Janeiro de mil e duzentos e vin-

te, que appareceraõ gloriosos à Infanta estando em oraçaõ com a insignia sagrada de huma Cruz em as mãos, coroados do Martyrio, e triunfantes do tyranno, fallando-lhe nesta substancia: „ Deos vos salve, que merecesle receber, e hospedar em vossa casa os cinco Frades Menores, „ que foraõ illustrados pela confissaõ da Fé com „ a coroa do Martyrio, que recebemos seguindo as pizadas de Christo; e já sobimos ao Ceo, „ onde viveremos para sempre com a estola resplandecente da immortalidade.

Com este favor soberano, cresceo a mayor perfeiçaõ no exercicio das virtudes, que mereceraõ confirmarlhe o Pontifice Clemente XI. o culto de Beata por Bulla de vinte e tres de Dezembro de mil e setecentos e cinco. Por Decreto da Sagrada Congregaçaõ dos Ritos de vinte e dous de Janeiro de mil e setecentos e vinte e quatro, pelo Papa Innocencio XIII. à instancia delRey Dom Joaõ o V. se lhe concedeo rezar da Beata Sancha com Officio proprio naõ só para toda a Ordem de Cister, mas para todo o Reyno.

No anno de mil e setecentos e quinze foraõ trasladados, e abertos os tumulos de pedra das duas Santas irmãas: o corpo da Beata Dona Sancha, coberto com hum tafetá, que tirado com a veneraçaõ, que se devia ao santo cadaver, se achou todo unido, e inteiro, havendo quatrocentos e oitenta e seis annos, que fora sepultado: a postura do corpo estava com os braços cruzados sobre

bre o peito, organizados, e cobertos com a pelle, e carne: o peito composto, e coberto com a cuticula, sem lhe apparecer costellas: e feito exame pelos Medicos, declararaõ, que se achava brandura na carne, e só na cabeça naõ havia carne, nem pelle, e se achava separada dos hombros, de que o Geral de Saõ Bernardo tirando hum osso grande da garganta, o mandou meter em hum Relicario, que offereceo á Magestade de Dom Joaõ o V.

Envolto o sagrado cadaver em hum panno de cambray, e vestido com a cogula de S. Bernardo, se lhe reunio a cabeça, que se ornou com toucado, e véo de Religiosa, sendo trasladado para o cofre de prata, que se collocou na Capella môr de igual primor, e riqueza, com este Epitafio:

Sancia Infans Regis Sancii I. Lusitanorum Filia, quæ totius vitæ cursu Sanctis operibus intenta, suam Domino pudicitiam custodivit: Monasticam Regulam apud Monasterium de Cellas, quod prope muros Conimbricenses ædificaverat, secuta, ibique maximis virtutum ornamentis circumfulta, & non vulgaris sanctitatis fama decedens, anno Domini M. CC. XXIX. ad hoc Templum Lorvaniense à Sorore transfertur, & in hoc tumulo reponitur.

SAM-

V.

SAMBETA,

Sibylla.

A Primeira Sibylla, que houve, e ſe tem por mais antiga no Mundo, foy Sambeta mulher de Japhet, que floreceo antes, e depois do Diluvio Univerſal, e entrou na Arca com ſeu Sogro Noé: era natural da Perſia, e por habitar em Babylonia, Cabeça do Reyno de Caldea, ſe conheceo pelos nomes de Sibylla Perſica, Caldea, e Babylonica, cauſa da confuſaõ, que ſe encontra nos Eſcritores antigos, attribuindo a humas os Vaticinios de outras. Teve Sambeta huma vida taõ larga, e dilatada, que chegou ao ſeculo do Imperio Grego, e profetizou neſta linguagem os ſeus Vaticinios em verſo, deixando na poſteridade a illuſtre memoria de vinte e quatro livros, ou, como eſcrevem outros, oitenta e quatro, em que fallava dos Myſterios da Vida, Morte, e Paixaõ de Chriſto, deſcrevia outros muitos ſucceſſos do Mundo.

As Profecias deſta Sibylla, que ſobreviveraõ ao eſtrago de muitos ſeculos, e correm já taõ diminutas na memoria de alguns eſcritos, ſaõ as que recopilou o douto Macedo, neſta ſubſtancia: „ Huma voz virá pelos lugares deſertos em-
„ baixadora,

,, baixadora, que clame a todos os mortaes mi-
,, ſeraveis, que façaõ direitos os caminhos, e pur-
,, gem os animos dos vicios, e com aguas limpas
,, illuſtrem os corpos. Tu, beſta, ſerás pizada, e
,, o Senhor ſerá gerado na terra, e o regaço da
,, Virgem ſerá ſaude dos póvos, e ſeus pés for-
,, taleza dos homens: O Verbo inviſivel ſerá pal-
,, pavel. O Principe agradavel, e que ſó póde
,, dar verdadeira ſaude aos cahidos, naſcido da
,, Mãy Virgem, ſe aſſentará em jumentinho, e
,, para aquelle tempo diráõ muitos muitas Profe-
,, cias do trabalho immenſo; mas baſta dizer to-
,, dos os Oraculos em huma ſó palavra: Eſte
,, ſendo Deos grandiſſimo, naſcerá de huma Vir-
,, gem caſta. A pintura deſta Sibylla he com
roupas de borcado de ouro, hum véo branco ſo-
bre a cabeça. Alguns Autores a pintaõ com hum
livro de ſuas Profecias em a maõ direita, a eſ-
querda ſobre o peito, e hum reſplandor em o
Ceo, que deſcobre huma Cruz.

CATALOGO.

VI.

SAPHO, illuſtre Poetiza, natural de Lesbos, e filha de pays nobres, floréceo pelos annos do Mundo de ſeiſcentos e vinte na XIV. Olympiada, e ſeis antes da vinda de Chriſto, reynando em Roma Tarquino Priſco. Te-

ve

ve furor Poetico, e mereceo por ſeus eſcritos eſtatuas de bronze entre os famoſos Poetas da antiguidade. Inventou os verſos, a que deu o nome de Saphicos. Nos Lyricos tambem eſcreveo muitas Obras de engenho, e diſcriçaõ, que deixaraõ de ſeu nome illuſtre memoria, ſaudoſa fama. Dizem, que ſe namorara de hum gentil mancebo, que a deſprezou: e expreſſando o juſto ſentimento deſta paixaõ em muitos verſos Elegiacos, vendo, que era fruſtrada a eſperança de ſerem correſpondidos os ſeus amores, ſe precipitara de hum rochedo de Leucadia. Chamaraõ-lhe a decima Muſa: mas de todas as ſuas Obras naõ ſe conſerva mais, que hum Hymno em louvor de Venus, e huma Ode de dezaſeis verſos, a huma amiga. Os Athenienſes lhe mandaraõ collocar huma eſtatua, e os de Mytilene baterlhe huma medalha.

VII.

SOſipatra, natural da Aſia, foy mulher de Edeſio Sophite, e muito douta Heroína em muitas ſciencias, e artes liberaes. Era fermoſa, e rica; e ainda que os naturaes lhe negaraõ a divindade, affirmavaõ, que aprendera na Eſcola dos Deoſes, encarecendo a ſabedoria, que teve nas Filoſoſias, e arte Poetica.

VIII.

SAbina, contemporanea do Poeta Auſonio, teve grande elegancia, facilidade, e excellencia na compoſiçaõ dos Epigrammas.

IX.

SIcilia Henriques de Moriglias, Caſtelhana, natural de Salamanca, e mulher de Antonio Sobrino, Secretario da Univerſidade de Valhadolid, foy muito diſcreta, e douta Heroína, e a ſete filhos, que teve, doutrinou na Grammatica, Rhetorica, e lingua Grega.

X.

SImoneta, donzella da illuſtre familia de Catani na Italia, foy taõ diſcreta como louvada de Poetiza na lingua Toſcana, em que deixou eſcrito muitas Obras em verſo, e proſa.

XI.

DOna Sancha de Valenzuella, illuſtre por naſcimento, e acçoes militares, era de naçaõ Caſtelhana, e acompanhou na Cidade de Baeſſa a Dom Diogo Fernandes de Cordova, Mariſcal de Vaena, e outros parentes, a quem a Rainha

Dona Isabel encomendara a defensa. Em oito de Abril de mil e quatrocentos e setenta e sete quizeraõ os paizanos dar entrada a muitos nobres Fidalgos do partido contrario, e aqui morreo de repente o Commendador Sabiote. Acodio ao rumor o Mariscal, e os parentes; e Dona Sancha armando-se de hum escudo em o braço, e meya pica em a maõ, se houve taõ valerosa no combate, que bastou a fazer voltar os contrarios com vergonhosa fugida.

XII.

SUsanna, Virgem, irmãa de Silvia, e Rufino, Prefeito de Alexandria, teve grandes estudos, e adquirio singular sabedoria na Escritura Sagrada.

XIII.

SOphonisbe, illustre filha de Asdrubal, mostrou, que era digna de ter por patria a Carthago, querendo antes morrer, que deixar huma Carthagineza escrava de Roma. Padeceo tambem os effeitos da inconstancia de Masinissa, que para agradar aos Romanos naõ só a deixou, mas por ultima prova de seu amor a queria matar com veneno.

Sulpi-

XIV.

SUlpicia, Romana, floreceo pelos annos noventa da era de Chriſto, imperando Domiciano. Foy celebre Poetiza, e eſcreveo muitos verſos a ſeu marido Celano ſobre o amor conjugal, fidelidade, e caſtidade, que ſe deve guardar naquelle eſtado; mas perderaõ-ſe eſtas Obras, e ſó huma Satyra ſe acha deſta Heroína, que anda ordinariamente no fim das Obras do Poeta Juvenal. Eſcreve, que foy a primeira, que enſinou as Damas Romanas a diſputar a gloria de huma perduravel fama com as da Grecia, que tinhaõ deixado em ſeus eſcritos o pregaõ de ſuas heroicidades.

XV.

SUſanna de Habert, filha de Pedro Habert, e de Jaquelina de Montonillet, foy muito douta na Filoſofia, e Theologia. Teve grande liçaõ da Eſcritura Sagrada, e Santos Padres, e ſciencia das linguas Grega, Hebraica, Latina, Caſtelhana, e Italiana. Foy mulher de Carlos do Jardim, official de Henrique III. Rey de França, que a deixou viuva de vinte e quatro annos ſem poſteridade. Entrou Religioſa no Convento de Noſſa Senhora da Graça da Cidade de Eveque, junto de Pariz, em que viveo por tempo de vinte annos, adquirindo virtudes, e eſcrevendo mui-

tas Obras, que ficaraõ manuſcritas na maõ de Iſaac Habert, Biſpo de Vabres, ſeu ſobrinho. Buſcavaõ-na frequentemente os homens doutos, ambicioſos de ſua doutrina. Eſcreveo hum Regimento no eſtado de viuva para a viſita dos Hoſpitaes, e ſerviço dos enfermos. Ordenou huma explicaçaõ do Symbolo de Santo Athanaſio, hum Tratado de Oraçaõ, outro dos Sacramentos, hum Catecismo, e outras muitas Obras pias, e devotas, que nos ſeguraõ a precioſa morte, que teve em mil e ſeiſcentos e trinta e tres.

XVI.

SEmpronia, matrona Romana de illuſtre ſangue, e prendas naõ vulgares de fermoſura, e ſabedoria, foy de taõ agudo engenho, que ſe lhe naõ difficultava a operaçaõ de qualquer arte mecanica, fazendo tudo quanto via obrar de habilidade. Na Poeſia teve tanta conſonancia, como na Muſica, e ſe acompanhava naõ ſó no canto, mas tambem no baile.

XVII.

SApho, nobiliſſima matrona, foy natural de Creta: foy excellente Poetiza, e floreceo primeiro, que Sapho Lesbia. Foy muito veneranda pelo engenho, entre os Aſiaticos: e namorado de tantas prendas hum varaõ opulentiſſimo, a re-

a recebeo por mulher, matrimonio de que houve hum ſó filho por nome Didamo. Eſcreveo muitos verſos Lyricos, e Jambos, muitos Epigrammas, e Elegias, de que teve publica Eſcola, ſahindo mais famoſas entre todas Anagora Mileſia, Congilla Colofonia, e Euthema Salamina.

XVIII.

DOna Sebaſtiana de Magalhães, filha do Capitaõ Ruy Soares de Magalhães, Heroína Portugueza, foy muito diſcreta, e de grande liçaõ nas Hiſtorias particulares do Reyno, e dos Autores Latinos Cicero, e Terencio, repetindo os ſucceſſos com a formalidade, que achava eſcritos, pela feliz memoria, de que era dotada. Eſcreveo na lingua Latina hum Epitome de todos os Monarcas Francezes, que offereceo a Anna Tanaquil le Fevre, Heroína Franceza. Eſtudava Filoſofia, quando a morte lhe ſepultou com o cadaver os eſtudos, que davaõ eſperanças de grandes progreſſos nas letras, ſingulares frutos nas virtudes.

XIX.

SIlveſtra Pires, da Cidade de Lamego, foy Heroína de igual valor, e forças. Sendo acometida de hum touro ferociſſimo, o eſperou, e combateo até ſe livrar com induſtria do perigo.

Foy

Foy inveſtida ſegunda vez, e furtándo-lhe o corpo, o penetrou com huma lança taõ profundamente, que o fez cahir por terra agonizando. Por eſte, e outros caſos ſemelhantes, ſe fez conhecida, e celebre no Reyno, depois na poſteridade.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *T.*

I.

DONA THERESA, Rainha.

TEVE Real origem a Coroa de Portugal, fundada em Reyno na Rainha Dona Thereſa, filha legitima dos Reys de Leaõ, e Caſtella D. Affonſo o VI. e Dona Ximena Nunes de Guſmaõ, caſando em mil e noventa e tres com D. Henrique, Conde de Borgonha, que teve por dote os principaes dominios deſte Reyno, que depois ſeus deſcendentes dilataraõ com as Conquiſtas, eſtabeleceraõ

beleceraõ com as armas, fizeraõ respeitar com as vitorias.

Era Dona Theresa dotada de hum animo varonil, e guerreiro, como se admirou por tempo de dezaseis annos, que teve as redeas do governo politico, e militar pela morte do Conde seu marido, menoridade do Principe Dom Affonso Henriques, que foy o primeiro, que teve o titulo de Rey de Portugal, por acclamaçaõ do seu exercito, vencendo a famosa batalha do Campo de Ourique.

Passava na Villa de Guimarães, primeira Corte de Portugal, huma vida politica, e Religiosa, quando por occasiaõ de lhe dar os pezames pela morte do Conde seu marido, veyo de Galliza a Guimarães o Conde de Trastamara D. Fernando Peres de Trava. Introduzio o Conde na conversaçaõ pratica de casamento, mas foy taõ mal aceita pela Rainha, que mostrando impaciencias na proposta com palavras de desagrado, lhe mandou, que em duas horas sahisse da Corte, em tres dias do Reyno.

O Conde, que naõ tinha menos de altivo, que de soberbo, e Castelhano, e era dos Grandes de Espanha, vendo-se desprezado jurou de alcançar por força, e guerra, o que lhe negava a Rainha por altiva; e voltando a Galliza, e depois a este Reyno com hum poderoso exercito, cercou a Guimarães, que logo com o primeiro aviso se poz em defensa, suprindo o animo, e esforço

forço da Rainha a falta de ſoldados, que andavaõ em campanha com o Principe ſeu filho. Dividio pela muralha os paizanos da Villa com diſpoſiçaõ militar; e animando a huns com palavras, a outros com mercés, e a todos com o exemplo, ſe defendeo por muitos dias dos continuos aſſaltos do Conde, que ajudado da occaſiaõ, e da ventagem, naõ queria perder tempo na vitoria, e na vingança.

Obrou a Rainha neſte cerco acções de mais larga eſcritura, naõ ſe achando menos ſeu esforço no mayor perigo, fazendo valeroſa, e deſtemida deſconfiar o Conde da empreza, ajuizando, que naõ tardaria o Principe em ſoccorrella, porque era ſoldado, e eſtava em campo. Repetia os aſſaltos com mais vigor, mas ſempre achou a meſma fortuna nos combates, na reſiſtencia a meſma igualdade; devendo-ſe ao cuidado, e valentia da Rainha o feliz ſucceſſo de conſervar a liberdade huma Villa, defendida por poucos Portuguezes, de tantos inimigos poderoſos, e ſoldados.

Com a noticia do cerco logo o Principe D. Affonſo partio a buſcar o Conde com a gente de cavallo, e alguma de pé, deixando ordem a Egas Moniz, ſeu Ayo, para o ſeguir em largas jornadas com o reſto do exercito. Logo, que o Principe aviſtou o inimigo, lhe offereceo batalha temerariamente naõ ſó pela ventagem do poder, como pela fadiga dos ſoldados com as for-

ças laſſas da larga marcha, tendo por injuria retardar aos Caſtelhanos o caſtigo, vingar o exceſſo.

Diſputou-ſe a vitoria quatro horas, ſem declinar o valor da primeira conſtancia, mas veyo a declararſe pela multidaõ, cedendo o esforço com pouco eſtrago a campanha, que foraõ dilatando no alcance. O Principe encontrando na retirada a Egas Moniz, ajuntou as reliquias do eſtrago, e voltando as armas ſobre o inimigo vitorioſo, e deſcuidado o carregaraõ novamente com taõ pezada maõ, que foy deſtruido, e obrigado a ceder, o campo, e a vitoria.

O Conde ficou priſioneiro, e logo foy levado à preſença da Rainha para ſentenciar a ſua cauſa, que era a Mageſtade mais offendida; e perdoando-lhe generoſamente, veyo a triunfar duas vezes da ſoberba do Conde, huma quando vencido, outra quando perdoado. Neſta acçaõ heroica teve origem aparentarſe o Conde com a Caſa Real Portugueza, pelo caſamento da Infanta Dona Urraca com o Conde D. Bremudo, e a Infanta Dona Thereſa com Dom Fernando Mendes. Celebradas as pazes, deixou a Rainha ao Principe ſeu filho as redeas da Monarquia, que governara varonilmente por tempo de dezaſeis annos com prudencia, juſtiça, e proſperidade.

Pela occaſiaõ de huma convaleſcença, ſe retirou a Coimbra no anno de mil e cento e vinte e cinco, e alli morreo nos principios de Novembro

vembro de mil e cento e trinta, mas foy ſepultada na Capella môr da Sé de Braga. A Igreja de S. Pedro de Rates, foy acçaõ illuſtre da Rainha Dona Thereſa, que o Arcebiſpo D. Diogo de Souſa trasladou em mil e quinhentos e treze para o depoſito, que agora tem; e depois o Arcebiſpo D. Frey Agoſtinho de Caſtro lhe mandou gravar na ſepultura eſte Epitafio:

D. O. M.

Reginæ Taraſiæ Alfonſi Caſtellæ, & Legionis Regis Imperatoris nuncupati filiæ, Comitis Henrici Uxoris: Didacus à Souſa, Archiepiſcopus Brach. Primas. M. P. anno à Chriſto nato M. D. XIII.

II.

TARQUINIA MOLSA.

NAſceo em Modena Solar da antiquiſſima familia Molſa, que traz origem de Alemanha com poſteridade de quatrocentos annos, a illuſtre matrona Tarquinia Molſa, filha de Camillo, Cavalheiro de Saõ Jacome de Eſpanha, e filho de Franciſco Maria Modenſe, Poeta, e Orador famoſiſſimo nas linguas vulgar, e Latina, cuja aſcendencia floreceo em titulos, feudos, dignidades, pelas armas, e letras. Era huma das principaes familias de Modena, que Tarquinia

illuſtrou ainda mais com novos eſplendores, adquirindo dos primeiros annos grande ſabedoria no eſtudo das bellas letras, em que fez progreſſos naõ vulgares nas ſciencias, artes, e linguas, que aprendeo, fallava, e entendia.

Conheceraõ-lhe ſeus pays huma tal agudeza de engenho, e de juizo, que logo da primeira idade a fizeraõ eſtudar Grammatica com ſeus irmãos, que tiveraõ por meſtre a D. Joaõ Policiano, natural de Modena, varaõ douto. Lazaro Labadini, celebre Grammatico, lhe enſinou humanidades, e eſcrever correcto. Na Rhetorica de Ariſtoteles teve por meſtre a Camillo Corcapani, na Esféra Antonio Guarini, na arte Poetica a Franciſco Patricio, celebre Filoſofo; na Logica, e mais Filoſofias o Padre Latoni, que tambem lhe enſinou a lingua Grega.

Eſtes eraõ os divertimentos, com que paſſou Tarquinia os primeiros annos, os jogos de gaſtar o tempo, os enfeites de ornar o ſexo: mas por iſſo foy a mais celebrada Dama, a mais pertendida donzella. Contava ainda poucos annos, quando ſeus pays lhe deraõ o eſtado de caſada; e como naõ teve filhos, e viveo idade larga, no eſtado de viuva continuou nos eſtudos com frequencia, e liberdade. Aprendeo os principios da lingua Hebrea com Rabbi Abraham; e com eſtas diſpoſiçóes ſe applicou à liçaõ da Eſcritura Sagrada, conſeguindo grande intelligencia, naõ vulgar ſabedoria.

Dou-

Doutrinada na correcçaõ da lingua vulgar por Joaõ Maria Barbieri, eſcreveo muitas elegantes proſas, e verſos, que tiveraõ eſtimações, mereceraõ elogios. Traduzio algumas Obras Gregas, e Latinas, exprimindo com tanta propriedade das linguas o conceito dos Autores, que ſe duvidava das noticias ſe eraõ vertidas, ou compoſtas. Para diverſaõ dos eſtudos aprendeo a arte da Muſica, deſcançando de hum trabalho em outro mais divertido, mas bem applicado. Acompanhava-ſe a viola com tanta deſtreza, e ſuavidade, que Affonſo II. Duque de Ferrara ouvindo-a, naõ lhe pareceo a fama encarecimento, porque ſe fazia admirar na igualdade da conſonancia o artificio da voz, a deſtreza do inſtrumento.

Teve a bondade Religioſa do conhecimento proprio contra o conceito commum de douta, negando-ſe a divulgar as ſuas Obras por lhe parecer ſoberba, ou temeridade pertender honra com ſeus eſcritos entre tantos homens doutos, que reconheceo por meſtres nas ſciencias, e nas artes. As Academias de Italia ſe honraraõ com ſeu nome; e ſó ſe explica bem a honra, que mereceo Tarquinia em premio de tanta heroicidade, dizendo: „ Que por conſulta eſpecial do Senado „ Romano, ſe lhe concedeo o titulo de Unica „ no privilegio de Matrona Romana, como ſe „ naſcera em Roma; e por ſeus merecimentos a „ todos os deſcendentes da familia Molſa perpe- „ tuamente. E diz aſſim o titulo do Decreto:

Exemplum

Exemplum Diplomatis, quo Senatus Populusque Romanus Tarquiniam Molsam Mutinensem honoris causa Civitate donari, & Unicam appellari. Et Senatus consulto decrevit:

Quod Fabius Mattheus, Franciscus Soricius Equ. Dominicus Coccia Cons. de Tarquinia Molsa Mutinense Camilli filia Civitate Romana donanda ad Senatum retulere, S. P. Q. R. de ea re ita fieri censuit. E lançada a fórma do Decreto, que naõ transcrevo por dilatado, e repetir o que deixamos escrito das acçoens illustres de Tarquinia, foy passado este Decreto em Campidoglio aos oito dias do mez de Dezembro de mil e duzentos e cincoenta, e assinado por estes Senadores: *Curtio Martolo del Sacro Senato, e del Popolo Romano, Cancelliere. Angelo Fosco del Sacro Senato, e del Popolo Romano, Cancelliere.*

Bola argentea è appensa.

Spedita à spese publiche del medesimo Senato Consulto.

III.

D. THERESA SAMPSONIA.

DA Real familia de Thracia, famosa origem das Amazonas, que vivendo entre as féras da Libya bebem com as aguas do Rio Thremodonte taõ asperas propriedades, que sendo mulheres no sexo, saõ no valor generosos leões; foy descendente huma donzella, chamada Sanfhulf em

em o naſcimento, Dona Thereſa em o bautiſmo. Contava ſó quatro annos de idade, quando a natureza com anticipada luz de hum agudo engenho começou a deſcobrir em Sanfhulf huma ſingular fermoſura: e naõ querendo ſeu pay faltar às leys da naçaõ, e decretos do Senado, a fez levar ao Palacio do Rey da Perſia, ſeu cunhado, livrando-a por eſte modo daquelle martyrio, com que as mais donzellas para ſerem emulaçaõ de Bellona ſacrificavaõ os peitos a Marte.

Creſceo em Sanfhulf com os annos a fermoſura, e a diſcriçaõ tanto ao meſmo tempo, que naõ encontrey Heroína mais celebrada nas Hiſtorias, como nos encarece o Padre Frey Manoel de Saõ Jeronymo, douto Chroniſta dos Carmelitas Deſcalços no ſeu quinto tomo. Adornava-ſe eſta belleza de huma eſtatura mais, que mediana. Era natural a modeſtia, e naõ affectado o deſdem, que a fazia reſpeitar, e naõ aborrecer, excedendo nos dotes da natureza as Damas da Corte. Naõ era menos prudente, que valeroſa, ſem conhecer ventagem em hum, e outro ſexo. Como bebeo com o leite o esforço de Amazona, adornava ſeus hombros com a aljava, os braços com o arco, e as mãos com a flecha; formando com as criadas, que lhe aſſiſtiaõ, em lugar de bailes, eſquadrões; e fazendo da guerra jogo, e da milicia divertimento, ſó ſe lembrava da aſcendencia para a emulaçaõ, querendo deixarſe por exemplar.

Caſti-

Castigava o cavallo mais fogoso, até lhe domar a fereza, e passeando pelos jardins de Palacio, se fazia admirar de quantos a viaõ desmentir o sexo de mulher com os esforços, e exercicios de varaõ. Em vibrar a lança mostrava tal fereza, e ensino, que se competiaõ tantas prendas na mayoria. Tinha adquirido tal facilidade no uso das armas de fogo, que os acertos se contavaõ pelos tiros: e fazendo alvo do fugitivo impulso das aves, lhe pareciaõ immoveis nos voos, porque nunca experimentou desigualdade nos effeitos.

Tinha taõ fecundo entendimento, e claro juizo, que se fazia singular assim pela agudeza, como pela noticia, que adquirio nas artes liberaes. Mostrou felicidade de memoria no estudo das linguas, porque naõ só fallava com elegancia a Persica, mas sabia com igual sciencia a Italiana, Franceza, Castelhana, Latina, e Arabiga. Para darmos a ultima cor ao retrato de Sanfhulf, referirey succintamente, o que lhe succedeo em mil e seiscentos e vinte e dous, quando voltava de Roma, como Embaixatriz, a Vienna. Contava já perto de trinta annos, quando se hospedou no Palacio da Serenissima Archiduqueza de Austria Maria Magdalena, Duqueza de Toscana; e namorada das prendas de Sanfhulf, a deteve por muitos dias gostosa de ver, e ouvir este milagre da graça, prodigio do sexo.

Aqui descreveo hum famoso Poeta as perfeições

feições desta Heroína em hum Soneto Italiano, que fielmente traduzido, e trasladado, acabará de nos dar a conhecer, que lhe saõ verdadeiros os elogios, proporcionados os encarecimentos.

SONETO.

A La que a Venus excediò en belleza,
A Marte en armas, en valor a Atlante,
En vibrar la lança al alto Anglante,
Y en herir de Cupido a la destreza.
A la que a Ciceron en la grandeza
Del hablar excediò, y en ser constante
A Diana, y a Palas, y en amante
A todas, siendo Dafne en la pureza.
A la Fenix del Mundo generosa,
Que de Persia viviò en el Palacio,
Y de tan alto nido bolar supo.
A la Palma, y al fuego, em que dichosa
Se eternizou debuxo en corto espacio,
Aunque ella sola en el Impireo cupo.

Achava-se em mil e seiscentos e dous hum Embaixador delRey de Inglaterra em Haspan, tratando com o Rey da Persia interesses de ambas as Coroas. Fazia-lhe companhia hum seu irmaõ, Conde de Sirleyo, por nome Roberto, mancebo de vinte annos; e naõ só pela fama, mas tambem com a frequencia de Palacio teve occasiões de ver a Sanshulf a pé, e a cavallo, humas vezes jo-

gando a lança, outras diſparando as flechas: e ferido no coraçaõ de tanta fermoſura, ſe valeo da privança, e graça, que achava no Rey por diſcreto, affavel, e cortez para lhe pedir a Sanſhulf por eſpoſa.

O Rey, que o eſtimava pela nobreza, e pelas virtudes, ouvindo-o com agrado, e benevolencia, fallou à Rainha, que era tia da donzella, na ſua pertençaõ; e como em todos ſe achava o meſmo affecto às prendas de Roberto, lhe deraõ as Mageſtades o conſentimento. Alentado o Conde com o primeiro favor das Mageſtades, entrou em outra mais difficultoſa dependencia.

Propoz ao Rey a difficuldade das crenças, porque era Catholico Romano, e Sanfhulf Mahometana, dizendo-lhe, que entre diverſas Religiões naõ podia haver legitimo Sacramento do Matrimonio, pedindo-lhe quizeſſe conſentir, que Sanfhulf recebeſſe primeiro o Bautiſmo. Aqui ſe conheceo a privança do Conde com o Rey: mas como a Rainha tambem era Catholica Romana, reſpondeo-lhe, que por darlhe goſto conſentiria viveſſe na Ley, que quizeſſe, e lhe aconſelhou fallaſſe aos Padres Carmelitas Deſcalços para a doutrinarem no Chriſtianiſmo.

Corriaõ favoraveis as negociaçoens, porque o Rey, e a Rainha venceraõ, que Sanfhulf ſe ſogeitaſſe ao vinculo do matrimonio; e por conſelho da tia ſe foy ao Convento dos Carmelitas de Haſpan, que aviſados pelo Conde lhe propuzeraõ

raõ as verdades Catholicas, e os fundamentos, que as faziaõ infalliveis. Como era dotada de hum entendimento ſoberano, e aſſentado juizo, comprehendeo logo os preceitos da Ley, ſogeitando-ſe ao Bautiſmo, que pedio com grandes efficacias, e lhe foy dado no dia da Purificaçaõ de Noſſa Senhora, Eſtrella, que a guiou ao gremio da Igreja em dous de Fevereiro de mil e ſeiſcentos e oito.

Concorreraõ os Padres Agoſtinhos, o Conde Roberto, e o melhor da Corte, adminiſtrando-lhe o Sacramento, como Parocho, e Delegado do Papa, Frey Joaõ Thadeo de Santo Eliſeo, que lhe poz o nome de Thereſa, experimentando o patrocinio da Santa, que depois imitou nas virtudes, e nas letras. Logo, que ſe effeituou o Bautiſmo, ſe deu mayor calor, e força a celebrar o matrimonio, que foy o mais feſtivo dia, que vio a Perſia, pela aſſiſtencia de toda a Corte, e pela grandeza, com que as Mageſtades explicaraõ o goſto deſtes deſpoſorios, que tiveraõ por Miniſtro o meſmo Parocho, por theatro o meſmo Templo.

Com eſta nova liga de affinidade creſceo em Roberto o valimento, nos Reys a protecçaõ, nos emulos da Corte a inveja. Começou Dona Thereſa a darſe com frequencia a todo o genero de virtudes, recuperando (como ella dizia) o tempo, que perdera, e os annos, que gaſtara em guardar a ſeita de Mafoma. E paſſados

alguns tempos neſtes virtuoſos exercicios , foy o Conde nomeado por Embaixador a muitas Cortes da Europa. Como haviaõ de ſer largas as jornadas, naõ conſentio Dona Thereſa, que o Conde tiveſſe trabalho, ſem ter parte nelle: e mais de quatorze annos lhe fez companhia em huma continuada peregrinaçaõ, aſſiſtindo em Roma no Pontificado de Paulo V. no Imperio, Polonia, Caſtella, Inglaterra, e no Graõ Mogor para concluir huma aliança com algumas potencias da Europa contra o Graõ Turco.

Com eſta honra acabou de exaſperarſe a inveja dos inimigos do Conde, determinando tirarlhe a vida na primeira jornada. Havia caminhado poucas leguas de diſtancia da Corte, quando os invejoſos, que o eſperavaõ embuſcados, deixando paſſar a comitiva da ſua guarda, ſahiraõ a cortarlhe o paſſo. Cercaraõ a carroça vinte homens armados, e querendo fazer mais cruel, e mais diſſimulado o homicidio, determinaraõ atarlhe as mãos, e darlhe a beber a morte em hum veneno, que levavaõ prevenido, porque naõ déſſe a traiçaõ vozes pelas bocas das feridas.

Já os criados eſtavaõ prezos: porém julgando ſegura a Condeſſa pelo ſexo, e pela dor, valendo-ſe em caſo taõ apertado do proprio esforço, ſaltou da carroça, e lançando maõ de huma eſpada, que ficara de algum criado, os inveſtio com tanto valor, e acordo, que primeiro com a morte de alguns, depois com as feridas de ou-

tros,

tros, e finalmente com a vergonhosa fugida de todos, cantou a vitoria, erigio à sua fama mais esta palma.

Voltou logo a buscar o Conde, que estava atado, e algum tanto ferido; e com a noticia do triunfo, lhe soltou os laços para lhe dar outros mais amorosos: curou-lhe as feridas, e deu liberdade aos criados. E gratulando-se todos, referindo cada hum o perigo, de que se livrara, continuaraõ a jornada alegres, e gostosos. Outra façanha mais perigosa obrou esta Amazona em defensa da vida do Conde, e da propria vida em huma das Cortes da Europa. Achava-se o Conde enfermo, e os que haviaõ concorrido para se lhe faltar ao direito das Coroas, como Embaixador, concertaraõ queimarlhe o Palacio. Entravaõ na conjuraçaõ sessenta homens, e todos armados lhe cercaraõ huma noite o Palacio para lhe cahirem nas mãos os que fugissem ao perigo do fogo, que atearaõ por todas as partes.

Teve D. Theresa anticipada noticia da conjuraçaõ, e sem dar parte ao Conde, porque a pena de se ver indefeso, e acometido de tantos inimigos lhe naõ aggravasse a queixa; arriscando a vida, escolheo seis dos mais valerosos criados, tomou huma lança em a maõ, sahio à rua, e fazendo rosto a todos os sessenta conjurados, os combateo varonilmente. Fazia-se invejar do coraçaõ mais esforçado, e guerreiro, brandindo a lança com tanto valor, e gentileza, que em breve

ve tempo deixou quatorze mortos, que fazendo horror aos feridos, lhe deixaraõ o campo, e a vitoria.

Recebeo a Condeſſa no combate tres feridas ſem perigo, e conſagrando o ſangue, que vertera, nos braços do marido, lhe referio a conjuraçaõ, que teve de atrevida, quanto os cumplices experimentaraõ de bem vingada. Eſtes caſos referidos com taõ eſcaſſa noticia, como ſe achaõ vulgariſados na eſcritura, de que tirámos eſta abbreviada relaçaõ, ſe fazem mais deploraveis com a certeza, de que naõ eſcreviaõ outros muitos, que lhe ſuccederaõ por acodir aos ſucceſſos hiſtoricos de ſeu eſpirito, como ſe naõ foraõ illuſtres acções da ſua vida.

Porém como ſeguimos as luzes deſte original, copiámos, o que ſó nos pertence; e ſeguindo a ordem dos ſucceſſos, dizem as memorias, que chegaraõ o Conde, e a Condeſſa a Roma depois de huma larga, e perigoſa jornada. Aqui ſe detiveraõ o tempo, que foy neceſſario para entregarem as cartas, e tratarem as dependencias do ſeu caracter com o Pontifice, e Provincial dos Carmelitas, e logo partiraõ por Saboya para França, e Caſtella.

Em huma, e outra Corte ſe communicou Dona Thereſa com as Carmelitas Deſcalças, porque era tal a devoçaõ a Santa Thereſa, e o deſejo, que tinha de levar para a Perſia huma Reliquia da Santa Matriarca, que appareceo a huma ſo-

ſobrinha por duas vezes, mandando, que lhe entregaſſe a pequena particula de carne, que guardava de ſeu corpo, que bem prova a virtude da Condeſſa, o patrocinio da Santa. Concluidas as dependencias de Caſtella, e França, voltaraõ os Embaixadores a Roma em mil e ſeiſcentos e quinze, achando noticia da morte de Xa Abbas, Rey da Perſia, que ambos igualmente ſentiraõ, prevendo, que ſe havia de mudar a fortuna com o novo governo, como depois experimentaraõ bem contraria.

Deraõ prompta expediçaõ aos negocios da Curia, e paſſando a Polonia, e Vienna, ſe detiveraõ alguns dias em o Palacio da Archiduqueza, e daqui fazendo jornada por Moſcovia, chegaraõ a Haſpan, Corte da Perſia, em mil e ſeiſcentos e vinte e quatro. Logo, que chegaraõ, ſe accendeo nos inimigos do Conde a chamma da inveja, que ſe naõ tinha apagado em tantos annos de auſencia da Corte, e confiados, que nem o Rey, nem os Grandes conheciaõ a Dona Thereſa por Sanſhulf, naõ ſó pelo recato, com que fora creada, e pela mudança do traje, que veſtia, trabalhos, e climas, que a traziaõ desfigurada, fizeraõ huma accuſaçaõ, de que ſendo Mahometana deſprezara a ley, em que naſcera, caſando-ſe, e fazendo-ſe Chriſtãa: Que naõ era aquella a Condeſſa Sanſhulf, a quem o Rey defunto dera licença para receber o bautiſmo, e celebrar matrimonio com o Conde Roberto; e

que

que devia ſer apedrejada, e queimada com Roberto, que era reo da meſma culpa, merecia proporcionada pena.

Naõ teve Dona Thereſa ſuſto com a noticia, que lhe deu o Conde treſpaſſado de dor, e ſentimento; e propondo-lhe, que fugiſſèm da Corte pelo riſco, em que ſe achava huma, e outra vida, lhe reſpondeo com heroica reſoluçaõ em poucas palavras, neſta ſubſtancia: „ Que „ ſe aquella tormenta paraſſe em morrer pela hon- „ ra, e pela confiſſaõ da verdade, que ſe cum- „ priaõ por huma vez os ſeus deſejos. Todos os que a viaõ, ſe lhe figurava differente: e perſuadida, de que era chegada a hora de morrer por Chriſto, o dia, em que eſperava ſer levada ao martyrio, ſe veſtio, e adornou das melhores galas.

Para o Rey juſtificar a cauſa, mandou conduzir a Haſpan o Eunuco, que lhe aſſiſtira, e educara nos primeiros annos a Sanfhulf, e havia chegado no meſmo tempo, e logo, que entrou no quarto da Condeſſa, e a vio, começou a dar vozes, dizendo: *Teſtemunho, teſtemunho, que he certamente Sanfhulf.* Veyo tambem a Rainha viuva, tia da Condeſſa, que vivia retirada em huma quinta, e logo que a vio, lhe offereceo os braços com muitas lagrimas de goſto. Com eſtas demonſtrações, que provaraõ aquella falſidade, mandou o Rey, que o Conde, e a Condeſſa ſeguiſſem a Caſa Real, que ſe retirava a recrear-

ſe

ſe a huma caſa de campo, longe da Corte cinco dias de jornada; querendo com eſta diſtinçaõ refrear a inveja, punir a maledicencia.

Pouco tempo gozaraõ os Condes da recreaçaõ de Chasbin, porque ambos cahiraõ perigoſamente enfermos; e dentro de breves dias faleceo o Conde Roberto com tanto ſentimento, como reſignaçaõ da Condeſſa, que lhe aſſiſtio às honras funeraes, que ſe lhe fizeraõ no Convento dos Carmelitas de Haſpan, onde eſteve depoſitado até ſer conduzido a Roma. Naõ ſe acabaraõ com a morte do Conde as perſeguições da Condeſſa, porque ſeguindó-ſe nova infelicidade ao Imperio com a morte do Rey Xa Abbas, entrou a governar o Viſir Sciraſio, e ſe livrou de nova accuſaçaõ, de que foy livre por diligencias dos Padres Carmelitas, que eraõ os directores de ſeu eſpirito, que lhe aconſelharaõ deixaſſe a Perſia, e paſſaſſe a Roma, como logo fez governando a Cadeira de Saõ Pedro Urbano VIII. que a recebeo com grande diſtinçaõ pela peſſoa, e pelas virtudes, e prendas.

Contava quarenta e quatro annos de idade, quando entrou em Roma aos vinte e ſete de Dezembro de mil e ſeiſcentos e trinta e quatro: e ainda que naõ conſeguio entrar Religioſa Carmelita, porque os annos, e os achaques lhe foraõ impedimento, ſempre viveo Religioſamente com o habito de filha de Santa Thereſa. Logo que chegou a Roma, fez erigir, e lavrar na

Capella môr da Igreja dos Carmelitas hum nobre Mauſoléo para depoſitar os oſſos do Conde ſeu marido, que mandara conduzir de Haſpan; e no anno de mil e ſeiſcentos e ſeſſenta e oito ſe fez commum a ambos os cadaveres, havendo trinta e cinco, que Dona Thereſa chegara a Roma. Contava ſetenta e nove de idade, deixando de ſuas acções eſta celebre memoria, que em menos abbreviada eſcritura ſe lé na deſcripçaõ de hum Epitafio, que ſe acha gravado no Mauſoléo, que he depoſito de taõ heroicas cinzas.

D. O. M.
Roberto Sherlei Anglo Nobiliſſimo, Comiti Cæſareo,
Equiti Aurato, Rodulphi ſecundi Imperatoris Legato
Ad Scia-Abbam Regem Perſarum,
Et ejuſdem Regis ſecundo ad Romanos
Pontifices, Imperatores, Reges Hiſpaniæ, Angliæ,
Poloniæ, Moſcoviæ, Mogorri,ílioſque Europæ Principes
inclyto Oratori;
Thereſia Sampſonia Amazonites,
Samphuffi Circaſiæ Principis filia,
Viro amantiſſimo, & ſibi poſuit,
Illius oſſibus, ſuiſque laribus
In Vrbem è Perſide
Pietatis ergo translatis. Annos nata
LXXIX. anno M. DCLXVIII.

DONA

IV.

DONA THERESA, Infanta de Portugal, e Rainha de Aragaõ.

A Infanta Dona Thereſa, filha de D. Sancho I. deſte nome, Rey de Portugal, e da Rainha Dona Dulce, ou Aldonça, ſe fez muito celebrada em toda a Eſpanha pela fermoſura, pelo animo, e pelas virtudes. A fama de tantas prendas naturaes, e adquiridas, deſafiou a pertençaõ de muitos Reys de Eſpanha, que a pediraõ para coroarem as ſuas felicidades com o matrimonio deſta Princeza, que veyo a caſar com Dom Affonſo IX. Rey de Aragaõ, que era ſeu primo.

Governava a Cadeira de Saõ Pedro Innocencio III. que os mandou ſeparar, julgando o matrimonio por nullo. Cahiraõ ſobre Portugal, e Aragaõ grandes caſtigos do Ceo pela deſobediencia, e obſtinaçaõ do pay, e do marido. Houve peſte, fome, e guerra; e por queixas dos póvos ao Pontifice, lhe mandou com cenſuras, e interdicto (que teve a duraçaõ de hum anno, hum mez, e tres dias) que foſſem para ſempre ſeparados, tendo effeito em mil e cento e noventa e cinco, deixando a poſteridade illuſtre de tres filhos. Paſſou Dona Thereſa a Portugal com

grande ſentimento delRey D. Affonſo, que lhe fez boa a renda de quatro mil maravedis de ouro, pagos annualmente em Villas, e Lugares de Aragaõ.

Com a morte delRey D. Sancho, e novo governo de D. Affonſo II. começou a Rainha Dona Thereſa a experimentar no irmaõ huma cega cobiça, querendo lhe largaſſe o dominio de Monte-môr o Velho, e outras poſſeſſoens, de que era Senhora por dote, e por herança. Eſcuſava-ſe a Rainha com palavras de juſtiça, e urbanidade depois de haver conſultado peſſoas doutas, que vendo, e examinando as eſcrituras, e doações, que lhe davaõ o Senhorio, lhe aconſelharaõ, que eſtava em boa poſſe, devia conſervar, e defender em conſciencia.

Como ſe naõ funda em razaõ a cobiça, e he como o fogo, que mais ſe accende havendo quem lhe fomente a voracidade, que de ſua natureza naõ tem limite, lhe reſpondeo ElRey com novas inſtancias, e ameaças, dizendo, que as armas lhe dariaõ o direito, e a poſſe. Com eſta reſoluçaõ paſſou a Rainha a Monte-môr, proveo a Villa, e Caſtello de gente, armas, e viveres para hum dilatado aſſedio. O Infante D. Pedro ſeu irmaõ, que andava perſeguido delRey, ſe foy a Leaõ, e dando parte ao cunhado do perigo, em que ſe achava a Rainha Dona Thereſa, fez logo ajuntar o exercito, de que foy General, e o Principe ſeu filho, e entraraõ ambos pelas

las terras de entre Douro, e Minho, aſſolando, e deſtruindo tudo.

Já ElRey D. Affonſo eſtava ſobre a Villa de Monte-môr; e ainda que eraõ graves os damnos, que a Provincia recebia pelas armas do inimigo, perſeverou quatro mezes no ſitio, fazendo viva guerra; porém a Rainha ſe defendeo valeroſamente com os ſeus Vaſſallos, e alguns Cavalheiros, que andavaõ na diſgraça do Rey, fazendo-lhe obſtinada reſiſtencia. Peleijavaõ Portuguezes com Portuguezes, e ſó na mortandade ſe deixava conhecer a ventagem, que no valor ſe faziaõ huns a outros.

Por eſta occaſiaõ chegaraõ os Legados do Pontifice por parte da Rainha, e promulgando ſentença de excommunhaõ, e interdicto contra o Rey, e Reyno, ſe ſuſpenderaõ as armas, em quanto ſe litigava na Curia a juſtiça deſta cauſa, o pleito deſta dependencia.

Naõ ſahiraõ a ElRey as negociações em Roma como eſperava, e appellou para o juizo das armas, renovando a guerra com ſegundo ſitio ſobre a Villa de Monte-môr, em mil e duzentos e treze, que foy taõ bem diſputado, que ſempre conſervou a voz da Rainha, que ſe achava ſoccorrida de muitos Leonezes. Em noſſas Hiſtorias taõ diminutas, como pouco encarecidas, ſe diz, que foraõ grandes os ſucceſſos deſta guerra; mas ſem individuar acçaõ particular, referem a conſtancia, e valor grande, com que ſe houve

a Rai-

a Rainha, ordenando a milicia, e visitando pessoalmente a muralha: animava os soldados, e acodia aos feridos, e enfermos.

Vendo ElRey, que as hostilidades se augmentavaõ, e cada dia cresciaõ nas fronteiras as ruinas, vagando vitoriosas, e sem opposiçaõ as tropas do inimigo, o Reyno interdicto, os Vassallos descontentes, e a Rainha sem declinar da primeira constancia, lhe pedio pazes. Celebraraõ-se as Capitulações com ventagem da Rainha, restituindo ElRey de Leaõ as Praças, e Villas conquistadas; e voltando a descançar dos trabalhos desta guerra no seu Mosteiro de Lorvaõ, que fora de Monges de Saõ Jeronymo, e estava sendo de Freiras da Ordem de Cister. Fica duas leguas e meya distante da Cidade de Coimbra; e he fundado em hum valle taõ profundo, pela altura dos montes, que o cercaõ, que está persuadindo a contemplaçaõ, e desengano.

Logo, que veyo de Castella para este Reyno, persuadida, que eraõ vãas as esperanças, que se fundaõ na fragilidade desta vida, escolheo a Rainha para seu retiro este Convento, que povoou de filhas de Saõ Bernardo por devoçaõ particular, que tinha à Ordem deste Patriarca. Fazia-se invejar de todas pela observancia no exercicio das virtudes, que aperfeiçoou depois com os votos, recebendo o habito, e fazendo profissaõ, como querem os Chronistas desta Ordem. Floreceo com muitos milagres na vida, e depois na morte,

morte, que foy aos dezasete de Junho de mil e duzentos e cincoenta.

Teve a Rainha Dona Theresa huma grande parte na fundaçaõ do Convento de Saõ Domingos de Coimbra, que depois se trasladou para a rua de Santa Sofia pelas inundações do Mondego. Concorreo com grandes despezas na mudança, que fizeraõ em mil e duzentos e trinta e quatro as Beatas de Alenquer para o Convento de Cellas, onde receberaõ o habito, e fizeraõ profissaõ. Os bens, de que era senhora, dispendeo como patrimonio dos pobres, e outras muitas acções de piedade, que estaõ sendo eternos monumentos, em que se daõ a ler as heroicas virtudes, de que teceo na morte mais preciosa coroa, perduravel sceptro, luzido throno.

Foy achado seu corpo incorrupto depois de trezentos annos; e tendo culto immemorial de Beata, lhe confirmou o titulo o Papa Clemente XI. por Bulla de vinte e tres de Dezembro de mil e setecentos e cinco: e no mesmo dia se lhe concedeo Officio proprio para toda a Ordem de Cister, e Reyno de Portugal, concedido pelo Papa Innocencio XIII. à instancia delRey Dom Joaõ o V. por Decreto da Sagrada Congregaçaõ dos Ritos de vinte e dous de Janeiro de mil e setecentos e vinte e quatro.

No dia dezanove de Outubro de mil e setecentos e quinze se abrio o tumulo da santa Rainha para o exame, e trasladaçaõ das Reliquias, e

se

ſe achou o corpo coberto com hum véo de tafetá branco, já ſem carne, nem pelle, mas os oſſos unidos, e organizados, havendo quatrocentos e ſeſſenta e cinco annos, que fora ſepultado, e ſó a cabeça eſtava ſeparada do tronco. Feito o exame pelos Biſpos, e mais Prelados, ſe envolveraõ as ſantas Reliquias em hum panno de cambray, veſtiraõ-lhe a Cogula da Ordem, toucado, e véo de Religioſa, e ſe trasladaraõ do tumulo de pedra para outro de prata, primoroſamente lavrado com pedraria de cores differentes, ſentado ſobre veludo carmeſim com alguns cryſtaes para ſe poderem ver as Reliquias.

Jazia o corpo da Rainha Dona Thereſa em huma das Capellas collateraes da Igreja em tumulo de marmore com o ſeguinte Epitafio:

Hic requieſcit Regina Thereſia Sancii primi Portugalliæ Regis filia, quæ Legionenſi Regi Alfonſo Nono aliquandiu nupta, dirempto matrimonio, valedicens rebus humanis, Ciſtercienſem habitum induit in hoc Cœnobio Lorvanienſi, ejus induſtria à Monachis Benedictinis ad Virgines Sancti Bernardi tranſlato; in quo plus viginti annis perſeverans inſigni prudentiæ, liberalitatis, & pudicitiæ laude, nec non virtutum, & ſanctitatis admirandæ prodigiis,
Obiit anno Domini M. CC. L.

SANTA

V.

SANTA THERESA DE JESUS.

DOus annos antes, que apparecesse no Theatro Universal do Mundo em campo contra a Igreja Catholica o maldito Lutero fazendo guerra às Virgens, que a Deos se consagravaõ pelos votos de Religiaõ, nasceo com altissima Providencia na Cidade de Avila, antiga povoaçaõ de Castella a Velha, a Doutora, e Serafica Virgem Santa Theresa de Jesus no dia quinta feira, vinte e oito de Março de mil e quinhentos e quinze, para mãy de tantos filhos, e filhas da Religiaõ Carmelitana, que a veneraõ Reformadora, reconhecem Matriarca. Os pays de Theresa, Affonso Sanches de Cepéda, e Dona Beatriz de Ahumada, nobres, e virtuosos, a crearaõ da primeira idade com amor às virtudes, empenhando-a com o nome, que lhe deraõ no bautismo, a huma vida milagrosa, como significa Tharasia na lingua Grega; porque logo do nascimento se competiraõ os dons, e graças do corpo, com a syncedade, e pureza da alma.

Com a luz da razaõ se lhe começou a notar huma viveza de juizo, e engenho, que seus pays logo applicaraõ às primeiras letras, porque naõ contava mais, que seis annos, quando gostava já de ler as Vidas dos Santos, e fallar nas vir-

tudes, que a huns deraõ a palma de Confeſſores, a outros a coroa de Martyres. O coraçaõ foy taõ animoſo, e heroico nas emprezas de virtude, que a ſeu irmaõ, menino da meſma idade, perſuadio o deſejo do Martyrio, que buſcaraõ provídos de algum ſuſtento para a jornada, que faziaõ a terra de Mouros, fugitivos da caſa de ſeus pays, mas ſendo encontrados na ponte do Rio Adeja por Franciſco Alvares de Cepéda ſeu tio, os conduzio para caſa com grande alegria da mãy, e ſentimento da menina, que ſeu irmaõ culpou, dizendo: „ Que Thereſa lhe per„ ſuadira a jornada, aconſelhara a fugida.

Tal era o eſpirito, e talento de Thereſa em taõ poucos annos, que naõ podendo alcançar a coroa do Martyrio, traçava com ſeu irmaõ depois mil invençóes de vida Religioſa, fingindoſe humas vezes ſolitaria nos deſertos, outras Freira nos Conventos. Invejoſo o Demonio de taõ heroicos principios, lhe perſuadio a liçaõ de livros profanos, e cavallarias, com animo de empregar aquelle grande entendimento em noticias, que lhe augmentaſſe a opiniaõ de diſcreta, e entendida: e como era de excellente engenho, bebeo aquelle eſtylo, e linguagem, ordenando com ſeu irmaõ Rodrigo hum novo livro com agudas ficçóes, diſcretas aventuras.

Era já morta Dona Beatriz ſua mãy, e com a diverſaõ deſtes eſtudos, amiſade, e trato de huma donzella, que por qualidade, e parenteſ-

co lhe era familiar, esfriou Theresa no exercicio das primeiras virtudes com vitoria do inimigo commum, que andava buscando meyos de pôr embaraços a taõ illustres progressos, singulares principios. Mas Deos, que a tinha predestinado para instrumento de muitas conversoens, ordenou para Theresa se voltar à primeira educaçaõ, e vida Religiosa, que seu pay a recolhesse no Convento de Nossa Senhora da Graça da Ordem de Santo Agostinho, para se crear na companhia de outras meninas seculares da mesma idade, e nobreza.

Aqui teve por exemplar, e mestra a Dona Maria Brizenho, que dias antes estando no Coro em oraçaõ, vio a Communidade, que huma luz em fórma de estrella, rodeando as cabeças de todas as Freiras, chegava a Dona Maria, e penetrando-lhe o peito, desappareceo aos olhos de todas, que depois conheceraõ o mysterio, publicaraõ o prodigio. Anno e meyo, que viveo no Convento da Graça, renovou com os exercicios das virtudes, e frequencia dos Sacramentos o desejo de ser Freira, que naõ perdeo já mais, ainda que deixou a Clausura por convalecer de huma enfermidade perigosa, que teve; porque no anno de mil e quinhentos e trinta e seis a trinta de Outubro entrou no Convento da Encarnaçaõ da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, cumprindo-se a Profecia, que andava por tradiçaõ na boca das Religiosas, que havia

de viver naquelle Convento huma grande mulher por nome Theresa, por antonomasia Santa.

Passados alguns annos de huma vida penitente com extraordinarios favores do Ceo, poz Deos no coraçaõ de Theresa o efficaz desejo de reformar a Religiaõ Carmelitana, que havia descahido muito da primitiva Regularidade: e considerados os meyos para taõ illustre fim, edificou de esmolas hum pobre Convento, que teve o titulo de Saõ Joseph, e deu principio à Reforma com quatro donzellas, filhas de seu abrazado espirito, governando a Cadeira de Saõ Pedro o Papa Innocencio IV. que expedio o Breve a sete de Fevereiro de mil e quinhentos e sessenta e dous. Padeceo grandes contradiçoens a obra espiritual deste mystico edificio; mas como era regulado pela vontade de Deos, se foy estabelecendo, e propagando de innumeraveis filhos, e filhas, porque deixou fundados quinze Conventos de Freiras, e hum de Frades, que lhe deveraõ a protecçaõ, depois o Instituto, e Regra.

Havia levado a obediencia, e amor do proximo a Santa Matriarca ao Convento de Alva já com grande indisposiçaõ da saude: e ainda que os Medicos lhe promettiaõ melhoras, lhe foy revelado, que era enfermidade de morte, que esperou com todos os Sacramentos. Precederaõ extraordinarios sinaes do Ceo, apparecendo algumas vezes sobre a Igreja huma estrella de grande luzimento; tambem viraõ as Religiosas, que lhe

lhe faziaõ companhia, paſſar pela janella hum rayo da cor de hum cryſtal reſplandecente; outras admiraraõ na meſma janella duas grandes luzes; e dias antes de entrar no Convento ouviraõ todas, eſtando em oraçaõ no Coro, hum terniſſimo gemido manſo, e agradavel, que tiveraõ entaõ por ſinal myſterioſo, depois lamentaraõ por Cometa funeſto.

Entre as nove, e dez horas da manhãa no dia, que a Igreja celebrava o Serafico Patriarca Saõ Franciſco, que foy naquelle anno de mil e quinhentos e oitenta e dous a quatorze de Outubro por ſe ter emendado o Kalendario, havendo-lhe diminuido dez dias, que andavaõ demais nos circulos Solarios, faleceo com viſiveis demonſtraçoens de glorioſa a illuſtre Matriarca Santa Thereſa de Jeſus com ſeſſenta e ſete annos de idade, ſeis mezes, e ſete dias. Ainda que o ſagrado Corpo foy enterrado em Alva, e ſe trasladou para Avila, veyo a parar outra vez em Alva, onde jaz obrando infinitos milagres.

Em cinco livros nos deixou tantos theſouros, que mereceraõ o louvor de toda a Igreja; e tem ſido grande o fruto, que tiraõ os Fieis da ſua liçaõ, porque todos os eſtados encontraõ proveitoſa doutrina, as enfermidades remedio, as virtudes aviſos, as tentações ſoccorro. Eſcreveo por obediencia dos Confeſſores, nenhum por ſeu goſto: o primeiro livro he de ſua vida, o ſegundo do caminho da perfeiçaõ, o terceiro

ceiro das fundações, o quarto do Castello interior, o quinto sobre os Cantares, que lhe mandou queimar a imprudencia de hum Confessor; sobreviveo ao estrago hum só caderno, para se conhecer, que era Deos o Autor, Theresa o instrumento.

VI.

TOMYRIS,

Rainha.

TAmbem houve na Scythia a Rainha Tomyris bellicosa, guerreira, e viuva, que floreceo no tempo de Cyro, Rey da Persia, que desejando unir a seu Imperio o Reyno dos Scythas, lhe offereceo a maõ de esposo, que naõ aceitou, querendo conservar ao filho a Coroa, à patria o nome, aos vassallos a liberdade. Era taõ varonil, e forte, que naõ temeo a Cyro depois de estar coroado de tantas vitorias na Asia, e Oriente, poderoso em conquistas, valente, e destemido nas batalhas.

Entrou Cyro pela Scythia, fazendo-lhe guerra com grande poder a castigar o desprezo, e a conquistar a coroa, que naõ podera adquirir pelo vinculo do matrimonio, que lhe offerecia, querendo dissimular a usura com o contrato, sendo ambiçaõ de mais hum Reyno. Mandou Tomyris o Prin-

o Principe ſeu filho, chamado Sargapice com algumas tropas a fazerlhe roſto, e embaraçarlhe o paſſo; e como era de poucos annos, e menos experiencias na guerra, tendo quaſi à viſta hum inimigo poderoſo, e ſoldado, ſe poz a banquetear os ſeus Generaes.

Cyro com eſta noticia, que lhe pareceo deſprezo, e era confiança, aproveitando-ſe do ſilencio da noite, e deſcuido dos Generaes, que ſe achavaõ como devotos de Baccho, filhos de Morpheo, acometendo-os de repente, os deſtruîo, e ſaqueou, perdendo o Principe com a mayor parte do exercito a liberdade, e a vida. Achando-ſe o Principe Sargapice priſioneiro ſem batalha, e homem ſem honra, envergonhado de tamanha perda, ſe matou, vingando na ſua vida tantas mortes, na ſua confiança tantas liberdades. Nem Cyro com ſeu exercito podera facilmente dar hum paſſo ſem tropeço, ſe o Principe acampara ſuas tropas na paſſagem do Rio Arax.

Naõ ſe turbou Tomyris com eſta diſgraça, antes fingindo temor de forças taõ poderoſas, ſe foy retirando com a gente, que pode recolher do eſtrago, e outra, que ſe lhe foy ajuntando em numero, que lhe podia fazer oppoſiçaõ, e competencia. E fazendo alto em hum paſſo eſtreito, lhe armou huma ſilada, em que Cyro cahio com tanto deſacordo, que morreraõ na batalha duzentos mil Perſianos. Houveſe

ſe Tomyris com valor, e diſciplina, alcançando huma illuſtre vitoria do mais poderoſo Monarca, que ſe conhecia no Mundo naquella idade.

Deixou vingada a morte do filho com a morte, e triunfo, que conſeguio do ſoberbo Cyro, mandando-lhe cortar a cabeça, e depois meter em hum odre cheyo de ſangue, inſultando-o de ambicioſo por eſtas palavras, que refere Herodoto: *Filii mei ſanguinem hauſiſti, & meum ſitiviſti, Cyre. At ego te cruore ſaturabo.* Aſſim acabou Cyro às mãos de Tomyris, que o fartou de ſangue, de que fora cauſa na morte do Principe ſeu filho, e de tantos valeroſos ſoldados, fazendo com a ſua morte mais preclara a fama deſta Heroína, que mereceo por huma taõ illuſtre, e decantada vitoria, que as pennas dos Hiſtoriadores lhe cortaſſem as palmas, gravando-lhe nos marmores dos eſcritos eſtas perduraveis memorias.

VII.

THEODOLINDA, Rainha.

MAis illuſtre pela Religiaõ Catholica, de que era filha obedientiſſima, que pelo auguſto ſangue do Emperador Mauricio I. e unico do nome, que teve por aſcendente, floreceo Theodolinda,

dolinda, Rainha dos Lomgobardos em letras, e virtudes, que deraõ a ſeu nome entre as famoſas Heroínas gloria, e naõ vulgar excellencia, preeminente primaſia. Pelos annos de quinhentos e nove do Imperio de Mauricio, e Pontificado de Saõ Gregorio Magno, reynava Theodolinda, filha de Garimbaldo, Rey dos Bavaros, ou Alemães, e mulher de Artharis Flavio, Rey dos Lomgobardos, que lhe deveraõ o beneficio da converſaõ, a Igreja Romana o numero de tantos Fieis, que lhe adquirio, merecendo ſó por eſta acçaõ particular memoria, eſpecial eſcritura.

Ainda contava poucos annos de fermoſura, engenho, e diſcriçaõ, quando Theodolinda ſe deſpoſou com Artharis, Rey dos Lomgobardos, matrimonio, que deu tanto, que ſentir a ElRey de França, ſeu grande inimigo, que no meſmo anno fez viva guerra a Garimbaldo, obrigando-o a retirar com toda a Corte para os dominios do genro, que o recebeo com goſto, e alegria, tratou com diſtinçaõ, e magnificencia. Recompenſou Artharis a Garimbaldo a perda de huma Coroa com o governo de outra, regulando pelo ſeu conſelho as acções, e expedientes, como primeiro movel daquella Monarquia, que naõ logrou depois de caſado mais, que hum anno, deixando a Theodolinda viuva, moça, e ſem poſteridade.

Naõ ſe conheceo a mudança do governo mais, que nos lutos, e na peſſoa que influïa, ex-

perimentando os vaſſallos em Theodolinda premio com moderado caſtigo, liberalidade com diſcreta diſtribuiçaõ. Teve as redeas daquelle Imperio independente de outro juizo o tempo, que durou a controverſia entre os Grandes da Corte ſobre a eleiçaõ do Principe para ſucceſſor de Artharis na Coroa, e no matrimonio.

Eſtava taõ bem aceito o governo da Rainha a grandes, e pequenos, que lhe cederaõ voluntariamente o direito de elegerem Rey, promettendo confórmes, que teriaõ por Soberano o Principe, que elegeſſe por marido. Gratificou Theodolinda a confiança, com que lhe conferiaõ o acerto da eleiçaõ; e conſultando com pezado conſelho a empreza, que ſe fiava de ſeu juizo com attençaõ ao bem commum de ſeus eſtados, lhe levou os olhos, e coraçaõ o Duque Agilulpho Taurinenſe, varaõ bellicoſo, e de grande prudencia, que elegeo para marido, declarou para Rey.

Elevado Agilulpho ao throno, grato ao beneficio da eleiçaõ, lhe entregou o governo do Reyno pelo conhecimento da ſabedoria, e arte de reynar de tal Heroína, que adminiſtrou com prudencia, governou com paz, e equidade, deixando nos malfeitores caſtigados muitos exemplares a juſtiça, nos pobres, e benemeritos muitos pregoeiros a liberalidade. Nem o trabalho, e fadiga dos negocios lhe tirava o exercicio da Religiaõ, vagando para Deos muitas horas do dia, pedin-

pedindo-lhe aplacasse a ira contra a idolatria daquelle povo, para que chegassem a conhecer a Fé, dando obediencia à Igreja Romana.

Logo que Agilulpho tomou a investidura Real, concedeo a paz, que lhe pedio Cachano, Rey dos Hunos; e no anno seguinte restituìo Chilperico, Rey de França, o Reyno a Garimbaldo seu sogro, sendo medianeiro nos ajustes, fiador nos preliminares. Naõ se refere, porque motivo alterou a paz, que gozava o Reyno, movendo guerra contra os Romanos, que teve sitiados por tempo de hum anno com grande mortandade do inimigo; e voltando as armas sobre Patavia, que ganhou por assedio, e entregou ao fogo, se partio a Cremona, e Mantua, que padeceraõ o mesmo estrago, experimentaraõ semelhante ruina.

Agilulpho na campanha, e Theodolinda na sua Corte ganhavaõ igualmente illustre fama; o Rey vencendo, e destruindo os inimigos de seus Estados, a Rainha conquistando com elegantissimas exhortações os animos, e corações de seu povo para deixarem os ritos da Gentilidade, reduzindo-os à observancia dos Mandamentos da Ley de Christo, Ceremonias, e Preceitos da Igreja Romana. Naõ era menos eloquente nas obras, que nas palavras, porque em liberalidades, e esmolas com os pobres, e soldados, jejuns, e abstinencias, e no exercicio de todas as virtudes se lhe conheceo excesso a todas as Rainhas, que lhe

precederaõ em os annos, foraõ primeiras pela antiguidade.

Aquellas prendas, com que Deos, e a natureza coſtuma enriquecer os individuos do genero humano com ſingularidade, ſinala com particular providencia, ajuntou em Theodolinda para o heroico fim da converſaõ daquelle paganiſmo, de que a fizera naõ ſó Rainha, mas tambem Apoſtola. Conhecia Saõ Gregorio, que entaõ governava a Cadeira de Saõ Pedro em Roma, que era mulher douta, e Chriſtãa, e lhe mandou os ſeus Dialogos, que foraõ eſtimulo para acabar de render a Agilulpho inclinado, e perſuadido pelas virtudes, e conſelhos da Rainha, a deteſtar os erros da gentilidade, reconhecendo a Chriſto por Autor, e Redemptor do Mundo.

Com a liçaõ dos Dialogos de Saõ Gregorio ſe acabou de vencer, e convencer o Rey, recebendo o Bautiſmo, e a ſeu exemplo grandes, e pequenos de ſeu Reyno. Theodolinda, que havia ſido o inſtrumento feliciſſimo deſte grande triunfo da Igreja, ſe fez igualmente medianeira da paz entre o Rey, e o Pontifice, reſtituindo-lhe quanto lhe tinha uſurpado em a guerra contra os Romanos, que tivera por inimigos, agora venerava por Fieis, e queria por ſeus confederados.

Foy acçaõ heroica da piedade deſta Rainha o nobiliſſimo Moſteiro, que fundou em honra de Saõ Columbano Monge, e diſcipulo de Saõ Jeronymo,

ronymo, junto do Bobio, Cidade antiga da Lombardia, edificio ſoberbo pela arquitectura, e pela riqueza, com que foy dotado para ſuſtentaçaõ dos Monges filhos deſte Monacato. Além de outros Moſteiros, e Igrejas, edificou huma no campo Mediolanenſe, junto de Modoecia, ou Moguncia, celebre, e muito frequentado, em honra do Bautiſta, que dotou de muitas rendas; e deſta devoçaõ, e exemplo tomaraõ aquelles póvos o Divino Precurſor de Chriſto por advogado, celebraõ como protector, e titular poderoſo.

Naõ houve deſte matrimonio mais, que hum ſó filho por nome Adoaldo, que ficou de menor idade pela morte de Agilulpho na tutoria da mãy, que governou aquelles Eſtados ainda mais dez annos antes de ſeu caſamento com huma filha de Theodoberto, Rey de França. Naõ ſó foy reſpeitada dos Principes viſinhos pelas maximas de ſeu governo, Religiaõ, e diſcriçaõ; mas ainda naõ ſe conta, que em todo o tempo, que governou, houveſſe tumulto, ſediçaõ, ou conſpiraçaõ dos vaſſallos, conſervando o Reyno em paz, os póvos em juſtiça. Adquirindo a gloria dos varões illuſtres nas acções de huma vida Religioſa, e exemplar, lhe faltou na morte igualmente a gratidaõ da patria em mais larga eſcritura; pois ſó nos conſta, que jaz ſepultada no Templo de S. Joaõ Bautiſta em Moguncia com pompa de Rainha, cultos de Santa.

CATA-

CATALOGO.

VIII.

TELLESILA, ou Telesilide, donzella, de naçaõ Grega, na Poesia douta, e na guerra destemida, foy dotada de hum agudo engenho, e animo robusto, e varonil. Havendo Cleomenes, Rey de Esparta, morto a muitos Gregos na campanha, lhe foy sitiar a Cidade de Argos com poderoso exercito; e animados à defensa por Telesilide, o fizeraõ retirar com grande perda de gente, e reputaçaõ. Naõ menos se mostraraõ valerosos a exemplo desta Heroína na guerra, que lhe fez El-Rey Demorato, que havendo conquistado meya parte da Cidade de Pamfylia, o carregaraõ com taõ pezada maõ, que perdeo o que tinha ganhado, e se retirou, deixando a Telesilide com as acçóes deste dia taõ illustre, e gloriosa, que ficou memoravel em muitos seculos, porque nelle se vestiaõ as donzellas em habitos de varaõ. Os moradores de Argos lhe erigiraõ huma estatua, que a representava com muitos livros aos pés, hum capacete na maõ.

Theo-

IX.

THeodora, matrona de grande engenho, e ſabedoria, adquirida no eſtudo de muitas artes, e ſciencias, venceo em publica diſputa muitos homens ſabios do ſeculo, em que viveo, fazendo perduravel a memoria de ſeu nome, a voz da ſua fama.

X.

THeodora, filha de Cyrena, e de Diogenes, filho de Euſebio, e neto de Flaviano, ſeguio a ſeita Peripatetica, e foy muito douta na Poeſia, Filoſofia, Grammatica, Geometria, e Arithmetica. Teve por meſtre a Damaſio Damaſeno, doutiſſimo, e diligentiſſimo eſcritor entre os Filoſofos Peripateticos.

XI.

TAnaquil, mulher de grande engenho, e eſpirito, foy a primeira, que inventou, e deſcobrio o uſo de fiar a lãa dos animaes para ſe tecerem pannos em beneficio da honeſtidade, merecendo dos antigos o nome, e culto de Deoſa.

Theo-

XII.

THeodora, matrona Grega, e de grande valor, ſe fez ſinalada em muitas acções na batalha da Ilha de Rhodes contra os Turcos em mil e quinhentos e vinte e tres. Vendo morto a hum ſoldado, que amava extremoſamente, o deſpio das armas, e lhe deu ſepultura. Acabado o beneficio daquella acçaõ piedoſa, ſe veſtio das meſmas armas, entrou na batalha, e ſem deixar o primeiro lugar, vingou a morte do amante, tirando a vida a vinte Turcos. Suſtentou o pezo da batalha valeroſamente, até que padeceo igual fortuna; chegando a merecer ainda neſta abbreviada eſcritura huma taõ illuſtre memoria.

XIII.

TRotta, Trottola, Tertuglia, e como dizem ainda outros Eſcritores, Regnicola Salernitana, nobre, e famoſa Heroína pelo engenho, e ſabedoria, foy muito douta na Filoſofia, e eſcreveo de certa enfermidade, e ſeus remedios.

XIV.

TImareten, ou Timyris, como eſcrevem outros, aprendeo com ſeu pay a arte de pintar, floreceo pelos annos, que Archeláo reynava em

em Macedonia. Entre outras pinturas de ſeu pincel excellentes, ſe faz eſpecialiſſima memoria de huma Diana, pintada em taboa, de tanta perfeiçaõ, que foy avaliada em Epheſo por hum exceſſivo preço, e ſe conſerva com grande eſtudo, e uſura.

XV.

TArgelia, ou Tarchelia Mileſia, foy muito douta nas Filoſofias, que illuſtrou com as ſuas Obras. Teve tanta ſabedoria, como fortaleza, porque chegou a conhecer, e caſar com quatorze maridos.

XVI.

TEano, de naçaõ Cretenſe, e mulher de Brutino Mathematico, foy muito douta na Filoſofia, e eſcreveo algumas Obras naturaes, e moraes. Era muito deſtra na Muſica, e na Poeſia; deixou muitas compoſiçóes diſcretas, e elegantes.

XVII.

TArſile Poetiza, adquirio neſta arte huma tal virtude, e doutrina, que lhe levantaraõ os naturaes em Argos huma Eſtatua no Templo de Venus.

XVIII.

TEſpia, famoſa, e excellente Poetiza, teve competencias com Homero, Principe da Poeſia Grega, porque ſeguem muitos Autores a opiniaõ, que lhe excedera na elegancia, e pureza do verſo.

XIX.

THeofila, filha do Poeta Canio, virtuoſa, e douta Poetiza, he muito louvada do Poeta Marcial pela caſtidade, que guardou, e ſciencia, que adquirio na arte Poetica.

XX.

THeano, Napolitana, e mulher do famoſo Filoſofo Pythagoras, natural da meſma Cidade, eſcreveo doutiſſimos Commentarios Filoſoficos, e foy a primeira, que eſtudou a doutrina do marido, que teve Eſcola publica, em que lhe ſuccedeo na morte com ſeus filhos Telange, e Neſarcho. Houve mais duas Theanos, que muitos confundem, huma compoz verſos Lyricos, outra eſcreveo em verſo a Filoſofia de Pythagoras.

XXI.

TEmiſte, donzella Grega, filha de Zoylo, e mulher do Filoſofo Leontes Lampſaceni, he muito louvada dos Eſcritores antigos por muito douta nas letras humanas.

XXII.

THeoclea, ou Themiſtoclea, filha de Mneſarcho, natural de Samos, foy irmãa, e meſtra de Pythagoras na Filoſofia Moral, em que era doutiſſima, e ſe fez muito illuſtre, e de recomendada memoria na poſteridade.

XXIII.

TImycha Lacedemonia, mulher de Myllio Crotoniato, floreceo no tempo de Dionyſio Tyranno; foy das primeiras diſcipulas do Filoſofo Pythagoras, e he contada entre o numero das Heroínas, que ſeguiraõ eſta ſeita.

XXIV.

THereſa de Po, natural de Napoles, foy inſigne, e muito famoſa na arte da Pintura. No gabinete da Marqueza de Vilhena, que ſendo Vis-Reyna de Napoles, ſe enriqueceo deſtas

alfayas , ſe moſtraõ ſingulares Obras deſta Heroína.

XXV.

TErencia, mulher de Cicero, viveo cento e dezaſete annos pela conta de Plinio. Era muito douta nas letras humanas, e ſendo repudiada pelo marido, Saluſtio a recebeo por mulher para lhe deſcobrir os ſegredos de ſeu inimigo.

XXVI.

TAleſtris , Rainha das Amazonas, floreceo no Imperio de Alexandre Magno, que buſcou em Bretania, Provincia da Aſia, com grande pompa, e acompanhamento de valeroſas Heroínas. Aviſtaraõ-ſe as Mageſtades, precedendo primeiro huma embaixada de Taleſtris , pedindo-lhe ſeguro para chegar á ſua preſença ; e depois de ſe terem ſaudado com a policia daquelle tempo, ceremonial daquellas nações, lhe perguntou Alexandre pelo motivo da jornada , que lhe dava taõ goſtoſo dia. Taleſtris reſpondendo-lhe com a fama de ſuas vitorias, lhe diſſe : „ Que ſahira da ſua Corte por ver homem „ tamanho, e deſejoſa de conciliar amiſade com „ hum Principe de tanta grandeza: Que o favor „ e intereſſe, que a levara à ſua preſença conſe- „ guido, honraria nos ſeculos futuros o bom no- „ me das Amazonas com melhorada ventagem,

„ ad-

„ admirando nas ſuas acções o Mundo o ſangue,
„ e a nobreza de taõ illuſtre, e guerreiro Mo-
„ narca. Quatorze dias ſe deteve com Alexan-
dre em divertidos paſſatempos, e no conceito de
levar ſucceſſaõ ſe partio para ſeus Eſtados goſ-
toſa, e admirada.

XXVII.

TRiaria, matrona Romana, e mulher de Lu-
cio Vitelio, irmaõ do Emperador Vitelio,
unico deſte nome, floreceo pelos annos de Chri-
ſto de ſetenta e dous. Foy valeroſa, e guerrei-
ra Heroína, e ſe refere de ſeu valor, que entran-
do em Tarracina Lucio Vitelio ſeu marido na
guerra contra Veſpaſiano, o ſeguira armada en-
tre os ſoldados, matando, e ferindo nos inimi-
gos com tanto acordo, que naõ lhe foy horro-
roſa a noite, o ſangue, a mortandade, nem o
eſtrondo tumultuoſo, com que ſe combatiaõ,
huns pela defenſa, outros pela vitoria. Neſta
campanha moſtrou Triaria quanto pódem em hum
coraçaõ animoſo os affectos de amor, e odio,
que a levaraõ a perigo taõ evidente, mas taõ he-
roico, que mereceo neſta eſcritura particular
memoria, diſtinta recomendaçaõ.

Tho-

XXVIII.

THomaſia Fieſqui, de naçaõ Genoveza, e da nobre familia deſte appellido, foy ſempre de vida honeſta nos eſtados, que teve de donzella, caſada, viuva, e Religioſa. Entrou na Ordem do Patriarca Saõ Domingos para melhor ſe dar ao exercicio das virtudes, e em poucos annos de profeſſa a elegeraõ Reformadora de outro Convento da Ordem. Para moderar o fogo do amor Divino, ſe divertia na arte da Pintura, em que foy peritiſſima. Tambem eſcrevia com boa diſcriçaõ, e doutrina; e deixou por ſua morte, que foy a vinte e quatro de Dezembro, os devotos Tratados ſobre o Livro do Apocalypſe, Saõ Dionyſio, Areopagita, e outros Santos; ainda que naõ dizem ſeus Chroniſtas ſe foraõ Commentos das Obras, ou Hiſtorias das Vidas de alguns Santos.

XXIX.

TImoclea, foy natural de Thebas, florecia quando o grande Alexandre rendeo, e ſaqueou eſta famoſa Cidade da Grecia. Era Senhora da primeira nobreza de Thebas: e entrando alguns ſoldados a roubarlhe a caſa, o Capitaõ lhe roubou a honra, e lhe deu logo occaſiaõ para a juſta vingança, perguntando-lhe ſe tinha prata, ou ouro,

ou

ou outros effeitos precioſos. Reſpondeo-lhe, que ſim, levando-o junto de hum poço, em que eſtavaõ os ſeus theſouros, e credulo da ficçaõ, ſe debruçou para ver ſe os deſcobria com os olhos: porém a valeroſa, e deſtemida Timoclea o precipitou no poço, lançando-lhe muitas pedras, que acabaraõ de darlhe a morte, que merecia, a ſepultura, que buſcara. Os ſoldados a levaraõ à preſença de Alexandre, que logo conheceo na preſença mageſtoſa de Timoclea, que era de illuſtre naſcimento, porque naõ ſe perturbou, nem ſe poſſuîo de temor; mas perguntada, reſpondeo, que era irmãa de Theagenes o meſmo, que combatera com Filippe ſeu pay, defendendo a liberdade dos Gregos, de quem era General na batalha de Cheronea, onde morrera. Admirando Alexandre o valor das palavras, e das acções de Timoclea, a mandou hir livremente com ſeus filhos.

XXX.

THomaſia Nunes, natural da Cidade da Guarda, e de humilde naſcimento, ſe perfilhou illuſtre nos eſtudos da Filoſofia, Arithmetica, Muſica, e Architectura. Riſcava, e pintava com igual perfeiçaõ, e deixou eſcrito dous livros em folio, com o titulo: *Idéas ſingulariſſimas.* Ordenou huma arte de Rhetorica, que intitulou pela materia, e pela fórma: *Nova arte de bem fallar;*

lar; e faleceo pelos annos de mil e ſeiſcentos e quarenta e quatro.

XXXI.

THomaſia Nunes, natural de Vianna de Alentejo, e mulher de hum coraçaõ varonil, jogava as armas com deſtreza, e valor. Vivendo em Lisboa pelos annos de mil e quinhentos e trinta e tres, huma noite ouvindo na rua eſtrondo de armas, lançando maõ de huma lança, e ſahindo a meterſe no combate, apartou os contendores, cedendo a ſeu valor o campo, e porfia. Em mais arriſcada peleija ſe vio eſta matrona entre ſeis homens, que ſe combatiaõ a ferro, e fogo. Com hum dardo em as mãos lhe fez taõ dura reſiſtencia, que foy arbitra da paz, conciliando os animos contrarios, que ſe retiraraõ temeroſos, ou confórmes.

XXXII.

THeodoſia Maria, natural do Lugar de Loires, e mulher das que ſervem a Cidade, foy de animo deſtemido, e valeroſo. Voltava de Lisboa para a ſua terra no anno de mil e ſetecentos e dezoito, e paſſando a horas de Ave Marias pelo Campo grande, ſe vio acometida de hum ladraõ, que lhe pedio a bolſa, ou a vida. Nem a vida, nem a bolſa lhe darey, reſpondeo a valeroſa Saloya, deſmontando com grande impulſo,

pulſo, e preſſa, que deu lugar ainda aſſim para o ladraõ a ferir em hum braço levemente com huma faca, entendendo baſtaria para lhe render o animo: porém a Heroína tirando de outra faca, o combateo com mais valor, e acordo; e dando-lhe mais de vinte feridas, o deixou por morto. Chegaraõ as companheiras, que lhe advertiraõ o muito ſangue, que lançavaõ as feridas, que eraõ duas no meſmo braço; e porque huma era mais penetrante, ſe ſogeitou à cura, convalecendo facilmente, ficando-lhe os ſinaes do combate para ſer hum perduravel teſtemunho da vitoria, que lhe mereceo lugar entre as Heroínas Portuguezas.

XXXIII.

DOna Thereſa Soares, filha de D. Soeiro Viegas, e mulher de D. Gonçalo Mendes, filho do Conde D. Mendo, foy matrona de tanta fermoſura, que ſeu marido cego, e louco de ciumes, a criminou de adultera na preſença delRey D. Affonſo II. a que chamaraõ o Gordo. Ainda que os parentes de Dona Thereſa o queriaõ retar de aleivoſo, naõ o conſentio a virtuoſa, e diſcreta Heroína, dizendo: „ Que a ſua innocencia o caſtigaria melhor pelo crime, de que „ era accuſada, na experiencia do ferro quente em „ braza, que ſe fez na Cidade de Braga com admiraçaõ de quantos a viraõ triunfar da calum-

nia, e falſa accuſaçaõ do marido, de que já tinha a illuſtre poſteridade de tres filhas, e hum filho. Com a demonſtraçaõ, que lhe provava a innocencia, deixou a ſeu marido confuſo, e afrontado; e dando-lhe as coſtas para ſempre, ainda que ſe lhe quiz lançar aos pés penitente, e arrependido, ſe retirou acompanhada de ſeus parentes para o Moſteiro de Arouca, que enriqueceo de joyas, e herdades, como ſe refere em huma doaçaõ de ſete de Setembro de mil e duzentos e cincoenta e quatro, breve memoria deſta acçaõ illuſtre.

XXXIV.

THeodora Maria, filha de Joaõ Rodrigues Andino, inſigne Pintor, e de Bernarda da Aſſumpçaõ, naſceo em Tavira, Cidade do Reyno do Algarve, e foy bautiſada na Fregueſia de Santa Maria. Na arte da Pintura ſe naõ excedeo, igualou a ſeu pay, e neſte Moſteiro ha na cella Prioral huma pintura da Senhora da Graça, que bem moſtra a excellencia do pincel. Pelas boas prendas, de que era dotada, caſou com André de Mendoça, da Cidade de Faro, onde morreo a dez de Agoſto de mil e ſetecentos e dezaſeis, contando pouco mais de vinte e quatro annos de idade, e jaz ſepultada na Igreja Matriz de S. Pedro.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Armas, Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *U.*

I.

SANTA URSULA, Princeza.

SAÕ havidas por apocrifas algumas das Hiſtorias, que referem mais largamente o naſcimento, origem, e martyrio da diſcreta, e ſabiã Princeza Santa Urſula, que naſceo em huma Ilha, que antigamente chamaraõ Bretanha, agora Inglaterra. Foy illuſtre poſteridade dos Catholicos Reys Mauro, e Demetria, ainda que outras memorias, que ſe tem por verdadeiras, lhe daõ por

pay a Dionysio, Rey de Cornualha, que floreceo governando a Igreja o Papa Ciriaco, o Imperio Graciano, e Theodosio o Mayor.

As prendas, com que dotou a natureza a Virgem Santa Ursula de fermosura, engenho, e discriçaõ, se fizeraõ mais heroicas com as virtudes, e com as letras, adquirindo naõ vulgar sabedoria nas linguas, que aprendeo, artes, e sciencias, que estudou. Fallava com tanta promptidaõ, e intelligencia qualquer das linguas, que sabia como a natural; porém na lingua Latina teve de mais huma copiosa elegancia, perfeita intelligencia.

Com estes exercicios passava Ursula os primeiros annos na companhia de Otilia, que assim se chamava a irmãa, que lhe precedeo em o nascimento, quando Maximo, Capitaõ Romano, se rebelou contra o Imperio, fazendo-se reconhecer Soberano, chamar Emperador. Ambicioso de mayores dominios, que hum só Reyno, determinou passar a França: e querendo deixar pessoa, que soubesse defender a Ilha com honra, e fidelidade, elegeo a Dioneto, ou Dionysio, ascendente dos Reys antigos de Inglaterra, que tinha nome de Rey entre os naturaes, que habitava na parte maritima de Hybernia.

Era Dionysio pay de Otilia, que Maximo recebeo por mulher, fazendo entrar Ursula em hum Mosteiro de Inglaterra por Monja, segurando assim no valor do sogro, e votos de Ur-

ſula o temor de perder o Reyno, a fortuna de conſervar a Coroa. Deu logo ao ſogro plena adminiſtraçaõ no governo do Reyno com huma grande parte dos ſoldados Romanos para defenſa da Ilha ; e partindo com poderoſo exercito , deſembarcou em França na Provincia de Turon, Ducado de Bretanha , nome, que lhe deraõ os Inglezes, que a povoaraõ neſta guerra.

Alguns póvos daquella Provincia ſe lhe ſogeitaraõ logo, ou foſſe temor, ou cautela , como depois moſtraraõ ; porque ſendo ſoccorridos por Ecio , Capitaõ Romano , ſe lhe rebellaraõ com morte de muitos ſoldados , que Maximo lhe mandara de guarniçaõ : porém voltando as armas em ſeu damno, e caſtigo os venceo, e deſtruîo, ſeguindo a vitoria com tanto eſtrago , que naõ perdoou a ſexo, ou idade. E como determinava buſcar a Ecio, Capitaõ Romano , e queria deixar povoada aquella Conquiſta, mandou conduzir muita gente de Inglaterra, e ſe affirma , que neſta occaſiaõ paſſaraõ a França cem mil Inglezes, que deraõ nome à Provincia, titulo ao Ducado.

Para governar eſta nova Bretanha na auſencia de Maximo, veyo nomeado Conano , homem de valor, e ſangue Real de Inglaterra : e como ſe naõ podia conſervar aquelle novo Reyno, ſem propagaçaõ, e naõ havia mulheres, mandou pedir ao Rey hum grande numero de donzellas, que ſe ajuntaraõ de todo o Reyno. E diſ-

discorrendo a nobreza principal da Corte, que em Dionysio, e Otilia se acabava a geraçaõ Real de Inglaterra, (como depois succedeo morrendo o pay, e a filha sem posteridade) e que Ursula casando com o Principe Conano, que era seu parente, podia segurar melhor a legitima successaõ dos Reys naturaes; entraraõ no Mosteiro com zelo, e violencia a despirlhe o habito, persuadindo-lhe novo estado em beneficio da patria.

Ursula, que já tinha consagrado ao Divino Esposo a joya da sua castidade, louvando-lhe o zelo, naõ admittio o conselho, respondendo-lhe com a vida, que professava: porém a violencia, que a separou da companhia daquellas Monjas, fazendo-a Rainha de onze mil donzellas, a embarcaraõ para França. Correraõ as náos com huma furiosa tempestade contra a sua derrota, até embocarem pelo Rio Rheno; e parando na Cidade de Colonia, saltou em terra aquelle esquadraõ de Heroínas, que Deos com altissima Providencia levara àquelle Reyno, que escolhera para theatro de seu martyrio, deposito de tantos sagrados cadaveres.

Ainda naõ estavaõ bem convalecidas dos trabalhos do mar, quando encontraraõ na terra mais furiosa tormenta de barbaros, que invadiraõ aquella Provincia com o tyranno Atila, Rey dos Hunos, que a destruiraõ, e roubaraõ. Deraõ como inimigos do nome de Deos naquelle rebanho da Igreja, querendo roubarlhe a fazenda,

e a

e a honra, que defenderaõ valeroſamente com as vidas, merecendo com hum ſó triunfo a coroa de Martyres, a palma de Virgens.

Era para admirar a conſtancia, com que humas a outras ſe animavaõ ao Martyrio, ſendo a Virgem Santa Urſula, quem mais ſe deixava conhecer pelo valor, e pela peſſoa. Tanto ſe diſtinguia entre o numero taõ creſcido de donzellas, que a levaraõ como principal de todas à preſença do Rey Atila, que affeiçoado, e cativo de tanta fermoſura, com palavras, e acções de compadecerſe daquella mortandade, lhe offereceo a maõ de eſpoſo, a Coroa de Rainha.

Reſpondeo a Santa com tanto deſprezo, que o tyranno trocando a fingida benignidade em a natural fereza; armando o arco com o meſmo impulſo de colera, lhe treſpaſſou o coraçaõ com huma flecha, abrindo-lhe mais larga porta para a morte, lavrou a Coroa para reynar mais dilatada vida. Só huma das donzellas por nome Cordula ſe pode eſconder, e negar ao Martyrio: porém Deos, que havia eſcolhido todo aquelle numero de Eſpoſas, accuſando-a em ſeu coraçaõ de Virgem louca, lhe deu valor para ſe tornar prudente; e buſcando no outro dia a morte por caſtigo, alcançou a laureola de Martyr por premio.

Aſſim premiou Deos a heroica reſoluçaõ de Santa Urſula em favor de ſua caſtidade contra os juizos dos homens, que pelos intereſſes de hum

Reyno

Reyno queriaõ atropelar os votos da Religiaõ, que tinha consagrado a seu Esposo. E se podemos acreditar outras memorias, que andaõ vulgarisadas em muitos escritos; antes de Santa Ursula sahir de Inglaterra teve revelaçaõ de seu Martyrio, e das onze mil Virgens, que se escreve no Martyrologio Romano a vinte e hum de Outubro de quatrocentos e cincoenta, sendo Emperador Valentiniano II. Pontifice Romano Saõ Leaõ primeiro do nome.

Honra-se Colonia com a sepultura de Santa Ursula, e pelo patrocinio desta illustre Virgem tem Deos obrado muitos milagres naquella Cidade, affirmando alguns Autores, que no lugar de seu Martyrio, e das onze mil Virgens se tem admirado por muitas vezes, que a terra lança de si qualquer outro cadaver, que nella se sepulta; privilegiando a Providencia de seu Esposo com estes milagres o theatro de taõ heroica mortandade. He Santa Ursula advogada poderosa para a hora da morte, apparecendo aos seus devotos na companhia das onze mil Virgens, patrocinio, que muitas pessoas testemunharaõ naquella ultima hora, vendo o sagrado Coro destas Virgens rodeando a cama, enchendo a casa.

II.

VIOLANTE DO CEO.

TEve Lisboa por patria, a Sé Oriental por Freguesia, e o Convento de Saõ Domingos da Rosa por Clausura a Madre Soror Violante do Ceo mais por engenho, que por sobrenome, porque logo dos primeiros annos se admirou prodigio da eloquencia, milagre de discriçaõ, e Poesia. O engenho, e juizo era taõ fecundo, e felicissimo para todo o genero de composições metricas nas linguas Portugueza, e Castelhana, que naõ contava mais, que dezaseis annos de idade, quando compoz a Comedia de Santa Eugenia, intitulada: *La transformacion por Dios.*

Era natural em Soror Violante o furor Poetico, e foy taõ aceita pela disposiçaõ, e artificio dos discretos, e Comicos, que por voto commum se escolheo entre muitas para se representar a Filippe III. de Castella, quando se achava em Lisboa acclamado Rey de Portugal. Honravaõ-se as Academias de seu tempo com seu nome, solicitando as Obras desta Heroína, que se esperavaõ com expectaçaõ, ouviaõ com assombro. Nem houve certame Poetico, em que naõ levasse com os primeiros premios ós mayores applausos.

Os Reys de saudosa memoria D. Joaõ o IV.

e Dona Luiza, o Principe D. Theodoſio, e Grandes deſte Reyno faziaõ o merecido apreço de ſuas Poeſias, mandando-lhe aſſumptos para lograrem repetidos os ſeus verſos, de que ſe imprimio hum pequeno volume com ſentimento dos curioſos, porque fizeraõ alguns avarentos theſouro de ſuas Obras; e aſſim correm muitos Romances avulſos, e outros muitos verſos manuſcritos. Deixou-nos mais duas Comedias, que tem por titulo: *El hijo, eſpoſo, y hermano*; e *La vitoria por la Cruz.*

Em mil e ſetecentos e vinte e oito ſe imprimio em Lisboa hum Manual da Miſſa com ſeus Soliloquios, e algumas Oraçoens devotas. As continuas compoſições, e laborioſo eſtudo na liçaõ dos livros ſagrados, e profanos, naõ lhe era impedimento para os exercicios da obediencia, e obſervancia, porque ſempre foy exemplar na diſciplina Religioſa, como ſe previra a morte, que teve quaſi repentina aos vinte e hum de Janeiro de mil e ſeiſcentos e noventa e tres, contando oitenta e tres de idade. Choraraõ as Muſas de Portugal, e Caſtella a morte deſta Heroina com elegantes Epitafios, diſcretos Elogios.

URSI-

III.

URSINA VISCONTI.

NA Gallia Cisalpina, chamada hoje Lombardia, nos dominios da Igreja Romana, floreceo em virtudes, e armas a illustre matrona Ursina Visconti, que foy mulher de Guido Torelo Parmense, senhor de muitos Castellos, e descendente da nobre familia dos Viscontis, ramo preclarissimo dos Duques de Milaõ. Em fermosura, valor, benignidade, e grandeza naõ teve naquelle seculo outra Heroína, que a igualasse, ou excedesse.

Na observancia da Religiaõ, piedade, e liberalidade com a pobreza, principalmente em beneficio das donzellas, foy excellente quanto podia caber na esféra de sua grandeza, acodindo com esmolas, e bons dotes a muitas, que viviaõ com perigo na honra, opiniaõ na fama. Assistia todos os dias aos Officios Divinos com tanta devoçaõ, que edificava, e admirava os mais observantes, naõ admittindo diversaõ, ou pratica de outro negocio; e nestas, e outras acções, e exercicios varonís, e guerreiros, adquirio o bom nome, que por muitos volumes se acha vulgarisado, sem o defeito de encarecido; confessando, que naõ escreveraõ o que era mais raro, para que se naõ julgasse por fabuloso: como

ſe a fama neceſſitaſſe de hyperboles para formar os elogios, encarecer os brados.

Porém ainda que ficaraõ devendo huma grande parte de honra à ſua poſteridade, negando o aſſombro às acções, de que ſe fez mais illuſtre progenitora; contaremos huma, que achámos ſuccintamente referida, que ſobeja a immortalizar ſeu nome, collocando-a na esféra das Heroínas, que melhor recomendaraõ a ſua memoria nos eſcritos, que nas eſtatuas.

Na guerra, que tiveraõ os Venezianos contra o Duque de Milaõ Filippe Maria, entrou huma poderoſa armada deſta Republica pelo Rio Pó, e foy cercar o Caſtello de Brixelo, que expugnou, e rendeo. Como era patrimonio de Guido Torelo, logo que a valeroſa Heroína teve a noticia, deu ordem para ſe ajuntarem as ſuas tropas, e algumas auxiliares; e com actividade do mais deſtro Capitaõ, ſe armou de guerra, e montada em hum cavallo, ſe poz na teſta de ſeus eſquadrões, fallando-lhe neſta ſubſtancia: „ Vamos contender com inimigos já vitorioſos; porém a razaõ, e a juſtiça, que levamos da noſſa parte, aſſim nos perſuade a vingança, e promettem o vencimento, que naõ he neceſſario lembrarvos a injuria, que receberaõ noſſas armas, para vos animar à peleija. O valor, com que entrarmos na batalha, nos dará a vitoria, porque naõ deſpirey as armas ſem deixar o inimigo bem caſtigado, o exercito roto, o caſtello rendido.

Pro-

Proferio Urſina eſta breve falla com ſemblante, e eſpirito preſago da vitoria, que depois alcançou com a morte de quinhentos Venezianos, acabando muitos às ſuas mãos ſem injuria do valor, e diſciplina militar; porque naõ ſó acodia, e mandava no mayor perigo, mas tambem feria nos inimigos com tanto esforço, que fez com igual ventagem os officios de Soldado, e Capitaõ. E chegando a voz deſta vitoria ao Duque Filippe Maria, que ſe acompanhava de ſeu marido Guido Torelo, a celebraraõ com muitos fogos, e feſtas, que mereceraõ as acções daquelle dia, levantando o cerco de hum Caſtello, e recuperando outro.

Fecundou-ſe eſte matrimonio com a poſteridade de dous filhos Chriſtovaõ, e Pedro, famoſo Heroe pelas armas, e huma filha por nome Antonia, que foy mulher do Conde Pedro Maria Rubeo, ſemelhante nas virtudes, e qualidades a ſua mãy, que faleceo de larga idade no anno de Chriſto de mil e quatrocentos e cincoenta e hum.

CATA-

CATALOGO.

IV.

VITORIA Collona, Marqueza de Pescara, e filha de Fabricio Collona, foy mulher de Francifco Fernandes de Analo, virtuofa, e douta Heroína, adquirio grande erudiçaõ nas letras Divinas, e humanas. Na Poefia foy excellente, e compoz muitas Obras a differentes affumptos, fendo fingular entre as Obras Metricas defta Heroína huma, que ordenou ao Triunfo da Cruz em elegantiffimos Tercetos. Depois do famofo Petrarca, ninguem poetizou na lingua Tofcana com mais furor, e elegancia. Efcreveo varios Poemas, em que chorou a morte do Duque feu marido.

V.

VAlafca, Rainha de Boemia, fe conjurou com as mulheres de feu Reyno para tirar aos homens o governo, e fenhorio. E fazendo-fe cabeça, guia, e General de todas, lhes moveo guerra até deftruir a nobreza, e gente principal para lhe fer mais facil conquiftar a plebeya. Durou efte governo por muitos annos fem favor dos homens

mens; do meſmo modo, que uſaraõ as Amazonas no ſeu Imperio.

VI.

VItoria Caldeira, natural de Arrayolos, foy mãy do Douto Inquiſidor Manoel do Valle de Moura, que morrendo na idade de oitenta e ſeis annos, ſobreviveo ao filho pouco tempo, falecendo em mil e ſeiſcentos e vinte e quatro, e jazem ſepultados na Igreja de Noſſa Senhora da Graça da Cidade de Evora. Foy matrona de ſingulares virtudes, e taõ admiravel intelligencia na Eſcritura Sagrada, que os mais erudítos homens lhe reconheciaõ ventagem na liçaõ, e erudiçaõ.

VII.

VRiana, Heroína de grande engenho, e doutrina nas bellas letras, inventou a ſciencia da Aſtrologia, de que teve muitos diſcipulos em publica Eſcola.

VIII.

VAleria, filha de Achilles Miniani, Doutor em Leys, foy muito douta, de nobre engenho, grande Poetiza, e Oradora. Naõ contava mais, que dezoito annos, quando recitou huma Oraçaõ Latina na preſença da Emperatriz Maria,

Maria, mulher de Maximiliano II. paſſando por Italia para Eſpanha, chamada de Filippe para o governo de Portugal.

IX.

UNifrida, filha de Joaõ Clemente, e mulher de Guilhelme Raſtalle, diſcreta, e douta Heroína, acompanhou ſeu marido no deſterro de Luven, onde faleceo em dezaſete de Julho de mil e quinhentos e cincoenta e tres, de idade de vinte e ſeis annos e ſeis mezes, e foy ſepultada na Igreja de Saõ Pedro de Luven. Fallava as duas linguas Grega, e Latina com elegancia, e ſábia intelligencia.

X.

VAleria, Senhora Romana, ſe fez celebre pelo beneficio de libertar a Roma, ſendo o felice inſtrumento, que perſuadio as mais Senhoras Romanas para buſcarem a Volumnia mãy de Coriolano a pedirlhe quizeſſe empregar os officios de ſeu amor, e poder, que tinha no coraçaõ de ſeu filho, para que mudaſſe o cruel intento de ſaquear a patria, contra quem ſe tinha rebellado aquelle grande homem. Seguiraõ todas a Valeria, que lhe fez huma breve, e eloquente falla, que baſtou para Volumnia, e Virgilia, mulher de Coriolano, a ſeguirem até o campo do inimigo, que à viſta de hum eſpectaculo taõ amavel man-

mandou logo retirar os Volſcos, deixando a Cidade livre, a mãy, e mulher contentes, a Valeria, e mais Senhoras Romanas, agradecidas, e triunfantes. Quizeraõ os Romanos moſtrar gratidaõ à liberdade da patria, e lhe deraõ a eſcolha do premio por tamanho ſerviço. Convieraõ uniformes, que lhe deixaſſem edificar hum Templo à Fortuna femenina: mas o Senado naõ conſentindo na deſpeza, mandou edificallo à cuſta da Republica, que recebeo o beneficio, querendo fazer eterna a gratidaõ, perduravel a memoria.

XI.

VEronica Gambara, filha do Conde Joaõ Franciſco Gambara, e mulher de Giberto de Corregio, logo da primeira idade applicou o engenho à Poeſia, adquirindo todas as boas partes, que fazem huma Poetiza perfeita. Era frequente na liçaõ dos livros, e compoſiçaõ dos verſos, merecendo o nome, ou epitheto de Sappho daquelle ſeculo pela ſubtileza dos conceitos, harmonia das vozes, ſuavidade, facilidade, e gravidade de ſuas Poeſias.

XII.

UMbelina Joanna Mendes de Tavora e Souſa, nobre Heroína Portugueza, que em quinze annos de idade fallava com perfeiçaõ as

linguas Latina, Franceza, e Italiana. Era de taõ feliz memoria, que tendo boa liçaõ das Historias de Espanha, referia os casos, nomeando os Autores, os capitulos, e as paginas. Defendeo particularmente com assistencia de muita nobreza, e pessoas de Literatura humas Conclusoens de Filosofia com grande louvor, e applauso. Passou dos estudos da Filosofia aos da Theologia, depois a Mathematicas, Astrologias, Astronomias, Musica, e Arquitectura, gastando nestas artes, e sciencias a brevidade de trinta annos, falecendo de hum accidente em quatro de Agosto de mil e seiscentos e setenta e sete: e foy achada com a penna na maõ, deixando escrito as palavras: *Initium Sapientiæ timor Domini.*

XIII.

VIcencia de Almeida, natural de Lisboa, e mulher varonil, foy de tanto valor, que morando na rua dos Carreiros em mil e setecentos e vinte e sete, ouvio de noite hum temeroso combate de armas, a que sahio com huma espada na maõ, requerendo, que se apartassem. Metida no furor da peleija gritou, dizendo: „ Apartem-„ se vossas mercés, ou sayaõ desta rua para fóra, „ porque de outra sorte desafio a todos, e experi-„ mentaráõ, que as obras desempenhaõ as palavras; que fizeraõ huma tal impressaõ no animo dos combatentes, que despejaraõ a rua cobardes, ou cortezes, deixando a gente admirada, a Heroína vãagloriosa.

THEA-

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Armas, Sciencias, e Artes liberaes.

Letra *X*.

I.

XENOCRITA,
Matrona.

EM Cumis, Cidade Capital de Jonia na Aſia Menor, naſceo Xenocrita, matrona illuſtre pelas acçóes, com que deixou a patria mais famoſa por inſtrumento principal, e felice da morte do tyranno Ariſtodemo, que a Sibylla Cumea pelos vaticinios, Heſiodo pelos verſos, Ephoro pela doutrina, e literatura. Era o tyranno Ariſtodemo, valeroſo Capitaõ de Cumis, que pelas armas adquirio a

fama de prudente, e de ſoldado; e veyo a ganhar o animo dos militares com taõ ſagaz induſtria, que lhe deraõ voluntaria obediencia, independente ſoberania.

Logo que ſe vio no throno abandonou o governo do Senado, fazendo-ſe independente, e abſoluto Senhor; e começaraõ os naturaes a experimentallo diſpotico tyranno, ſem mais ley, que a ſua vontade, e appetites, uſando com igual cegueira, e depravada loucura de hum, e de outro ſexo, que os veſtidos equivocava, o exercicio diſtinguîa. Para tyrannizar a honra de Xenocrita, deſterrou o pay; e mandando-a conduzir por força, e violencia a ſeu Palacio, teve entre as concubinas pelo exceſſo de fermoſura o primeiro lugar, no coraçaõ de Ariſtodemo eſpecial dominio, abſoluto imperio.

Xenocrita, que naõ ſó era fermoſa, mas tambem varonil, e de bom juizo, deſejava anciosamente a liberdade da patria, que via gemer debaixo do tyranno jugo de Ariſtodemo, que para trazer ſempre aquelle povo em laborioſa fadiga, arbitrando huma obra publica, e ſem proveito, mandou cercar de hum largo foſſo a mayor praça da Cidade, que foy o ultimo trabalho, que lhe provou a paciencia, deſafiou em todos a vingança.

O tempo, que o tyranno vagava fóra de Palacio, coſtumava Xenocrita gaſtar no retiro, e ſegredo de ſeu quarto, ſempre com a cabeça coberta,

ta, negando-ſe aos olhos, e communicaçaõ da nobreza, que lhe fazia Corte. Mas ſendo perguntada na preſença de muitos, que murmuravaõ daquelle retiro, pela razaõ, que tinha para na auſencia de Ariſtodemo lhe negar a preſença, reſpondeo-lhe: „ Porque ſó Ariſtodemo he ho„ mem entre todos os Cidadãos de Cumis; agudeza, que os deixou corridos, e confuſos; ſentença, que foy de liberdade para todos, de morte para o tyranno.

O deſprezo deſta repoſta deſpertou o lethargo, em que viviaõ os generoſos corações da nobreza, para ſe empenharem no beneficio commum da liberdade da patria. Deſte dia começou a tratarſe huma felice conjuraçaõ, que deveo a Xenocrita naõ ſó a nobreza da origem, mas a gloria da liberdade, fazendo-ſe parcial dos conjurados neſta ſubſtancia. Ordenou Xenocrita, valeroſa, e deſtemida, que ficando os conjurados dentro de Palacio, deixaria por induſtria o tyranno ſem a coſtumada defenſa das guardas, para que naõ tiveſſe a execuçaõ obſtaculos, os clamores ſoccorro, ou patrocinio.

Em hora ſinalada entrou Chimeteles, que era cabeça dos conjurados com ſeus parciaes no quarto de Ariſtodemo, que eſtava entregue ao ſomno, como ſombra da morte, que padeceo aſſiſſinado; porque ganhando todos de tropel a porta da camera, foraõ tantos os golpes, e as feridas, que lhe naõ deraõ tempo para conhecer o

peri-

perigo com o ſuſto, a morte com a brevidade, em que perdeo a vida, deixando immortalizado o nome, e a vingança. Correo a noticia pela Cidade com aſſombro, e admiraçaõ do povo, que feſtejou o beneficio da liberdade com grandes demonſtrações de goſto, e alegria.

Divulgou-ſe o nome de Xenocrita por inſtrumento deſta felicidade, e querendo o povo conferirlhe grandes honras em gratidaõ do commum beneficio da liberdade, ſe negou a todas, pedindo-lhe licença para dar ſepultura ao cadaver, que jazia ſobre a terra expoſto aos olhos da vingança, merecendo por eſta acçaõ de piedade mais recomendada memoria, illuſtre fama. Naõ experimentou Xenocrita a diſgraça dos benemeritos com a patria; porque reconhecendo o merecimento de ſuas acções, lhe deu o titulo de Sacerdotiza da Deoſa Ceres, parecendo-lhe, que ſeria grato à Divindade a honra do Sacerdocio pelo ſexo, e pela peſſoa; ſendo a primeira Heroína de Cumis, que teve o titulo, mereceo a nobreza, e logrou eſte brazaõ, e dignidade.

CATA-

CATALOGO.

II.

XENOCLEA, natural de Delfos, Cidade do Reyno de Beocia, junto do Monte Parnasso, foy Poetiza muito famosa, como escreve Pausanias, e traz por illustre na Poesia André Tiraquello no segundo tomo das suas Obras, no Catalogo, ou Alfabeto das Mulheres illustres em artes, e sciencias.

THEATRO HEROINO,

E

ABCEDARIO HISTORICO DE MULHERES

Illuſtres em Armas, Sciencias, e Artes liberaes.

Letra Z.

I.

ZENOBIA, Rainha.

HUMA das mais famoſas Rainhas em letras, e armas, que houve no Mundo, e referem as Hiſtorias com iguaes elogios de valeroſa, e ſabia, foy a Rainha Zenobia deſcendente de Ptolomeo, Rey de Egypto, e mulher de Odenato, Governador da Provincia de Palmira, na Syria, taõ famoſo pelas armas contra os Perſas, que Galieno voluntariamente o tomou por companheiro no

Imperio. Foraõ taõ illuſtres as acções militares de Odenato, que na Syria mereceo o titulo de Rey dos Palmirenos, no Oriente o de Ceſar.

Naõ conſta, qual foſſe a patria, que Zenobia ennobrecera com ſeu naſcimento; mas he certo, que todo o Mundo reconheceo a ſua grandeza por esféra, ſeu coraçaõ por talamo, ſeu cadaver por tumulo. Dos primeiros annos moſtrou inclinaçaõ às armas, e exercicios varonís, porque deſprezando os que eraõ proprios ao ſexo, ſe armava de arco, e flecha, fazendo da caça divertimento, dos montes, e dos boſques habitaçaõ, e morada. Naõ temia os ardores do Eſtio, ou as inclemencias do Inverno, porque naõ ſó os dias, mas as noites paſſava no campo perſeguindo as féras com valeroſa porfia, ou induſtria; matando, ou fazendo préza nos leões, urſos, e leopardos; e creando forças taõ robuſtas, que no jogo da luta vencia os mais fortes mancebos.

Era naturalmente honeſta, grave, e de grande fermoſura, ainda que hum pouco morena de cor, como ſaõ todos os que habitaõ naquella Provincia, pelos ardores do Sol; olhos negros, e vivos, dentes nevados como perolas, com igualdade na grandeza, e taõ airoſa no corpo, e no paſſo, que eſtava perſuadindo a reſpeito, e veneraçaõ. Ainda que amava por extremo a virgindade, de que daremos mayores provas; chegando aos annos, em que as mulheres ſe fazem

ha-

habeis para o matrimonio, ſe deixou perſuadir dos pays, e parentes a receber por marido a Odenato, que era da meſma idade, nobre, e valeroſo Principe.

Algum tempo depois havendo Sapor, Rey da Perſia, prezo em huma batalha a Valeriano Auguſto, ficaraõ os Romanos com os animos desfalecidos, perdendo com aquella vitoria a opiniaõ, e o Ceſar. Odenato vendo, que Galieno ſeu filho governando as redeas do Imperio, naõ acodia pela honra da purpura, e do ſangue ultrajado no vil cativeiro do tyranno, que naõ ſubia ao carro, que naõ fizeſſe do Emperador degráo, ſe levantou no Oriente com o titulo de Rey. Querem alguns, que Galieno o tomaſſe por companheiro no Imperio; porque Odenato, e Zenobia fizeraõ a Sapor cruelissima guerra, deixando-o por muitas vezes vencido.

Andava Zenobia veſtida de armas em habitos de varaõ na guerra contra os Perſas, que occupavaõ a Meſopotamia; e na ultima batalha, que perdeo o Rey Sapor, foy taõ grande o eſtrago, e o deſpojo, que lhe fizeraõ as concubinas priſioneiras: ſeguiraõ a vitoria no alcance até Cteſiphonte, naõ havendo perigo, em que Zenobia ſe naõ achaſſe valeroſa, e deſtemida, humas vezes fazendo o officio de Soldado, outras de Capitaõ. Conquiſtada Meſopotamia, voltaraõ Odenato, e Zenobia as armas contra Quieto, filho de Macrino, que em nome do pay oc-

cupava o throno do Oriente.

Eſtavaõ gozando em paz quaſi todo o vaſto dominio daquelle Imperio, adquirido com muitas vitorias, quando Meonio, ſobrinho de Odenato, invejoſo de tanta grandeza, e fortuna, lhe deu a morte, paſſando a tyrannia ao Principe ſeu filho por nome Hercules, tirando-lhe com a vida a ſucceſſaõ da Coroa. Houve quem affirmaſſe, que Zenobia aſſentira na morte do filho, pela razaõ de o motejar algumas vezes de delicado, para que ſeus filhos Heremiano, e Timoláo ſuccedeſſem no Imperio.

Naõ tardou a Meonio o caſtigo da traiçaõ em poucos dias de governo, ſendo morto pelos ſoldados do exercito, que logo reconheceraõ por Soberana a Zenobia, ſobindo ao throno daquelle Imperio como tutora de ſeus filhos, que eraõ de pouca idade, em que moſtrou os quilates de ſeu talento na paz, como havia deixado conhecidos os esforços de ſeu valor na guerra. Os Emperadores Galieno, e Claudio naõ lhe diſputaraõ o ſenhorio, e menos os Egypcios, Arabios, Mouros, e Armenios, temeroſos da fama, que ganhara com os Perſas.

Adquirio tanta ſciencia militar, que ſe fazia eſtimada, e temida dos proprios ſoldados; e quando lhe fallava, ſe veſtia de armas, com que na guerra deſmentindo o ſexo, conciliava attençaõ igualmente pelo valor, e pela elegancia, ſendo cada huma das fallas hum bem ordenado

diſ-

diſcurſo, diſcreta, e erudíta oraçaõ. Nas expedições raras vezes montava de carroça, ou de cavallo, ſendo diſtancia de tres, ou quatro milhas, caminhando a pé para moſtrarſe em todo o trabalho a primeira, no exemplo naõ teve ſegunda.

Oſtentou ſempre huma ſingular ſobriedade, banqueteando os ſeus Capitães, e Generaes, Principes da Perſia, e Armenia, tratando-os com agrado, e galantaria, ſem prejudicar à modeſtia, ou à mageſtade. Foy ſeveriſſima defenſora da ſua pureza, naõ conſentindo ajuntamento com ſeu marido depois, que ſe conhecia pejada; e ſó pelo ſim da geraçaõ uſava dos deleites do matrimonio, e paſſados aquelles dias, que ſervem de purificar do parto, convalecer do feto.

Naõ conſentia em ſeu Palacio mais, que Eunucos de mayor idade, e conhecidos coſtumes para ſerviço da familia Real, que ſe tratava com huma grandeza de Eſtado, que era deſempenho da purpura, e Coroa de Rainha. Pelo coſtume dos Perſas, que adoravaõ os Soberanos, ſe mandou tambem adorar dos vaſſallos; e à ſemelhança dos Emperadores Romanos, fazia banquetes, em que naõ ſerviaõ baixellas de menos valor, que ouro, prata, e pedras precioſas, como havia uſado Cleopatra: e ainda que conſervava grandes theſouros, na liberalidade naõ ſe deixou exceder, ou igualar.

Os negocios de Eſtado, e Guerra naõ lhe eraõ im-

impedimento para o eſtudo das letras, em que teve por meſtre a Longino Filoſofo. Como era de engenho agudo, aprendeo facilmente as letras Egypciacas, depois as Gregas, Latinas, e Syriacas, e ſe deu com tanta frequencia à liçaõ das Hiſtorias Gregas, Latinas, e Barbaras, que as encomendou à memoria, e reduzio a hum breve Compendio, ou Epitome. Doutrinou os filhos naõ ſó em bons coſtumes, e nas armas; mas tambem nas letras, fazendo-os fallar a lingua Latina com mayor cuidado, e applicaçaõ.

O animo foy taõ varonil, e guerreiro, que naõ temendo os Emperadores Galieno, Aurelio, Claudio Auguſto, e depois Aureliano, varaõ de grande valor, que tinha recuperado o credito dos Romanos em muitas batalhas, ſe atreveo a eſperallo na campanha, e diſputarlhe a juſtiça, com que intentava reſtaurar a conquiſta do Oriente. Buſcou Aureliano a Zenobia com todo o poder de ſuas tropas, conhecendo a difficuldade da empreza, e aviſtando-ſe os exercitos junto da Cidade de Meſſa, ſe combateraõ porfiadamente em muitos encontros com perda conſideravel de Aureliano. E querendo arriſcar em huma batalha a deciſaõ da empreza, ainda que experimentava deſigual fortuna, ſe travou a peleija com tanto furor de huma, e outra parte, como ſe houvera de acabar aquella guerra; porém o eſtrago começou a declararſe contra Aureliano,

reliano, que ſe deu muitas vezes por vencido.

Zenobia empenhava a peſſoa nos mayores perigos, mandando, e peleijando; e enveſtida a cavallaria Romana por Zaba, huma esforçada matrona, que ſervia a Zenobia de General (como eſcreve Frey Bernardo de Brito) ſe deu Aureliano por vencido, e ſe retirava com tençaõ de darlhe coſtas, buſcando diſculpas à diſgraça, cautelas à peſſoa. Mas chegando a ſoccorrello algumas tropas, voltou as armas ſobre os inimigos com tanto acordo, e taõ bom tempo, que tirando-lhe das mãos a vitoria, a obrigou a retirar, refugiando-ſe a Palmira com ſeus filhos, e as reliquias de ſeu exercito.

Naõ tardou Aureliano em a ſeguir, e lhe pôr ſitio rigoroſiſſimo, que defendeo por muitos mezes com valor, e diſciplina. Ainda perdidos os ſoccorros da Perſia, Armenia, e Africa, e ſem eſperança de outros, naõ ſe deixou vencer, nem quiz já mais admittir de Aureliano algum partido; porém a fome, e a falta de munições para a defenſa, fazendo brecha primeiro nos corações dos Palmirenos, que nos muros da Cidade, que foy entrada por força de armas em hum aſſalto geral, ſem deixar vãaglorias ao Ceſar do triunfo, vencendo eſpiritos ſem corpo, cadaveres ſem alma.

Deteve-ſe Zenobia na reſiſtencia com demaſiada porfia, ſem lembrarſe do perigo, a que ſe expunha; mas vendo entrada a Cidade, ſe retirou

tirou em dormedarios com ſeus filhos para a Perſia. Aureliano, que naõ ſabia perder tempo, e ſe dava por menos favorecido da fortuna, parecendo-lhe, que ſem o cativeiro de Zenobia faltava naquelle eſtrago todo o valor para vitoria; a mandou ſeguir por ſuas tropas com tanta diligencia, que em breves jornadas a fizeraõ priſioneira; triunfo, que o Ceſar eſtimou com tantas demonſtrações de goſto, como ſe naquelle dia ganhaſſe a Coroa, ou ſe firmaſſe no Imperio.

Tal era a opiniaõ, que mereceraõ as acções heroicas da illuſtre Zenobia, que Aureliano ſe gloriou, e enſoberbeceo, como ſe tivera triunfado do mais famoſo Capitaõ, inimigo de ſeu Imperio. E entrando em Roma o Ceſar vitorioſo, foy levada no triunfo com ſeus filhos em huma carroça precioſiſſima, que havia mandado fazer na eſperança de melhor fortuna, perſuadida, que vencendo Aureliano, entraria em Roma triunfante a coroarſe Emperatriz do Mundo. Fazia Zenobia aquelle triunfo mais encarecido, caminhando na ſua carroça coroada, e veſtida de precioſas roupas, com huma cadea de ouro, que deſcia do peſcoço a prenderlhe as mãos, e os pés, ſendo eſpectaculo aos olhos viſtoſo, e alegre, aos corações lamentavel, e triſte.

Com o triunfo acabou Zenobia o papel de Rainha, e deſpojada de todas as riquezas, lhe deu o Senado Romano huma poſſeſſaõ junto de

Ti-

Tivoli, no Lugar, que ſeus habitadores chamavaõ Concha, naõ muito longe do Caſtello de Santo Angelo, em que viveo com ſeus filhos larga idade. He contada entre o numero dos trinta tyrannos, que no tempo de Galieno uſurparaõ o Mundo pelas armas, que fizeraõ mais illuſtre a memoria de ſuas acções illuſtres, naõ ſendo menos conſideravel a Cidade, que fundou nas ribeiras do Rio Eufrates para eterno padraõ da fama, que ainda ſe conſerva na poſteridade, menos nos marmores, que nos eſcritos.

CATALOGO.

II.

ZABA, matrona illuſtre em armas, ſervio muitos annos de General de cavallaria nos exercitos da Rainha Zenobia. Na ultima batalha contra Aureliano, Emperador de Roma, inveſtio, e combateo com tanto valor, e fogo ſobre as tropas inimigas, que ſe deraõ por vencidas, chegaraõ a voltar as coſtas. Havendo triunfado em muitas batalhas, ficou vencida na ultima, em que ficaraõ os Romanos vencedores, Zenobia priſioneira, reſtituida aquella Coroa ao Imperio, que declinado de opiniaõ, e forças na guerra contra o Rey Sa-

por da Persia, em que prendeo Valeriano Augusto, perdendo com a batalha a liberdade.

III.

ZArina, Rainha dos Scythas, póvos da Asia, que trazia à sua descendencia dos Medos, e Partos, foy taõ fermosa, e famosa pelas armas, que reduzio à sua obediencia a soberba de muitas nações barbaras, e visinhas até se fazer senhora daquelle Imperio, que lhe deveo com a Conquista a policia. Era dotada de huma prudencia grande, juizo claro, valor, disciplina, e conselho. Edificou muitas Cidades, que depois restituîo melhoradas aos póvos conquistados, que na sua morte gratos à memoria de tanta heroicidade lhe erigiraõ hum sumptuoso Mausoléo, que tomava a longitud de tres estadios, e hum só de altura, collocando-lhe huma estatua de ouro

SUPPLE-

SUPPLEMENTO
AO
THEATRO
HEROINO,
E
ABCEDARIO HISTORICO
DE MULHERES
Illuſtres em Sciencias, e Artes liberaes.

I.

SANTA ANGELA, de Boemia.

HA grande contradiçaõ nos Eſcritores do Reyno de Boemia, qual foſſe o nome proprio, que teve o pay de Angela, a que chamaõ alguns Raymundo, outros Uladisláo. Ainda que ſe tem por certo, que era filha de hum Rey Catholico de Boemia duvidaõ, e naõ concordaõ com

grande fundamento na verdade dos nomes, que naõ ſe achaõ eſcritos no Catalogo dos Reys, que dominaraõ aquelle Reyno, regeraõ aquelle Sceptro.

De taõ illuſtre Progenitor, e Catholico Monarca naſceo Angela de Boemia na Cidade de Praga, Corte dos Sereniſſimos Reys deſte grande Imperio, pelos annos de mil e ſeiſcentos e oitenta e dous para illuſtrar a patria com o berço, depois com as acções, que lhe deraõ o titulo de Santa, o brazaõ de Heroína. Faltou-lhe primeiro a Rainha ſua mãy, que lhe chegaſſe com os annos o uſo da razaõ para ſentir huma tal perda; porém Deos, que a tinha deſtinado para Eſpoſa de ſeu Filho, com a Providencia, que moſtrou nos favores do Ceo, e progreſſos de huma vida juſtificada, e ſanta diſpôz, que ElRey ſeu pay a mandaſſe crear em hum Moſteiro de Monjas da Ordem de S. Jeronymo, dando-lhe com os meſtres da lingua Latina os exemplares, que mais floreciaõ na vida Religioſa, e Monacal.

Em breves tempos aproveitou muito nas virtudes pela docilidade de genio, de que era dotada, natural devoçaõ, e cuidado grande na doutrina, que lhe davaõ para adornar, e enriquecer a alma de noticias do Ceo, ou das letras Divinas, e humanas, para que teve agudo engenho, felice memoria.

Naõ tardou em publicar o muito, que alcançava das letras, e amor, que tinha ao eſtado

Re-

Religioſo; porque ſendo viſitada pelo Rey ſeu pay, lhe diſſe com innocencia de menina, que tinha viſto a Saõ Jeronymo, e a Santa Virgem Euſtochio andar entre as Monjas daquelle Moſteiro, como prova de que eraõ virtuoſas; merecendo a Santa Princeza logo da primeira idade aquelle particular favor do Ceo, dando-lhe por meſtre da Eſcritura Sagrada entre os Doutores o Maximo, entre as Virgens prudentes a Euſtochio.

Havia chegado aos annos, que a natureza deu à mulher capacidade para ſer mãy, e já o Mundo celebrava com encarecimentos as prendas de ſua fermoſura, e diſcriçaõ dentro, e fóra do Reyno; quando Deos a viſitou por hum Anjo com huma embaixada, que ſe refere neſta ſubſtancia. Gaſtava a Santa Virgem as noites em oraçaõ no Coro do Moſteiro, ou nas tribunas da Igreja, e huma vez lhe pareceo, que opprimida do ſomno lhe fingia a idéa ver a glorioſa Rainha das Virgens rodeada dos Córos dos Anjos, cantando-lhe a letra: *Ave Regina Cœlorum, Ave Domina Angelorum*; e que fazendo a Muſica pauſa na letra, e no canto, hum dos Anjos apartando-ſe do ſeu Coro ſe chegou à Princeza, dizendo-lhe: „ Sabe, Angela, que teu pay te quer „ levar a Palacio, porque trata de darte eſpoſo. „ Parte logo a Jeruſalem ao Convento do Mon„ te Carmelo, que a Virgem MARIA te quer „ dar por Eſpoſo a ſeu dulciſſimo Filho.

Paſſou

Paſſou a viſaõ, deixando a Santa Virgem Angela cheya de hum jubilo Celeſtial; e parecendo-lhe, que tardava em cumprir a vontade da Rainha dos Anjos, determinou a jornada vencidas as difficuldades grandes, que lhe propunha ſeu juizo prudente pelos annos, pelo ſexo, falta de companhia, trabalhos, e perigos de huma peregrinaçaõ vagamunda. Inſtava o mayor perigo na demora, porque naquelle dia chegara o Principe herdeiro de Ungria à Corte de Boemia a pedilla por mulher para a coroar Rainha.

Reveſtida de hum alento varonil, trocou os ſeus veſtidos por outros de hum criado, que a ſervia no Moſteiro, deixando-lhe em huma carta eſta breve clauſula: „ Eu Angela te deixo os „ meus veſtidos para comprares outros pelos „ que te levo. Gaſtou o dia em penſamentos, e diſcurſos; e lembrando-lhe, que da ſua retirada poderia reſultar ao Moſteiro algum trabalho, deixou na lingua Latina huma carta para ſeu pay, que no dia ſeguinte pela manhãa a mandava conduzir para ſeu Palacio, reſoluto a darlhe o Principe de Ungria por eſpoſo.

Havia deixado o Moſteiro no ſilencio da noite, eſcondida aos olhos das criadas, e das Monjas, que no outro dia naõ ſouberaõ reſponder, achando-ſe, que faltava de ſeu quarto. Buſcaraõ-na pelo Moſteiro inutilmente; e partindo a Palacio hum dos criados a dar parte do caſo, acodio ElRey ao Moſteiro, achando a Communidade

nidade com igual confuſaõ, e ſentimento.

A dor no coraçaõ do pay naõ lhe dava lugar a deſcanço, ainda eſtando repartido o ſentimento; e voltando a buſcalla novamente pelo Moſteiro, entrou no quarto da Princeza, reſiſtou com ſeus olhos tudo, até dar com a carta, que lhe deixara eſcrita neſta ſubſtancia: „ Buſ„ carme-heis, e naõ me achareis, pay, e ſenhor „ meu, pelo que vos quero declarar neſte papel a „ reſoluçaõ, que me leva de voſſos olhos. Amo „ ſobre todas as couſas a meu Senhor JESU Chri„ ſto, a quem offereci minha alma, e conſa„ grey minha pureza, e coraçaõ, que arde em „ deſejos de ver ao apoſento, e morada, onde „ habita ao meyo dia. Confeſſo, que ſois meu „ pay, e eu filha voſſa; porém outro pay tenho „ no Ceo de mayor grandeza, como Rey dos „ Reys, e Senhor dos Senhores, que por ſeu Em„ baixador me ordena eſte mandato: houve, fi„ lha, e attende a minhas vozes; eſquece-te, e „ deixa a patria, e caſa de teu pay.

Aqui naõ pode ſuſpender o pay as lagrimas; e deſafogando o ſentimento em mayor diligencia, expedio ordens para ſe buſcar por todo o Reyno, partindo-ſe para ſeu Palacio triſte, e penſativo. Caminhava Angela guiada naõ por eſtrella, mas por hum Anjo, que a levou ſegura por huma ſolitaria carreira, e nova eſtrada ſem ver, nem ſer viſta até perto da noite, que ſe achou junto das caſas de hum homem, ainda que gentio, piedoſo.

Lo-

Logo, que a vio em traje de peregrino modesto, e engraçado, lhe offereceo hospedagem, e das primeiras palavras veyo Angela a entender, que era idolatra, e lhe fallou com tanta efficacia, e luz do Ceo, que o reduzio ao gremio da Igreja, instruîo nos Mysterios da Fé, e bautisou, pagando a hospedajem com o Sacramento, de que foy Ministro. Ainda que fora larga a jornada, e pedia mayor descanço pela pessoa, e pelo sexo, a refeiçaõ, que tomou, foy parca, e o somno breve, porque logo ao romper da Alva lhe appeceo MARIA Santissima, ordenando-lhe continuasse a jornada, que no caminho encontraria remedio ao trabalho, à pessoa segurança.

Naõ tardou mais, que o tempo de agradecer a hospedajem ao bemfeitor, que deixava Catholico: e partindo logo, entrou em outro mais aspero deserto, e temeroso caminho, encontrando a poucos passos companhia de muitos passageiros, que o receberaõ com agrado, parecendo a todos, que andaria perdido na estrada, e logo se lhe offereceraõ para o levarem na comitiva. Haviaõ-lhe perguntado pelas artes, que sabia; e respondendo, que aprendera a ler, e escrever a lingua Latina, preferio a todos na benevolencia hum nobre, e piedoso soldado, que fazia jornada para Constantinopla com tençaõ de passar a Jerusalem a visitar os Santos Lugares.

Persuadido, que era varaõ, como o vio discreto, e engraçado, se lhe offereceo a levallo, e suf-

e ſuſtentalo à ſua cuſta o largo caminho, que reſtava, com o titulo de Secretario. Aſſim ordenou Maria Santiſſima, que foſſe aquelle Soldado o Anjo Cuſtodio da Eſpoſa de ſeu Filho. Paſſarão algumas legoas em differentes praticas, mas perguntada pelo nome, e pela patria, temeroſa a Santa Virgem de ſer conhecida, deferio a repoſta em quanto caminhava pelas terras, e dominios de Boemia.

Emmudeceo o Soldado, e logo no primeiro lugar lhe comprou hum cavallo, em que foy pela jornada; e paſſados alguns dias entrando em differentes dominios, lhe lembrou a pergunta dizendo, que era efficaz eſtimulo para lhe ouvir a repoſta a contradiçaõ, que notava, porque naõ concordavão bem os veſtidos com a peſſoa, o deſalinho com a policia. Aqui ſe alentou a reſponderlhe com diſcreta equivocaçaõ neſta ſubſtancia: Meu nome no traje de peregrino he Angelo, minha patria Boemia, e pelo naſcimento filho de pays nobres, que dos primeiros annos me deraõ por eſcola das letras Divinas, e humanas hum ,,Moſteyro da meſma Cidade. Com as virtudes, ,,em que era doutrinado,me entrou no coraçaõ hum ,,efficaz deſejo de ver, e veſitar a Terra Santa. Pa- ,,receo-me inſpiraçaõ, e aviſo do Ceo, e obedeci ,,ao amor, que devo a meu Senhor: porém ad- ,,vertindo, que no traje, que veſtia, me era diffi- ,,cultoſo retirar-me do Moſteyro, e auſentar-me, ,,ſem cahir nas mãos de parentes, e Vaſſallos de meu

„pay ; troquey os veſtidos com hum criado, e fa-
„zendo huma noite fugitiva retirada, me entre-
„guey à Providencia peregrino, vago, e pobre.

Com a breve relaçaõ de Angela ſe ficou o Cavalheiro ſuſpenſo, e taõ embaraçado no diſcurſo, que tendo novas replicas a curioſidade de ſuas perguntas, permittio Deos a confuſaõ, que teve, para que naõ perigaſſe o ſegredo, com que deſmentia o ſexo, occultava a peſſoa. E paſſando a pratica differente, ſaboreava a douta, e diſcreta peregrina os incommodos da jornada com noticias da Eſcritura Sagrada, encaminhando ſempre a converſaçaõ a materias de eſpirito, e intereſſes da Alma, levando o Cavalheiro goſtoſo, e contemplativo.

Chegaraõ a Conſtantinopla, e viſitando os Santuarios daquella grande Cidade, no Templo de Santa Sofia appareceo à Santa Virgem na fórma de menino ſeu querido Eſpoſo, e na mutua correſpondencia de amoroſos affectos, em hum ſuave colloquio lhe fez prenda de hum Breviario da Ordem Carmelita para que aprendeſſe a rezar o Officio Divino, moſtrando goſto de querer ſervirſe de Angela no eſtado de Freira Carmelita. Foy aquelle favor mayor eſtimulo para a Santa perſuadir o Cavalheiro, que fizeſſe logo jornada para Tyro, que era o termo de ſeus agigantados paſſos, fervoroſos deſejos.

Chegaraõ a eſta famoſa Cidade, e com a noticia do Convento de Noſſa Senhora do Carmo,

em

em que ſe achava o Geral da Ordem Saõ Brocardo, buſcou o Santo, declarou-lhe em confiſſaõ o eſtado, que tinha, os motivos, e fim da ſua peregrinaçaõ, com todas as circunſtancias, que a fizeraõ deſterrar de caſa de ſeus pays : e fazendo voto de perpetua caſtidade nas mãos do Santo Prelado, ſe deixou ficar por alguns dias no retiro de huma cella enſayando-ſe com a viſta de tantos exemplares de virtude na vida Regular, e contemplativa. Com a bençaõ do Geral paſſou a Jeruſalem na companhia do nobre, e devoto Cavalheiro ; e depois que vio, e admirou os lugares Santos, e o Convento das Religioſas do Carmo, querendo pór em execuçaõ os Deſpoſorios, a que era chamada como Alma Santa, ſe deſpedio do companheiro prometendo-lhe nas ſuas oraçoens repetida memoria, eſpecial gratidaõ.

Voltou logo ao Convento das Carmelitas, entrou na Igreja, e chegando-ſe a huma virtuoſa matrona, que eſtava em oraçaõ, declarou-lhe o ſexo, e qualidade, e propoſito de ſervir a Deos naquella Ordem, pedindo-lhe ſoccorro de veſtidos, favor, e interceſſaõ para ſer admittida no Convento. Para tudo ſe lhe offereceo a matrona, levando-a para ſua caſa, onde trocou pelos veſtidos de varaõ os trajes de mulher : e como Deos naquella noite tinha prevenido a Prioreza com huma viſaõ, moſtrando-lhe Angela patrocinada pela matrona, pedindo-lhe o habito com hum Breviario Carmelitano em a maõ, que eraõ as figuras,

e alma da empreza, que lhe foy moſtrada; lhe perguntou, quem lhe dera aquelle Breviario.

Reſpondendo Angela, que era dadiva, e prenda eſpecial de ſeu Eſpoſo, entrou a dar-lhe relaçaõ da aſcendencia, de que era poſterida-de, vocaçaõ, jornada, e ordem, que trazia do Geral Saõ Brocardo; e com eſtas noticias a re-cebeo entre os braços, e lançou o habito, con-tando de idade deſoito annos, na era de Chriſ-to de mil e duzentos. Conheceraõ com o tra-to o dom, que teve de linguas, porque naõ ſa-bendo a Grega, e Aſiatica, entendia, e fallava com as Religioſas de huma, e outra naçaõ.

Os fervores daquelle abraſado eſpirito no an-no da approvaçaõ naõ he facil reduzir a hiſto-ria, porque exercitou todas as virtudes com tan-to exceſſo, como ſe trabalhára por adquirir a per-feiçaõ de huma ſó, que aſſim guardava a obſer-vancia, e diſciplina Regular da Ordem. Profeſ-ſou nas mãos do Geral Saõ Brocardo, que pode diſſimular-ſe entre os Mouros para viſitar os Moſ-teyros de Jeruſalem, porque era doutiſſimo nas duas linguas Grega, e Syriaca.

Paſſados poucos annos depois de profeſſa, em que contava trinta e ſeis de idade, faleceo a Prioreza em mil duzentos e deſoito; e ſendo eleita por huma revelaçaõ, que teve o Patriar-ca de Jeruſalem, occupou o lugar trinta e cin-co annos em beneficio, e grande utilidade do Con-vento. Era o exemplar em todas as acçoens da vi-
da

da Religiosa, sendo na penitencia a mais fervorosa, nas vigilias, e jejuns a mais constante, na oraçaõ a mais frequente, e em tudo a primeira, na sua estimaçaõ a ultima.

Entre os grandes favores, que teve do Ceo, lhe revelou Maria Santissima, que tomara por máy, e advogada, que voltasse para a sua patria; porque seu Filho gravemente offendido pelas culpas dos Christãos, que habitavaõ naquella terra, a queria entregar nas mãos dos infieis, instrumentos da sua ira, ministros da sua vingança. Communicou a Santa a seu Prelado, e Confessor a revelaçaõ, que tivera; e com licença do Geral sahio da Syria, e retirou-se a Praga, Corte Boemia, predizendo o castigo, que padeceo todo o Reyno pelas heresias de Joaõ Hus, e Jeronymo de Praga.

Ainda, que seu pay era ja morto, lhe fizeraõ os naturaes grandes honras pela pessoa, e pelas virtudes, que tiveraõ glorioso termo na morte preciosa, que esperou com todos os Sacramentos aos seis de Julho de mil duzentos cincoenta, e trez. O Papa Clemente VIII. lhe concedeo cultos de Beata em mil e quinhentos noventa e tres, celebrando-se na Cidade de Sciaca a sua festa no primeiro Domingo de Julho, como tambem nos Conventos de Alemanha, Flandes, e Sicilia. Em Collonia se venera huma grande Reliquia de seu corpo, e os tres livros, que escreveo com estes titulos: O primeiro: *Contem-*

plaçoens

plaçoens de Christo. O segundo : *Eucharistia* ; e o terceiro : *Revelações , que teve do Ceo* : merecendo por estas Obras naõ só lugar entre os Escritores Ecclesiasticos , mas ainda neste Theatro entre as Heroinas pelas virtudes santas , e pelas letras illustres.

II.

D. HELENA DE TAVORA.

NAõ foy menos illustre nas virtudes , que nas letras a discreta Heroìna , e douta Poetisa Dona Helena de Tavora , filha do Morgado de Oliveira Luiz Francisco de Oliveira , e Dona Luiza de Tavora filha de Alvaro Pires de Tavora , Senhor do Morgado de Caparica. As primeiras letras , que aprendeo , logo seu agudo engenho , e claro juizo applicou em adquirir os preceitos da Poesia , liçaõ das Fabulas , das humanidades , e das Historias nas duas linguas vulgar , e Castelhana.

As prendas naturaes , e adquiridas a fizeraõ huma das Damas mais celebradas , e pertendidas da Corte , que veyo a cahir em sorte a Henrique de Carvalho e Sousa , illustre familia , de que a Casa está incorporada na de Soure. Naõ lhe foy o matrimonio obstaculo para o exercicio literario , e Poetico , em que era taõ applicada , que chegou a escrever quatro livros de versos a differentes assumptos , que depois em mais cresci-

da

da idade experimentaraõ a ultima lima no desengano, a mayor approvaçaõ, e censura no estrago de hum voluntario incendio.

Pela morte do marido se entregou tanto ao sentimento, e creaçaõ dos filhos, que se naõ vio quatorze annos fóra de casa, dando-se ao exercicio das virtudes, que depois aperfeiçoou no Convento da Conceiçaõ de Marvilla da Ordem de Santa Brigida, em que viveo retirada, acompanhando a Communidade nos actos da contemplaçaõ, mortificaçaõ, e observancia, a que se obrigou, sem ligar-se aos preceitos da Regra, aos votos da Religiaõ. Aqui deixou muitos argumentos da sua liberalidade, sendo a primeira fazer conduzir agua nativa ao Claustro do Convento, onde tambem erigio huma sumptuosa Capella para veneraçaõ, e mayor culto do Senhor dos Passos. E fazendo-lhe doaçaõ de huma quinta junto do Convento, a incorporou na mesma area, dilatando a Clausura em beneficio das Religiosas, que tem para desafogo do estado, e da saude huma grande cerca de regalo, e de renda.

Os Altares da Igreja testemunhaõ a piedade de Dona Helena, enriquecidos de cortinados de ló branco, franjados de ouro, castiçaes de prata, e outras ricas pessas de seu uso. Foy tam devota do mysterio do Nascimento de Christo, que o celebrava todos os annos com plausivel festa em hum magnifico Presepio, conservando por toda a vida no peito em medalha a

Imagem

Imagem do Menino Deos, que mandou gravar no ſeu retrato por diviſa.

Poucos annos antes da ſua morte, que foy a ſeis de Agoſto de mil ſetecentos e vinte, perſuadida da propria conſciencia, que accuſava de vaidade a uſura, com que fazia inſacciavel aos curioſos as obras de ſeu engenho, e diſcriçaõ, as reduzio a cinzas; naõ ſendo poderoſas as deprecaçoens, que lhe fizeraõ algumas Religioſas, para ſe apagar o incendio, a que foraõ condemnadas. Acabaraõ todos os originaes no fogo; mas baſtaõ os traslados de algumas Obras, que ſobreviveraõ ao eſtrago, para viver na poſteridade em ſeus eſcritos, agora neſta abbreviada memoria, perduravel eſcritura. Pedio ſepultura no Coro do meſmo Convento, onde foy ſepultada pela gratidaõ da Communidade como bemfeitora do Convento, conſervando com a memoria de ſuas acçoens illuſtres o ſeu retrato.

CATALOGO.

III.

ARETA, que vay no Catalogo do primeiro tomo do Theatro Heroino, foy taõ douta nas letras humanas, que eſcreveo muitos livros a differentes aſſumptos. Em louvor de Socrates eſcreveo hum livro, outro do modo de crear meninos, outro das

das batalhas, e vitorias de Athenas : outro da força da tyrannia: outro da Republica de Socrates: outro das infelicidades das mulheres : outro do vaõ cuidado da ſepultura: outro da providencia das formigas : outro do artificio das abelhas: outro da vaidade dos mancebos : outro das calamidades da velhice. Ordenou quarenta livros, e teve cento e dez Filoſofos por Diſcipulos na Academia de Athenas onde lêo publicamente por eſpaço de trinta e cinco annos. Faleceo na idade de ſetenta e ſete annos, e os Athenienſes gratos a eſte beneficio lhe gravaraõ na ſepultura huns verſos, que diziaõ.

Aqui jaz Areta a grande Greciana, luz que foy de toda a Grecia. Teve a fermoſura de Helena, a honeſtidade de Thirme, a penna de Ariſtippo, a alma de Socrates, e a lingua de Homero.

IV.

A Grippina, mulher de Germanico, e de grande valor, quando o Rey ſeu marido alcançou vitoria dos Cheruſcus, entendendo ſer verdadeira a noticia, que era derrotado o exercito vitorioſo, correndo a formallo para voltar ſobre o inimigo, achou que alguns ſoldados ſe poſſuiraõ de temor, porém a ſua preſença lhe deu conſtancia; e fazendo as obrigaçoens de General,

ral, ſahio à campanha. E ſabendo que Germanico vencera, voltou a Roma, e eſperando as legioens dos Romanos na entrada da ponte do Rheno, lhe fez hum elegante diſcurſo em agradecimento das acçoens, que lhe deraõ a vitoria, cortaraõ para cada hum a palma.

V.

ANtonia, filha de Marco Antonio, e mulher de Druſo, irmaõ do Emperador Tiberio, teve grande parte no governo do Imperio Romano em tempo de Caligula ſeu neto; porém as crueldades deſte abominavel Emperador foraõ cauſa da ſua morte. Foy matrona de juizo, e grande fermoſura, e ficando viuva de poucos annos, naõ quiz admittir nunca pratica de outro caſamento; devendo-lhe a memoria do marido affecto ſem mudança, fineza ſem conreſpondencia.

VI.

ADelaida, viuva de Lotario II. Rey de Italia, e de Othon o grande, que recebeo por marido no anno de novecentos e cincoenta, e hum, merecendo pelo ſeu talento lhe entregaſſe o governo, e regencia do Reyno de Alemanha na menoridade de Othon II. na ordem dos filhos. Santo Odilon, Abbade de Clugni, eſcreveo a ſua vida,

vida, e nas Epiſtolas do Papa Silveſtre II. do nome ſe achaõ muitos elogios deſta Raynha, com outros de alguns Santos daquelle ſeculo; e ſe cré que obra Deos muitos milagres nos Fieis, que viſitaõ o lugar, em que ſe acha ſepultada, venera por Santa.

VII.

ANchitea, Raynha de Eſparta, ou Lacedemonia, foy taõ fiel á patria, que ſabendo, que ſeu filho Pauſanias lhe era traidor, e a queria entregar a Xerxes, procurou prendello: porém omiſiando-ſe no Templo de Minerva, que era ſagrado aſylo, lhe mandou tapar todas as portas para que morreſſe de fome. E diz Plutarco, que a Rainha levara a primeira pedra para eſta obra, ſendo mais poderoſo affecto o amor da patria, que o amor do filho.

VIII.

AXiothea, diverſa da outra matrona, de que tratàmos no primeiro tomo, era Grega de naçaõ, e teve taõ grande amor às letras, que ſe veſtia de homem para ouvir a doutrina de Plataõ, com outra heroìna por nome Laſtimea, natural de Matinea.

IX.

ANna de Oldfield, Ingleza de naçaõ, famosa Comedianta do Theatro de Druylane em Londres, particularisaraõ os Inglezes com huma bem luzida demonstraçaõ no funeral de sua morte. Naõ cedem a outra naçaõ em honrar o merecimento das pessoas de qualquer profissaõ que sejaõ, subindo ao gráo superlativo de heroicas, e perfeitas. Tiveraõ o corpo de Anna exposto na sala chamada de Jerusalem, por muitos dias; e sendo levado para a Abbadia Real de Westminster, foy com tanta pompa, e distinçaõ, que levavaõ as pontas do pano, que cobria o tumulo, Mylord de Lavare, Mylord Harvey, os Senhores de Orington, de Hedgos, e Cary: o Doutor Barker officiou naquella funebre ceremonia. Morreo em Londres no mez de Outubro de mil e setecentos e trinta.

X.

ANtonia Visconti, filha de Guido Torelo Parmense, e de Ursina Visconti, ascendente dos Duques de Milaõ, e mulher de Pedro Maria Rubio, foy nas armas taõ illustre, e destimida, como sua mãy, que o valor tambem se herda com o sangue. Conta-se por huma das acçoẽs illustres desta Heroìna, que ganhando alguns

faci-

facinorosos huma grande parte dos moradores de Parma, negaraõ a obediencia ao Duque Francisco Esforcia, governando-se como Republica independentes das leys de vassallos. Porém a valerosa Heroìna ajuntando as tropas de seus Estados, lhe fez prompta guerra, até que entrou a Cidade por força de armas, rendeo os vassallos à obediencia do Duque, castigou os delinquentes: e fornecendo a praça de hum grosso presidio para segurar a paz, reduzio o governo ás leys do Soberano, que fazia respeitado, sem esperar do serviço premio, da heroicidade fama.

XI.

Dona Angela de Azevedo, filha de Joaõ de Azevedo Pereira, e de Dona Isabel de Oliveira, naturaes de Lisboa, acompanhou a Rainha Dona Catharina passando a Madrid a desposarse com Filippe I. de Castella, e lhe foy muito aceita pelas virtudes, e prendas naturaes, e adquiridas. Foy muito discreta, e excellente Poetisa; e entre muitas Obras, que deixou à posteridade, escreveo tres Comedias, que se imprimiraõ em Madrid. A primeira teve por titulo: *La Margarita del Tajo, que dió nombre a Santaren.* A segunda: *El Muerto dissimulado.* E a terceira: *Dicha, y desdicha del juego, y devocion con la Virgen.* Passando do estado de casada ao estado de viuva, tomou o habito com huma filha

no Mosteiro de Monjas de Saó Bento da Villa de Madrid, em que morreo Santamente, deixando em muitas Obras em verso, e prosa, sacras, e profanas, multiplicados epitafios, perpetuos elogios.

XII.

Dona Anna de Lorena, Camareira mór da Rainha nossa Senhora, e da Serenissima Senhora Princeza dos Brasís, teve por pays a Dom Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, e a Dona Isabel de Lancastre. Foy casada com Dom Rodrigo de Mello IV. filho de Dom Nuno Alvares Pereira de Mello primeiro Duque do Cadaval, IV. Marquez de Ferreira e VI. Conde de Tentugal, matrimonio, de que houve huma só filha, porque a morte em poucos annos lhe cortou o capello, para naõ repetir em mais filhos outras illustres posteridades. Com as primeiras letras aprendeo as linguas Latina, Franceza, e Castelhana. Applicou-se a saber a Arte de pintar, e conseguio huma perfeitissima idèa de fazer retratos, como se admirou tirando o retrato da Princeza das Asturias, que entre muitos dos mais peritos na Arte, excedeo a todos na semelhança, e naturalidade. Com as prendas naturaes de genio, e engenho poderia adquirir facilmente a doutrina de outras Artes, e sciencias; mas se naõ he applicada ao estudo das bellas letras, tem melhor uso no exercicio dàs virtudes.

XIII.

XIII.

BUca, natural de Apulia no Reyno de Napoles, foy de coraçaõ taõ generoſo, que ſe tem por exemplar de liberalidade. Suſtentou por muito tempo mais de dez mil Romanos, que eſcaparaõ da batalha de Cannas, como eſcreve Valerio Maximo.

XIV.

CEſonia, Imperatriz de Roma, e mulher de Caligula, ſe fez digna deſta memoria pelo amor conjugal, de que mais ſe lembrou, que do abominavel caracter do Emperador ſeu marido, naõ deixando o corpo, depois que foy aſſaſſinado, até lhe darem ſepultura: e com heroica reſoluçaõ, e conſtancia offereceo aos conjurados a propria cabeça, querendo-o acompanhar na diſgraça, como o acompanhara na ventura.

XV.

CRateſiclea, Grega de naçaõ, e mãy de Cleomenes, Rey de Lacedemonia, foy matrona que mereceo recomendada memoria pelo amor, e fidelidade, que lhe ficou devendo a patria na illuſtre acçaõ, que refere Plutarco, e foy neſta ſubſtancia. Havia Cleomenes concluido tratado de aliança com Ptolomeo de Egypto, que lhe

lhe impoz a condiçaõ de dar-lhe em refens ſua mãy, e filhos. Penetrou Crateſiclea, que lhe occultava Cleomenes algum ſegredo, e fazendo declarar-lhe a condiçaõ do tratado com o Rey de Egypto, a generoſa Princeza com alegre ſemblante lhe diſſe: Naõ vos perdoo fazer-me incapaz de ſervir a patria pela utilidade, que lhe reſulta; e aſſim farey logo prompto quanto he preciſo á minha jornada. Foraõ as deſpedidas no Templo de Neptuno com lagrimas reciprocas: mas conhecendo a mãy a diſculpavel fraqueza do filho, lhe diſſe: enxuguemos as lagrimas, e naõ moſtremos no ſemblante ſinaes indignos do naſcimento, e da patria. Quebrou-ſe algum tempo depois aquelle tratado com huma crueliſſima guerra, que veyo a cuſtar a Cleomenes a vida na campanha, e à mãy no cativeiro de Ptolomeo a morte por ſentença, para fazer mais preduravel a conſtancia, que teve na morte dos filhos, que vio eſpirar, padecendo em repetidos ſacrificios duplicadas coroas, novas palmas.

XVI.

CHiomara, ſendo priſioneira de guerra no tempo, que os Romanos eraõ mandados por Scipiaõ contra os Galathas, a violou hum Capitaõ; mas logo que ſe vio em liberdade, lhe tirou a cabeça por vingança, e preço da honra, que naõ podendo defender, ſoube deſafrontar.

XVII.

XVII.

FLaminia de Gaieta, matrona Romana, taõ nobre, como discreta, e virtuosa, foy grande esmoler, e teve perfeita intelligencia de todos os Authores Latinos. Escreveo algumas Obras com grande louvor merecendo na vida elogios de douta, depois da morte venerações de Santa.

XVIII.

FAnnia, filha de Thracea, e mulher de Helvidio, seguio a Filosofia dos Stoicos, em que foy muito douta, no tempo, em que floreceo, celebre.

XIX.

DOna Guimar do Deserto, Religiosa no Convento da Esperança de Lisboa Occidental, e filha dos Condes de Saõ Lourenço Luiz de Mello da Silva, e Dona Maria de Faro e Tavora, foy muito discreta, de agudo juizo, e boa liçaõ, como se acredita no Panegyrico de Santo Aleixo, que ordenou para recitar no dia da sua festa, que naquelle anno se celebrou no segredo daquella nobilissima Clausura. Tambem se lhe attribue hum discreto, e douto discurso ao Desengano do mundo. Correm pelas mãos dos coriosos em multiplicados transumptos, que daõ bem

a conhecer o engenho desta Heroìna, que na Arte da Musica adquirio destreza, e sabedoria.

XX.

HEstiea, natural de Alexandria, foy mulher taõ douta, que ordenou huma Dissertaçaõ para examinar se a narraçaõ dos dous Poemas de Homero se devem ter por huma Novela, ou por historia verdadeira. Naõ se sabe em que tempo floreceo, mas he certo, que foy antes da vinda de Christo, porque della falla Strabaõ, que floreceo em tempo de Augustor Cesar Emperador Romano.

XXI.

ISabel Rowe, mulher de Thomaz Rowe, que escreveo o Supplemento á vida dos Varoens Illustres de Plutarco, era Ingleza de naçaõ, e faleceo em Março de mil e sete centos e trinta e sete. Havia-se retirado para Trome, Lugar do Ducado de Sommerset logo que ficou viuva, onde morreo deixando huma illustre fama, que adquerio no estudo das belas letras. Escreveo em prosa, e verso muitas obras, que se imprimiraõ, e correm vulgarisadas huma boa quantidade de Epistolas desta Heroìna com os elogios de doutas, e discretas.

XXII.

XXII.

DOna Iſabel Senhorinha da Silva, filha de Antonio de Saá, e Dona Catharina de Tavora, foy mulher de Diogo Luiz Ribeiro, e adquirio juſtamente o lugar de Heroìna pelas obras de engenho, juizo, e diſcriçaõ, que tem eſcrito em proſa, e verſo. Correm com merecidos applauſos pelas mãos dos Curioſos algumas compoſiçoens deſta Heroìna; mas entre as que andaõ vulgariſadas, tem primeiro lugar a *Comedia de Santa Iria*; o livro intitulado: *Eſtrella errante*; o livro das *Noites do Sol*, e o livro das *Obras de Miſericordia.*

XXIII.

DOna Joanna Thereſa de Noronha, filha de Dom Thomaz de Napoles Noronha e Veiga, e Dona Luiza Maria Ravaſco, naſceo em Lisboa patria dos engenhos, que mais illuſtràraõ a naçaõ Portugueza com os eſcritos, e literaturas. Pela morte de ſeus pays ſe recolheo Secular no Convento de Santos, negando-ſe ao eſtado de caſada. He de fecundo engenho, e claro juizo, diſcreta, e erudita, como ſe deixa admirar nas ſuas obras em proſa, e verſo nas linguas vulgar, Caſtelhana, e Franceza. Entre o grande numero de verſos deſta Heroìna, ſe achaõ impreſſos dous Sonetos no livro dos *Brados do Deſengano*, em louvor da Obra, e da Authora.

PROTESTAÇAÕ
DO
AUTHOR.

TUdo quanto neſte livro diſſer da ſantidade, milagres, revelaçoens, e profecias das peſſoas de virtude, que nelle ſe trata, ſugeito à cenſura da Santa Madre Igreja Catholica, e Apoſtolica Romana, proteſtando com obediencia de filho hum fiel rendimento aos decretos dos Pontifices, e ſeus Miniſtros.

Damiaõ de Froes Perim.

IN-

INDEX
DAS COUSAS MAIS notaveis.

O numero denota a pagina; a letra L, *que foy illustre em letras, e a letra* A, *em armas.*

L

M

Man-

Mar-

Mir-

N

O

P

Q

Renata

R

S

So-

T

V

X

Zaba

Z

SUPPLEMENTO.

F I M.